



Luis Fernando Tosta Barbato

Entre preconceitos, conceitos e impressões:
o Brasil e sua condição tropical na *Revue des Deux Mondes* (1829 – 1877)

Campinas

2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

LUIS FERNANDO TOSTA BARBATO

**ENTRE PRECONCEITOS, CONCEITOS E IMPRESSÕES:
O BRASIL E SUA CONDIÇÃO TROPICAL NA *REVUE DES DEUX MONDES*
(1829-1877)**

Orientador: Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em História do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, para
obtenção do título de Doutor em História, na
área de concentração História Cultural.

Este exemplar corresponde à redação final
da tese defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 09 / 06 / 2015.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas Biblioteca do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

B232e Barbato, Luis Fernando Tosta, 1985-
Entre preconceitos, conceitos e impressões : o Brasil e sua condição tropical na *Revue des Deux Mondes* (1829-1977) / Luis Fernando Tosta Barbato. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Edgar Salvadori De Decca.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. *Revue des Deux Mondes*. 2. Viajantes - Brasil. 3. Identidade nacional. 4. Brasil - Relações exteriores - França. 5. Brasil - Clima. 6. Brasil - História - II Reinado, 1840-1889. I. De Decca, Edgar Salvadori, 1946-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Among prejudices, concepts and impressions: Brazil and its tropical condition in the *Revue des Deux Mondes* (1829-1877)

Palavras-chave em inglês:

Voyagers - Brazil

National identity

Brazil - Foreign relations - France

Brazil - Climate

Brazil - History - II Reign, 1840-1889

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Doutor em História

Banca examinadora:

Edgar Salvadori De Decca [Orientador]

Eliane Moura Silva

Denise Scandarolli Inacio

Márcia Regina Capelari Naxara

Janaina Zito Losada

Data de defesa: 09-06-2015

Programa de Pós-Graduação: História



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 09 de junho de 2015, considerou o candidato LUIS FERNANDO TOSTA BARBATO aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora

Prof. Dr. Edgar Salvadori de
Decca

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva

Profa. Dra. Denise Scandarolli Inácio

Profa. Dra. Márcia Regina Capelari Naxara

Profa. Dra. Janaina Zito Losada

Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani

Profa. Dra. Myriam Bahia Lopes

Profa. Dra. Ana Aparecida Villanueva
Rodrigues

Logo que o homem surge como homem, põe-se em oposição à natureza; só assim se torna homem.

Hegel - *O Contexto Natural ou o Fundamento Geográfico da História Universal*

– Quando eu uso uma palavra – disse Humpty Dumpty num tom escarninho – ela significa exatamente aquilo que eu quero que signifique... nem mais nem menos.
– A questão – ponderou Alice – é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.
– A questão – replicou Humpty Dumpty – é saber quem é que manda. É só isso.

Lewis Carrol - *Alice no País das Maravilhas*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo entender como o Brasil oitocentista foi retratado nas páginas da *Revue des Deux Mondes*, importante periódico francês do século XIX, buscando principalmente as representações decorrentes da sua condição de país tropical. Por meio deste estudo, poderemos entender como o Brasil, país distinto da Europa em razão de sua tropicalidade, era visto através dos olhares dos viajantes franceses do período, vindos de um lugar considerado grande difusor da civilização no século XIX, e analisar como as diferenças que aqui encontraram, presentes em seu clima, natureza e população, foram retratadas e ajudaram a reiterar a posição do Brasil como nação ainda às margens da civilização, principalmente em virtude de seus problemas e de suas condições naturais e sociais. Neste trabalho também poderemos ver o quanto as imagens presentes na *Revue des Deux Mondes* sobre o Brasil foram importantes para a construção da própria autoimagem do país, estando presentes nos ideários que deram forma à identidade nacional brasileira.

Palavras-chave: 1. *Revue des Deux Mondes*. 2. Viajantes – Brasil. 3. Identidade Nacional. 4. Brasil – Relações Exteriores – França. 5. Brasil – Clima. 6. Brasil – História – II Reinado, 1840-1889.

Abstract

This study aims to understand how the nineteenth-century Brazil was portrayed in the pages of the *Revue des Deux Mondes*, an important French journal of the nineteenth century, mainly seeking the representations associated with its tropical country condition. Through this study, we can understand how Brazil, a distinct country in Europe because of its tropicality, was seen through the eyes of the French travelers of the time, coming from a place regarded as a great diffuser of civilization in the nineteenth century. We can also analyze how the differences that they found here, present in its climate, nature and population, were portrayed and helped to reiterate the position of Brazil as a nation still on the margins of civilization, mainly due to its problems and its natural and social conditions. In addition, we can see in this work how the images of Brazil in *Revue des Deux Mondes* were important for the construction of a self-image of the country, present in the ideals that shaped the Brazilian national identity.

Keywords: 1. *Revue des Deux Mondes*. 2. Voyagers – Brazil. 3. National Identity. 4. Brazil – Foreign Relations – France. 5. Brazil – Climate. 6. Brazil – History – II Reign, 1840-1889.

Agradecimentos

Com certeza essa é a parte mais gratificante do trabalho, afinal, aqui podemos prestar uma homenagem, mesmo que singela, a todos aqueles, que de uma maneira ou de outra, contribuíram para que o trabalho saísse do plano das ideias e ganhasse vida. Mas se, como eu disse, agradecer sempre é especial, esses agradecimentos que aqui escrevo agora têm um significado ainda mais especial, afinal, com eles se encerra todo um ciclo, que começou lá em 2003, quando eu e meu pai saímos ainda de madrugada de nossa casa para que eu fizesse a matrícula na UNICAMP, a partir de então, minha vida nunca mais seria a mesma. Nessa universidade, que entrei ainda menino (nem 18 anos completos eu tinha na época), pude conhecer pessoas maravilhosas, amigos que marcaram e marcarão minha vida para sempre, e professores e funcionários que contribuíram de maneira essencial para que eu me tornasse quem sou hoje. Assim, meus primeiros agradecimentos, na tentativa de agradecer a todos aqueles que passaram pela minha vida em todos esses anos em Campinas, vai para a UNICAMP, esse lugar completamente louco e especial que só quem passou tanto tempo nele sabe o seu significado.

Depois dessa homenagem mais geral, gostaria de agradecer especialmente a certas pessoas que foram marcantes em todos esses anos, e, em especial, a esses dedicados à tese de doutorado. Primeiramente gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca, a quem tenho muito orgulho de chamar de meu orientador, e a quem tenho profunda admiração, tanto pela pessoa quanto pelo profissional que é. Homem de trato fácil e conhecimentos profundos, me aceitou como orientando ainda nos tempos de graduação, e hoje, passados mais 10 anos de trabalhos em conjunto, é, sem dúvida alguma, aquele a quem eu devo os meus mais sinceros votos de agradecimentos, sem ele eu não seria nem a sombra de quem sou hoje. Muito obrigado, professor, minhas palavras nunca serão suficientes para demonstrar a gratidão que sinto por você e o privilégio de tê-lo como meu orientador por todo esse tempo.

Também gostaria de agradecer aos professores que cordialmente aceitaram compor a banca julgadora de meu trabalho. À Profa. Dra. Eliane Moura, que tive o prazer de ser seu aluno

na graduação e na pós-graduação, e que participou tanto da banca do exame de qualificação quanto da de defesa da tese, e que, com seus conhecimentos, contribuiu muito para a minha formação e para o resultado final desse trabalho. À Profa. Dra. Denise Scandarolli, a quem posso agradecer também pela participação na banca do exame de qualificação e na banca de defesa da tese, e que também foi fundamental para o resultado final do trabalho. E à Profa. Dra. Janaina Losada e à Profa. Dra. Márcia Naxara, referências há tempos importantes para os meus trabalhos e que agora tenho o privilégio de terem como membros de minha banca examinadora. Também gostaria de agradecer à Profa. Dr. Maria Stella Bresciani, à Profa. Dra. Myriam Bahia Lopes e à Profa. Dra. Ana Villanueva, que aceitaram ser suplentes em minha banca. Muito obrigado a todas vocês.

Gostaria também de agradecer à minha família, que me apoiou desde o momento em que fiz a inscrição no vestibular até o momento em que encerrei o trabalho de doutoramento. Sem vocês eu não seria ninguém, e só gostaria de dizer que amo muito vocês, do fundo do meu coração. E um agradecimento especial à Jéssica, meu amor, que acompanhou de perto todo o processo que é fazer uma pesquisa de doutorado, sofreu junto comigo, e não me abandonou mesmo nos momentos de crise que acompanham um trabalho desse tipo. Obrigado, meu amor, por ser minha companheira em todo esse percurso, te amo pra sempre.

No mais, há ainda uma série de outras pessoas que merecem estar aqui, como os funcionários da UNICAMP, sempre prestativos, todos os professores que lecionaram pra mim em todos esses anos de universidade, e aos bons amigos, principalmente aqueles que persistiram mesmo quando as amizades foram se escasseando à medida que o tempo passava. Não vou citar seus nomes aqui, mas eles saberão quem são.

E por último, gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP –, pelo apoio financeiro que viabilizou esse trabalho.

Índice

Introdução	1
1. Os franceses e o Brasil do século XIX	15
1.1. A <i>Revue des Deux Mondes</i> : o olhar francês sobre os dois mundos.....	15
1.2. A presença francesa no Brasil do século XIX	27
2. As primeiras impressões do outro: beleza e diferença	67
3. A civilização <i>versus</i> a barbárie.....	87
4. Portugueses: entre o calor da África e a civilização da Europa.....	109
5. Raça: problema em meio ao problema tropical.....	123
6. A Europa como redenção.....	159
7. A <i>Revue des Deux Mondes</i> e o pensamento social brasileiro	187
Conclusão	231
Fontes e Referências Bibliográficas.....	241
Anexo: Trechos em língua estrangeira traduzidos.....	263

Introdução

REVUE
DES
DEUX MONDES.



III. ANNÉE.

Paris.

AU BUREAU, RUE DES BEAUX-ARTS, N° 6.

O frontispício da *Revue des Deux Mondes* das edições de 1831, na vinheta ilustrada na figura anterior, retrata o encontro de duas mulheres, nas praias de alguma parte qualquer da América, envolta por uma natureza pujante e tropical e habitada por homens ainda à beira da civilização. Nessa cena, as duas mulheres do encontro, uma europeia, trajada à moda medieval, e outra autóctone, marcada pela nudez, trocam olhares cordiais, e à nativa é apresentada toda uma série de inscrições de nomes que marcaram a civilização ocidental.

Na imagem, podemos encontrar os nomes de Homero, Dante, Cimabue, Jean Froissart, Goethe, Chateaubriand, Camões e Byron, que ressaltam o que de melhor se produziu nas letras e artes europeias. Cuvier e Humboldt, que também estão elencados, representam a ciência europeia, que vinha para explicar o mundo que os envolvia e dar-lhe sentido. Vasco da Gama e Cristóvão Colombo também aparecem entre os nomes inscritos e são representantes de toda a astúcia, da tecnologia e do espírito desbravador europeus, que permitiram que esses dois mundos se colocassem frente a frente.

Vale ressaltar que Benjamin Franklin, o único americano citado, também está entre os nomes que aparecem na vinheta, sendo justamente o único elencado no lado selvagem da imagem. No entanto, sua inscrição não está ali à toa e mostra que, mesmo tendo origem exótica ou recente, como nos traz Luiz Dantas¹, mesmo sendo americano, portanto, com um pé na selvageria, havia toda uma possibilidade de progresso e de sucesso que se abria perante essa jovem América, bastando que ela e seus americanos os buscassem, que aprendessem, que se esforçassem, e logo a América estaria solidamente representada entre

¹ DANTAS, Luiz. Letras brasileiras na *Revue des Deux Mondes*. In: NITRINI, Sandra (Org.). *Aquém e além mar: relações culturais: Brasil e França*. São Paulo: Hucitec, 2000, pp. 133-134.

os grandes figurões da civilização ocidental, espaço ocupado, praticamente, apenas por europeus.

Assim, tal vinheta nos permite vislumbrar o encontro entre esses dois mundos que o próprio título do periódico guarda, ressaltando o intuito da revista. E, mais que mostrar apenas esse encontro, a vinheta nos traz ainda uma série de representações que mostram como a *Revue des Deux Mondes* colocaria seu próprio mundo, europeu, de glorioso passado medieval, e cheio de heróis das letras, ciências e artes, perante um mundo que pouco tinha a oferecer ao homem civilizado europeu, além de experiências sensoriais e belas paisagens.

A mulher nativa, que parece assumir a posição de uma aluna perante a sábia professora do Velho Continente, parece ao mesmo tempo encantada e perdida diante de toda a riqueza que lhe era apresentada, resguardada em sua condição selvagem, representada pela nudez. Ela observa impassível a natureza que cobre a árvore ser arrancada para dar espaço aos grandes nomes, ou seja, para dar espaço à civilização. Era o inevitável progresso batendo às portas daquele mundo fadado a desaparecer, ou pelo menos, a se transformar.

Ao fundo, uma nau observa toda a cena de contato, o que mais uma vez representa o poder da civilização europeia, que conseguiu vencer ventos e monstros e, enfim, atingir o outro lado do Atlântico, a milhares de milhas de distância. Ela dá o respaldo a essa troca de experiências e momentos históricos que as duas mulheres protagonizam e, mais que isso, mostra que o intercâmbio estava aberto, que, se o barco estava lá na América e se havia toda essa grandeza europeia inicial representada em seus heróis, ele poderia bem voltar à

Europa carregado de experiências americanas e depois regressar novamente à América, inundando-a com ainda mais de sua civilização, em um movimento sem fim de intercâmbio cultural.

No entanto, essa vinheta já mostra a assimetria dessa relação, de um lado há a Europa, com seus barcos, roupas, escritores, cientistas e desbravadores; do outro, a América, com sua nudez resignada e bárbara e uma natureza exuberante, que havia de ceder para liberar espaço para a civilização. Qual seria o papel de cada um desses dois mundos nesse jogo de contato? Quem deveria absorver o que, de quem? Quem deveria aprender o que, com quem? A assimetria estava dada, e, mesmo em um contato aparentemente inocente e cordial entre os dois mundos, já se vislumbra uma civilização rasgando e apagando a natureza e a barbárie, com letras, com artes, com ciência; é claro, não mais como conquistadores dispostos a penetrar a qualquer custo, pela força das armas, mas, ainda conquistadores, com a força de suas palavras.

Assim, começamos nossa empreitada em busca de entender melhor não só como o Brasil se viu representado dentro dessa lógica de intercâmbio entre os “dois mundos” que a *Revue des Deux Mondes* propunha, mas também como ele foi descrito em meio ao jogo de preconceitos, conceitos e impressões que dominavam o olhar europeu sobre o outro no século XIX. As imagens presentes na vinheta das primeiras publicações da *Revue* já mostram a tônica que guiará todo este trabalho.

Desta maneira, iniciamos este trabalho, intitulado *Entre preconceitos, conceitos e impressões: o Brasil e sua condição tropical na Revue des Deux Mondes (1829 – 1877)*,

com o objetivo de estudar as representações acerca do Brasil, com ênfase em sua condição tropical, dentro dos escritos publicados na *Revue des Deux Mondes*, um dos mais destacados periódicos do século XIX.

Estudar como o Brasil tropical era visto pelos olhares europeus torna-se tarefa importante uma vez que muitas dessas visões ajudaram a fundar o próprio *ethos* brasileiro, estando no centro da fundação das representações que marcariam a própria identidade nacional do País, ainda mais em um momento tão singular como era esse que escolhemos como recorte temporal para o nosso trabalho. Naquele momento, o Brasil se via em meio à necessidade de se mostrar ao mundo, de fundar sua identidade, que deveria calcar-se em elementos próprios, únicos, mas sem nunca esquecer que na Europa estava o modelo a ser seguido, caso o País almejasse de fato prestígio internacional.

Nesse sentido, o clima tropical surge como elemento de destaque nesse cenário no qual representações e identidades ganhavam espaço, pois, na busca por caracteres capazes de mostrar as singularidades desse país e de alavancar os brios de se pertencer a um lugar especial, ganham destaque nos oitocentos brasileiros sedentos por uma identidade nacional as belas paisagens proporcionadas pela natureza tropical, o clima quente e agradável e as riquezas desta terra, que, conforme grande parte da historiografia dedicada ao século XIX brasileiro ressalta, formam um dos principais alicerces sobre os quais se fundaram a identidade nacional brasileira.

No entanto, a questão era mais complicada do que parece ser em um primeiro momento, pois, ao tratarmos do clima tropical brasileiro, extravasamos a simples noção de

elemento geográfico que é o clima tropical em si, composto por elementos físicos mensuráveis, como temperatura, pressão atmosférica e umidade, para cairmos em uma análise que se pauta no clima tropical – ou na tropicalidade – como um lugar semântico, que abarca também uma série de fatores colaterais decorrentes da condição tropical, como fatores econômicos, culturais e sociais. Ou seja, ao tratarmos do clima brasileiro, ou dos trópicos brasileiros, trataremos de um espaço discursivo marcado principalmente pela diferença em relação ao clima temperado europeu, seu contraponto.

Dessa maneira, os trópicos não existem unicamente como zona climática da terra mas também como construções discursivas, de maneira a marcar todo um determinado lugar, em um jogo de discursos e dominações presentes no século XIX, para não estendermos a outros recortes temporais.

Assim, ser tropical significava muito mais do que estar localizado entre as latitudes 23°26'16" Norte e Sul do globo terrestre, o que garante uma maior insolação durante o ano. Ser tropical significava também uma série de outras questões, como ser preguiçoso, ser mais dado aos prazeres da carne, ser mais imprevidente, ser menos sisudo, ser mais rico em benesses naturais, enfim, os trópicos extrapolam o mero conceito geográfico; tornam-se, além disso, também a representação daquilo que os climas temperados, seu principal espaço dicotômico, não são, uma vez que são marcados por caracteres que apontam no sentido oposto àqueles característicos dos climas tropicais, já que estão calcados em ideais como o trabalho e a civilização.

O que buscamos aqui, então, é entender como os europeus trataram desse espaço discursivo e como as representações que eles lançaram ou confirmaram acabaram ajudando a construir a própria noção de Brasil, que teve início no século XIX. Nesse sentido, entender como os europeus enxergavam o Brasil também é entender como os próprios brasileiros se enxergavam e ainda enxergam o país, pois as imagens que eles difundiram, decorrentes principalmente da posição privilegiada da qual falavam, eram fortes demais para serem desprezadas.

Assim, nessa busca pelas representações sobre o Brasil produzidas e propagadas por europeus no século XIX, escolhemos os franceses e a *Revue des Deux Mondes* para guiar nosso estudo; os primeiros por serem a principal referência cultural para o Brasil oitocentista, e a segunda por ser o principal periódico em língua francesa presente no País desse período, além de ser um dos principais periódicos de todo o mundo do século XIX, haja vista seu prestígio e sua difusão.

Nessa busca pelas representações acerca do Brasil dentro da *Revue des Deux Mondes*, traçamos dentro do trabalho uma trajetória a fim de mostrar como se deram essas representações e desaguar na própria presença francesa na construção da autoimagem do Brasil, ressaltando o quanto essas representações estrangeiras foram importantes para a construção de nossa própria identidade enquanto brasileiros.

Para isso, então, nosso trabalho está dividido em sete capítulos, além da Introdução e da Conclusão. O primeiro capítulo, “Os franceses e o Brasil do século XIX”, inicia o tema e apresenta a fonte deste estudo, dividindo-se em dois subitens. No primeiro, intitulado “A

Revue des Deux Mondes: o olhar francês sobre os dois mundos”, abordaremos a própria *Revue des Deux Mondes*, traçando sua trajetória, evidenciando suas características e objetivos editoriais, além de destacar seus posicionamentos políticos e ideológicos, o que, invariavelmente, traria resultados nos rumos dos escritos publicados sobre o Brasil. Conhecer o lugar de onde partiam os viajantes da *Revue* já começa a relevar a tônica que iria marcar os retratos do Brasil no periódico. O próprio título, que faz alusão à existência de “dois mundos”, já antevem um pouco daquilo que encontraríamos na *Revue*, afinal a diferença já estava dada logo no título do periódico.

No segundo subitem, intitulado “A presença francesa no Brasil do século XIX”, mostraremos todo o panorama das relações entre o Brasil e a França no século XIX, o que nos serve para comprovar o papel de destaque ocupado pela França enquanto matriz cultural no Brasil oitocentista. Nesse subitem, poderemos perceber que a França, mais do que qualquer outro país, se tornou objeto de desejo no que se tratava de modelo cultural, pois era tida como o lugar da alta cultura, da moda, dos bons modos, do bom gosto. Ou seja, era o principal modelo de civilização para o Brasil do século XIX. Além de nos ajudar a compreender melhor os contextos políticos que trouxeram esses viajantes da *Revue* para cá, esse subitem também nos será essencial para mostrar a força das ideias francesas no Brasil, o que justifica, inclusive, tamanho apreço pelos seus dizeres, a ponto de figurarem, mesmo quando detratavam, nas imagens produzidas pelos brasileiros, quando estavam em busca das bases da nação brasileira.

No segundo capítulo, intitulado “As primeiras impressões do outro: beleza e diferença”, começaremos, de fato, a fazer uma análise mais detalhada dos escritos sobre o

Brasil presentes na *Revue* e a traçar, a partir de então, as representações que os franceses deixaram nesse periódico. Nesse capítulo, o foco da análise ficará concentrado nas imagens positivas produzidas pelos franceses sobre o Brasil, visto que elas estavam muito presentes e mostravam que a natureza tropical brasileira realmente era algo que chamava a atenção dos viajantes, tanto que o resultado é uma profusão de descrições de belas cenas tropicais em praticamente todos os textos.

No entanto, mesmo nesse capítulo dedicado a mostrar a beleza e o positivo, podemos perceber já que há todo um jogo discursivo que busca desmontar essa noção positiva da natureza tropical, pois, mesmo quando o assunto se baseia no elogio, podemos perceber que essas falas servem para marcar a posição do Brasil no jogo dicotômico de nações da época; ser bonito, ser quente, ser agradável, podia ser bom, mas também servia para mostrar a diferença, aqui principalmente em relação à Europa. Isso, naqueles idos do século XIX, não era algo visto como positivo, uma vez que era a Europa o lugar do civilizado; e, nesse sentido, ser diferente dela, por mais que essa diferença fosse calcada na beleza, servia para mostrar que o Brasil não era a Europa, trançando assim seu lugar de inferioridade, justamente por ser diferente, às margens da civilização.

Portanto, nesse capítulo trataremos os franceses marcando as diferenças que os trópicos causavam e, por consequência, as inferioridades do Brasil através dos seus discursos positivos sobre a natureza, ressaltando assim os trópicos como espaço discursivo dicotômico da Europa temperada do progresso, mesmo que essa noção esteja em um discurso dissimulado.

Se no segundo capítulo trouxemos a diferença marcada pelo olhar elogioso, positivo, no terceiro capítulo, intitulado “A civilização *versus* a barbárie”, faremos nossa análise baseada nos momentos em que o estupor inicial causado pelas belas visões tropicais começa a ceder espaço para visões mais concretas, e, assim, os olhos desses viajantes vindos do França, tida então como exemplo no que se trata de cultura e civilização, começam a enxergar o Brasil com um olhar menor alentador, apontando mais diretamente os problemas que esses lindos trópicos apresentavam e representavam.

Assim, nesse capítulo, encontraremos os problemas com que os franceses da *Revue* se depararam em suas andanças pelo Brasil, como as dificuldades de se transitar por estradas precárias, a falta de conforto, a ignorância na qual grande parte do povo estava imersa e o cenário muitas vezes caótico que encontravam. Nesse ponto, começamos a perceber que os franceses começam a questionar a viabilidade de uma civilização no Brasil, pelo menos se continuasse a ser conduzido da maneira que era.

As belas imagens tropicais então, aos poucos, vão cedendo espaço para imagens mais sombrias, e as diferenças em relação à Europa civilizada são agora mais evidenciadas pelos viajantes. E, dentro desse momento, no qual a desilusão sobre os trópicos ganha força, surge a questão das gentes brasileiras, que, dentro das análises dos franceses que apontavam os reveses brasileiros, estão no âmago das ineficiências que encontraram.

Centro desses trópicos como construção discursiva mais que geográfica, as raças ditas então inferiores, como negros, índios e mestiços, que guardavam em seus modos de ser séculos de exposição às doçuras do benevolente clima tropical – o que resultou em

características não tão doces assim –, ganham espaço nas análises dos franceses da *Revue* e passam a ser objeto central das culpas sobre a civilização toscamente implantada que encontraram. Dessa forma, a partir desse foco nos problemas, passamos a analisar a população brasileira na *Revue* dentro desse discurso mesológico, que invariavelmente acompanhava os escritos oitocentistas.

Dessa maneira, passamos ao quarto capítulo, “Portugueses: entre o calor da África e a civilização da Europa”, no qual podemos iniciar as relações entre clima, raça e civilização, tão importantes nesse século XIX. Nesse capítulo, curto porém fundamental, analisaremos como os portugueses, a base sob a qual a Europa e sua cultura e civilização se trasladaram no Brasil, foram tratados pelos viajantes da *Revue*. Nele, poderemos perceber como as relações entre clima e civilização eram fortes, principalmente nas comparações traçadas entre os portugueses, mais amolecidos pelo clima do sul da Europa, e os habitantes do norte do continente, tratados de maneira menos clemente por seus climas, o que resultou em vantagens civilizacionais que não poderiam deixar de ser mencionadas, mesmo que muitas vezes de maneira bastante sutil.

No mais, esse capítulo dedicado aos lusitanos é importante por ressaltar o lugar que a Europa representava nesse mundo oitocentista, pois, mesmo sendo em diversos aspectos menos enérgicos que seus vizinhos do norte, a eles não eram deixados de prestar elogios, já que, se havia algum resquício de civilização nesse país, era graças às aventuras e empreitadas portuguesas, que inseriram, ainda que de maneira não uniforme, a centelha da civilização no Brasil que encontraram.

No capítulo seguinte, por sua vez, intitulado “Raça: problema em meio ao problema tropical”, as análises recaem sobre os escritos publicados na *Revue* referentes à população brasileira, marcadamente mestiça e com ampla presença de negros e índios, preguiçosos e imprevidentes seres tropicais que se mostravam como verdadeiros impecilhos à civilização. Se antes as viabilidades de uma civilização no Brasil eram colocadas em dúvida, quando o assunto recaía sobre a população brasileira, podemos perceber que os temores eram acentuados, e, a ver pelo quadro populacional que os franceses traçaram, o Brasil parecia não ter muito o que comemorar e precisava se armar para enfrentar esses problemas.

É assim que partimos para o sexto capítulo, “A Europa como redenção”, no qual analisaremos como a Europa, já bastante marcada pela diferença em relação ao Brasil, foi colocada como elemento-chave para o progresso brasileiro. Assim, nesse capítulo, estudaremos como os franceses da *Revue* trouxeram a imagem de uma Europa na qual o Brasil deveria se espelhar e com a qual deveria estreitar laços se quisesse romper com as mazelas nas quais estava imerso. A Europa, nesse capítulo, dentro da ótica dos franceses, surge então como o caminho a ser seguido e, dentro de uma análise na qual a diferença entre a Europa do progresso e o Brasil do atraso está bem marcada, como o modelo de civilização superior que deveria ser almejado e buscado.

Por fim, no sétimo capítulo, intitulado “A *Revue des Deux Mondes* e o pensamento social brasileiro”, trabalharemos como essas representações que os franceses da *Revue* lançaram ou reforçaram sobre o Brasil foram trabalhadas no Brasil do século XIX e também em tempos posteriores. A partir da análise de alguns artigos das *Revistas do IHGB*, observaremos que muitas das noções disseminadas pelos franceses, incluindo aquelas

negativas, que condenavam o Brasil, eram também levadas em conta pelos brasileiros, mesmo aqueles imbuídos de construir uma identidade nacional para o Brasil, a qual, pelo menos na teoria, deveria ser calcada no orgulho do pertencimento.

Nesse último capítulo também poderemos observar que dentro da *Revue* surgiram algumas das mais importantes noções presentes no pensamento social brasileiro, que dividia o país em espaços dicotômicos, como o Norte e o Sul, ou o Litoral e o Sertão, sendo sempre um marcado pela civilização em oposição ao outro marcado pelo atraso. Imagens essas muito fortes em nossa historiografia, que foram, já no século XIX, trabalhadas dentro da *Revue des Deux Mondes*.

Assim, observaremos um Brasil analisado pelos franceses, visto como o outro, como o exótico e, por ser diferente, passível de inferiorização e intervenção. A partir da análise dos escritos sobre o Brasil publicados na *Revue des Deux Mondes*, poderemos perceber o quanto importante foram esses franceses para a formação da própria noção de Brasil, um país rico e belo mas mal administrado, cheio de problemas e com olhos admirados sempre voltados para as luzes que vinham da Europa.

1. Os franceses e o Brasil do século XIX

1.1. A Revue des Deux Mondes: o olhar francês sobre os dois mundos

Dentro da história do Brasil, principalmente no século XIX até o início do século XX, a França ocupou um lugar todo especial, mesmo não sendo ela aquela que carregou as principais responsabilidades no que confere à colonização do Brasil, papel esse que coube aos portugueses. No que se refere à economia do País, tiveram papel de destaque principalmente os ingleses, e no tocante aos fluxos migratórios, destacaram-se italianos e alemães.

No entanto, o mesmo século XIX que nos mostra o papel diminuto da França nessas categorias, também nos mostra que a França foi grande para o Brasil. Mesmo frente a esses gigantes europeus que eram, ou foram, Portugal, Inglaterra, Alemanha e Itália, cada um à sua maneira, coube à França um lugar de destaque na formação do país, pois ocupou na nossa historiografia um espaço não menos importante. A ela foi delegada um papel-chave na exportação de ideias, que por muito tempo foram as principais referências culturais para homens dispostos a dar uma cara ao Brasil, dispostos a formar uma nação a partir de um emaranhado de negros, índios e portugueses dispersos por um território gigante, tido como selvagem e detentor de riquezas e belezas infinitas.

Assim, podemos entender a França como uma referência que esbanjava prestígio cultural nesse período, tanto na vida dos cidadãos comuns da Corte, que apenas queriam vestir-se à moda parisiense e eram seduzidos pela literatura, pelo teatro, pela medicina,

pelas artes, enfim, pela sensibilidade francesa², na dos intelectuais brasileiros, que cada vez mais substituíam o sonho de Coimbra pelo das letras, artes e ciências de Paris³, quanto na paixão do próprio D. Pedro II⁴ pelo país, que nos serve de grande exemplo do poder da francofilia no Brasil imperial e dos primórdios da república.

Nesse sentido, da ampla penetração das letras francesas no Brasil do período, é unânime⁵ entre os estudiosos do tema a importância da *Revue des Deux Mondes* como veículo de difusão dos escritos franceses no país. Periódico de grande longevidade e circulação, durante o século XIX e início do século XX, foi a *Revue*, dentre os periódicos estrangeiros, um ocupante do topo da lista entre os mais festejados pelos homens de letras e ciências do Brasil da época, principalmente em sua fase imperial. Figura importante nos principais acervos do país, circulava entre os personagens de Machado de Assis e era

² CAMARGO, Kátia Aily Franco de. A Revista como Fonte de Pesquisa. *Educação: Teoria e Prática*, v. 13, n. 24, jan./jun., 2005, p. 80.

³ FERREIRA, Marie-Jo. Testemunho da presença intelectual brasileira na França: a *Revue du Monde Latin* e o Brasil (1883-1893). In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Élide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 50-51.

⁴ SILVA, Ligia Osório. Propaganda e Realidade: A imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX”. *Revista Theomai*, n. 3, Red Internacional de Estudios sobre Sociedad, Naturaleza y Desarrollo. Universidad Nacional de Quilmes, Argentina, 2001; CARELLI, Mario. *Brasil-França: cinco séculos de sedução/cinq siècles de séduction: France-Brésil*. Rio de Janeiro: Espaço em Tempo, 1989, pp. 62-76.

⁵ Nesse sentido, Kátia Aily Franco de Camargo diz que não há exagero em dizer que a *Revue* deteve durante anos o primado entre os veículos de informação que mais influenciaram os intelectuais brasileiros, Ana Luiz Martins destaca sua importância e penetração no Brasil, e Wilma Peres Costa afirma se tratar ela da principal referência cultural das elites brasileiras, sendo a mais importante revista de cultura e política do século XIX. Thomas Loué, por sua vez, não exita em afirmar que a *Revue des Deux Mondes* é a mais célebre revista do século XIX. (CAMARGO, loc. cit.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p. 75; COSTA, Wilma Peres. *Narrativas de Viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e Trajetória Intelectual*. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 48; LOUÉ, Thomas. Une révolte culturelle: l’entrée en catholicisme de la Revue des Deux Mondes (1895-1906). *Cahiers d’Histoire. Revue d’Histoire Critique*, n. 87, 2002, p. 1).

aclamada pelo próprio Imperador D. Pedro II, seu leitor voraz⁶, algo que lhe conferia bastante prestígio⁷.

Dessa maneira, a *Revue des Deux Mondes* gozava de prestígio, algo que se estendia ao seu leitor, como nos mostra a seguir Ana Luiza Martins:

Afamada, assinada, adquirida, porém, pouco lida. Ou melhor, consumida efetivamente por homens de letras. Sua configuração sólida, quase um livro, recheada de compenetrados artigos de gama diversificada de autores europeus, transformo-a em ícone do saber superior e elitizado, conferindo a seu possuidor e/ou assinante a aura de leitor informado e atualizado.⁸

Fundada com o título de *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de l'Administration et de Mouer*, em 1829, por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron⁹, a *Revue* nasce com um objetivo traçado: buscar o outro – no caso os povos estrangeiros visitados pelos colaboradores da *Revue* espalhados por todo o globo – como forma de conhecê-los, a fim de trazer para a França aquilo que de melhor havia no exterior, contribuindo assim para uma melhor organização e desenvolvimento da própria sociedade francesa.

Como nos disse Katia Aily Franco de Camargo: “é preciso conhecer o outro para poder dele adotar aquilo que é conveniente e/ou apropriado para a França, para que essa

⁶ SILVA, op. cit., p. 75. Nesse sentido, Nelson Werneck Sodré chega a afirmar que a *Revue* tornara-se leitura habitual do imperador e “principal alimento espiritual dos estadistas brasileiros”. (SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 227).

⁷ Afinal, como nos ressalta Lúcia Maria Paschoal Guimarães, construía-se a imagem de D. Pedro II como a do “príncipe perfeito”, oriundo das mais tradicionais linhagens reais europeias, mas nascido no Brasil e admirado pelo seu amor às letras e ciências. Depositava-se nesse monarca as esperanças de um futuro brilhante para o Brasil. (GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 388, 1995, pp. 544-545).

⁸ MARTINS, loc. cit.

⁹ CAMARGO, Kátia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal-RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007, p. 37.

possa melhor organizar sua sociedade”¹⁰. E o trecho a seguir, que inaugura o primeiro volume da *Revue*, ainda em 1829, até aquele momento sem o peso da mão de Buloz, mostra bem esse sentido de intercâmbio salutar entre a França e o restante do globo, para cujo funcionamento da engrenagem os viajantes eram peças importantes:

Dans un siècle tout positif, dans une société qui tend à perfectionner son organisation, et qui recherche avec empressement ce qui peut éclairer sa marche, une entreprise comme celle-ci devait être tentée. Ce ne sont pas les théories administratives dont la France a le plus besoin, c'est l'administration *pratique*. Il importe donc de bien connaître ce qui se passe ou ce qui s'est passé chez les autres peuples, afin de adopter de leurs institutions que ce qui pourrait s'appliquer à nos mœurs, à notre caractère, aux progrès de nos lumières, à la position géographique de notre territoire. (...). La Revue des deux Mondes sera exempte de l'esprit de système qui préside trop souvent aux travaux de ces littérateurs nomades qui voyagent et écrivent si vite.¹¹

Nesse século todo positivo, no qual as sociedades deveriam aperfeiçoar suas organizações e buscar meios de iluminar cada vez mais seus caminhos, o projeto da *Revue* torna-se algo valioso. Por isso, são escolhidos a dedo aqueles capazes de trazer esses conhecimentos e experiências que pairavam no exterior, à espera daqueles que os lavariam à França e contribuiriam para o progresso do país¹². Dessa maneira, pelo menos em um primeiro momento, pressupõe-se mais ciência, técnica e administração e menos literatura e descrição romântica na *Revue*. No entanto, vale ressaltar que esse ideário romântico não se

¹⁰ Idem, 2005, p. 83.

¹¹ ANÔNIMO. Avertissement. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de l'Administration et de Mouer*, v. 1, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829, pp. vi-vii. Apesar de no texto não haver menção de autoria, presume-se que tenha sido escrito por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron, diretores da revista à época.

¹² CAMARGO, op. cit., pp. 82-83.

faz ausente nesse primeiro momento da *Revue*, pois persistia a noção da existência de um espírito único que integrava todos, independentemente de sua localização no mundo¹³.

Tal concepção, no entanto, não encontra oposições do ideário científico da época e justifica o método de comparação a ser empregado na *Revue*, que coloca seu centro, a França, em análise comparativa aos diversos países percorridos pelos viajantes escritores da *Revue des Deux Mondes*¹⁴.

Nesse sentido, Luiz Dantas ressalta a importância desse olhar romântico que persistia no ideário da *Revue*, mas não deixa de nos mostrar que a *Revue* primava pela busca de um conhecimento mais prático, que atendesse aos anseios de sua proposta de aprimorar a sociedade francesa através do contato com outros povos, o que fica bastante claro no trecho citado a seguir e o que se tornará ainda mais evidente quando mostrarmos mais a fundo as descrições e os julgamentos que esses franceses deixaram sobre o Brasil, sua paisagem, seu povo e seus modos de vida:

[...] não se deve superestimar o aspecto literário ou exótico das preocupações desses viajantes. As descrições das paisagens tropicais, sua desolação ou sua imensidão, são, na verdade, passagens obrigatórias em todas aquelas relações. Porém os viajantes estão engajados em uma investida mais “séria”: trata-se de cientistas no exercício de suas missões científicas, ou observadores que percorrem o país a fim de reunir o maior número de informações necessárias à sua compreensão e análise.¹⁵

¹³ O trecho a seguir ressalta essa condição, pois coloca princípios únicos que guiam desde aquele que está em distâncias e realidades tão distintas, como as da França, da Inglaterra, da Alemanha e do Brasil, ou em extremos do mesmo continente, como Delaware ou os mares do Sul: “Quelquefois ce qui occupe le plus vivement nos esprits se trouve agité, au même moment, vers un autre point du globe, et ce ne sera pas l’un des rapprochemens les moins intéressans qu’offrira ce recueil, que de voir les mêmes principes diversement compris, et appliqués en France et en Angleterre, au Brésil et en Allemagne, sur les bords de la Delaware et sur les rivages de la mer du Sud”. (ANÔNIMO, op. cit. p. vii).

¹⁴ MELLO, Jefferson Agostini. Um espaço-corpo fraturado: as Ilhas Malvinas na *Revue des Deux Mondes*. *Revista Landa*, v. 2, n. 1, 2013, p. 288.

¹⁵ DANTAS, Luiz apud MELLO, 2013, p. 289.

E se um projeto como o da *Revue* era algo que demandava energia prática, espírito organizacional e uma necessidade do fazer acontecer, alguém menos dado a devaneios filosóficos e mais dotado de um pragmatismo inerente ao próprio projeto do periódico era necessário para conduzir de fato esse grandioso projeto que colocaria frente a frente a França e o resto do mundo e que daria suas contribuições para o aprimoramento da sociedade francesa.

É nesse momento que entra uma figura ímpar dentro da história desse tão aclamado periódico, exemplo para uma série de similares que surgiram em diversas partes do globo: François Buloz. Em 1831, a revista fundada dois anos antes por Mauroy e Ségur-Dupeyron já se encontrava em situação agonizante, sem o vigor e o prestígio de tempos posteriores, o que acabou refletindo em suas finanças, tendo que ser vendida a um impressor de nome Auguste de Auffray, que convida então seu amigo François Buloz para coordenar a nova fase da *Revue*.

Seu novo estatuto é publicado, e seu prospecto original, de servir de apoio ao engrandecimento da própria sociedade francesa é mantido. Mas Buloz pretendia, além das contribuições políticas e literárias à França, ser mais, ser grande, e tornar a revista a mais completa que pudesse ter existido¹⁶, e o orgulho e a importância que Buloz dá à sua *magnum opus* podem ser atestados no trecho a seguir: “Il sera bien difficile d’écrire

¹⁶ CAMARGO, op. cit., p. 87.

l'histoire politique et littéraire de la période que nous venons de traverser, sans recourir à cette collection”¹⁷.

Logo, em 1833, Auffray desliga-se da *Revue*, que é adquirida por Buloz, agora, não mais apenas o editor da revista, mas seu dono, o qual passa a delinear os contornos que marcariam a *Revue des Deux Mondes* como uma das mais importantes periódicos do século XIX.

Dentro do projeto original de trazer escritos de grandes nomes da cultura de seu tempo, que ainda possuíam conhecimento e ampla vivência no exterior, Buloz começa a dar a forma que caracterizaria a revista e a conduziria para seus tempos áureos. Foi Buloz quem estabeleceu um padrão para os artigos da *Revue*, uma espécie de molde que deveria guiar todos os textos publicados na revista¹⁸.

Prova disso é que, se olharmos para os artigos da *Revue*, percebemos que há todo um padrão estético que guia seus textos, que confere, em um primeiro olhar, uma certa homogeneidade, por vezes até tediosa, à revista¹⁹. No entanto, tal homogeneidade deve ser analisada apenas como fruto do trabalho de formatação de Buloz, visto que os 791 autores que publicaram nos tempos de sua gestão não formavam um grupo homogêneo. Seus escritores, na verdade, provenientes das mais variadas origens intelectuais, não buscavam objetivos comuns nem partilhavam de proposições políticas, estéticas ou literárias

¹⁷ BULOZ, François. Supplément. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848, p. 3.

¹⁸ CAMARGO, op. cit., p. 89.

¹⁹ LOUÉ, Thomas. *La Revue des Deux Mondes de Buloz à Brunnetière*. De la belle époque de la Revue à la Revue de la Belle Époque. França: Atelier National de Reproduction de Thèses, 1998.

semelhantes²⁰. Dessa maneira, pode-se entender Buloz como aquele que faz uma ponte que une o individual da escrita e a forma coletiva impressa, mais em sua forma que em seu conteúdo propriamente dito²¹.

Não que essa heterogeneidade entre os escritores da *Revue* não resultasse em uma orientação política definida, com simpatias pelas monarquias, fé no progresso dos povos e defesa da liberdade pessoal e da ordem social²². Apesar de tratar de temas variados, como ciência, música, medicina e literatura, além de história, geografia, política e dos tão esperados relatos de viagem, e de buscar atingir um público amplo²³, Buloz proibia a publicação de textos muito inovadores ou com ideias muito ousadas²⁴, pois a revista, que era dirigida a um público específico, o leitor burguês, não podia correr o risco de perdê-lo²⁵.

Dessa maneira, sob as rédeas de François Buloz, a *Revue des Deux Mondes* foi ganhando destaque. Se entre os estudiosos do tema podemos dizer que é quase unânime a

²⁰ Prova disso é a presença do anarquista Elisée Reclus nas páginas da revista, ou mesmo de Baudelaire, que teve sua obra *As Flores do Mal* publicada pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes*, em 1855. (ANTELO, Raúl. *As Flores do Mal*: sintoma e saber anti-modernos. *Alea*, v. 9, n. 1, 2007).

²¹ CAMARGO, op. cit., p. 90.

²² SILVA, Ligia Osório. Propaganda e Realidade: A imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX”. *Revista Theomai*, n. 3, Red Internacional de Estudios sobre Sociedad, Naturaleza y Desarrollo. Universidad Nacional de Quilmes, Argentina, 2001, p. 8.

²³ Na própria revista, podemos constatar que Buloz buscava atingir um grande número de leitores com a sua revista, que além da ampla gama de temas, também objetivava tornar fácil o acesso aos seus exemplares, como podemos constatar no trecho a seguir, presente na própria revista. É interessante também que podemos notar um claro objetivo mercadológico, de tornar a revista inclusive mais lida que suas concorrentes: “La Revue des Deux Mondes est le recueil périodique le plus accessible à tous les lecteurs Chaque livraison, contenant un fort volume in-80, ne coûte que 2 fr. aux souscripteurs. Les cahiers trimestriels de Revues anglaises, de 500 pages, coûtent 7 fr. 50 cent.; les deux livraisons que donne par mois le Revue des Deux Mondes contiennent plus de 550 pages, et se vendent 4 francs”. (ANÔNIMO. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848, p. 1).

²⁴ Apesar de sua posição monarquista, dentro da Revue há uma defesa de temas como a abolição, o que mostra que, apesar de conservadora, a Revue também flertava com outros caminhos. (MEDEIROS, Camylla Lima de. “A obra folhetinesca de Visconde de Taunay: o olhar francês de um romancista brasileiro”. In: *Anais da XVIII Semana de Humanidades*. Natal/RN, 2010. p. 3).

²⁵ CAMARGO, op. cit., p. 91.

opinião de que a *Revue* foi a mais importante revista do século XIX, é unânime a opinião de que foi sob sua direção que ela viveu sua fase áurea, a qual terminou com a morte de seu principal idealizador em 1877²⁶.

Após a morte de François Buloz, a direção da *Revue* ficou a cargo de seu filho, Charles Buloz, homem que não havia sido preparado pelo pai para assumir a função²⁷. A partir de então, a revista entra em fase de franco declínio, inclusive financeiro, e em meados dos anos de 1880 ela chega a perder cerca de metade dos seus 25 mil assinantes. É claro que Charles Buloz não tinha o tino comercial do pai nem o talento para mapear, entre os tantos escritores, aqueles que eram os melhores e os que possuíam o perfil para manter o *status* da revista²⁸, mas a culpa não foi só dele.

O próprio contexto político da França do final dos oitocentos levava à superação do modelo criado pelo patriarca da família Buloz. Monarquista e elitista, tornou-se ultrapassado frente à república que se instaurara na França desde 1848. Se François Buloz aproveitou as instabilidades que a Segunda República francesa trouxe para a bem-delimitada orientação política da revista e buscou diversificar os gêneros e conquistar leitores que estavam além de seu público burguês padrão, o que resultou em uma grande expansão internacional do periódico, na qual a participação do Brasil é importante, como veremos, seu filho não teve o mesmo tino.

²⁶ Ibidem, p. 89.

²⁷ Kátia Camargo nos conta que François Buloz preparara seu primogênito, Louis Buloz para sucedê-lo nas rédeas da revista, sendo ele desde muito cedo o gerente da *Revue*. No entanto, Louis havia morrido subitamente, e com a morte do pai, coube a Charles o papel de dirigir o periódico (ibidem, p. 90).

²⁸ Ibidem, p. 91.

Forçado a se demitir em 1883, Charles Buloz passa seu cargo a Ferdinand Brunnetière, que, apesar de seus esforços de renovação, não conseguiu mais reerguer aquilo que havia morrido com François Buloz. O mundo viu degradingolar o *status* da outrora tão aclamada *Revue des Deux Mondes*, que paulatinamente viu seu prestígio cair, seu modelo ser superado e seus leitores diminuir. O trecho citado a seguir, de Eça de Queirós, nos dá uma clara noção do que se passou com a imagem da *Revue des Deux Mondes* na virada do século XIX para o século XX:

Que memórias este nome de Buloz nos traz da nossa mocidade! Nenhum havia então que nós pronunciássemos com mais alegre horror – porque ele representava, para o nosso grupo revolucionário e entusiasta das formas novas e audazes, tudo quanto na literatura havia de mais conservador e burguês. Toda aquela sua séria e ponderosa *Revista dos Dois Mundos* nos parecia então exalar um cheiro horrendo a bafo e a letras mortas. Escrever na Revista, pertencer à Revista era para nós uma maneira especial de ser fóssil.²⁹

Se na Europa o periódico passava por um processo de decadência, como podemos observar até este momento, no Brasil não foi diferente. Seus dias de fama foram ruindo, acompanhando, como de praxe entre os letrados brasileiros do período, o ritmo europeu das coisas. Seu formato de livro, com sequências de textos densos e sem ilustrações, somado ao conservadorismo da família Buloz, que pouco se alterou depois da morte de seu patriarca, levou cada vez mais a *Revue* a perder espaços para as revistas ilustradas e magazines que cada vez mais faziam sucesso no Brasil³⁰.

No entanto, mesmo a *Revue* perdendo espaço e prestígio, guardou-se dela uma memória que a consagrou como periódico de superior qualidade, representando o que de

²⁹ QUEIRÓS, Eça de. *Ecos de Paris*. Porto: Lello, 1912.

³⁰ MARTINS, 2001, p. 77.

melhor havia no gênero. Prova disso pode ser encontrada nas diversas revistas que, de uma forma ou de outra, mesmo aquelas surgidas nos tempos de sua decadência, guardam marcas em seus formatos e estilos da outrora poderosa *Revue des Deux Mondes*³¹.

E não era para menos essa importância da *Revue* no Brasil, visto que, fora a francofilia que dominava a Corte, os letrados e até mesmo o Imperador, tema que vamos trabalhar em breve, o Brasil era o principal mercado consumidor do periódico fora da França³², e os vestígios da outrora aclamada revista não poderiam desaparecer de repente, mesmo em tempos de crise.

Desse modo, além da *Revue* figurar no Brasil, é natural que o Brasil figurasse na revista. Apesar de ser foco de uma pequena produção, frente aos milhares de artigos publicados em toda a sua existência, a verdade é que o Brasil teve sempre um comparecimento regular nessas publicações desde seu volume inaugural, em 1829³³, o que será analisado nos capítulos seguintes.

No mais, como dissemos anteriormente, a *Revue* nasceu com o propósito de levar à França o conhecimento de outros povos e deles absorver aquilo que era útil ao aperfeiçoamento da sociedade francesa. Colocar em contato povos e nações distintas era o objetivo inicial da revista, o que foi aprimorado por François Buloz e continuado por seu filho Charles, por Brunnetière e por seus diretores seguintes.

³¹ Ana Luíz Martins nos traz uma série de revistas brasileiras de finais do século XIX e início do século XX que trazem influências da *Revue des Deux Mondes*, entre elas, podemos citar a *Revista Brasileira*, a *Revista do Brasil* e a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (ibidem, p. 77).

³² SODRÉ, 1999, p. 227.

³³ DANTAS, 2000, p. 136.

A própria vinheta do frontispício da edição de 1831, ano em que François Buloz assumiu a revista, que trouxemos logo no início do trabalho e que traz um barco europeu carregado de civilização acenando para uma América primitiva e selvagem, nos mostra esse objetivo, de colocar face a face dois mundos distintos, em diferentes estágios de desenvolvimento – o que resulta também em espaços distintos em uma escala de poderes – para então realizar um intercâmbio de riquezas e conhecimentos, aumentando assim o bem comum.

Cabe agora observarmos como se deu nos escritos publicados na *Revue* esse encontro entre o barco da civilização e o Brasil selvagem e indômito. No contato dos povos, da civilização com o primitivo, o que cada um tinha que contribuir com o outro, quem tinha mais peso na balança da civilização?

No entanto, antes de adentrarmos à análise dos artigos presentes na *Revue*, é importante que entendamos como se deu esse período no qual esses viajantes franceses ligados ao periódico aportaram no Brasil, entendendo o papel da própria França dentro do pensamento social brasileiro, e por que – e se – era a França esse modelo de civilização a ser desejado e recepcionado nesse Brasil oitocentista, ainda em busca de sua própria identidade nacional.

Assim, buscaremos entender agora como foram as relações Brasil-França nesses idos do século XIX, tempos nos quais os viajantes da *Revue* aportaram no Brasil e escreveram sobre ele, ressaltando a importância dos franceses nos oitocentos brasileiros e abrindo caminho para entendermos por que os escritos da *Revue* foram tão importantes para

a compreensão das próprias representações acerca do Brasil, mesmo as produzidas deste lado do oceano.

1.2. A presença francesa no Brasil do século XIX

No dia 17 de dezembro de 1794, a Coroa Portuguesa lançou o seguinte decreto, que deveria ser obedecido tanto no Reino quanto em qualquer canto de seu vasto Império Colonial:

[...] a extraordinária e terrível revolução literária e doutrinal que nestes últimos anos, e atualmente, tem tão funestamente atentado contra as opiniões estabelecidas, propagando novos, inauditos e horrorosos princípios, e sentimentos políticos, filosóficos, ideológicos e jurídicos derramados e disseminados para a ruína de religião, dos impérios e da sociedade: toda a prudência religiosa e política exige que, para reparação do pretérito e precaução do futuro, se recorra a outros meios e providências que possam com maior vigor e eficácia ocorrer a tantos males e ruínas.³⁴

O trecho acima compõe um decreto que reintegrava em Portugal, e consequentemente no Brasil, tradicionais instituições de censura portuguesas, como a Inquisição, o Ordinário e a Mesa de Desembargo do Paço³⁵. Todo esse temor que justificava voltas de mecanismos mais rígidos de coerção e censura tinha origem em homens de um povo que muito influenciaria as histórias tanto de Portugal quanto a nossa, quando já não eram mais uma coisa só. No caso, estamos falando dos franceses.

³⁴ Decreto de 17 de dezembro de 1794 apud BASTOS, José Timóteo da Silva. *História da Censura Intelectual em Portugal*. Lisboa: Moraes Editores, 1983, p. 151.

³⁵ NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das; FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da C. O medo dos abomináveis princípios franceses: a censura de livros no Brasil nos inícios do século XIX. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1989, p. 113.

E citar em um trabalho que busca justamente trabalhar a inserção do pensamento francês sobre/no Brasil, bem como a produção e circulação de suas imagens e representações acerca do nosso país, um decreto que visa justamente proibir a circulação desses escritos pode parecer estranho, mas tal ato não acontece sem razão. Ele, na verdade, guarda toda a complexidade das relações entre os dois países que sempre se operaram na história.

A França sempre marcara presença nessas terras do outro lado do Atlântico, alguns inclusive chegavam a dizer que foi dela que saíram os primeiros europeus que aqui chegaram, devendo eles levar as glórias da conquista no lugar dos lusitanos³⁶. Verdadeiros descobridores ou não, a verdade é que o Brasil e a França sempre foram marcados por relações bastante estreitas no decorrer de suas histórias, algumas delas diretas, como as tentativas de instalação de colônias nos séculos XVI e XVII, e outras mais indiretas, marcadas pela instalação de ideias e modos de ser, que deixaram marcas profundas no pensamento social brasileiro.

Desde o século XVI, nos primeiros momentos de um contato geral entre as terras que viriam a se tornar o Brasil e a Europa, a presença francesa foi marcante na colônia. No Brasil visitado por missionários, soldados, corsários e uma série de outros curiosos que

³⁶ Refiro-me à lenda propagada na Europa desde o século XV que conta que um francês chamado Jean Cousin, natural de Dieppe, chegara à costa do Brasil em 1488, portanto, anos antes da chegada de Cabral ao litoral baiano. Apesar de essa história correr na tradição oral e mesmo nos escritos de muitos autores dos séculos seguintes, a verdade é que a chegada do navegador normando às terras brasileiras nunca pôde ser comprovada. Se a aventura de Cousin não deixou rastros mais confiáveis e, portanto, nos impossibilita de saber se ele realmente alcançou nossa costa tão precocemente, em 1503, um outro navegador francês, de nome Paulmier de Gonneville, chegou a essas terras e nos legou o primeiro documento de que se tem notícia sobre a relação Brasil-França. O que ressalta, como nos trouxe Leyla Perrone-Moisés, que se os franceses não descobriam o Brasil, foi por muito pouco (PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte Luas: Viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil – 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 9).

acabaram por deixar uma extensa gama de relatos sobre as terras que aqui encontraram, esses primeiros franceses acabaram por lançar as fundações de uma relação que só tendia a crescer no decorrer dos séculos – o que exigia medidas enérgicas de um Portugal receoso que essas relações, um tanto libertárias demais, como vimos anteriormente –, atingindo seu ápice nos idos dos oitocentos e no início do século XX.

Fugindo ao tradicional binômio metrópole-colônia, as relações entre a França e o Brasil seguiram por séculos de modo atípico. Afinal, como dissemos, não foi a França quem exerceu o domínio político sobre o Brasil em seus tempos de colônia, papel esse desempenhado por Portugal. Nos oitocentos, também não foi a França quem exerceu o maior poder econômico sobre o Brasil independente, papel esse desempenhado pela Inglaterra, e mais, não foi a França a principal exportadora de genes, marcados nas figuras de colonos europeus, inseridos na missão de branquear o Brasil do século XIX e de aproximá-lo assim cada vez mais do ideal europeu de civilização, papel esse a cargo da Itália e Alemanha. No entanto, coube à França a exportação de ideias – e veremos no decorrer do trabalho que isso desempenhou grande importância –, e seria com a civilização, elemento deveras importante na eterna luta contra a barbárie sul-americana, que esse país daria sua maior contribuição para o Brasil.

Essa contribuição, tão sutil, e ao mesmo tempo tão palpável, permearia as visões sobre a França no Brasil do século XIX. Tão querida, tão admirada, tão bem-quista, seria principalmente ela³⁷ quem traria o jovem Brasil, fruto do passado europeu e com as

³⁷ Falamos assim porque mais à frente veremos que essa questão pode ser matizada, não que à França não seja merecida desses status, mas também havia outros, como Inglaterra e Estados Unidos, que também merecem seus lugares nesse jogo de admirações.

esperanças e os problemas da América, de uma origem pautada em uma Europa ultrapassada, a uma Europa do futuro. Não estariam nas veleidades coloniais ou no poder econômico a salvação e o futuro do país, mas sim na cultura que se irradiava de Paris para o mundo, o que dependia somente do fortalecimento desses laços e da boa vontade em receber todo esse conhecimento tido como superior, ao qual o Brasil dava graças para se assentar nesse vasto Império tropical. E havia aqueles interessados em transmitir essa cultura, e aos montes, que cá vinham, observavam e davam rumos há séculos.

Assim, desde os primeiros interessados franceses no Brasil, uma vasta gama de representações a respeito dessa terra começou a se formar. Elas dariam substrato a toda uma série de outras representações que seriam faladas, escritas e repetidas no decorrer dos tempos.

Representações essas do mundo social, que, segundo Chartier³⁸, são construídas de maneira que determinadas ligações – essas em relação com os interesses dos grupos responsáveis por tal elaboração – se mantenham. Desse modo, as percepções sociais não se mostram como discursos neutros, estando, na verdade, ligadas à produção de estratégias e práticas que tendem a impor certa autoridade, ou seja, a legitimar ou justificar projetos, escolhas e condutas.

Assim, visões, noções, práticas e intervenções, que marcariam o Brasil e o colocariam em seu devido lugar, se formulavam e se reformulavam mediante palavras vindas do outro lado do Atlântico, as quais se colocariam como substrato das representações que os outros

³⁸ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

tinham dessas terras, mas também das representações que os próprios brasileiros teriam de si, em sistemas profundos e duradouros.

Mais uma vez, remetendo a Chartier, adentramos uma história na qual “as estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas – políticas, sociais, discursivas – que constroem figuras”³⁹. É onde os franceses desempenharam papel de destaque na elaboração dessas figuras sobre o enorme, belo, rico e longínquo país que encontraram, jovem e carente de instrução, com um pé no progresso e outro na barbárie, necessitado de toda ajuda que somente eles e seus irmãos da Europa poderiam oferecer.

Se Lacordaires, Reclus, Chavagnes, entre tantos outros franceses que aqui aportaram no século XIX, deixaram relatos de profunda gratidão ao lugar que encontraram, graças às experiências sensoriais provocadas pela natureza tropical que nunca haviam conhecido na Europa, também deixaram relatos – alguns diretos, alguns apenas como nuances sugestivas – que marcavam a Europa falando do Brasil, que se podem traduzir como a civilização falando do bárbaro, o forte falando do fraco, o arquétipo falando do reflexo.

Esses relatos, que seriam lidos e relidos por outros em tempos vindouros ou contemporâneos, reproduziam as mesmas representações de força que sempre ocorreram, reiterando as visões e intervenções que colocariam o Brasil em seu lugar marginal em um mundo julgado sempre pelos europeus e seus padrões, no qual a Europa era o modelo.

³⁹ Ibidem, p. 27

Sempre, pelo menos até os princípios do século XX, era a Europa⁴⁰ falando do outro; e ser Europa, durante todo esse período compreendido em séculos, significava bem mais que ser apenas um continente, significava o poder, o modelo, a civilização. E é isso o que encontraremos aqui.

No decorrer do trabalho, veremos que os franceses que falavam do Brasil sabiam de sua pretensa e aclamada superioridade cultural, o que não deixaram de transparecer, mesmo quando pareciam extasiados por algo que somente os trópicos poderiam lhes proporcionar. Como dissemos, eles, falando do Brasil, há séculos eram Europa, o que já lhes garantia a posição de falar de cima para baixo. E no século XIX, além de serem Europa, eram a França, o que embasava ainda mais essa pretensa superioridade, como veremos.

Esses homens do Velho Continente eram vistos – e não podemos negar que eles mesmos acreditavam nisso, já que toda uma ciência, literatura, filosofia estavam lá para confirmar essa questão – como superiores, como essenciais, o que ficará evidente mais à frente, quando analisarmos não só as imagens por eles propagadas no século XIX sobre o Brasil, presentes na *Revue des Deux Mondes*, mas também, e principalmente, o quanto elas ficaram marcadas na própria identidade nacional brasileira.

Mas, voltando ao decreto de 1794, vale dizer que ele não foi respeitado, pelo menos como deveria ser, visto que, os franceses, nesse final dos setecentos, já despontavam como grandes difusores da cultura no mundo. Estar longe desses escritos era estar longe de um mundo novo e moderno que se abria, em prol de continuar com as raízes fincadas

⁴⁰ Vale esclarecer que, quando utilizamos esse recurso textual de colocar a Europa, a França ou mesmo o Brasil como sujeitos das ações, nos referimos àquilo que os escritores europeus e franceses, aqui ainda dispersos por um vasto lapso temporal, produziram sobre o Brasil em seus mais diversos recortes.

perigosamente em um passado que deveria ser superado. Mesmo em tempos de proibição, eram os franceses essenciais demais para serem jogados a escanteio por um decreto. As Luzes vinham com tudo; e partilhar desse mundo do futuro que se abria valia os riscos de cair nas mãos de algum censor.

A prova disso era que o Iluminismo francês, apesar de perigoso, se observado pelos olhos das monarquias, era relevante no cenário intelectual luso-brasileiro dessa virada do século XVIII para o século XIX. As reformas pombalinas, orquestradas pouco antes de tal decreto, mostram a força pelo menos da parte que interessava dessas ideias francesas. Prova disso é que, apesar do detrimento das vertentes mais políticas, o lado prático das ciências foi amplamente defendido no seio da Coroa Portuguesa⁴¹.

Isso serve para ressaltar que, por mais proibidos que os escritos franceses estivessem⁴², eles despertavam tamanho fascínio que valia o risco de ser pego com eles, como dissemos. Mesmo nessa época, inúmeros livros proibidos circulavam tanto no Brasil quanto em Portugal, sendo encontrados nas mãos, gavetas e prateleiras de membros do clero, da aristocracia, ou dos vários estudantes que passavam por Coimbra. Eles voltavam

⁴¹ KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. v. 11 (suplemento 1), 2004, p. 110.

⁴² Vale ressaltar que os franceses não eram os únicos que a monarquia lusitana percebia como perigosos para a manutenção de seu governo; os ingleses, apesar de velhos parceiros dos portugueses, também difundiam ideias que iam de encontro do ideal monárquico lusitano – vide o exemplo da abolição da escravidão e as ideias do liberalismo econômico e político. No entanto, os ingleses eram vistos como muito menos perigosos que os franceses, seja pela maior distância linguística, seja pela própria influência cultural francesa, mais forte que a inglesa. O trecho a seguir retrata essa questão: “Em 1819, o censor régio Mariano José afirmava que dificilmente poucos livros modernos escritos em francês poderiam resistir a uma rigorosa censura portuguesa, o mesmo ocorrendo com os ingleses, com uma única diferença: “a leitura dos primeiros é popular e vulgar, e a dos outros só privativa de poucas pessoas pela dificuldade da língua e gravidade das matérias”. Assim, os livros mais perigosos à moral e à ordem estabelecidas eram, naturalmente, os franceses” (NEVES; FERREIRA, 1989, p. 116).

carregados com as então temerárias ideias francesas⁴³, mostrando que, mesmo em meio a percalços, o mundo luso-brasileiro participava do circuito internacional de circulação de ideias e textos que ocorria no período⁴⁴ e que não estava fechado em uma estacionária cultura lusitana.

Assim, o que buscamos aqui é mostrar como essas extensas relações entre Brasil e França desaguarão no século XIX, tendo como base principal a ótica francesa publicada na *Revue des Deux Mondes*, importante periódico do período, a ponte entre o mundo de cá, carente de civilização, e o mundo de lá, disposto a levar o que de melhor havia produzido em sua extensa trajetória histórica e, se possível, absorver também algo de bom que somente os inocentes primitivos guardavam.

Não havia lei que barrasse os franceses. Proibidos ou permitidos, a verdade é que eles, talvez com exceção dos portugueses, embora inegáveis rivais e modelos também destes, foram aqueles que mais contribuíram para a formação do pensamento social brasileiro no século XIX e início do século seguinte, ajudando a construir a nossa própria imagem de Brasil, como veremos.

Nesse sentido, o ano de 1808 é considerado um marco para as relações internacionais do Brasil, lugar que até então, colônia preciosa, guardada a sete chaves por Portugal, pela primeira vez se viu livre para receber aqueles interessados nesse mundo todo novo que se abria. E eles eram muitos.

⁴³ RAMOS, Luis Antonio de Oliveira. Da aquisição de livros proibidos nos fins do século XVIII. *Revista da Faculdade de Letras*, Série História, v. 4, 1973-1974, pp. 1-14.

⁴⁴ KURY, op. cit., p. 112.

Isso ocorreu porque, até a chegada da Família Real Portuguesa, no Rio de Janeiro, a entrada de visitantes estrangeiros estava praticamente impedida ou limitada. Esse fato, no entanto, não significara o total isolamento da colônia portuguesa americana em relação aos estrangeiros, já que muitos deles aqui penetraram, andaram, observaram, escreveram e legaram seus registros⁴⁵. Mas, se houve vários que conseguiram entrar no Brasil, também houve vários que não conseguiram⁴⁶, o que dava ao país um *status* todo especial no mundo letrado da época.

Enquanto a América espanhola fora descrita fartamente por Humboldt, o Brasil ganhava ares de um ilustre desconhecido, o que tornava o nosso país o mais “exótico” do continente, o que, por sua vez, fazia proliferar relatos fabulosos, que descreviam estas terras não só como regiões maravilhosas, detentoras de uma eterna primavera, mas também, e ao mesmo tempo, como um lugar inóspito, habitado por monstros disformes⁴⁷.

Ou seja, havia uma intensa troca de imagens e representações entre brasileiros e franceses. Escritos franceses proibidos eram lidos, sonhados e fantasiados no Brasil, pois eram peças fundamentais de um mundo novo que se abria. E, do lado de lá, um Brasil também proibido também era sonhado e fantasiado por aqueles dispostos a desvendar o mundo.

⁴⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008, p. 23.

⁴⁶ A maior prova disso foi a proibição da entrada de Alexander von Humboldt no Brasil, em finais do século XVIII, na fronteira norte do Brasil, acusado pela Coroa Portuguesa de ser um espião em busca das riquezas brasileiras. (SPRINGER, Kalina. Considerações a respeito da geografia de Alexander von Humboldt: teoria, filosofia e concepções de natureza. *Revista Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise*, n. 18, 2009, p. 21; BARBATO, Luis Fernando Tosta. Natureza, ciência e progresso: A natureza brasileira no debate letrado do IHGB (1839-1845). *Aedos*, Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, v. 2, n. 3, 2009a, p. 102).

⁴⁷ SCHWARCZ, op. cit, pp. 13-23.

Essas proibições gestaram imagens e estereótipos que mexiam com os pensamentos dos franceses, pois o Brasil, mesmo interditado, era ambigualmente um velho conhecido e um grande desconhecido. Isso porque as imagens há séculos perpetradas pelos viajantes que aqui estiveram não deixaram de alimentar as curiosidades dos franceses. As descrições de exuberância da natureza, mescladas aos mistérios dos nativos e seus hábitos, extravagâncias e feitiçarias, além de uma mestiçagem difícil de se ver em outros lugares do mundo, davam ao Brasil um honrado posto de lugar mais exótico do continente⁴⁸, que estava, infelizmente, fechado à visitação.

Mas, como dissemos, esse pecado cometido contra homens de ciência ávidos por novidades e conhecimento teve fim em 1808, com a transferência da Família Real para o Brasil e a abertura dos seus portos às nações amigas, que oficializava a entrada de estrangeiros no Brasil. No entanto, os franceses não formavam uma nação amiga e tiveram que esperar. Sua curiosidade seria testada.

Todavia, em 1815, quando Napoleão perde a guerra, os Bourbon retornam ao poder, e a França finalmente entra para o rol das nações amigas. Com a paz assinada com os franceses, estes puderam finalmente entrar legalmente no Brasil. Eles eram bem-quistos e desejados, tanto que muitos foram recebidos com aplausos assim que os primeiros deles desembarcaram no Rio de Janeiro, ainda em 1815⁴⁹.

⁴⁸ Como nos disse Lilia Schwarcz, o Brasil “era ainda, e paradoxalmente, o mais ‘civilizado’: uma monarquia Bourbon e Bragança cercada de repúblicas por todos os lados. O Brasil era um território virgem que resumia e reunia riquezas dispersas por toda a América” (ibidem, p. 13).

⁴⁹ CARELLI, 1989, p. 57.

E, mais que desejados, eles pareciam ser necessários. Em um momento em que sua imagem de potência cultural do mundo era crescente, unida às críticas de uma Corte europeia enterrada nos rincões da América, D. João VI abre espaço para a chegada, depois de anos a fio, dos primeiros franceses que voltariam a deixar sua marca na história do Brasil. Em 1816, desembarcava no Rio de Janeiro a chamada Missão Artística Francesa.

Nesse sentido, a missão francesa de 1816 pode ser entendida como uma convergência de dois fatores: o primeiro deles é a vasta gama de artistas formados pela renomada Academia de Artes Francesa, no mais estrito estilo neoclássico, vinculada ao Estado napoleônico, que se viu inesperada e desesperadamente desempregada, e o segundo é a carência de uma representação oficial acerca do Brasil no mundo exterior.

Naquele momento, em que aqui era a casa do rei e a sede do Reino, em meio às críticas do seu isolamento, bem como às pressões, tanto lusitanas como de outros países europeus, que exigiam o retorno da Corte à Europa, era preferível mostrar ao mundo⁵⁰ imagens de uma civilização que florescia vigorosamente nos trópicos a imagens de uma Corte fugitiva, isolada e envergonhadamente prostrada nas margens da civilização.

Assim, através dos pincéis franceses, surgiram as representações inaugurais desse Império tropical, agraciado com alegorias clássicas, que ajudavam a legitimar a permanência dessa Corte trasladada. Os pincéis franceses mostravam uma realeza tão

⁵⁰ E não só ao mundo mas também aos habitantes do Brasil, carentes de representações. Como disse Schwarcz: “longe da metrópole, a corte criaria novos imaginários, uma nova história, outra memória, e, nessa sociedade majoritariamente iletrada, nada melhor do que ter a disposição uma boa iconografia para produzir uma representação oficial” (SCHWARCZ, 2008, p. 14).

tradicional quanto as outras que ainda estavam no Velho Mundo, vivendo em um mundo exótico mas totalmente passível de civilização, como provavam os retratos⁵¹.

E esse contato inicial dos franceses com o Brasil, reiterou a posição de estranheza entre o Brasil e sua natureza tropical, e a França e sua civilização europeia. Isso se dá de maneira sutil – como quase sempre o é – no momento em que os artistas tinham de reelaborar o próprio neoclassicismo francês. Os auxiliares eram substituídos por escravos pouco acostumados à arte; na falta dos mármore e granitos, estes tinham que ser substituídos por materiais locais menos nobres; as tintas tão necessárias tinham que ser reinventadas à custa de novos materiais. E assim, aos olhos daqueles que vinham do considerado civilizado Velho Continente, as carências da barbárie americana aos poucos iam se mostrando.

Mas faltava ainda mais: como pintar a civilização num país carente de história, carente de monumentos, carente de castelos, carente de palácios? Na falta deles, a própria natureza tropical assumia seu posto, no momento em que um riacho assumia bem o antigo posto antes ocupado por um monumento na França, ou uma mata que bem valia uma catedral⁵². Assim, vai se desenhando um Brasil aberto a ser descrito e reescrito por esses viajantes franceses do século XIX, tônica que marcaria também os escritos sobre o país presentes na *Revue*.

O problema é que essas trocas, de civilização por natureza, comuns no Brasil, e nesses momentos iniciais vistos como algo marcante para a própria formação da identidade

⁵¹ Ibidem, p. 14.

⁵² Ibidem, p. 19.

nacional brasileira, com o tempo foram cansando os olhos desses visitantes vindos da França e da Europa como um todo. Como veremos, os franceses pareciam dispostos a condenar essa falta de Europa – que se confundia com cultura – e excesso de Brasil – que se confundia com natureza –, mostrando que os caminhos poderiam ser muito difíceis se providências não fossem tomadas.

Mas a chegada desses franceses no Brasil, ainda preso a Portugal, significou apenas o (re)início dessa relação com a França, que se (re)inaugurava com força no século XIX. Logo viria a Independência, e os laços com a França se tornariam ainda mais e mais fortes.

Em 1822, o Brasil finalmente se desgarrou de Portugal, e a circulação de mediadores – os *passeurs*⁵³ em francês – entre a França e o Brasil veio a se intensificar cada vez mais. Isso ocorreu porque, na busca por cortar o cordão umbilical que unia o Brasil a Portugal, marcar as diferenças com a metrópole com a qual antes se confundia, e naquele momento da qual se desgarrara, era fundamental. Novos ares e padrões deveriam ser buscados, e eles foram encontrados principalmente às margens do Rio Sena.

⁵³ João Rodolfo Munhoz Ohara nos traz uma definição do *passeur* na língua francesa: “No idioma francês, o *passeur* é uma espécie de contrabandista: desconsidera e desafia as fronteiras e limites estabelecidos, passando pessoas e mercadorias sub-repticiamente e subvertendo as *possibilidades de estar*. Na contramão da ordem, o *passeur* se mostra como um extremo das *artes de fazer*: frente às imposições objetivas colocadas em seu caminho, ele cria atalhos, desloca certezas e subverte o *status quo*” (OHARA, João Rodolfo Munhoz. O historiador como *passeur*: considerações sobre Michel de Certeau e o ofício do Historiador. *Cadernos de Pesquisa CDHIS*, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012, p. 454). Serge Gruzinski, por sua vez, define o *passeur culturel* como um mediador cultural, um sujeito entre dois mundos, que atua na produção de leituras, interpretações e sínteses no movimento de mão dupla ao qual está inserido, e onde circulam elementos e fragmentos das culturas em contato. Além de estabelecer a comunicação entre dois mundos, levando “ideias, projetos de um mundo ao outro”, ele também promove novas configurações culturais, e cria ferramentas que promovem esse contato (GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia das Letras, 2001).

Isso significa que cada vez mais diminuía os mediadores culturais, ou seja, aqueles que iam para Lisboa ou Coimbra e voltavam carregados de civilização portuguesa⁵⁴, e cresciam os *passeurs culturels*, que eram aqueles que preferiam fazer seus desembarques na civilização através de Paris e voltar com uma civilização ainda mais aprimorada e pujante que a lusitana.

Trata-se de um processo interessante, que acabou por fomentar ainda mais as relações Brasil-França no século XIX. Segundo Decca⁵⁵, nesse afã por ter uma identidade própria e se firmar como nação independente no pós-1822, o Brasil não buscava apenas distinguir-se de sua referência paterna por questões identitárias, apesar de isso também ter sido fator importante, segundo o autor. Mais que isso, o Brasil queria galgar outros horizontes, deixando para trás seu passado colonial português, para mirar em uma outra Europa, marcada pelo signo da modernidade representada por Paris.

⁵⁴ Não que Portugal também não guardasse a cultura francesa, visto que a França também exercia forte influência cultural em toda a Península Ibérica, mas o que queremos dizer aqui é que Portugal continuava representando um passado que deveria ser superado, enquanto a França representava um presente que deveria ser recebido.

⁵⁵ DECCA, Edgar Salvadori de. Tal pai, qual filho? Narrativas histórico-literárias da identidade nacional. *Projeto História*: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 24, 2002b, p. 92. O próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, seguiu os passos de ruptura citados por Decca. Apesar de darem prosseguimento à civilização europeia implantada no Brasil pelos portugueses, os membros do IHGB buscavam um outro futuro para a nação brasileira, transformando o Brasil em uma frente avançada da civilização francesa nos trópicos, já que enxergavam na França um modelo de vida social, trabalho intelectual e também de civilização a ser seguido (GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos históricos*, n. 1, 1988, pp. 6-8). Nesse sentido, a França também traz essa continuidade entre o passado português e o presente francês que se abria nesses meados do século XIX, reiterando essa continuidade entre lusitanos e franceses na formação da civilização que o Brasil buscava nesses idos dos oitocentos: “(...) à nossa formação mental e institucional, duas são as histórias que mais particularmente interessam: a portuguesa e a francesa. De Portugal, tivemos o ser. (...) Depois, quando nos libertamos do colonialismo, veio a cultura francesa polir, para acabamento melhor, as arestas de construção nova onde já se entremostravam pelas marcas de origem leves tintas de procedência gaulesa” (FRANÇA, Eduardo d’Oliveira. O Poder Real em Portugal e as origens do absolutismo. *História da Civilização Antiga e Medieval* 6, boletim LXVIII. São Paulo: FFCLCH-USP, 1946, p. 9).

Nesse sentido, as palavras de Marie-Jo Ferreira nos ajudam a ressaltar essa ruptura com Portugal e essa necessidade de França que se debruçava sobre o Brasil no período:

A partir do final do século XVIII, alguns brasileiros em ruptura com a tradição portuguesa preferem ir estudar em Paris a estudar em Coimbra. Paris é, então, um mito para os poetas, escritores e pintores do mundo inteiro. Esse fenômeno vai se acentuar cada vez mais durante o século XIX, e ir para Paris torna-se uma necessidade para todo intelectual brasileiro.⁵⁶

Se as relações com entre intelectuais brasileiros e franceses sempre foram profícuas, mesmo nos tempos de colônia e nos tempos proibidos, e se a admiração das elites brasileiras pela cultura francesa constituía traço marcante e crescente desde a 1822⁵⁷, o Brasil, agora independente e aberto aos franceses e à sua cultura, foi inundado pelos escritos e pelas ideias desse tão caro país, ponto de referência.

Com a chegada de D. Pedro II ao trono, em 1840, essas relações que já vinham em crescimento exponencial, ganharam ainda mais vida e importância. Nesse sentido, podemos ver como exemplo dessa “invasão francesa” no Brasil de meados do século XIX o Rio de Janeiro da década de 1850, no qual os franceses já tinham erigido uma comunidade importante, impetrando suas marcas em pontos importantes da cidade, como no Cais e na Rua do Ouvidor⁵⁸. Apesar de não fazerem número frente aos alemães e italianos, que

⁵⁶ FERREIRA, Marie-Jo. Testemunho da presença intelectual brasileira na França: a *Revue du Monde Latin* e o Brasil (1883-1893). In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Élide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 50-51. Vale aqui ainda ressaltar o trabalho de Ana Paula Cavalcanti Simioni, que mostra a importância da viagem à Paris para a formação dos pintores brasileiros (SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 1, 2005, pp. 343-366).

⁵⁷ VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de. Introdução. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 9.

⁵⁸ CANELAS, Letícia Gregório. *Franceses ‘Quarant-Huitards’ no Império dos Trópicos (1848-1862)*. Campinas, [s.n.], 2007, p. 116.

vinham em uma quantidade absolutamente maior⁵⁹, esses europeus encontraram no Brasil um espaço privilegiado para seus negócios, a fim de assim, fugirem das crises que assolavam a Europa nos meados do século XIX.

Mesmo com esses exemplos da presença física francesa no Brasil, tal grupo ainda é visto pela historiografia sob um prisma de invisibilidade em se tratando de imigrantes, apesar de ser ponto recorrente na historiografia quando se discorre sobre as contribuições culturais por ele incutidas no Brasil do século XIX, como nos trazem Luca e Vidal. Há fatores que ajudam a explicar isso⁶⁰.

O primeiro deles é que, mesmo nos momentos de crises políticas que levaram a ondas de imigração francesa pelo mundo, o Brasil não era o destino favorito dos franceses, que preferiam as possessões do próprio país na época, como a Argélia, que, por exemplo, em apenas 15 anos de domínio francês recebeu 225 mil imigrantes oriundos da França⁶¹. Assim, os franceses não viam no Brasil um *locus* privilegiado para empreenderem suas migrações, dando preferência às colônias francesas espalhadas por um mundo colonial que crescia no século XIX.

⁵⁹ Ainda segundo Canelas, pelo censo de 1872, o Brasil era habitado por 6.108 franceses, dos quais 2.884 habitavam o Rio de Janeiro. Apesar de figurarem em menor número que os portugueses (121.246) e os alemães (45.829), pelo menos na capital do Império os franceses correspondiam à terceira maior comunidade de emigrados de origem europeia na cidade (ibidem, p. 126). Tania Regina de Luca e Lauren Vidal também trabalham com o número de franceses que imigraram para o Brasil no século XIX e ressaltam a sua importância dentre os grupos de imigrantes. Apesar de em números absolutos eles não partilharem da mesma importância que outros grupos, tal como nos trouxe Canelas, Luca e Vidal mostram que, dentro da América Latina, o Brasil representou o segundo país que mais recebeu franceses, perdendo apenas para a Argentina, e o quarto de toda a América, agora também atrás dos EUA e do Canadá, este o que mais recebeu imigrantes franceses (VIDAL; LUCA, 2009, pp. 14-15).

⁶⁰ Ibidem, pp. 13-16.

⁶¹ Ibidem, p. 16.

Some-se a isso, entre aqueles que imigraram, o seu número reduzido em relação a outros colonos europeus e asiáticos, como já citamos. Vidal e Luca chega a dizer que a existência maciça de outras etnias⁶², com destaque para os italianos, tornou os franceses, em sua presença física, praticamente invisíveis na historiografia⁶³. Há ainda que se ressaltar que, diante dessas outras etnias, a despeito de sua relativa expressão em certos momentos, os franceses não constituíram movimentos migratórios sistematizados e/ou subsidiados, os quais, pelo contrário, eram marcados por entradas alternadas e espontâneas, em circunstâncias particulares, e em círculos geográficos específicos, o que ajuda a colocá-los em uma posição menos evidente quando comparados a outros grupos de imigrantes⁶⁴.

Tal marca dos franceses deu-lhes características particulares. Não correspondiam a um grupo direcionado ao trabalho no campo⁶⁵, sendo, na verdade, basicamente urbano, visto que estavam nas cidades os principais atrativos para aquela moda francesa que se desenhava com o consumo da cultura que produziam, traduzida nos vinhos, nas joias, nas roupas e em tudo mais que eles traziam em seu bojo e que representavam a mais alta *finesse* de seus tempos.

⁶² A saber: os italianos, os portugueses, os espanhóis, os alemães, os sírios, os libaneses, os japoneses, os chineses, e outros tantos oriundos do Leste Europeu (MARTINS, Ana Luiza. Presença imigrante francesa no Brasil: entre visões do paraíso e mercados de trabalho. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 27).

⁶³ VIDAL; LUCA, 2009, p. 17.

⁶⁴ Ibidem, p. 27.

⁶⁵ Apesar disso, houve grupos rurais pontuais e reduzidos. Pode-se citar, por exemplo a colônia de Benevides, no Pará, as colônias de Teresina e de Superaguy, no Paraná, a colônia do Mucuri, em Minas Gerais, e a colônia de Santo Antônio, no Rio Grande do Sul, para não falar do falanstério do Saí, experiência fourierista em Santa Catarina (MARTINS, 2009, pp. 32-36; GALLO, Ivone Cecília D'Avila. *A aurora do socialismo: fourierismo e o falanstério do Saí (1839-1850)*. Campinas, [s.n.], 2002).

Nesse sentido, os comerciantes franceses ganhavam espaço no grande meandro de apreço que a própria cultura francesa havia legado ao Brasil. Graças a seus produtos tão desejados, eles cada vez mais ganhavam terreno em um lugar de gente sedenta por uma suposta alta cultura vinda da França; em um jogo dicotômico, eles insuflavam mais esse sentimento de apego por tudo o que era francês, que crescia e alimentava suas vendas, que alimentava novamente esse apreço pela cultura francesa. As palavras seguintes de Adolphe d'Assier nos mostram bem esse jogo de propaganda, negócios e sentimentos que os comerciantes franceses promoviam no Brasil:

(...) cette population d'origine si incertaine a fait, au point de vue du progrès de l'influence française, plus que les frottes de la vieille monarchie, plus que tous les artistes et les savants venus a grand frais. Ce "mascate" (colporteurs) frippon, qui court les "fazendas" (plantations), avec ses caisses de faux bijoux, cette marchande de modes sur laquelle les voisins chochottent, sont des forces de propagande d'une puissance inimaginable (...) Le français va au devant des brésiliens, les attire par sa verve gauloise et son interissable gaité, aborde tous les questions, toutes les enterprises, n'est jamais a court pour trouver une solution aux affaires les plus impossibles, répond en un mot à toute force d'audace et d'entrain. Cette activité, cette bonne humeur, ces merveilles de l'industrie parisienne, agissent comme autant de courantes magnetiques sur l'esprit des habitants et leur donnent à leur insu le desir de connaitre plus à fonde une civilization qui sait produire tant de choses, et un peuple de si attrayantes manières.⁶⁶

No mais, esse mercado que se abria diante dos comerciantes, alfaiates, ourives e professores, somado à falta de cidadãos dispostos a mudar para essas paragens, levou a imigração francesa no Brasil a ser constituída por pessoas das classes econômicas mais elevadas se comparadas aos outros grupos de imigrantes que aqui aportaram. Toda essa questão pode ser observada a seguir, no trecho de Frédéric Mauro:

⁶⁶ D'ASSIER, Adolphe. *Le Brésil Contemporain*. Paris: Durand et Lauriel, 1867, pp. 261-262.

Não houve expansão demográfica na França no século XIX (...). Observam-se poucos imigrantes franceses nas camadas inferiores da sociedade. Certamente, isso pode ser explicado de diferentes maneiras, mas uma das razões parece ser o prestígio de que gozavam os franceses nos países latinos, e o prestígio da cultura francesa era tal que criava um *a priori* favorável para qualquer um vindo da França, e os imigrantes se beneficiavam dessa situação para, rapidamente, se fazer um lugar ao sol (...). A França se faz presente por uma certa qualidade, sua importância não é quantitativa, mas qualitativa.⁶⁷

Se o Rio de Janeiro era palco dessa invasão de franceses e da cultura francesa, em São Paulo não era diferente. Desde 1830, com os bafejos do avanço cafeeiro, e a despeito do núcleo acanhado que era nesse momento, São Paulo já despontava como uma potência econômica e demandava mudanças voltadas à nova feição que ganhava.

Se a princípio os franceses preferiam o Rio de Janeiro ou o Recife⁶⁸, com o advento da economia cafeeira eles viram um grande filão para a riqueza abrindo-se à sua frente. Aproveitando-se desse momento econômico propício e do apreço que por eles era nutrido, passaram a se deslocar para a cidade, incutindo novos hábitos e imprimindo suas marcas de civilidade à cidade que se aparelhava para ser a capital do café.

⁶⁷ MAURO, Frédéric apud VIDAL; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 69.

⁶⁸ Nesse sentido, o trecho seguinte de Emília Nogueira nos mostra as razões dessas preferências, que depois foram se alterando: “Várias foram as condições que contribuíram para que a influência francesa penetrasse antes no Rio de Janeiro e em Pernambuco e só posteriormente em São Paulo. Recife e Rio de Janeiro contavam com a vantagem de serem portos de mar de grande movimento, e sempre em contato com vapores vindos da Europa. Possuíam uma população muito maior, cujo poder aquisitivo era nitidamente superior ao do paulista, e que se habituara a um nível de vida mais elevado. Recife vivia ainda na tradição da riqueza do açúcar e o Rio possuía o exemplo da vida de luxo da Corte. Para esses pontos afluíram artistas, engenheiros, comerciantes, artesões – franceses atraídos pelas grandes possibilidades que a vida nesses lugares se lhes oferecia. Nessa época ninguém se lembraria de vir para São Paulo onde a população era pequena, de hábitos modestos e isolada pela deficiência dos meios de transportes que dificultava qualquer tipo de comércio! Era no Vale do Paraíba, nos solares das fazendas de café que pontilhavam essa via natural onde se respirava um pouco da atmosfera francesa” (NOGUEIRA, Emília. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*. São Paulo: FFLCH-USP, v. 7, n. 16, 1953, p. 233).

Eram pessoas que, assim como ocorreu no Rio de Janeiro e em outras grandes cidades como Recife e Salvador, acabaram desempenhado papéis ainda pouco presentes na crescente capital paulista, como modistas, ourives e padeiros, o que ajudou a intensificar as relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e a França nesses meados do século XIX⁶⁹.

Eles podiam ser poucos se comparados a grupos imigrantes de outros países, mas afetavam profundamente os modos de vida em São Paulo. Como dissemos anteriormente, não foi nos genes que os franceses deixaram suas marcas, mas sim no espírito. Nesse sentido, o trecho a seguir nos ajuda a compreender melhor a importância desses imigrantes franceses para os modos de vida que iam se desenhando e eram almejados naquela São Paulo oitocentista:

Esses numerosos franceses, na sua maior parte simples comerciantes, modestos artesões, contribuíram poderosamente para a evolução do pensamento e dos modos de vida em São Paulo. (...) Da sua atividade ficaram mais que traços materiais: alguma coisa do espírito e da cultura de cada um. Foram eles fontes de novos modos de vida para toda uma sociedade. Agiram como centro de propagação da cultura francesa com a irradiação comercial de produtos, intelectual de ideias e principalmente social de costumes, usos e estilos de vida.⁷⁰

Como nos trouxe Lená Menezes, “vestir-se na última moda de Londres ou Paris tornara-se um imperativo dos novos tempos, e aquele(a)s que produziam moda, ícones de uma nova era, de sofisticação e de luxo”⁷¹. Portanto, o Brasil não só era palco para a difusão da cultura francesa mas também *locus* de interesse econômico; e mesmo que a

⁶⁹ MARTINS, 2009, pp. 29-30.

⁷⁰ NOGUEIRA, 1953, p. 329.

⁷¹ MENEZES, Lená Medeiro. Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanack Laemmert (1844-1861). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 423, 2004, p. 1.

França contribuisse pouco em números absolutos na população brasileira, suas jóias, seus vinhos e suas roupas, tão desejados, lhe garantiam um pé nesse mundo que se abria para ser explorado⁷².

E é aqui que a *Revue* começa a mostrar seu projeto, já que, para que essa exploração ocorresse de maneira a atender aos objetivos imperialistas, carregados de vantagens econômicas, que eram os da França no século XIX, havia a necessidade de se marcar hierarquias, de se mostrar e provar que aquilo tudo de fato era essencial, e que essa alta cultura que eles traziam guardava as chaves para os sucessos desse Brasil ainda às margens da civilização. Dessa maneira, marcar a diferença e ressaltar as inferioridades em uma análise comparativa do que viam com aquilo de onde vinham era muito interessante não só para os leitores da *Revue* interessados em cenas exóticas mas para todo um projeto francês em curso nesse século XIX de imperialismo, como veremos.

Vale aqui ressaltar que quando falamos de Brasil, no século XIX, falamos de um território de proporções continentais, carente de vias de comunicação e também de laços de

⁷² A ver pelos dados levantados por Denise Monteiro Takeya, esse avanço francês com interesses comerciais deu resultados, pois, segundo a autora, o volume comercial entre o Brasil e a França viu grande crescimento na segunda metade do século XIX, sendo a França o segundo parceiro comercial mais importante do Brasil, ficando atrás somente da Inglaterra e colocando o Brasil entre os 15 maiores parceiros comerciais da França no período (TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará: origens do capitalismo estrangeiro no Brasil*. São Paulo: HUCITEC; Natal: UFRN, 1995, p. 31). Nesse sentido, Denise Mattos Monteiro ressalta a importância do comércio francês com o Brasil no século XIX, quebrando a ideia de primazia absoluta dos ingleses na economia brasileira do período, mostrando que os franceses não estavam focados apenas no pequeno comércio varejista de miudezas, como as impressões levam a acreditar, e revelando que a França também estava envolvida com o grande comércio atacadista no Brasil. (MONTEIRO, Denise Mattos. *Casas comerciais francesas no Brasil e na América Latina do século XIX: fontes para a pesquisa histórica. América Latina en la Historia económica*, México, v. 9, pp. 55-63, 1998, p. 56).

união⁷³. Portanto, essa presença marcante da cultura francesa no Brasil se dava principalmente⁷⁴ nos grandes centros urbanos, com destaque para o Rio de Janeiro, a capital do Império, e para São Paulo, Recife, além de outras grandes cidades e lugares onde o letramento alcançava índices mais elevados que em outras partes no país⁷⁵.

No entanto, falar da importância da cultura francesa no Brasil como um todo não é uma levandade, pois, mais uma vez marcado por uma tradição francesa, como nos ressalta Manoel Luiz Salgado Guimarães, caberia ao Rio de Janeiro o papel de irradiador da cultura pelo Brasil, fazendo as vezes de Paris, criando uma rede na qual o saber transcorreria da capital para as províncias, integrando-as assim ao projeto de centralização do Estado e criando os suportes necessários para a construção da Nação brasileira, essa sim marcadamente inspirada nos ideais franceses. Pelo menos de acordo com o projeto Imperial, a França era modelo para todo o país, e o Estado Brasileiro haveria de dar meios para que essa cultura avançasse pelos rincões do Brasil⁷⁶.

⁷³ BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011, pp. 5-20.

⁷⁴ Não que experiências no interior do país, na zona rural ou em cidades menores não tenham sido significativas, como vimos. No mais, diversos viajantes do século XIX relataram experiências de encontrar, mesmos nos mais distantes rincões do interior do Brasil, pessoas capazes de conversar com eles em francês e de lhes mostrar bibliotecas com livros dos mais renomados escritores franceses, o que atesta o peso da penetração da cultura francesa no interior do país, como nos mostrou Emilia Viotti da Costa (COSTA, Emilia Viotti da. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, pp. 142-143, 2000, p. 296).

⁷⁵ GUIMARÃES, Valéria. Os *fait divers* na imprensa do Brasil e da França. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Edusp, 2012, p. 138.

⁷⁶ Manoel Luiz Salgado Guimarães nos traz como exemplo dessa irradiação cultural, inspirada no modelo iluminista francês, a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 1838, ao qual caberia o papel de centro formador de uma identidade nacional brasileira e que fora criado para servir de exemplo para instituições congêneres nas diversas províncias do país, com forte referência cultural francesa

Percebemos, então, que, a partir da chegada da Família Real Portuguesa no Rio de Janeiro, o Brasil conheceu a sua terceira “invasão” francesa, que, ao contrário das experiências coloniais no Rio de Janeiro e no Maranhão, contava não com soldados portando armas e buscando território, mas com cientistas, comerciantes, artistas, empresários e uma série de outros interessados no Brasil⁷⁷. Estes, em vez das armas, portavam sua cultura e suas ideias e vinham apenas selar a posse, pelo menos em seu círculo de influências da França, de um Brasil cada vez mais francês. O trecho a seguir, dos atentos viajantes Spix e Martius, de 1817, ressalta a força dessa invasão que estava em progresso: “A literatura francesa, que conquistou, neste país, as camadas mais elevadas e mais cultas, é a preferida. A propagação da língua e a chegada de grandes quantidades de livros ultrapassam tudo que se pode imaginar”⁷⁸.

Jean-Baptiste Debret, artista que aqui permaneceu entre os anos de 1816 e 1831, também notou a força com que a França e suas ideias penetravam no Brasil, que foi crescendo à medida que o tempo passou no século XIX. Segundo Laurent Vidal e Tania Regina de Luca, sua avaliação sobre essa questão, “mais do que uma opinião lisonjeira, sintetizava um ideal avidamente perseguido pela intelectualidade local”:

do século XVIII, no qual as academias científicas e literárias provinciais articulavam-se na teia mais ampla do processo de centralização conduzido pelo Estado, com sede em Paris (GUIMARÃES, 1988, p. 8).

⁷⁷ Como nos mostra o trecho a seguir de Mario Carelli, houve nesse período uma profusão de franceses no Brasil que aqui desembarcaram trazendo uma gama variada de ocupações, contribuindo inclusive para a evolução urbana do Rio de Janeiro do século XIX, confirmando a moda francesa que se operava: “Os anúncios de jornais mostram os múltiplos aspectos dessa moda francesa (costureiros, cocotas... considerável população francesa; os imigrantes eram cozinheiros, padeiros, confeitores, ourives, modistas, alfaiates, marceneiros, serralheiros e pintores, produtores de rapé e de licores, professores de música e de francês, que contribuíram substancialmente para a evolução urbana do Rio de Janeiro” (CARELLI, 1989, p. 64).

⁷⁸ Ibidem, p. 62.

A moda, essa mágica francesa, em boa hora fez sua irrupção no Brasil. O Império de D. Pedro tornou-se um de seus mais brilhantes domínios: ela reina ali como déspota, seus caprichos são leis: nas cidades, toaletes, refeições, dança, música, espetáculos, tudo é calculado a partir do exemplo de Paris, e nessa relação assim como em algumas outras, certos departamentos da França estão ainda bem atrás das províncias do Brasil (...). Esse é, em resumo, o povo que percorreu em três séculos todas as fases da civilização europeia e que, instruído por nossas lições, logo nos oferecerá rivais dignos de nós, como o americano do Norte oferece neste momento ele próprio.⁷⁹

Nesse sentido, não faltam exemplos de nomes que aqui aportaram nessa primeira metade dos oitocentos e que mostram a força da presença francesa no Brasil. A citar, apenas a título de pequena mostra, temos os artistas Nicolás-Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret; o editor Baptiste-Louis Garnier; Jean-Antoine Monlevade, considerado o fundador da siderurgia brasileira; Hercule Florence, desenhista e pioneiro da fotografia no Brasil; e Ferdinand Denis, considerado o iniciador dos estudos brasileiros e portugueses na França⁸⁰.

A cultura francesa contava com aliados de peso nessa sua empreitada no Brasil do XIX, além dos próprios intelectuais brasileiros, que viam na França um modelo a se inspirar, mesmo que as luzes ardentes dos trópicos fossem distintas daquelas europeias.

O próprio Imperador Dom Pedro II, nome máximo daquela monarquia tropical, era um francófilo, apaixonado pelas letras, artes e ciência, que acabou por desempenhar papel crucial nessas relações Brasil-França, na medida em que tentava atrair franceses para seu

⁷⁹ DEBRET apud VIDAL; LUCA, 2009, p. 10.

⁸⁰ CARELLI, op. cit., p. 64.

reino⁸¹, o que ressalta que as invasões francesas do século XIX tiveram êxito e acabaram por conquistar o Brasil, pelo menos quando se fala dos grandes figurões da intelectualidade do país ou dos políticos ligados à Corte no Rio de Janeiro.

Aqui vale um adendo: por mais que a presença e a força do ideário francês sejam inegáveis nesse Brasil do século XIX, não podemos olhar essa questão de maneira absoluta, já que também havia outras poderosas nações da época interessadas em todas as benesses que esse Brasil de dimensões continentais, e rico por natureza, poderia oferecer, as quais também enchiam os olhos daqueles brasileiros dispostos a encontrar o progresso e a civilização, a exemplo do próprio imperador Dom Pedro II.

Se a França marcou seu lugar como fonte inspiradora para esse Brasil ainda jovem nos rumos da civilização, a Inglaterra também o fez. Joaquim Nabuco, por exemplo, admirava o modo de vida inglês, marcado pelo “espírito de aperfeiçoamento e de progresso”⁸². A Inglaterra surgia para Nabuco como o lugar da ordem e da liberdade genuínas, fazendo um contraponto, inclusive, à França. O trecho a seguir mostra não só que nem todos no Brasil viam a França como modelo de civilização absoluta, mas também que outros modelos de civilização eram também desejados, as vezes às custas das críticas ao próprio modelo francês:

Paris é um teatro em que todos, de todas as profissões, de todas as idades, de todos os países, vivem representando para a multidão de curiosos que os cercam; Londres é um convento, em forma de clube, em que os que se

⁸¹ CARELLI, 1989, p. 76. SILVA, Ligia Osório. Propaganda e Realidade: A imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX. *Revista Theomai*, n. 3. Red Internacional de Estudios sobre Sociedad, Naturaleza y Desarrollo. Universidad Nacional de Quilmes, Argentina, 2001, p. 9.

⁸² NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 106.

encontram no silêncio da grande biblioteca ou das salas de jantar não dão fé uns dos outros, e cada um se sente indiferente a todos. Em Paris a vida é uma limitação; em Londres, uma expansão; em Paris um cativo, cativo da arte do espírito, da etiqueta, da sociedade, cativo agradável como seja, mas sempre um cativo, exigindo uma vigilância constante do ator sobre si mesmo diante do público que repara em tudo, que nota tudo; em Londres é a independência, a naturalidade, a despreocupação. *Ceci tuera cela.*⁸³

E não era só Joaquim Nabuco um daqueles que se deslumbravam por outras paragens europeias e mostravam que a via francesa não era a única nesse século XIX. André Rebouças, em suas viagens pela Europa em meados dos oitocentos, nos traz relatos entusiasmados sobre a Alemanha que encontrara em 1872 e 1873, marcada pela racionalidade econômica e pelos sinais de progresso tecnológico e industrial que faziam daquele país um contraponto a outros países europeus que visitou – entre os quais estava a França – e que foram retratados sob um viés de decepção, uma vez que encontrara um quadro de pobreza e desigualdade social que marcava uma Europa “misérrima” e envelhecida, digna de repúdio⁸⁴.

Novos estudos vêm para ajudar a matizar essa ideia de predomínio absoluto francês na cultura brasileira do século XIX. Exemplo disso podemos encontrar no trabalho de Denise Scandarolli, que mostra que a chegada do teatro francês no Brasil, mais do que levar

⁸³ Ibidem, p. 89.

⁸⁴ SANTOS, Fabio Murici dos. Um éden germânico: Europa e América nas viagens de Oliveira Lima. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 35, jan./jun. 2005, p. 29.

ao afrancesamento do teatro brasileiro, com sua supervalorização, reforçou a ideia de se criar um teatro propriamente nacional⁸⁵.

Nesse sentido, mesmo a ideia de que o Imperador Dom Pedro II era francófilo, tão propagada pela historiografia brasileira, pode ser pormenorizada, pois, assim como amava aquilo que a França tinha de melhor a oferecer, também se surpreendia e se interessava pelo que essas outras “grandes nações”, como os Estados Unidos⁸⁶, também tinham a oferecer. Dessa maneira, afirmar que o Imperador, e aqui podemos estender ao Brasil como um todo, era francófilo, apesar de passível de ser matizado, não é de todo errado, pois de fato a França exercia um fascínio cultural de peso nesse Brasil oitocentista. No entanto, devemos nos lembrar de que também havia outras vertentes e que outros países também estavam presentes como objetos de admiração intelectuais nesse período, não sendo o domínio da França, assim, absoluto.

No entanto, mesmo frente a essas mostras que evidenciam que a França não era senhora absoluta do Brasil, em sua cultura oitocentista, ainda é difícil combater a ideia de que ela não era a principal matriz cultural para o Brasil, nessa época. Por mais que a Inglaterra, os Estados Unidos, a Alemanha, entre outros, estivessem presentes e mexessem com os sonhos brasileiros, não podemos negar que a França era o principal modelo a ser seguido nos oitocentos, o que pode ser observado nas mais diversas nuances da vida brasileira no século XIX.

⁸⁵ SCANDAROLLI, Denise. *Cenas Esquecidas ou vaudeville, opéra-comique e a transformação do teatro no Rio de Janeiro dos anos de 1840*. Campinas, [s.n.], 2013.

⁸⁶ Vale aqui lembrar que Dom Pedro II visitou pessoalmente a Exposição Universal de Filadélfia, em 1876, disposto a encontrar meios de modernizar o Brasil, fato do qual resultou o contato do Imperador com o telefone de Graham Bell.

Como nos disse Ligia Osório Silva, “tudo que era francês era de bom gosto”⁸⁷. Nesse sentido, atrair esses tão aclamados portadores da cultura em um tempo em que se buscava fixar um Brasil único mas com os pés na Europa não poderia ser má ideia. Como disse Norbert Elias, com a queda do Antigo Regime, houve uma ampliação dos hábitos e refinamentos cortesãos até então restritos, o que levou os hábitos franceses a se difundirem e serem colocados como modelo de civilização⁸⁸; e atrair esses franceses era, de uma forma ou de outra, atrair todo o requinte do *Anciën Regime*, que ainda vivia na França e em seus franceses.

De qualquer forma, o Brasil se aproximava cada vez mais da França, e Wilma Peres Costa busca explicações para essa aproximação que teve seu início ainda nos tempos de colônia. Segundo a autora, a abertura de Dom João VI aos estudiosos estrangeiros tem sido analisada como parte do processo de abertura comercial da América portuguesa às nações amigas, que teve seu início em 1808. Apesar de ressaltar que tal associação é pertinente, Peres Costa salienta que, além da dimensão econômica da abertura, há de se considerar a dimensão geopolítica do evento, o que nos leva a perceber orientações operando em direções divergentes.

Juliette Dumont segue na mesma direção de Peres Costa, afirmando que, além da questão cultural, para o Império brasileiro, envolvido em meio às rivalidades entre França e Inglaterra, os súditos franceses surgiam como bons trunfos frente à Inglaterra que, desde 1810, vinha fazendo as vezes da metrópole para o Brasil. Mais numerosos que os ingleses,

⁸⁷ SILVA, 2001, p. 10.

⁸⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 64.

além de promover seus produtos, eles ajudavam a atizar o rancor brasileiro para com a Inglaterra⁸⁹.

Aqui poderíamos ainda incluir a herança portuguesa, que colocava a Inglaterra como responsável pela humilhação que passara Portugal nos séculos anteriores em virtude, principalmente, de suas imposições econômicas, que suscitaram uma série de manifestações anglofóbicas em Portugal que perduraram mesmo após a chegada da Família Real no Brasil e que deixaram marcas no Brasil independente⁹⁰.

Tais rivalidades e o apreço do governo à recepção francesa – percebida já em momentos logo subsequentes à Independência, que envolvia tanto as questões de civilização quanto as comerciais e políticas –, podem ser conferidos no trecho a seguir, de um documento de 1823 redigido por autor desconhecido, que serve ainda para ressaltar o envolvimento do Brasil nessas disputas entre potências europeias, que já davam suas caras e que iriam crescer no decorrer do século XIX e início do século XX:

[...] De todos os estrangeiros presentes, são os franceses que são considerados com mais boa vontade: seus usos, suas maneiras, suas modas, os objetos de luxo e muitas outras coisas convêm perfeitamente aos brasileiros; é inútil recordar aqui a bondade do acolhimento que os príncipes da casa de Bragança sempre ofereceram aos franceses, mas podemos dizer que a Revolução Brasileira só fez aumentar essas disposições favoráveis, e que o príncipe regente, bem como seus ministros, deixaram isso claro recentemente. (...). Uma parte dos franceses que vão ao Brasil funda lá estabelecimentos agrícolas, alguns para

⁸⁹ DUMONT, Juliette. Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses do Brasil no início do século XIX. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 109.

⁹⁰ Sobre as manifestações de anglofobia em Portugal, cf. OLIVEIRA, Luiz Eduardo. As letras lusitanas e as armas da pérfida Albion: o antibritanismo na cultura portuguesa (1750-1890). *Anais do III Congresso Internacional da Abrapui*, 2012; STOIANI, Raquel. *Napoleão visto pela luneta d'El Rei: construção e usos políticos do imaginário francês e napoleônico na América Portuguesa (1808-1821)*. São Paulo, [s.n.], 2009.

construir uma fortuna que eles trazem de volta para a França depois de alguns anos e assim a enriquecem, outros para instalar-se definitivamente; uns e outros já começam a fornecer ao Brasil ocasiões de aumentar o consumo de nossos produtos, de introduzir nossos usos, de fazer sentir neste país a influência da França, para balançar, e daqui a pouco superar a da Inglaterra no que se refere ao comércio; as vantagens seriam com feitos enormes e serão com certeza apreciadas pelas pessoas que lerão esta nota (...).⁹¹

Esse apreço pelos franceses, agora em esferas geopolíticas, se explica porque a abertura comercial tinha por objetivo principal uma associação aos britânicos, ao passo que as missões científicas e culturais tinham como objetivo uma aproximação a um conjunto mais amplo e específico de nações, sendo elas a França da Restauração Monárquica e os países da Santa Aliança, como Áustria, Rússia e Prússia. Segundo Peres Costa, tal postura sugere uma ideia de fazer um contrapeso estratégico à onipresente influência inglesa, como dissemos⁹².

Além dessa questão geopolítica, Wilma Peres Costa cita ainda dois outros motivos que ajudam a explicar essa aproximação entre Brasil e França, iniciada ainda no governo de Dom João VI: 1) a manutenção do tráfico africano de escravos, pelo menos até 1830, pela França, que se opunha às pressões inglesas pelo fim do tráfico; 2) o tratamento diferenciado que a França dispensava ao Brasil em virtude da condição deste de única monarquia nas Américas⁹³.

⁹¹ ARQUIVOS DO QUAI D'ORSAY, 1823 apud VIDAL; LUCA, 2009, p. 109.

⁹² COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Élide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, pp. 33-34.

⁹³ Ibidem, p. 36.

A autora, que chega a falar de uma hegemonia da cultura francesa no Brasil do século XIX e início do século XX⁹⁴, mostra que essa inserção da cultura francesa e de franceses no Brasil vai além de meros horizontes culturais, guardando em si questões geopolíticas, em um jogo de potências europeias na qual o Brasil se inseria. Isso ressalta nosso posicionamento de que a França, mesmo não sendo a única referência estrangeira para o Brasil oitocentista, dentro de todas essas questões, inclusive as de ordem econômica, geopolítica e histórica, era a principal referência cultural.

[...] a concorrência entre as potências europeias estimula um grande afã de números, de estatísticas, de comparações de toda ordem. Saber seu lugar no mundo, situar-se nos “dois mundos” é uma prática que se difunde para o grande público. As revistas dedicadas às viagens se tornam cada vez mais populares criando outro nível de difusão de relatos.⁹⁵

Estar presente nos dois mundos, portanto, era uma questão de força, e essa necessidade foi aumentando à medida que os tempos iam avançando em direção ao século XX. Nesse sentido, as revistas ganham espaço e ajudam a marcar essa posição, o que explica, por exemplo, a fundação da *Revue du Monde Latin*, momento no qual a França se via em perigo na Europa e buscava estender suas influências para competir nesse cenário de imperialismos.

Isso ocorreu porque, após a derrota na Guerra Franco-Prussiana, em 1871, a França se viu isolada diplomaticamente, sofrendo, ainda, com os pesados ônus do tratado de paz imposto em sua derrota. Em um contexto de ameaças provocadas por movimentos como o

⁹⁴ Ibidem, p. 36.

⁹⁵ COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Élide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política*, Brasil-França. São Paulo: Cortez, 2003, p. 70.

pangermanismo e o pan-eslavismo, o governo francês se viu forçado a buscar também seus próprios domínios, sob o temor de sucumbir às cada vez mais fortes e agressivas potências vizinhas.

Nesse sentido, a América Latina e os países ibéricos se mostraram como lugares onde a França poderia exercer sua hegemonia cultural, sob a efígie de uma união latina, ganhando chances nesse contexto de corrida imperialista que se dava na Europa daqueles meados do século XIX⁹⁶. O Brasil, por sua vez, embarcou nessa⁹⁷. Apesar de serem tempos no qual se partilhavam territórios – lembremos do Congresso de Berlim, em 1885 –, em muitos casos a conquista do território não foi necessária, bastando apenas a definição de áreas de influência⁹⁸. É nesse momento que a presença e a proeminência de periódicos franceses no Brasil, nesses idos do século XIX, se mostram mais relevantes.

Nesse contexto de aberturas culturais, os quais, no entanto, guardavam também questões de força, de hegemonia, em circunstâncias imperialistas, os viajantes foram figuras centrais, desempenharam papel de destaque e ajudaram a reforçar esses sentimentos de poder e de domínio.

No entanto, há ainda outros elementos importantes que merecem ser trabalhados quando buscamos entender a presença francesa no Brasil do século XIX. Se os franceses ficaram famosos na historiografia do século XIX sobre o Brasil em razão de sua presença

⁹⁶ FERREIRA, 2003, pp. 48-50.

⁹⁷ Segundo Marie-Jo Ferreira, dentro da *Revue du Monde Latin*, o Brasil sofria com críticas por parte dos franceses, sendo algumas delas bastante severas. Elas concentravam-se principalmente em dois eixos, que eram a persistência do sistema escravista e a manutenção de um regime monárquico. Além disso, havia também as críticas à sociedade brasileira e às condições de vida no Brasil. No entanto, o Brasil era visto ainda como um país latino e, portanto, unido à França e aberto à sua hegemonia. (FERREIRA, 2003, pp. 50-52).

⁹⁸ SILVA, 2001, p. 12.

cultural, que para alguns era hegemônica, como frisamos anteriormente, apesar de também termos observado que não era bem assim, todo esse impacto vai além da sua mera presença física, ou daquilo que os brasileiros absorviam em suas estadas em Paris, ele se deve também à disseminação de seus escritos pelo Brasil.

Essa disseminação deu-se também via instalação de um modo de publicação e circulação dessas ideias por uma imprensa brasileira que se inundava de relações com as práticas francesas, ou mesmo pela imprensa francesa que aqui se instalou no século XIX, especializada em publicar e em distribuir textos escritos em língua francesa, os quais também possuíam grande circulação para os padrões da época, o que justificava essas empreitadas editoriais⁹⁹.

Se a chegada da Família Real Portuguesa no Brasil, em 1808, é considerada um marco na penetração das ideias francesas no Brasil, não por serem as primeiras mas por acontecerem de maneira mais profunda e sistematizada, em relação à imprensa brasileira não foi diferente. Apesar de não se instalar em um território vazio¹⁰⁰, foi a partir da implantação da Imprensa Régia no Brasil que a imprensa passou a ganhar destaque no cenário nacional¹⁰¹.

⁹⁹ Citemos aqui o exemplo da própria *Revue des Deux Mondes*, que obteve grande sucesso editorial no Brasil, como veremos a seguir.

¹⁰⁰ Há uma série de exemplos anteriores a 1808 que mostram que, apesar de restrita e de pequena escala, já havia exemplos de imprensa no Brasil. Marco Morel nos traz como principais destaques desse cenário os ateliês de impressão mantidos pelos padres jesuítas em suas missões (MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 22-43).

¹⁰¹ GUIMARÃES, 2012, p. 136; GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012, p. 117.

Em meio a um sistema de circulação midiático que surge na França do século XIX, na qual toda uma cultura é erigida em torno da imprensa, esta vê seu fortalecimento e a sua propagação, tanto na Europa quanto em outras partes do mundo, como a América Latina¹⁰².

À medida que os *passeurs culturels* iam e vinham na ligação entre São Paulo, Rio de Janeiro e Paris, uma série de periódicos surgia no Brasil, os quais eram criados e inspirados nas experiências francesas que seus idealizadores encontraram em suas estadias na Europa. A fim de dar apenas um indício da importância dos periódicos aqui fundados por homens que passaram pela França no século XIX, podemos citar exemplos como a *Minerva Brasiliense* (1843-1845), dirigida por Sales Torres Homem e Santiago Nunes Ribeiro; *O Guanabara* (1849-1856), dirigido por Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo e Araújo Porto-Alegre; e a revista *Lanterna Mágica: Periódico Plástico-Philosófico* (1844-1845), criada também por Araújo Porto-Alegre e com clara inspiração na *Lanterne Magique*, periódico francês criado em 1833 por Émile de Girardin¹⁰³.

Se a França se fazia presente na imprensa brasileira mediante esses intelectuais retornados, logo passou a penetrá-la de maneira mais direta. Com o desembarque de pintores, comerciantes, alfaiates e toda ordem de franceses que ocorreu após 1815, os portos do Brasil também receberam uma série de editores, impressores e livreiros franceses, como Pierre Plancher, Junius Villeneuve, e os irmãos Laemmert e Baptiste-Louis Garnier, que deram contribuições importantes para o desenvolvimento da imprensa no Brasil.

¹⁰² KALIFA, Dominique. *La culture de masse en France*. T. I. 1860-1930. Paris: La Découverte, 2001.

¹⁰³ CAPARELLI, André. Identidade e alteridade nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Edusp, 2012, pp. 31-32; PASCOALETO, Maurício Cezar. Como era gostoso meu francês: reapropriação de modelos de representações sociais em *A Lanterna Mágica* de Manuel de Araújo Porto-Alegre. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*, São Paulo, 2008.

Em sua bagagem esses homens de imprensa trouxeram consigo uma série de periódicos franceses a serem publicados naquele Brasil oitocentista, e a língua francesa passou a ter um destaque mais formal na imprensa do país, com seus títulos publicados: *L'Echo de l'Amerique du Sud*; *Le Courrier du Brésil*; *L'Argus*; *La Novelliste*; *Le Figaro Chroniqueur*; *Le Messenger*; *La Revue Française*, *L'Indépendant* e *L'echo Français* são alguns dos exemplos de periódicos escritos em francês e publicados no Brasil do período, ressaltando a importância que a imprensa francesa desempenhou nestas terras¹⁰⁴.

As relações entre Brasil e França haviam mesmo se intensificado nos meados do século XIX, e se da parte de cá éramos invadidos por periódicos franceses, escritos em francês, do lado de lá tal movimento também ocorria, mas não na mesma intensidade, já que a França era o modelo e era quem inspirava. Nesse sentido, periódicos brasileiros também foram fundados em Paris, mostrando que havia um intercâmbio entre os dois países, também com a presença de escritos brasileiros nesse jogo de circulação de textos. Podemos citar como exemplos de periódicos brasileiros escritos em Paris *O Patriota Brasileiro*: periódico mensal, publicado em 1836 por Jean-Augustin Renouard, ou ainda a célebre *Nitheroy: Revista Brasiliense, ciencias, letras e artes*, fundada por Porto-Alegre, Gonçalves Dias e Torres Homem quando ainda eram jovens estudantes em Paris¹⁰⁵.

Dessa maneira, a imprensa brasileira foi ganhando ares cada vez mais franceses, ressaltando a máxima deste trabalho, que foca a presença das ideias francesas no Brasil do século XIX. A prova disso é que um dos mais importantes jornais de circulação diária

¹⁰⁴ CAPARELLI, op. cit, pp. 34-35.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 31; PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre: Nitheroy Revista Brasiliense de Ciências e Artes*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998, p. 11.

impressos no Brasil oitocentista, o *Jornal do Commercio*, fundado em 1827, é obra de um francês, Pierre Plancher.

Podemos ver essa crescente inspiração francesa no Brasil como causa do fomento das ideias da existência de um imaginário no qual a França simbolizava a liberdade ligada aos ideais das Luzes em oposição às representações imperialistas de Portugal ou da Inglaterra¹⁰⁶, reafirmando aquilo que defendemos há pouco e ressaltando que a imprensa era também lugar onde esses jogos de interesses internacionais ocorriam e davam as caras. Assim, a imprensa brasileira do século XIX possuía uma base francesa, pelo menos em sua inspiração e em seus executores.

No entanto, vale ressaltar que, se no Brasil a importância da França como modelo cultural foi importante no período, esse caso não é único. Ela também era a referência primordial para outros países da América Latina, e mesmo da Europa, sendo a questão da imprensa apenas um exemplo no qual essa referência cultural se revela.

Jean-François Botrel nos oferece o exemplo da imprensa espanhola do século XIX, que, tal como a brasileira do mesmo período, era inundada de referenciais franceses:

Até o final do século XIX, a França é para a Espanha e para a América Latina o referente privilegiado, seja em relação aos principais equipamentos para impressão de jornais (compreendendo aí os “utensílios” e as pranchas preparadas para a gravura) ou aos produtos finais em francês ou na língua do país, tais quais ou traduzidos ou adaptados (...) ou mesmo pirateados, mas também na encomenda de publicações feitas no exterior e depois importadas, o material referencial francês domina.¹⁰⁷

¹⁰⁶ GUIMARÃES, 2012, p. 140.

¹⁰⁷ BOTREL, Jean-François. Impressos sem fronteiras no século XIX (França/Espanha/América Latina). In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Edusp, 2012, p. 57.

O fragmento acima nos mostra que a tal hegemonia cultural da França se estendia não apenas aos fracos da América mas também aos da Europa, usando o termo para referenciar as potências europeias que estavam alheias à corrida imperialista que se empreendia na época.

A Espanha, por exemplo, que, assim como Portugal, já havia perdido as glórias de seu império para o tempo, tinha na França uma inspiração tão forte como a comparável aos países da América Latina. Como nos disse mais uma vez Botrel: “se boa parte da informação [na Espanha do século XIX] pode ser obtida na imprensa publicada na França, em francês ou espanhol, e diretamente consumida em todo o território espanhol, é principalmente por imitação, aclimatação que se produzem as transferências”, trazendo aqui a força dos modos franceses na imprensa e em toda a cultura espanhola¹⁰⁸.

Dessa forma, a imprensa francesa vai se inserindo no Brasil e em outras partes do mundo latino, e sua presença é cada vez mais constante. Sendo imitação ou não, a sua simples presença era vista como uma espécie de termômetro para a civilização, e a sua disseminação mostrava o quão mais próximo o País estava dela. No caso brasileiro, o trecho a seguir, extraído da *Revista Beija-Flor*, de 1830, mostra que o Brasil imperial andava feliz com os rumos que a sua imprensa, e, por consequência, sua civilização iam tomando:

¹⁰⁸ Os próprios periódicos espanhóis do século XIX mostram ter consciência dessa influência francesa nos seus escritos, como podemos observar a seguir, mas não sem certo ressentimento: “Não se pode perder de vista que falamos e escrevemos em francês; que é em francês que pensamos, e que comemos (observação feita no *Semanario Pitoresco*); ou ainda a crítica presente no *La Censura*, que traz os periódicos espanhóis como uma “servil imitação à *la française* até nos nomes”, com um demonstrativo sentimento de impotência frente ao fenômeno que ocorria (GUIMARÃES, 2012, pp. 59-62).

Se os progressos da imprensa fossem os degraus certos de um termômetro para o adiantamento da civilização, podíamos nos felicitar de nosso avanço, pois que, de quatro anos para cá, o número das publicações periódicas tem quadruplicado no Brasil. Em 1827, havia 12 ou 13, hoje, segundo o recenseamento da revista Aurora [...] 54 vieram à luz durante o Império.¹⁰⁹

Assim, mais do que retratar a imprensa por ser a *Revue des Deux Mondes* componente dela, além de fonte principal de nossa pesquisa, a imprensa deve ser ressaltada como *locus* privilegiado da penetração das ideias francesas no Brasil do século XIX, sendo também um de seus principais meios de propagação.

A imprensa fora palco de debates, de discursos e de experiências que acabaram por ocupar lugar central na construção das identidades. No entanto, a imprensa não é mero objeto portador de discursos, sendo apenas o palco no qual eles aconteceram. Como nos trouxe Stuart Hall, a imprensa deve ser vista também como o local no qual ocorrem as negociações, sendo o leitor ativo desse processo¹¹⁰.

Há de se conhecer o objeto impresso, sua materialidade, seu público interlocutor, os elementos verbais que formam seus signos tipográficos, porque tudo tem sentido, como nos traz André Caparelli:

(...) mas a imprensa não é apenas um objeto portador, o pano de fundo desses discursos nacionalistas. Considerando-a assim, nós negligenciamos aquilo que lhe é essencial: seu papel ativo na mediação desses discursos. (...) A sociologia-bibliográfica, por sua vez, ensina-nos que o *status* e a interpretação de uma obra dependem também de sua materialidade, que o autor desempenha um papel essencial, juntamente com o editor, na definição das formas dadas às suas obras, e que toda significação de um

¹⁰⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 116.

¹¹⁰ HALL, Stuart. *Codage/Décodage. Reseaux*, n. 68, 1994.

texto é historicamente situada, depende das leituras, diferenciadas e plurais, que lhe atribuem um sentido.¹¹¹

Assim, prosseguiremos trazendo à tona a nossa *Revue des Deux Mondes*, projeto editorial que guardava a tediosa sisudez conferida por François Buloz em seus tempos áureos e que vinha para ser o grande projeto de revista do século XIX na França, capaz de servir como ponte entre esses dois mundos e de levar, um ao outro, aquilo que de melhor havia entres os povos, dando sua contribuição fundamental para um progresso que parecia ingenuamente palpável.

Agora que já conhecemos melhor esse mundo que os franceses encontraram ao desembarcar no Brasil oitocentista, no qual eram muito bem-quistos, a ver pela força que a própria civilização francesa possuía, podemos nos ater mais diretamente à análise dos artigos publicados na *Revue des Deux Mondes* e observar como eles trataram e descreveram esse mundo que mais do que nunca lhes parecia repeceptivo. A partir de agora, poderemos ver mais a fundo todos os preconceitos, conceitos e impressões que sobre o Brasil deixaram aqueles viajantes dispostos a tudo notar e anotar, com seus olhos franceses, que permitiam ver do alto todas as belezas e todos os problemas que somente uma terra linda e problemática – aos olhos dos de lá e dos de cá, como veremos – como era a nossa poderia conferir.

¹¹¹ CAPARELLI, 2012, pp. 26-27.

2. As primeiras impressões do outro: beleza e diferença

Como vimos, o século XIX marca um retorno dos franceses ao Brasil. Eles aqui estiveram desde os primórdios de nossa colonização e deixaram alguns dos relatos mais importantes sobre as representações acerca do Brasil em seus tempos de colônia. Naquele momento eles retornavam para novamente legar ao mundo seus relatos de europeus falando do outro, ressaltando as mazelas que encontravam, marcando o lugar que esse jovem País se encontrava – e deveria se encontrar – nesse mundo marcado por indústrias, ciências e imperialismos. Destacavam também aquilo que encantasse um europeu de terras frias e que, por mais elogioso que parecesse em um primeiro momento, também servisse para colocar esse Brasil tropical em um lugar predeterminado naquele mundo oitocentista.

Enquanto Thevet, Lèry, Abbeville e todos os demais viajantes que desde o século XVI, até meados dos setecentos, estiveram no Brasil estavam imersos ainda em um imaginário marcado pelo Renascimento, pelo maravilhoso, pelo mistério e pela visão do paraíso¹¹², desde finais do século XVIII os viajantes europeus passaram a escrever de um universo marcado pelo que se convencionou chamar de *modernidade*.

Os pressupostos desse novo tempo traduziram-se num processo de desencantamento que foi levado a cabo pela desintegração das concepções religiosas e pela inserção da Europa em uma cultura profana. Nesse sentido, essa modernidade foi marcada pelo desenvolvimento das ciências empíricas modernas, pela laicização da cultura e pela

¹¹² LE GOFF, Jacques. O ocidente medieval e o Oceano Índico: um horizonte onírico. In: LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980, pp. 263-270.

autonomização das artes, que criaram estruturas sociais distintas daquelas às quais se prendiam nossos primeiros viajantes. Novos paradigmas eram então colocados em pauta nesses escritos do século XIX, como a questão do trabalho, da propriedade e da marcha civilizacional¹¹³.

No mundo do século XIX saem de cena então os medos dos demônios e a vontade de se catequizar – a qual ainda poderia existir, como veremos mais à frente, não com o intuito de conquistar almas, mas sim o de trazer selvagens para o universo da civilização, marcado pela ordem e pelo trabalho. Assim, o que passaremos a encontrar a partir dessa nova leva de estrangeiros que chegam, observam, atestam e escrevem, são viajantes que vinham desse novo universo marcado pela ciência e pela evolução, que estavam preocupados mais em como o Brasil iria se inserir na marcha da civilização, frente ao quadro natural e social de que dispunha, do que na busca pelo Éden perdido.

No entanto, o que queremos dizer é que, mesmo passados os séculos, mesmo tendo mudado as preocupações, certas visões, como aquelas que insistiam em trazer a natureza brasileira como bela e próspera – a qual podia não ser bem um paraíso tropical, mas uma fonte de riquezas a serem exploradas¹¹⁴ – ou a crítica às suas gentes, agora respaldadas por um olhar científico, ainda permaneciam. Além disso, o que queremos mostrar aqui é como esses viajantes franceses do século XIX encararam esses trópicos cheios de luz e de calor e fizeram correr pelos oitocentos suas visões de uma natureza que, embora capaz de encher

¹¹³ BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002, pp. 10-15.

¹¹⁴ BARBATO, 2009b.

os olhos, era capaz também de esconder muitos problemas, os quais somente a solução europeia poderia resolver.

Assim, este é o espaço da beleza e do elogio, e cabe a nós agora observar não só como as terras brasileiras, do ponto de vista de suas belas paisagens tropicais e de seu clima agradável, foram retratadas na *Revue des Deux Mondes*, mas também como – e se – aquelas primeiras boas impressões propagadas por seus conterrâneos, sejam eles de país, sejam de continente, surgiram no periódico francês oitocentista.

Se o esplendor tropical foi marca registrada dos escritos franceses no Brasil colonial, como atestam os dizeres de nomes como Jean de Léry, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux e André Thevet, que não pouparam elogios às belezas tropicais que encontraram na então colônia portuguesa¹¹⁵, no século XIX do Império brasileiro, local e tempo das visitas daqueles franceses que cá estiveram e que depois publicaram na *Revue des Deux Mondes*, a tônica das belezas tropicais não deixou de estar presente e de ser, mais uma vez, uma marca forte das representações sobre o Brasil.

Como sempre fora – afinal, mesmo entre os cronistas coloniais existiam as gentes primitivas que faziam o contraponto ao éden tropical –, o Brasil, que não deixou de apresentar problemas, continuando a não ser uma unanimidade, também não deixou de encher os olhos europeus com suas belezas naturais. Passava ano, passava século, e a

¹¹⁵ Os três eram membros das missões francesas que tentaram colonizar áreas do Brasil. Jean de Lery visitou o Brasil em 1557, na chamada França Antártica, situada no Rio de Janeiro. Já Claude d'Abbeville e o capuchinho Yves d'Evreux participaram da missão francesa na chamada França Equinocial, o primeiro em 1612, permanecendo por 4 meses, e o segundo durante os anos de 1613 e 1614. O franciscano Thevet permaneceu por 3 meses na chamada França Antártica durante o ano de 1555, em companhia de Villegaignon.

mística dos trópicos da beleza e do encanto continuava viva, como podemos ver nos relatos presentes sobre o Brasil na *Revue*.

No que toca às belezas naturais, em quase todos os relatos acerca do Brasil há uma ou várias observações que relatam o espetáculo que somente o calor e a umidade característicos dos trópicos poderiam proporcionar, os quais muito impacto causavam aos olhos daqueles viajantes, como podemos notar no trecho seguinte: “Enfin vous arrivez à la cime des montagnes: vous faites halte! Un océan de forêts se développe devant vous, immense comme l’océan des eaux, sublime comme lui, incommensurable, sans bornes”¹¹⁶.

Ou ainda:

Dussé-je vivre pendant des siècles l’impression que produisit sur mon esprit le mélange de grandiose et de gracieux dont mes yeux furent tout à coup frappés, serait toujours fraîche dans ma mémoire. J’ai vu depuis les rivages classiques de l’Italie ; j’ai long-temps séjourné au milieu des beautés romantiques de la Suisse ; j’ai parcouru les rives pittoresques du Rhin : mais les brillantes créations du monde européen, avec leurs inépuisables trésors d’associations historiques et poétiques, ne m’ont jamais fait éprouver ces sentimens mêlés d’admiration et de plaisir, dont je n’ai pu me défendre à la vue de la majesté sublime de ce chef-d’œuvre de la nature, la baie de Rio-Janeiro.¹¹⁷

¹¹⁶ LACORDAIRE, Théodore. Un souvenir du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832b, p. 657. Jean-Théodore de Lacordaire foi professor e reitor da faculdade de ciências da Universidade de Liège, na Bélgica, além de jornalista, colaborador de diversos periódicos de sua época, como o *Le Temps* e a *Revue des Deux Mondes*. Realizou quatro viagens à América do Sul, entre os anos de 1825 e 1832, experiências das quais geraram uma dezena de artigos publicados na *Revue*, que chamavam a atenção pelo tom que mesclava seu rigor científico de origem com a ficção do romance (DANTAS, Luiz. O segredo dos pinheiros. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 23, 1981, pp. 51-53; CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal-RN: EDUFN – Editora da UFRN, 2007, pp. 88-97).

¹¹⁷ ANÔNIMO. Souvenirs de l’Amérique – l’empereur Don Pedro. *Revue des Deux Mondes*: recueil de la politique, de l’administration et de mouer, v. 1, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829, p. 115.

Os casos como os mostrados acima, nos quais as florestas se apresentam como infinitas e incomensuráveis e nos quais a grandiosidade das paisagens salta aos olhos estrangeiros, apresentando-se de maneira sublime – sendo a beleza natural exaltada –, são bastante comuns.

Nesse sentido, há uma série de relatos que comprovavam que os trópicos chamavam a atenção dos viajantes oitocentistas pela sua beleza, exemplos esses que merecem ser aqui mostrados, para deixar claro que, se essa impressão não era unânime – mesmo que ela logo fosse matizada por uma série de problemas que chamavam a atenção do Brasil tanto quanto suas belezas o faziam, como veremos –, ela quase o era, pois, pelo menos na *Revue des Deux Mondes*, esse é um ponto que não só chama a atenção de praticamente todos os viajantes que escreveram sobre o Brasil nesse período, mas também ressalta o poder que essas imagens de um lugar agradável, lindo e paradisíaco ainda possuíam.

Há diversos exemplos que atestam nosso argumento: Chavagnes ressalta que a beleza natural do Rio de Janeiro é um consolo para o viajante que chega à cidade e se sente triste perante a vida tão distante que nela encontra¹¹⁸. Ferdinand Denis exalta Jean de

¹¹⁸ “Pour surmonter la tristesse qui s’empare de l’étranger dès les premiers jours de son arrivée, il faut l’admirable climat du Brésil et la beauté des paysages qui s’offrent de toutes parts autour de Rio”. (CHAVAGNES, M. L. de. Le Brésil em 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844b, p. 69). Também conhecido como Conde de Suzannet, Louis de Chavagnes foi um nobre que desgostoso com a queda dos Bourbon resolve se lançar ao mundo para através das viagens aprimorar seus conhecimentos. Seus relatos de viagem passam pelo crivo de sua origem aristocrática na França e por comparações com sua terra natal, motivo pelo qual se envolveu em polêmicas acerca de seus comentários ácidos e carregados de negatividade. No Brasil foi alvo de pesadas críticas por parte de Araújo Porto-Alegre na revista *Minerva Brasiliense*, episódio que abordaremos adiante (CAMARGO, 2007, pp. 107-116; PERIOTTO, Marcília Rosa. Franceses no Brasil: as ideias do século XIX, hábitos e costumes na província de Pernambuco (1840-1850). *Revista Teoria e Prática da Educação*, v. 15, n. 1, jan./abr. 2012).

Lery¹¹⁹ em razão de este ter conseguido driblar os preconceitos dos homens de seu tempo acerca dos nativos brasileiros e ter passado em seus relatos todo o encantamento que se vivia na natureza sublime e nas belas florestas do Brasil¹²⁰. Assier também não se deixa negar o êxtase provocado não só pelo esplendor da paisagem e a harmonia do céu tropical em suas andanças pelas selvagens matas virgens do interior do Brasil¹²¹, mas também pela profusão de aromas e luminosidade que os olhos dos navegadores encontram ao chegar na costa brasileira¹²². Émile Adêt é outro que traz em seus relatos a grandiosidade da natureza

¹¹⁹ O que ressalta que aqueles antigos viajantes ainda eram lidos por esses visitantes do século XIX.

¹²⁰ “Enfin Lery parut et ces contes absurdes trouvèrent moins de crédit: doué de l’esprit le plus observateur et d’une ame pleine de poésie, ce voyageur comprit admirablement les nations parmi lesquelles il vivait et la nature sublime dont il était environné; il fait presque pleurer d’attendrissement quand on le voit chantant des psaumes au milieu des belles forêts du Brésil, et quand, dans son effusion pleine d’enthousiasme, il fait partager le sentiment dont il est animé à deux Indiens qui l’admirent sans le comprendre” (DENIS, Ferdinand. *Voyages dans l’intérieur du Brésil*. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. V. I-II, 1831. pp. 406-407). Ferdinand Denis faz parte do grupo de bonapartistas que, após a batalha de Waterloo, fugiram da França. Entre os anos de 1817 e 1821 visitou diversas partes do Brasil; e, no seu retorno à França, dedica-se à atividade intelectual, destinando-se a levar os modos de vida das sociedades tropicais para os leitores europeus. Publicou em 1824 *Scènes de la Nature sous le Tropiques et de leur Influence sur la Poésie*, onde deixa mostras de seu interesse pela influência do meio ambiente na formação das ideias de uma nação. Apesar de ter obtido maior destaque no Brasil do que na França, Denis é considerado o iniciador dos estudos brasileiros na França. (CARELLI, 1989, p. 64; RICOTTA, Lucia. A constelação espacial das cenas de origem em *Scènes de La Nature*, de Ferdinand Denis. *Revista USP*, São Paulo, n. 91, pp. 112-124, set./nov. 2011).

¹²¹ “Autour de la fazenda s’étendent, sur un espace de plusieurs lieues carrées, les plants de cafiers, les pacages, les champs de cannes ou de cotonniers, et enfin, à la périphérie, de larges zones non encore exploitées de forêts vierges. Tout cela est traversé de picadas qui le plus souvent, surtout dans la saison des orages, ne présentent qu’un pêle-mêle sans nom d’ornières profondes, de ruisseaux fangeux, de troncs déracinés et d’épaisse poussière ; mais quelle splendeur dans le paysage ! Que d’harmonie dans le ciel!”. (D’ASSIER, Adolphe. *Le Brésil et la société brésilienne*. La fazenda. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863b, p. 755). Adolphe d’Assier foi um filólogo e jornalista francês, membro da Academia de Ciências de Bordeaux, que esteve no Brasil por dois anos na década de 1860. Autor de cinco artigos sobre o Brasil (se considerarmos as três partes de “Le Brésil et la société brésilienne, mœurs et paysages: I. Le Rancho, II. La Fazenda, e III. La Cidade” como independentes), é o escritor com maior número de artigos publicados sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes*. Seus artigos são marcados por darem uma maior ênfase à população brasileira e a seus hábitos, o que torna indígenas, escravos, mulheres e outros grupos sociais importantes dentro de seus escritos (CAMARGO, 2007, pp. 140-154).

¹²² “Ces collines que j’avais déjà saluées à Pernambuco comme une apparition de la terre promise, je les retrouvai à Bahia et plus tard à Rio-Janeiro, toujours inondées de lumière et de parfums. C’est une guirlande de fleurs de plus de mille lieues qui longe le rivage, s’abaissant de temps à autre devant le cours impétueux d’un fleuve et se relevant aussitôt plus brillante encore, comme pour fasciner les yeux du navigateur. Rien en effet de plus majestueux que cet amphithéâtre de montagnes éternellement vertes qui dominent les rives de

brasileira e quão pitorescos são os lugares que encontrou¹²³. Vale ainda ressaltar que a grande quantidade de aves e outros animais também encantou nossos viajantes, merecendo destaque em suas publicações, como foi o caso de Castelnau¹²⁴.

l'Atlantique". (D'ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. La cidade. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863a, p. 73).

¹²³ "Quant aux environs de la ville [Rio de Janeiro], à part quelques sites pittoresques et les gracieux paysages des îles de la baie, ce n'est point là que se révèle dans toute sa grandeur la nature brésilienne" (ADÊT, Émile. L'Empire du Brésil e la société brésilienne em 1850. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1851, p. 1.083). Emile Adêt nasceu em Paris em 1818 e, com 9 anos de idade, se mudou para o Rio de Janeiro. Apesar de voltar à França para complementar seus estudos, no retorno para cá se naturalizou brasileiro. Trabalhou como professor de história, geografia, grego e francês em diversos colégios, foi revisor e depois diretor-gerente do Jornal do Commercio, além de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de colaborador de diversos periódicos, entre os quais a *Revue des Deux Mondes*. Também se envolveu na polêmica em relação aos escritos de Louis de Chavagnes, na *Revista Minerva Brasiliense*, junto com Araújo Porto-Alegre, e se apresentou à *Revue* como alternativa à Chavagnes, pois tinha o objetivo de apresentar ao leitor francês a real situação do Império Brasileiro (CAMARGO, op. cit., pp. 123-130).

¹²⁴ "A mesure que nous avançons vers le sud, les établissements devenaient plus rares ; mais aussi la variété des oiseaux augmentait sans cesse. Parmi les plus remarquables, je citerai les toucans, les jacamars, la belle pie à gorge ensanglantée, des perroquets, des perruches, et une foule de jolis oiseaux-mouches, tels que le diadème et le petasophor. Bientôt nous aperçûmes des bandes de l'autruche d'Amérique (nandou) qui fuyaient avec rapidité à l'approche de nos chevaux" (CASTELNAU, Francis. L'Araguail – Scènes de voyages dans l'Amérique du Sud. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848, p. 203). "Notre séjour à Salinas ne fut pas seulement rempli par les préparatifs de l'excursion sur l'Araguail, nous fîmes aussi plusieurs courses aux environs. Parmi les curiosités naturelles qui nous frappèrent dans ces promenades, je dois citer un lac ravissant connu sous le nom de Lac des Perles. On y trouve effectivement en grande quantité une belle espèce d'anodonte dont les valves sont à l'intérieur agréablement irisées, et contiennent quelquefois des perles d'une assez médiocre valeur. Sur les bords de ce lac, nous tuâmes, pour la première fois, le kamichy, oiseau singulier de la taille du dindon, ayant une longue corne au milieu du front. Les habitants de Salinas attribuent des vertus merveilleuses à cette partie de l'animal et la regardent comme un remède certain contre toutes les maladies. Un autre magnifique habitant de ces bois est l'ara-hyacinthe, le plus gros des perroquets connus, et dont le plumage est entièrement d'un violet foncé. On y rencontre encore le hoazin de Buffon, à la tête huppée, et qui rappelle les oiseaux de fantaisie que peignent les Chinois ; son cri ressemble à un grognement éclatant. Le hoazin est très commun dans ces régions" (CASTELNAU, 1848, p. 21). François-Louis Nomparr de Caumont-La Force, também conhecido como Conde Francis de Castelnau, foi um naturalista nascido em Londres, em 1802, filhos de pais franceses, fugidos da Revolução Francesa. Na juventude se dirige à Paris e lá se envolve nos estudos em ciências, tendo como professores grandes nomes da época, como Geoffroy de Saint-Hilaire, Jussieu e Cuvier. Depois de viajar pela América do Norte, entre os anos de 1837 e 1841, em 1843, de retorno à França e já naturalista consagrado, recebe de Luis Felipe de Orléans a missão de organizar e liderar uma expedição à América do Sul, dentro do projeto de conhecer as riquezas naturais e humanas da região, bem como seus potenciais de desenvolvimento econômico. Tal projeto ressaltava os interesses econômicos e geopolíticos também presentes nas relações da França com o Brasil, pois buscava fazer frente à influência anglo-saxônica no país, com base em supostos laços culturais mais fortes com a França, tais como a origem latina comum e a religião católica. Foi recebido pelo próprio Imperador Dom Pedro II, e seus escritos guardam muito de sua formação naturalista e do desejo de utilizar a ciência como instrumento da civilização (CAMARGO, 2007, pp. 118-122; PORRO, Antonio. Índios e brancos do rio Amazonas em 1847 páginas de Castelnau inéditas em português, traduzidas e anotadas. *Revista*

Poderíamos aqui elencar ainda uma série de outros exemplos dos elogios que os viajantes franceses da *Revue*¹²⁵ prestaram à natureza brasileira, uma vez que eles são muito abundantes e que, como frisamos, estão em praticamente todos os relatos acerca do Brasil. Assim, podemos notar que a beleza dos trópicos é uma das principais distinções que existem em relação à natureza europeia, e a imensidão das florestas, as belas paisagens, a grande variedade de fauna e flora, os aromas e tudo mais que somente os trópicos podem oferecer são pontos que chamam muito a atenção dos estrangeiros, razão pela qual dificilmente passam incólumes em seus relatos.

Além disso, podemos notar que os relatos sobre o Brasil encontrados na *Revue des Deux Mondes* compartilham muitas semelhanças – mesmo se guardadas as devidas diferenças de tempo, espaço, contexto político, social e econômico –, com aqueles publicados séculos antes. Lery, Castelnau, Thevet, Adêt, Reclus, Abbeville, Assier, Chavagnes, Gonneville, Denis e todos aqueles que aqui apareceram, ainda que dispersos em um intervalo de tempo de quase quatro séculos, relataram as belezas naturais do Brasil – além de expor também problemas muito semelhantes¹²⁶.

Tais semelhanças não são fruto do acaso, visto que, além do fato de serem todos franceses, eles também eram viajantes, letrados e leitores, entre os quais circulavam

do Instituto de Estudos Brasileiro, São Paulo, n. 56, pp. 281-308, jun. 2013; BAJON, Michel P. Une Expédition méconnue en Amérique du Sud: la misión Castelnau, 1843-1847. In: LAISSUS, Yves (orgs.). *Les naturalistes français en Amérique du Sud. XVIe. – XXIe. Siècles*. Paris: CTHC, 2005, pp. 259-268).

¹²⁵ Vale aqui ressaltar que, de todos aqueles que escrevem na *Revue des Deux Mondes* sobre o Brasil no período proposto para a pesquisa, apenas Pereira da Silva não era francês. Émile Adêt se naturalizou brasileiro em 1860, mas era francês de nascimento (CAMARGO, 2007, p. 130).

¹²⁶ Apesar de seus escritos guardarem as marcas de seus tempos, como veremos logo à frente.

experiências, imagens, ideias e representações prévias¹²⁷. Não se pode dizer que essas impressões não eram genuínas, mas também não eram de todo originais, pois cada um já carregava em si percepções anteriores que não deixavam de permanecer em seus escritos.

Dessa maneira, viajantes¹²⁸, religiosos¹²⁹, colonos¹³⁰ e outros cronistas que por aqui passaram deixaram registros sempre marcados pelas maravilhas das belezas naturais ou pelo antiparaíso que os nativos conferiam ao Brasil. A verdade é que os trópicos sempre foram agente importante de distinção e explicação brasileira, a natureza e as gentes definitivamente não eram iguais às que eles estavam acostumados na Europa, e a primeira precisava ser cantada, festejada, fato que se confirmou nessa análise das publicações da *Revue des Deux Mondes*.

No entanto, mesmo essas odes às maravilhas naturais brasileiras não escapam a jogos ocultos entre paisagens, descrições e representações, já que toda essa beleza marcada nas florestas, aves, rios e no imenso mar de nossa costa, que enchia os olhos europeus e era

¹²⁷ Segundo Miriam Moreira Leita “pesquisas anteriores referentes a viajantes europeus e americanos que estiveram no Brasil no decorrer do século XIX revelaram, no caso dos naturalistas, uma articulação ainda não devidamente aprofundada entre as diferentes obras publicadas e conhecidas, manifestada sob a forma de correspondência sistemática; dedicatórias reveladoras de filiação teórica; protestos de obediência à programação estabelecida, notas e citações frequentes e encontros e desencontros internacionais em academias de ciências e museus” (LEITE. Miriam L. Moreira. Naturalistas viajantes. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. I, n. 2, nov./1994-fev./1995).

¹²⁸ Para conhecer de maneira mais aprofundada os viajantes que exaltaram as belezas da natureza brasileira, cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

¹²⁹ Cf. HUE, Sheila Moura. *Primeiras Cartas do Brasil (1551 – 1555)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 32; onde podem ser encontradas cartas de jesuítas relatando suas boas impressões sobre a natureza tropical.

¹³⁰ O casos mais emblemáticos da exaltação da natureza brasileira por colonos que aqui se assentaram podem ser encontrados nos relatos de Pero de Magalhães Gândavo, que escreveu as obras *História da Província de Santa Cruz*, de 1576, *Tratado de Terra & História do Brasil*; e também na obra de Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogo das grandezas do Brasil*, de 1618, as quais, estudadas por Laura de Mello e Souza, também trazem, segundo a autora, a exaltação da natureza brasileira, apresentada como pródiga e rica (MELLO E SOUZA, Laura de. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986, p. 40).

densamente relatada, como vimos anteriormente, também servia a um propósito bastante claro: marcar a diferença, chamar atenção para o fato de que essas terras tropicais ocupavam no globo um lugar distinto daquele ocupado pela Europa de onde tinham partido. É neste momento que podemos inserir tais descrições, mesmo aquelas aparentemente mais descompromissadas, com base naquilo que Edward Said chamou de *geografias imaginativas*.

Podemos dar início a esse assunto citando os seguintes versos:

From these the prospect varies. Plains immense
Lie stretched below, interminable meads
And vast savannas, where the wandering eye,
Unfixt, is in a verdant ocean lost.
Another Flora there, of bolder hues
And richer sweets beyond our garden's pride,
Plays o'er the fields, and showers with sudden
hand
Exuberant spring - for oft these valleys shift
Their green-embroidered robe to fiery brown,
And swift to green again, as scorching suns
Or streaming dews and torrent rains prevail.
Along these lonely regions, where retired
From little scenes of art, great Nature dwells
In awful solitude and naught is seen
But the wild herds that own no master's stall,
Prodigious rivers roll their fattening sea
On whose luxuriant herbage half-concealed,
Like a fallen cedar, far diffused his train
Cased in green scales, the crocodile extends¹³¹.

A passagem anterior foi extraída do poema *The Seasons*, publicado em 1730 pelo escritor escocês James Thomson, e narra a experiência de se passar um verão na chamada

¹³¹ THOMSON apud MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800 – 1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, pp. 23-24.

“zona tórrida”¹³². Aparentemente, tal relato, com exceção da experiência tropical, pouco tem em ligação com os relatos publicados pelos viajantes da *Revue des Deux Mondes*, visto que foi publicado por um britânico, no século XVIII, e nem ao menos sobre o Brasil ele faz referência.

No entanto, esse pequeno trecho nos dá margem para adentrarmos, como dito, naquilo que Edward Said chamou de “geografias imaginativas”¹³³, conceito que muito nos interessa ao estudar os escritos europeus publicados na *Revue* acerca do Brasil.

Said, em sua obra *Orientalismo*, nos trouxe um princípio segundo o qual as entidades geográficas, no caso o Oriente e o Ocidente – associação que podemos ainda estender a outras dicotomias, como Trópicos e Zona Temperada, para não falarmos em Trópicos e uma Europa propriamente dita –, são historicamente construídas a partir de discursos.

Com base nas diferenças, forja-se um concorrente cultural, que ajuda a definir a Europa – ou o Ocidente –, como sua imagem, ideia, experiência e personalidade contrastantes, como nos diz Said. A prova disso é que um dos objetivos do livro é mostrar que a cultura europeia ganhou força e identidade comparando-se com o esse “Oriente”, colocando-se perante ele como uma identidade substituta, a partir da qual ele fazia o papel do distinto, do subterrâneo, do clandestino¹³⁴.

¹³² MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800 – 1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 23

¹³³ Cf. SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a; SAID, Edward. Narrative, Geography and Interpretation. *New Left Review*, v. I, n. 180, mar./apr. 1990b.

¹³⁴ SAID, 1990a, pp. 13-16.

A partir de relatos – acadêmicos, administrativos e literários – produzidos a partir de determinados olhares europeus, opera-se um processo de homogeneização e unificação de uma região vasta e diversa, como é o caso do Oriente ou do mundo tropical e desenha-se “o outro”, aquele que é diferente, que serve de contraponto à cultura europeia, inferiorizado na maioria das vezes mediante estereótipos que justificam e legitimam a dominação¹³⁵.

Após esse pequeno adendo sobre o conceito de Said, podemos voltar ao poema de Thomson. Por trás de seus versos que cantam as belezas dos trópicos, guardam-se desenhos de um “outro”, calcado na natureza e oposto à Europa da civilização.

Segundo Luciana de Lima Martins, no poema britânico, os trópicos são representados como algo além de uma zona geográfica, sendo um instrumento para diferenciar natureza e sociedades. A Europa, os jardins, as cocheiras do senhor são palavras que representam a própria cultura, em oposição a um oceano verdejante e ilimitado, habitado por feras selvagens, que representam os trópicos e sua natureza primitiva. Segundo a autora, se tal poema faz sentido, é porque ele consegue reunir um conjunto de imagens associadas à ideia convencional de uma natureza não europeia, que simultaneamente define a natureza europeia¹³⁶.

Assim, ao descrever as belezas naturais do Brasil, o viajante europeu não deixava de marcar a diferença em relação ao mundo do qual vinha¹³⁷. Sabia-se há séculos que florestas opulentas, revoadas de pássaros coloridos e a profusão de animais e plantas por todos os

¹³⁵ Ibidem, pp. 13-16.

¹³⁶ MARTINS, L. de L., 2001, p. 26.

¹³⁷ Ana Maria Belluzzo enfatiza a importância dessas imagens difundidas pelos viajantes, as quais, segundo ela, ajudaram a construir a própria identidade europeia, “apontando modos como as culturas se olham e olham as outras, como estabelecem igualdades e desigualdades, como imaginam semelhanças e diferenças, como conformam o mesmo e o outro” (BELLUZZO, Ana Maria. “A propósito d’O Brasil dos viajantes”. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, jul./ago. 1996, p. 10).

lados que os trópicos proporcionavam não pertenciam ao domínio europeu, assim como a cultura e a civilização não pertenciam ao mundo tropical brasileiro¹³⁸. Mas nesse jogo entre belezas naturais e civilização, quem saía ganhando?

Para responder essa questão, é de suma importância que lembremos de onde e de quando estamos falando: um século marcado pelo imperialismo, processo que Edward Said, mais uma vez, descreveu com primor, e que se encaixa perfeitamente nesse momento de nossa história, no qual marcar a diferença, mesmo que escondida em elogios eternos, se inseria na tônica de um momento no qual um poderio sem precedentes, que segundo Said colocariam os grandes impérios do passado de Roma, da Espanha ou de Bagdá em uma posição diminuta, colocariam principalmente a França e a Inglaterra, mas também o dito *Ocidente* de uma maneira geral, como grandes senhores dispostos a dominar¹³⁹.

E nesse sentido não podemos esquecer que temos nosso lugar de análise centrado em uma época de dominações, no qual o outro, no qual esse Brasil, tropical, bárbaro, e inferior em sua posição às margens da civilização, poderia muito bem ser inserido. Estávamos na *Era dos Impérios*¹⁴⁰, e, por mais que esses grandes países imperialistas não colocassem diretamente suas garras no Brasil, esse jogo imperial de dependência e dominação, nas mais amplas formas, se mostrava. A definição abaixo, de Michael Doyle, cabe bem nesse contexto, pois ressalta que as dominações não precisavam necessariamente ser diretas para ressaltar esse imperialismo do século XIX:

¹³⁸ Nesse sentido, Francisco Paz nos traz o exemplo de Ferdinand Denis, que, ao valorizar a natureza tropical do Brasil, potencializa aquilo que a Europa não é ou não tem (PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da História: a revitalização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996, p. 247).

¹³⁹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 38.

¹⁴⁰ Em uma clara referência à obra de Eric Hobsbawm. Cf. HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

O império é uma relação, formal ou informal, em que um Estado controla a soberania política efetiva de outra sociedade política. Ele pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social ou cultural. O imperialismo é simplesmente o processo ou a política de estabelecer ou manter um império.¹⁴¹

Ainda que não houvesse uma dominação explícita dessas novas potências europeias sobre o Brasil, é evidente que o Brasil não estava alheio a esse jogo. De uma maneira mais direta, quando fruto de interesses econômicos, como vimos, a França queria estender seus negócios até essas paragens do outro lado do Atlântico, ou de uma maneira mais indireta, quando se descreve como tão necessária para retirar o Brasil de sua condição de atraso e fazê-lo trilhar os caminhos do progresso, para enfim se equiparar aos tão poderosos países europeus.

Ainda segundo Said, o imperialismo continuou a existir e sobreviveu onde sempre existiu, imerso em uma espécie de esfera cultural geral e presente por meio de certas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais. A América onde estava o Brasil era um desses lugares prontos para abrigar esse imperialismo que, embora relativamente dissimulado, ambigualmente ainda era tão evidente – e mostraremos isso com a análise dos artigos publicado na *Revue*. As palavras seguintes, de Said, ressaltam essa questão: “As nações contemporâneas da Ásia, América Latina e África são politicamente independentes, mas, sob muitos aspectos, continuam tão dominadas e dependentes quanto o eram na época em que viviam governadas diretamente pelas potências europeias”¹⁴².

Tal relação também cabe para o Brasil no século XIX. É nesse meio que os viajantes da *Revue des Deux Mondes* descrevem o País, a partir daquilo que seria seu oposto, seu

¹⁴¹ DOYLE apud SAID, 1995, p. 40.

¹⁴² SAID, 1995, p. 51.

contraponto, às vezes de maneira mais direta, como veremos mais à frente, ao mostrar as mazelas de um país e de um povo atrasados culturalmente e ao ver na Europa a chave do sucesso para aqueles pobres trópicos; outras vezes de maneira mais sutil, indireta, em uma simples descrição de tudo aquilo que era diferente da sua Europa, momento no qual a natureza e o clima quase sempre ganham destaque. No entanto, como disse Said, a conjuntura imperial se deu não de maneira repentina, mas mediante uma presença continuamente reiterada e institucionalizada, na qual havia uma disparidade silenciosa e assumida entre a cultura francesa e as culturas subjugadas, relação essa que assumiu diversas formas diferentes, na qual os intelectuais serviram de ideólogos e apologistas¹⁴³.

É claro que não podemos negar essa relação ao trabalharmos os intelectuais da *Revue des Deux Mondes* que, afinal, reiteravam as diferenças e inferioridades que justificavam a dominação – mesmo que em um primeiro momento apenas cultural –, e se mostravam necessários, solucionadores, indispensáveis. E tudo isso deve começar pela marcação da diferença, afinal, que sentido faz levar uma cultura superior a outra cultura superior? Tornar-se necessário era necessário, nesse caso.

O outro deve ser delineado, evidenciado, para então suas fraquezas ficarem evidentes. Esse processo de distinção, como bem temos frisado neste trabalho, começa mesmo onde ele parece mais distante, onde parece que as sensações são mais isentas e despretensiosas: na descrição das belas imagens tropicais e do deleite que ocorria ao estar em meio a elas. Elogiar uma terra distinta podia guardar muito mais que simples momentos de êxtase e contemplação.

¹⁴³ Ibidem, p. 70.

Nesse sentido, o trecho de Adolphe d'Assier nos serve de exemplo de como uma natureza magnífica estava distante da Europa que conheciam:

Aujourd'hui toutes les collines qui avoisinent les grandes villes brésiliennes sont couvertes de plants de sucre et de café, et il faut chevaucher à travers des chemins impraticables pour retrouver les forêts primitives que n'a pas encore atteintes la hache du colon ; mais l'on a les émotions de la route, du ciel, du paysage, et ce spectacle fait oublier tout le reste.¹⁴⁴

No trecho citado, fica claro para Assier que a natureza que se apresentava nos caminhos do interior do país era um verdadeiro espetáculo aos seus olhos, mas que essa beleza toda estava inculta nas florestas virgens do interior, onde os machados do colonizador ainda não haviam alcançado. Todo o espetáculo genuíno brasileiro, guardado em seu céu, suas matas e seus rios, parecia ruir perante a ação do agente transformador europeu. As plantações de cana-de-açúcar e café podiam ser positivas, pois eram o progresso, a riqueza – não aquela arrancada diretamente pela terra, mas aquela que dela era conquistada –, eram a civilização avançando; no entanto, a verdadeira beleza brasileira, aquela que verdadeiramente encantavam os forasteiros, justamente por ser distinto de tudo o que conheciam, era a mata intocada e inculta.

Assim, a estranheza é um fator capaz de provocar reações dúbias, tanto de afastamento quanto de fascínio¹⁴⁵. Perante esse quadro de estranhamento e fascínio concomitantes pela natureza brasileira, mais uma vez cabe a pergunta: nesse jogo entre belezas naturais e civilização, quem saía ganhando?

¹⁴⁴ D'ASSIER, Adolphe. Le mato virgem, scènes et souvenirs d'un Voyage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1864b, p. 549.

¹⁴⁵ SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza: Ambiguidades do olhar viajante. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, jun./ago., 1996, p. 125.

Assier não era o único que em seus relatos transparecia esse fascínio pelo diferente, pelo distinto, proporcionado por quadros naturais alheios à Europa natal. Émile Adêt não se resguarda em dizer que a natureza poderosa, imersa em sua própria desordem primitiva, parecia sair das mãos do Criador:

Sauf quelques villes, quelques villages, quelques vastes plantations clair-semées sur cet immense territoire, on n'y découvre sans cesse que des bois vierges, des montagnes colossales, des cascades gigantesques, toute la grandeur enfin et parfois toute la sauvagerie d'une nature puissante qui, dans son désordre primitif, semble sortir des mains du Créateur.¹⁴⁶

No trecho anterior, que descreve as impressões de Émile Adêt durante suas andanças pelo Brasil, fica claro que não são as cidades ou as vastas plantações que encontra que lhe tocam a alma, mas sim as matas virgens, as montanhas colossais e as cascatas gigantescas. É o primitivo e o natural, perdidos há tanto no Velho Mundo, que são dignos de suas notas de enaltecimento e provocam o êxtase em seus sentidos. As cidades, as casas, as igrejas e a gente mestiça também chamam a atenção do viajante francês, mas mais por serem cópias imperfeitas de seu mundo¹⁴⁷ do que por serem algo em todo distintas. A natureza seminal, que inundava todos os espaços dessa nova sociedade, com seu clima enervante, com sua pestilência, com sua abundância, era o que marcava a distinção, e mencioná-la, mesmo em momentos genuínos de admiração, era mostrar que o Brasil não era a França, definitivamente.

¹⁴⁶ ADÊT, Émile. L'Empire du Brésil e la société brésilienne em 1850. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1851, p. 1.085.

¹⁴⁷ Mais à frente abordaremos a forma como Émile Adêt trata a tentativa de aproximação desse Brasil que conheceu com a Europa da civilização, processo lento e dificultoso, conforme podemos observar nas palavras do escritor.

E não ser a França o colocava em uma posição de inferioridade, já que tudo aquilo era bonito, provocava sensações dignas de nota, mas era pouco para colocar o país em patamares de rejeitarem uma aproximação com o progresso que somente a Europa poderia oferecer.

Nesse sentido, é importante também que ressaltemos a própria condição de viajante dos escritores da *Revue* – todos que publicaram no periódico sobre o Brasil também eram viajantes –, o que lhes conferia aspectos distintivos em seus textos. Afinal, o relato de viagem guarda suas particularidades, no momento em que reúne, em um mesmo texto, aspectos da história, da antropologia, da ficção, entre outros, configurando o olhar do viajante sobre o espaço e a cultura do outro, estando também preso à necessidade de narrar a novidade e o raro testemunho do outro¹⁴⁸.

Assim, nas descrições e nos relatos sobre o Brasil publicados na *Revue*, a presença do exótico, caracterizado principalmente pela distinção provida pela natureza tropical brasileira, se faz elemento frequente, pois se apresenta como o item capaz de provocar o deslumbramento e o interesse no leitor, o que ajuda a justificar sua presença maciça nos textos sobre o Brasil na *Revue*¹⁴⁹.

Como nos trouxe Mark Mazower, ao trabalhar os relatos de viagens produzidos por europeus na Grécia do século XIX, que guardam muitas semelhanças com os relatos

¹⁴⁸ ROMANO, Luis Antônio Contatori. Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporâneas. *Estação Literária*, Londrina, v. 10B, 2013, p. 38.

¹⁴⁹ Ibidem, pp. 42-43.

produzidos no Brasil do século XIX, os viajantes “estavam vendo exatamente o que vieram ver. Seus apetites culturalmente determinados precisavam ser satisfeitos”¹⁵⁰.

Portanto, buscar esse insólito, esse raro, capaz de encantar o leitor e prender sua atenção, dizendo, também, o que eles queriam ler, faz parte do relato de viagem e explica por que as revoadas de pássaros, as imensas florestas, as belas paisagens e as grandes cascatas se mostram tão presentes. Afinal, havia toda uma gama de leitores a ser satisfeita, além de um escritor que já vinha com imagens e interesses preestabelecidos, e somente o exótico, o diferente, seria capaz de justificar suas empreitadas em regiões tão distantes. Atravessar o oceano, se embrenhar em matas, sofrer com perigos de ataques e doenças, só valeria a pena se fosse pelo distinto.

Assim, terminamos esse capítulo trazendo um ponto-chave dentro dos escritos publicados na *Revue des Deux Mondes*, e mesmo os de outros viajantes franceses que aqui estiveram, nos mais distintos períodos da história brasileira: a exaltação das belezas naturais.

A verdade é que, fundada tanto em mitos medievais quanto nos rígidos cânones da ciência oitocentista, a imagem que se propagou entre os franceses sobre a nossa natureza e o nosso clima tropical foi sempre, de maneira geral, positiva. Correspondia a impressões genuínas que, no fundo, não deixavam marcar a diferença e a distância que esse lado do Atlântico se encontrava da civilização.

¹⁵⁰ MAZOWER, Mark. *Salônica: cidade de fantasmas – cristãos, judeus e muçulmanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 200.

Os “alegres trópicos”¹⁵¹ existiam, e os relatos não nos deixam negar o contrário. No entanto, esses trópicos paradisíacos tinham que conviver com problemas que saltavam aos olhos estrangeiros tanto quanto o faziam os papagaios e a grandeza dos rios. Problemas esses que começam a ganhar mais corpo daqui para frente, quando o embate entre civilização e barbárie se torna mais nítido. Além disso, uma posição mais clara, que vai além da descrição de paisagens, também começa a ganhar corpo na *Revue des Deux Mondes*, e a necessidade de Europa se torna cada vez mais evidente.

O que veremos a partir de agora é a queda dessa dissimulação acerca dos trópicos por esses viajantes franceses que escreveram na *Revue*. Se, até aqui, as inferioridades estão nas entrelinhas, em grande parte das vezes até inconscientes, guardadas em elogios capazes de encher de orgulho mesmo os brasileiros, a partir de agora essas inferioridades ficarão mais evidentes. Aquele olhar de cima, que tudo observa, descreve e critica, passará a ser mais incisivo em mostrar que esse Brasil do século XIX, por mais bonito que fosse, era ainda débil demais e precisava ouvir as soluções desses grandes mestres da civilização e do progresso.

No próximo capítulo, analisaremos como a questão racial, tão ligada à questão tropical, aparece nos escritos da *Revue* e como essa trajetória de mostrar um Brasil cada vez mais necessitado de Europa vai se delineando e ficando mais evidente.

¹⁵¹ Na expressão de Leyla Perrone-Moysés, ao trabalhar as descrições, carregadas de elogios, que os primeiros cronistas franceses legaram sobre o Brasil, ainda nos séculos XVI e XVII (PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Lery. *Revista USP*, São Paulo: USP, CCS, 1989).

3. A civilização *versus* a barbárie

Como vimos, os franceses, desde as suas primeiras visitas ao ainda recém-descoberto Brasil, transpareceram imagens positivas e paradisíacas. Seus relatos refletiam beleza e calor, e a natureza tropical do Brasil encantava os olhos daqueles homens do Velho Mundo que aqui chegavam, afinal, era o estranho capaz de trazer um fascínio indescritível¹⁵². Essa posição foi reiterada pelos visitantes do século XIX, que, munidos de intenções distintas mas ainda envoltas em um espírito de superioridade e de um imperialismo, mesmo que indireto, ainda mostravam que o domínio do forte sobre o fraco era o caminho a ser seguido. Eles também deixaram nesses seus relatos a noção de que essas terras eram belas e que as sensações e paisagens deveriam ser retratadas.

Essa vontade de ressaltar esse distinto tão bonito, que podia marcar uma diferença e ajudar a colocar o Brasil em seu lugar em meio ao mundo civilizado, podia guardar intenções, mas a verdade é que não podemos negar que os sentimentos que as visões tropicais despertaram nesses franceses da *Revue* também guardavam algo do genuíno.

No entanto, segundo Mollat du Jordin, após o estupor inicial, segue-se uma fase de análise mais aguda, em busca das diferenças¹⁵³, e é nesse ponto que podemos notar as mudanças que começam a conduzir o Brasil do paraíso ao Brasil do antiparaíso, marcado por tudo o que assombrava o europeu, como as gentes indolentes, a miscigenação, o calor excessivo, a pestilência, e tudo aquilo mais de diferente que esse mundo tropical apresentava.

¹⁵² SEIXO, 1996, p. 125.

¹⁵³ JOURDIN, Michel Mollat du. L'altérité, découverte des découvertes. *Voyager à la Renaissance. Actes du colloque de Tours*, Paris: Maisonneuve et Larose, 1987.

A ver pelo que notamos anteriormente, a busca da diferença começa antes mesmo dessa fase inicial de estupor, que relata du Jordin. No entanto, as palavras do autor francês fazem sentido se tomarmos como ponto de vista aquelas diferenças que se mostravam diretas, que não estavam mais nas entrelinhas do discurso. Se antes a diferença estava escondida em bases elogiosas, cada vez mais elas vão ficar mais escancaradas nos escritos desses viajantes; e os elogios também vão minguar na mesma medida.

O fascínio inicial pela diferença – aqui vista de uma maneira positiva, basicamente calcada no elogio –, que se apresentava na forma das belas cascatas, das aves coloridas e das florestas imensas, logo dava início a um momento em que se questionava a viabilidade de tudo aquilo. É nesse momento que essa diferença de que tanto falamos se mostra de maneira mais gritante, já que esse mundo tropical que se abria era distinto em razão de carecer de cultura e civilização, quesitos caros demais para serem perdoados por europeus preocupados com a marcha da civilização. E isso não podia ficar apenas nas entrelinhas.

Assim, apesar de continuarem as exaltações acerca dos belos quadros naturais desse novo mundo que se abria, aos poucos também se ia notando que, em meio a toda aquela beleza e riqueza, faltava algo essencial àqueles homens do além-mar. Nesse sentido, o trecho citado a seguir, do capuchinho Yves d'Evreux, que conta as memórias de sua passagem pelo Maranhão do início do século XVI, nos é emblemático:

(...) cette terre serait proportionné au naturel du Français autant que la France, si elle était cultivée et pourvue de vivres nécessaires au naturel français, tels que le pain et le vin; car quant à la chair, poisson, légumes et racines. Il y en a une telle abondance qu'il n'est pas possible de le croire, à la charge pourtant qu'il les faut prendre et planter.¹⁵⁴

¹⁵⁴ D'EVREUX, Yves. *Voyage au Nord du Brésil fait en 1613 et 1614*. Paris: Payot, 1985, p. 188.

Embora estejamos falando de homens do século XIX, vale aqui um pequeno retorno ao XVII com esse trecho de Evreux, que é interessante por nos mostrar o quão forte era essa noção de um Brasil belo e bárbaro, belo e carente de civilização, que, como veremos, persistia – com suas devidas diferenças é claro – nos idos dos oitocentos. Nesse sentido, o trecho citado é emblemático porque ressalta toda a riqueza e abundância do Brasil, mas ao mesmo tempo mostra que ela é subexplorada, que doçuras da civilização, como o pão e o vinho ainda não haviam chegado àquelas terras tropicais, mesmo havendo condições para isso.

Era a tão cara cultura europeia que parecia querer aparecer em meio a toda a distinção conferida pelo exotismo da terra dos papagaios, imersa em beleza e desordem, já no século XVI, algo que no século XIX, com todo o progresso que a Europa vivia, parecia se tornar algo ainda mais imperdoável.

É aqui que caímos em um embate que se dá desde os primeiros contatos entre europeus e o Novo Mundo, a civilização *versus* a barbárie, ponto esse que, se antes se manifestava na nudez e na feitiçaria, agora se manifestaria na falta de políticas públicas, na escravidão, na raça, na falta de educação, enfim, na forma de problemas próprios desse século.

Esse embate entre natureza e civilização, que, como vimos, já aparecia desde os primeiros relatos da relação Brasil-França, ganharia vida longa no decorrer dos séculos e se mostrou como ponto importante de debate até meados do século XX, figurando como elemento de destaque dentro dos relatos sobre o Brasil publicados na *Revue des Deux Mondes*.

Continua-se a se desenhar um Brasil naturalmente rico, algo invejável para homens vindos de uma terra onde tudo parecia – pelo menos se nos levarmos pelas suas comparações com a vida em solo europeu – vir com muito esforço, os quais pareciam deslumbrados com tamanhas riquezas, dadas com uma generosidade sem precedentes pela mãe natureza. Um país, no entanto, ainda subexplorado justamente pela falta daquilo que somente a civilização europeia poderia prover.

Aqui vale a pena retornarmos algumas décadas, para finais do século XVIII, quando o governo português enxergou na sua América um filão ainda pouco explorado e viu nela as chances de vencer a crise econômica, utilizando, através daquela natureza rica e pródiga, a ciência e a civilização para mostrar que esse Brasil subaproveitado, mal gerido, poderia passar por mudanças e se tornar um lugar menos alheio a todo aquele universo de razão que se apresentava, algo que, como veremos, terá continuidade no século XIX.

Tal projeto de melhor exploração do mundo natural brasileiro por Portugal veio de um contexto de reordenamento político e econômico do Império Colonial português, visto que as arrecadações com as minas já não garantiam os mesmos proventos de outrora. No mais, franceses, ingleses, e mesmo árabes¹⁵⁵ conseguiam climatizar e introduzir produtos tropicais em suas terras ou colônias, concorrendo assim com os produtos portugueses e fazendo as receitas da Coroa despencarem¹⁵⁶. A própria experiência de sucesso de exploração natural realizada pelos concorrentes, somada às quedas na arrecadação, levou o governo português a olhar com outros olhos para suas terras no além-mar.

¹⁵⁵ Warren Dean cita o exemplo da introdução de especiarias na ilha de Zanzibar por esses povos, produtos que acabaram por competir com os produtos portugueses (DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo: A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 144).

¹⁵⁶ Ibidem, pp. 134-135.

No entanto, como dissemos, não seria com base na experiência das gentes nativas que da natureza se extrairia a riqueza, pelo menos não nas dimensões que as empreitadas mercantilistas da época exigiam. Havia a “necessidade de Europa”; e era na ciência, fruto da cultura e civilização europeias, que estaria a chave para o sucesso da exploração das terras tropicais.

Nesse contexto, o governo português passou a investir maciçamente nas chamadas ciências naturais. Esses investimentos se justificariam com os recursos e as produções advindos dos estudos produzidos pelos viajantes e naturalistas que percorreriam o Brasil e demarcariam suas potencialidades¹⁵⁷. Prova desse novo apreço pela ciência, atrelada a ganhos econômicos, pode ser encontrada nos dizeres abaixo de Correia da Serra, naturalista e fundador da academia de Ciências de Lisboa:

O primeiro passo de uma nação, para aproveitar suas vantagens, é conhecer perfeitamente as terras que habita, o que em si encerram, o que de si produzem, o que são capazes. A História Natural é a única ciência que tais luzes pode dar; e sem um conhecimento sólido desta parte, tudo se ficará devendo aos acasos, que raras vezes bastam para fazer a fortuna e riqueza de um povo.¹⁵⁸

Dessa maneira, aos poucos nascia a noção de que a natureza se tornava um patrimônio do lugar. E, para que este fosse bem explorado e assim gerasse riquezas, necessitava-se dos

¹⁵⁷ SCHIAVINATTO, Iara Lis. Imagens do Brasil: Entre a natureza e a História. In: JANCSÓ, Istvan. *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: HUCITEC; Ed. Unijuf: Fapesp, 2003, p. 608.

¹⁵⁸ SERRA apud SCHIAVINATTO, 2003, p. 608. Dentre as ações portuguesas no sentido de potencializar a exploração econômica de suas colônias através dos usos do conhecimento científico, podemos destacar a contratação do naturalista italiano Domingos Vandelli, ainda no governo de Pombal. Vandelli participou ativamente da reestruturação da Universidade de Coimbra e da Fundação da Academia de Ciências de Lisboa, além de escrever uma dissertação sobre o modo de como relatar as chamadas viagens filosóficas, de maneira a torná-las mais efetivas e inserir seus relatos dentro dos cânones do novo sistema de classificação do mundo natural elaborado por Lineu (SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Pátria Coroadas: O Brasil como corpo político autônomo 1780-1831*. Campinas, SP [s.n.], 1997, pp. 33-34).

conhecimentos das ciências naturais¹⁵⁹. Nesse sentido, os viajantes apresentavam-se como elementos de destaque nesse novo método de se enxergar a natureza, visto que eram os homens de ligação entre a natureza, a ciência e a riqueza.

Atrair viajantes estrangeiros passou a ser vantajoso¹⁶⁰, já que em meio às curiosidades existentes em seus relatos, abundantes de maravilhas e exotismo, seus escritos traziam também informações sobre a flora, a fauna e o solo brasileiros, algo que poderia se tornar deveras útil se aproveitado da maneira certa¹⁶¹.

Os viajantes do século XIX não deixaram de dar continuidade àquilo pregado pelos naturalistas portugueses do século anterior, o viés econômico continuava¹⁶², mas o interesse não estava somente nesse ponto. Lembremos que um dos objetivos da *Revue des Deux Mondes* era, a partir dos sucessos e fracassos observados mundo afora pelos seus colaboradores, absorver o que havia de melhor, contribuindo assim para o aperfeiçoamento da organização social francesa¹⁶³.

E é justamente essa sucessão de sucessos e fracassos que encontramos nos seus relatos. Sucesso porque encontraram terras ricas, com um futuro brilhante pela frente, e fracasso porque toda essa fartura parecia subestimada, subexplorada. Faltava ainda a chama europeia da civilização – testada e aprovada em tempos anteriores, como vimos – capaz de

¹⁵⁹ BARBATO, 2009a, p. 99.

¹⁶⁰ Como exemplo disso há o convite feito ao geólogo alemão Barão de Eschwege, que, já após a instalação da Corte Portuguesa no Brasil, chegou com o intuito de fazer levantamentos e ajudar a ressuscitar as decadentes minas brasileiras (DEAN, 1996, p. 141).

¹⁶¹ NAXARA, Marcia Regina Capelari. *Sobre o Campo e a Cidade* – olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Campinas: [s.n.], 1999, pp. 107-108.

¹⁶² Warren Dean, em seu trabalho, traz os exemplos dos furtos e pilhagens de espécimes praticadas tanto por portugueses quanto por seus inimigos, em inícios do século XIX, o que ressalta o fato de que a importância econômica da natureza ainda perdurava (DEAN, 1996, pp.140-144).

¹⁶³ CAMARGO, 2005, p. 83.

otimizar os usos desses recursos e trazer o progresso. Aquele projeto português que relatamos há pouco parecia inconcluso. Aqueles franceses tinham muito o que contribuir para tornar esse Brasil, enfim, um lugar digno de toda a riqueza que a natureza lhe provera.

No mais, esse estupor inicial quebrado que citamos há pouco e que começara a surgir primeiro de maneira sutil, depois de maneira mais cruel, vem a deixar isso tudo muito mais latente. Além de faltar a mão europeia, guia para o sucesso nesse momento de se despertar de um sonho, mesmo aquela natureza, tão bela e tão generosa, parece perder um pouco de seu encanto, se tornando cada vez mais opressiva, no momento em que faz o contraponto justamente a tudo aquilo que de melhor os homens do hemisfério Norte tinham a oferecer: sua cultura.

Nesse sentindo, o trecho a seguir de Chavagnes nos é bastante elucidador desse antagonismo entre a civilização e a natureza, noção-chave que nos oitocentos guiaria, inclusive, a formação do próprio *ethos* brasileiro no século XIX e início do século XX¹⁶⁴.

Quelques courses autour de la baie, dans les villages qui entourent Rio-Janeiro, suffisent pour donner une idée de la richesse et de la beauté du pays Partout on découvre des situations charmantes, des points de vue admirables ; partout la nature tropicale vous séduit par sa grace ou vous surprend par sa grandeur. (...) On reste sous le charme devant cette nature du Nouveau-Monde, où tout porte un cachet de grandeur que l'Europe pourrait envier, si elle n'avait en échange tant d'autres avantages plus précieux, quoique peut-être moins appréciés.¹⁶⁵

A frase final do trecho anterior nos é bastante esclarecedora, pois, depois de prestar os enaltecimentos devidos às belezas da natureza tropical que encontrou, deixa claro que,

¹⁶⁴ Não nos alongaremos agora a respeito da penetração das imagens francesas dentro do Brasil do XIX porque, mais à frente, dedicaremos um capítulo a esse tema.

¹⁶⁵ CHAVAGNES, 1844b, p. 70.

comparando-a a Europa, esta última apresenta vantagens “mais preciosas, embora menos apreciadas”. Dessa maneira, começa-se a se quebrar a noção de paraíso tropical para se dar início a descrições mais realistas destas terras tropicais, marcadas por problemas, por ignorância, por descaso e por barbárie. E a mesma natureza tropical, que se enaltece tanto aos olhos daqueles estrangeiros pouco acostumados com tamanha exuberância, também é capaz de muitas vezes tornar-se um entrave ao progresso brasileiro.

Tal ponto, presente nos relatos da *Revue*, conforme relatamos, vai ao encontro dos movimentos de edenização e detração a respeito do Brasil pelos viajantes, que marcaram nossa história desde o descobrimento até idos do século XX. Mesmo no que tocava à questão exclusiva da natureza, da qual excluímos as gentes, sendo com certeza a parte mais problemática e mais atacada desde sempre, e apesar de haver uma tendência à edenização, ela nunca é total, já que os visitantes nunca deixaram de expor observações que, em maior ou menor grau, acabavam por minar a ideia de natureza bela e pródiga em sua totalidade.

Dessa maneira, reafirma-se, portanto, a ideia de Mello e Souza, segundo a qual “houve tendência à edenização da natureza, predomínio dela, mas não exclusividade”¹⁶⁶, mesmo se deixados de lado os problemáticos recursos humanos do Brasil. Nesse sentido, não é de estranhar que mesmo aqueles viajantes que publicaram na *Revue* e que se estarreciam sobre os belos quadros naturais que encontraram no Brasil não deixassem de mostrar também seus aspectos negativos, como nos casos mostrados aqui.

¹⁶⁶ MELLO E SOUZA, 1986, p. 43.

Exemplo disso podemos encontrar nas descrições que apontam a natureza tropical como uma verdadeira inimiga do progresso, uma vez que muitas vezes se mostrava mais forte que as próprias ações humanas que tentavam domá-la. Algo bastante ameaçador perante os olhos daqueles europeus, haja vista que a população brasileira, mestiça e forjada sob a ação deletéria dos trópicos, que se expressa atrozmente na forma da preguiça e da indolência, parecia estar muito aquém daquela energia necessária para rivalizar e vencer tamanho desafio, o que se contrapõe a toda a potencialidade que essa natureza, dubiamente, também representa.

Dessa maneira, os elogios aos trópicos continuam, e as riquezas e potencialidades tropicais a todo momento vêm à tona nos relatos daqueles viajantes europeus que aqui estiveram nos oitocentos. Do solo do Brasil brotam riquezas minerais das quais a Europa não mais partilha ou as quais não conhece; as terras brasileiras são relatadas como férteis e guardam uma riqueza potencial muito grande, que, se bem exploradas, podem gerar ganhos e transformações positivas para o país. O Brasil era um gigante em potencialidades naturais, o que não passa despercebido pelos nossos viajantes:

Le Brésil est situé entre les 4° 18' et 34° 55' latitude sud, et comprend environ le tiers de l'Amérique méridionale. Il ne serait pas étonnant qu'une étendue de pays aussi immense offrît une grande variété de richesses et de productions; mais souvent dans la même province, dans le même district, on trouve le fer et les diamans, l'or, le plomb et les topases; on peut cultiver à la fois le manioc, le blé et le maïs, le café et la vigne, le lin et le cotonnier, les fruits les plus délicieux de l'Inde, de l'Amérique et de l'Europe; enfin la terre, vierge encore, a une telle fécondité, qu'elle rend de cent cinquante à cinq cents pour un à celui qui prend la peine d'y jeter quelques semences.¹⁶⁷

¹⁶⁷ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Tableau de dernières révolutions du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, V. III-IV, 1831, p. 329. Augustin François César Prouvensal de Saint-Hilaire foi um dos mais importantes naturalistas do século XIX, com importantes estudos em botânica e

O fragmento anterior, de autoria do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, retrata bem como o Brasil era visto em suas potencialidades naturais pelos viajantes europeus do século XIX. Primeiro são descritas as riquezas minerais que o solo brasileiro guarda, rico em metais e pedras preciosas, como é o caso do ouro, dos diamantes e dos topázios, que podem ser encontrados no mesmo lugar que se encontram outras riquezas caras a qualquer país, como é o caso do chumbo. Além disso, o naturalista mostra que as potencialidades de riqueza do Brasil vão ainda muito além de seu subsolo, estando presentes também na agricultura.

Nesse caso, a fertilidade e a versatilidade do solo brasileiro à produção dos mais diversos gêneros agrícolas saltam aos olhos do francês, o que propicia o cultivo de gêneros das mais diversas partes do globo, como é o caso do café, da vinha, do algodão, do milho, entre outros. Os trópicos e toda a sua riqueza, a qual se converte em delícias que somente terras como aquelas poderiam proporcionar, se mostram no momento em que o naturalista francês diz que nas terras brasileiras poderiam ser produzidas as frutas mais deliciosas das Índias, da Europa e da América. Fica aqui evidente que tal fertilidade, tal possibilidade de

zoologia. Munido de instruções da Academia de Ciências e do Museu de História Natural, Saint-Hilaire parte com destino ao Brasil com o objetivo de descobrir plantas tintoriais que poderiam ser introduzidas na Guiana Francesa, bem como de reconstituir as coleções botânicas do Jardin des Plantes em Paris. Aporta em 1816 no Brasil e aqui permanece por 6 anos, percorrendo diversas províncias e milhares de quilômetros. No seu retorno à França, em 1822, leva consigo cerca de 24 mil amostras de plantas, formando um grupo de cerca de 6 mil espécies, sendo a maior parte delas desconhecidas. Também leva 129 espécies de mamíferos, duas mil de aves, 35 de répteis, 58 de peixes, dezesseis mil de insetos, além de conchas e minerais. Mais que suas contribuições no campo das ciências naturais, Saint-Hilaire também levou para a França seus relatos acerca da população, da organização social, além de observações sobre a economia e a história do Brasil (CAMARGO, 2007, pp. 80-88).

tão ampla gama de gêneros, era algo distinto daquelas terras europeias que ele conhecia, peculiaridade que deveria ser ressaltada.

E não é somente Saint-Hilaire que se espanta e se entusiasma com tamanha riqueza que a natureza pode oferecer a um país. Dentro da *Revue*, abundam-se os relatos nos quais a exaltação da fertilidade e das potencialidades das terras brasileiras é descrita, o que reforça a ideia de que os trópicos eram em si distintos, justamente por guardarem uma fertilidade e uma riqueza que na Europa se desconheciam ou já tinham sido esquecidas. E, a notar-se pelas descrições que ressaltam a localização do Brasil no globo, como vimos no trecho de Saint-Hilaire, e que podem ser encontradas ainda em outros textos, como no trecho a seguir, podemos estabelecer uma relação direta entre o clima tropical e tal riqueza:

Le Brésil a une étendue d'environ 37 degrés de latitude depuis la rivière Oyapock, au nord de la ligne équinoxiale, jusqu'à Castillos, au sud. Il possède plus de mille lieues de côtes sur l'Océan-Atlantique, avec d'excellens ports, des baies magnifiques et des fleuves majestueux. La largeur du territoire brésilien est inégale, et varie entre 5 et 20 degrés de longitude : sa superficie totale est de 7,992,000 kilomètres carrés. C'est tout ce que les Portugais ont découvert et possédé. Le Brésil n'a rien perdu ni gagné en étendue territoriale depuis son indépendance. Dans cette immense contrée se rencontrent des climats de toute nature, chauds, tempérés et froids. Tout ce que l'Asie, l'Afrique et l'Europe produisent peut facilement y être acclimaté, et la plupart des productions de l'univers y existent déjà. Ses plaines, ses forêts, ses montagnes, ses rivières se prêtent à toute espèce d'industrie. Le sol renferme des mines d'or, de diamans, de pierres précieuses, de fer, de charbon, d'argent et de tous les minéraux connus.¹⁶⁸

¹⁶⁸ SILVA, Pereira da. Le Brésil em 1858 sous l'empereur D. Pedro II. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1858, p. 799. João Manuel Pereira da Silva é o único entre os escritores sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes* nascido no país. Filho de portugueses, foi advogado e político, sendo inclusive eleito deputado e senador no Império Brasileiro. Foi fundador da Academia Brasileira de Letras e, quando estava na França, contribuiu com a *Revista Nitheroy*. Assim como Adêl, também foi um dos colaboradores da *Revue* que se opuseram às opiniões depreciativas de Chavagnes sobre o Brasil (CAMARGO, 2007, pp. 130-133).

Com base no fragmento anterior, podemos notar o quão importante era a relação entre clima e produção agrícola e mineral, e, por consequência, entre clima e riqueza. A aclimação de gêneros agrícolas ao solo brasileiro era vista como algo bastante notável destas terras, das quais poderia emergir um mar de potencialidades. No mais, o trecho mostra que a dimensão do Brasil, que se estende por uma série de latitudes, e os acidentes de relevo, como é o caso das montanhas, acabam por propiciar climas diversos daquele tropical que domina o país, servindo mais uma vez como ponto de enaltecimento das condições brasileiras à geração de riquezas a partir do solo. O Brasil era grande, diverso e rico, e no seu seio estava aberta uma gama sem fim de recursos e produções:

Barbacena compte douze cents maisons et environ six mille habitants ; les négocians les plus riches avaient pris part à la révolte des Mineiros, et ils étaient en fuite Le climat de Barbacena est tempéré, presque froid. Nos fruits et nos fleurs, qui ne peuvent venir à Rio, réussissent à Barbacena. La différence de climat s'explique par la position élevée de cette dernière ville. (...) Queluz est situé sur le penchant d'une colline, au milieu de jardins bien cultivés ; l'église est le principal monument de cette ville, qui ne consiste qu'en une longue rue formée par des maisons d'assez misérable apparence. La température y est plus chaude qu'à Barbacena ; le café, les ananas, le tabac, réussissent à Queluz, tandis que les nuits froides de Barbacena les feraient périr.¹⁶⁹

No entanto, tais elogios às riquezas e potencialidades dos trópicos, típicos da maior parte dos relatos que descrevem o Brasil, logo passam por outro processo que também é típico desses escritos. Eles mínguem na medida em que se relacionam com os males que estas terras tão férteis, tão lindas e tão diferentes trazem consigo: gentes imersas em preguiça e ignorância, incapazes, por isso, de explorar essas riquezas; governos

¹⁶⁹ CHAVAGNES, 1844b, pp. 81-83.

preocupados mais em explorar do que em construir, que acabam, em razão disso, por contribuir para um Brasil às margens da civilização; uma natureza demais pujante, que sufoca o homem e a civilização; e dificuldades de aclimação do homem europeu a terras tão quentes e distintas.

Enfim, os trópicos eram lindos e ricos, mas tal riqueza era ambígua, já que a mesma terra que dava fácil ouro, diamantes, mandioca, milho, vinhas, café e qualquer outra produção agrícola que se quisesse produzir, dava também a preguiça e a imprevidência, males típicos de zonas tropicais, de vida fácil e doce, tal como eram retratadas nesses tempos. Assim, os trópicos estavam envoltos na armadilha que há séculos os europeus relatavam sobre as regiões tropicais, tão férteis, que acabavam por gerar uma multidão de vagabundos, acostumados a ter tudo à mão, sendo, assim, avessos ao trabalho. Como ressaltamos anteriormente na frase de Chavagnes, a Europa apresentava características “mais preciosas, embora menos apreciadas”, o que é emblemático nesse momento de nossa história se considerarmos os olhares de europeus sobre o Brasil, como fazemos aqui.

Começa a se desenhar dentro da *Revue* uma dicotomia que marcara por muito tempo as representações do mundo tropical, que muito impacto tiveram na formulação do próprio *ethos* brasileiro: os trópicos eram lindos, mas avessos à civilização.

Tais dicotomias, segundo Márcia Naxara, se mostram há tempos na cultura ocidental e são baseadas em um maniqueísmo que busca gerar modelos antagônicos de explicação, segundo os quais o bem e o mal são confrontados¹⁷⁰. Essas dicotomias são tão

¹⁷⁰ NAXARA, 1999, p. 3.

presentes em nossa história que, segundo Gilmar Arruda, acabaram por se tornar uma das tônicas na explicação da sociedade brasileira, dividindo-a em espaços simbólicos dicotômicos, como o sertão *versus* a cidade, o litoral *versus* o interior, o urbano *versus* o rural, e também o clima tropical *versus* o clima temperado¹⁷¹. Nesse sentido, veremos mais claramente que os viajantes da *Revue* em muito contribuíram para estabelecer esses mapas imaginários desse Brasil dividido.

Os escritos da *Revue* nos confirmam isso. O tempo todo a oposição estava dada, seja ela entre o norte civilizado e o sul bárbaro, quando em comparação do Brasil em relação à Europa, seja ela entre o norte bárbaro e o sul civilizado, quando se fazia comparações internas, seja o belo do bárbaro e o feio do progresso, quando a comparação nem mesmo era o objetivo, como no caso do enaltecimento da natureza, que marca a diferença. Nesse sentido, os espaços antagônicos e as dicotomias estão presentes, surgindo o tempo todo nas palavras dos viajantes¹⁷².

Mas, de todas essas dicotomias, que fugiam ao sentido físico-geográfico e que eram operadas mediante um viés simbólico¹⁷³, a tônica da civilização *versus* barbárie foi uma das mais recorrentes no século XIX, no que se tratava de Brasil¹⁷⁴. Isso porque estávamos em uma época em que, além de todas as dicotomias antes mencionadas, havia o centro propulsor de todas elas, o centro que se colocava como modelo de civilização do qual as nações deveriam partilhar, marcado pela Europa e por tudo o que ela carregava junto de si.

¹⁷¹ ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru: EDUSC, 2000, p. 13.

¹⁷² Não vamos nos alongar nesse assunto porque ele será trabalhado mais à frente, ao abordarmos as relações entre os franceses e o pensamento social brasileiro.

¹⁷³ Ibidem, p. 13.

¹⁷⁴ NAXARA, loc. cit.

Dentro desse contexto, a Europa emergia como a detentora da civilização, uma civilização que se opunha à natureza¹⁷⁵ e da qual o Brasil estava perigosamente afastado se tomássemos como referência o quadro universal ocidental da época¹⁷⁶. E, visto dessa ótica dicotômica, baseada em uma aparente oposição ao modelo europeu, o Brasil, pelo menos em sua maior parte, precisava ser civilizado, visto que, sob olhos daqueles que vinham das cidades e dos jardins, o País parecia ser basicamente só natureza.

Devemos lembrar que esse antagonismo entre Europa e natureza se mostra ainda mais evidente se lembrarmos que, enquanto o Brasil lutava contra sua natureza, a Europa, pelo contrário, vivia um momento de memórias, de nostalgia pela sua natureza perdida, com o avanço cada vez maior das cidades, dos jardins, dos arados, ou seja, de uma natureza cada vez mais civilizada – e também perdida¹⁷⁷ – que fazia falta. Nesse contexto, se acentuava cada vez mais a diferença dela em relação aos trópicos, selvagens e indômitos, ou seja, tão distintos, que traziam a curiosidade daqueles viajantes dispostos a apreciar e a desvendar aquele mundo que se perdera com a civilização, o que reforça mais uma vez nossa tese de que o belo não era Europa, definitivamente, e isso não era bom.

E é dentro desse mundo oposto que se desenhava um lugar bárbaro que, marcado pelo desequilíbrio e por um clima que teimava em minar as forças do homem,

¹⁷⁵ Dentro desse jogo de dicotomias, que tende a colocar civilização *versus* a barbárie e Europa *versus* mundo natural, Ferdinand Denis nos oferece mais um exemplo do lugar que o Brasil, marcado pela sua gente, ocupa nesse mundo, ao trazer a Europa como símbolo da história sem natureza e ao observar o índio brasileiro como o seu oposto direto, o representante da natureza sem história (PAZ, 1996, p. 247).

¹⁷⁶ Algo que deveria ser o mais rapidamente consertado, inserindo o Brasil dentro do ideal europeu de civilização e progresso, processo que marcou o pensamento social brasileiro no século XIX (GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos históricos*, n. 1, 1988, p. 8).

¹⁷⁷ SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 21-24.

principalmente por se mostrar tão natural a ponto de fazer frente ao civilizado, não poderia deixar de trazer empecilhos ao progresso. Como dissemos, os trópicos eram lindos, mas eram opostos ao mundo civilizado, sendo, assim, avessos ao progresso.

Dentro dessa pretensa falta de aptidão dos trópicos ao progresso e, por consequência, do próprio Brasil, que, afinal, apesar de conter climas diversos, era um país essencialmente tropical¹⁷⁸, uma série de problemas é elencada pelos viajantes da *Revue* em relação ao Brasil. Esses problemas impediam que a jovem nação não só atendesse aos princípios básicos daquilo que era o mundo da época, dominado por um pensamento que colocava a Europa como modelo e centro do mundo, mas também fosse vista como parte integrante da civilização.

A natureza tropical brasileira era rica e exuberante, e sua pujança, que saltava aos olhos do estrangeiro que aqui pisava, se mostrava às vezes forte demais, o que demandava homens ainda mais fortes, capazes de se sobrepôr a uma força inimiga da civilização e de combatê-la com vigor a todo momento, local onde o homem parecia se perder em meio a tanta grandiosidade¹⁷⁹. A natureza já não era mais tão linda como as primeiras impressões mostravam:

Les travaux de l'homme n'ont pas dans les forêts du Nouveau-Monde cet aspect monotone de nos champs de la vieille Europe. (...) Là, les forêts sont le patrimoine de qui veut les conquérir. La puissance de l'homme y lutte contre la puissance de la nature, et sa vie est un combat. Une

¹⁷⁸ E ser tropical era um problema deveras grave, mesmo em um século XIX no qual as ideias de Humboldt sobre a natureza tropical já haviam vencido as de Buffon, Raynal e tantos outros, como veremos à frente.

¹⁷⁹ ARRUDA, Gilmar, 2000, p. 72; BARBATO, Luis Fernando Tosta. Os perigos do paraíso: a visão trágica da natureza brasileira no século XIX. *Anais do V Encontro de História da Arte – Unicamp*. Campinas/SP, 2009b.

végétation indomptable cherche sans cesse à étouffer dans ses bras sauvages les végétaux que ses mains ont plantés.¹⁸⁰

Essa natureza inimiga do progresso é trazida à tona. Como construir estradas e levar essa cara civilização ao interior do país, tão carente dela, se as estradas, ao menor descuido, eram tomadas pela floresta que a elas davam fim¹⁸¹? Como extrair toda a riqueza que o solo é capaz de proporcionar se, ao menor descuido do agricultor, toda a plantação é tomada por ervas daninhas que crescem vigorosamente e colocam fim a todo um ciclo de trabalhos¹⁸²? Como esperar que a civilização floresça em um país onde os hospitais e as escolas, obras do homem branco, sucumbem a uma natureza corrosiva e pestilenta¹⁸³? Como produzir em um

¹⁸⁰ LACORDAIRE, 1832b, pp. 660-661.

¹⁸¹ “Sauf quelques villes, quelques villages, quelques vastes plantations clair-semées sur cet immense territoire, on n’y découvre sans cesse que des bois vierges, des montagnes colossales, des cascades gigantesques, toute la grandeur enfin et parfois toute la sauvagerie d’une nature puissante qui, dans son désordre primitif, semble sortir des mains du Créateur. Cependant des routes commencent à sillonner en tous sens ces riches contrées ; mais ces routes, pratiquées sur un sol léger, d’une fertilité exubérante, constamment détrempé par d’abondantes pluies d’orages, se dégradent continuellement, et sont bientôt envahies par une inextricable végétation. Le gouvernement n’a encore ni assez de bras ni de suffisantes ressources pour assurer le bon entretien des chemins” (ADÊT, 1851, p. 1.085).

¹⁸² “Les terres d’alluvion qui bordent le fleuve ont une force de production tellement exubérante qu’elles mettent un obstacle à toute colonisation. Trop fécond, le sol qui se couvre spontanément d’une si riche végétation ne se borne pas à nourrir les germes qu’on lui confie, il développe aussi des plantes sauvages en abondance, et les pousses d’arbres et de lianes obligent à une lutte de tous les instants l’agriculteur qui veut sauver le fruit de son premier travail. On ose à peine s’aventurer dans cette nature, où les sentiers rarement pratiqués se changent en forêts, où les arbres pressés les uns contre les autres forment une muraille qu’il faut saper comme celle d’une forteresse, où des fruits semblables à des boulets de canon se détachent des branches avec fracas et s’enfoncent dans le sol à plusieurs centimètres de profondeur. Ainsi l’activité prodigieuse, la grandeur des phénomènes naturels qui se manifestent dans le bassin de l’Amazonie tendent à restreindre considérablement le domaine de la civilisation. Au milieu de cette grande vie, la petite vie de l’homme existe à peine, et se maintient difficilement contre les assauts des forces ambiantes” (RECLUS, Elisée. Le Brésil et la colonisation – le bassin des Amazones et les indiens. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1862a, pp. 936-937). Jean-Jacques Élisée Reclus, um geógrafo e escritor francês, viajou pelas ilhas britânicas, pelos EUA e pela América do Sul, entre os anos de 1851 e 1857. Ainda em 1957, ano de seu retorno à França, foi admitido como redator da *Revue des Deux Mondes*. Membro da Société de Géographie de Paris, Reclus se torna cada vez mais avesso ao despotismo e ao Império e acaba por se filiar à 1ª Internacional em 1869, o que, por incompatibilidade de ideais políticos, acaba causando seu desligamento da conservadora e monárquica *Revue* (CAMARGO, 2007, pp. 134-140; DUARTE, Regina Horta. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n. 51, jan./jun., 2006).

¹⁸³ Neste caso, Reclus retrata a tentativa de estabelecimento de colonos alemães na Amazônia e o quão difícil foi para eles a luta contra os trópicos. Apesar das belas paisagens, a realidade guardava muitos perigos e uma

lugar no qual o café, o algodão e a cana-de-açúcar, ou seja, a própria riqueza, são tomados constantemente pela força do capim¹⁸⁴?

necessidade de vigor e trabalho para vencer a luta contra a pujança tropical à qual os germânicos não estavam habituados, razão pela qual sucumbiram aos rigores do clima tropical: “Bien plus lamentables encore sont les résultats obtenus à la ferme-modèle de Notre-Dame-do-O’, située dans une île qu’entourent les bras de la rivière de Pará. La position de cette colonie est d’une admirable beauté. Les habitations s’élèvent sur le bord du fleuve, qui roule lentement ses : eaux dans un lit de 6 kilomètres de large ; vis-à-vis se montre la cité de Para, qui doit à son éloignement un aspect vraiment grandiose ; autour des maisons de la colonie se pressent les grands arbres de la forêt, chargés d’orchidées, de bignonias et de lianes de toute espèce : ça et là les palmiers jaillissent en bouquets de cette mer de verdure et de fleurs ; mais le contraste que l’œuvre de l’homme forme avec cette nature si magnifique laisse une impression d’autant plus douloureuse. Les chemins ont disparu sous la vase ou sous une végétation humide, les cabanes à peine achevées oscillent déjà sous le vent comme prêts de tomber, les champs mal cultivés sont envahis par les herbes et les arbustes ; tout porte le signe évident de la décadence. Le directeur de la colonie, ayant reconnu que l’île était appropriée à l’établissement d’une plantation sucrière cultivée à la mode du pays par des nègres esclaves, n’avait pas un moment douté que le sol ne convînt aussi à la création de fermes agricoles exploitées par des paysans allemands et belges. Plein de confiance, il avait donc mis son entreprise sous l’invocation de Notre-Dame-do-O’, et fait un appel de fonds pour se procurer le nombre de colons nécessaires. D’après le rapport officiel, les premières sommes allouées par la législature de la province furent dépensées en pure perte « à cause de la fuite de certains émigrans et de la mort des autres » mais, à l’aide de nouveaux fonds que le gouvernement central accorda, on parvint à importer d’Europe plus de cent cinquante malheureux alléchés par des promesses plus ou moins sincères. Là pourtant n’était pas la difficulté capitale : il fallait acclimater les colons dans cette île basse entourée de sa ceinture de mangliers humides, il fallait aussi procurer aux nouveau-venus quelques-uns des avantages dont ils jouissaient dans leur patrie, afin qu’une nostalgie mortelle n’enlevât pas ceux que la fièvre eût respectés. Le directeur de la colonie se mit d’abord à l’œuvre avec un beau zèle : il fit bâtir de jolies cabanes pour la réception des étrangers, il traça des plans de routes et de sentiers à travers la forêt, il fonda une école, puis un hôpital ; il promit entière liberté de conscience aux colons hérétiques, « à la condition toutefois qu’ils ne songeassent pas à se bâtir une chapelle, » il poussa même la générosité jusqu’à publier un journal pour l’instruction et l’amusement des travailleurs étrangers ; mais bientôt le manque de fonds paralysa cet enthousiasme juvénile : d’abord le journal cessa de paraître, puis la presse fut vendue, ensuite on ferma l’école ; enfin, l’hôpital ayant été supprimé à son tour, les colons malades furent abandonnés aux bons soins de leurs amis. La crue annuelle du fleuve recouvrit les défrichemens d’une couche de limon et pendant trois mois rendit toute culture impossible ; plus tard, quand les eaux se retirèrent, le sol vaseux, fumant sous les rayons d’un soleil vertical, remplit l’atmosphère de ses exhalaisons malsaines. Ce fut le coup de grâce donné à la colonie, la mortalité devint effrayante et mit un terme à tous les travaux agricoles. Les rares Allemands qui ont eu le bonheur d’en réchapper avec la vie sauve, sans avoir pu cependant s’éloigner encore de l’île qui leur sert de prison, ont abandonné toute tentative d’agriculture, et se livrent à divers métiers manuels moins fatigans que celui du labour. Quant au directeur, il caresse encore son rêve de colonisation et demande au gouvernement de vouloir bien lui confier désormais « des orphelins abandonnés et des mendiants des deux sexes. » Si l’on dévoue ces malheureux à ses expériences civilisatrices, il compte relever encore sa ferme-modèle” (RECLUS, 1862a, pp. 951-953).

¹⁸⁴ “La grande occupation des nègres entre l’époque des semailles et celle de la récolte est le sarclage des plantations. Il faut avoir vécu sous les tropiques pour se rendre compte de la rapidité et de la puissance qu’acquiert la végétation dans la saison des orages, lorsque l’eau, le soleil et l’électricité ruissellent de toutes parts. Sucre, café, coton, seraient rapidement étouffés par le capim (mauvaises herbes), si on ne se hâtait de l’arracher” (D’ASSIER, 1864b, p. 757).

Era evidente que tais empecilhos eram próprios dos trópicos e que, na Europa, a natureza não se mostrava como adversária daqueles que queriam nela produzir, pelo menos dessa maneira apresentada; tal pujança e tal vigor da vegetação eram característicos de lugares quentes e úmidos¹⁸⁵ como o Brasil, mais uma diferença fundamental entre o Brasil da natureza e a Europa da civilização:

S'il coupait les arbres de la forêt pour défricher un champ comme nos agriculteurs d'Europe, quel serait le résultat de son industrie ? Après une lutte pénible contre une végétation fougueuse de plantes ennemies qui germieraient dans chaque sillon, il serait peut-être obligé de s'avouer vaincu, et le produit agricole dû à ses efforts ne remplacerait certainement pas ce que la forêt lui eût donné presque gratuitement. On ne saurait donc reprocher aux Tapuis leur oisiveté, tant qu'ils n'auront pas été entraînés dans ce tourbillon de la civilisation qui met en œuvre toutes les forces de l'homme, tant que le travail qui pousse comme un ressort les populations civilisées de l'Europe et de l'Amérique ne sera pas devenu pour eux comme pour nous une impérieuse nécessité.¹⁸⁶

Dessa maneira, o trabalho nos trópicos exigia um esforço muito maior do que aquele encontrado na Europa. As terras eram em si muito férteis, e tal fertilidade se estendia às plantas que nela cresciam, desejadas ou indesejadas. Segundo Assier, o próprio calor dos trópicos endurece as seivas das árvores, e derrubá-las para dar lugar aos campos exige do trabalhador um esforço que não se encontra na Europa. Mais uma vez os trópicos conferem características únicas e especiais a estas terras distintas, que podem ser luxo ou empecilho, dependendo do ponto de vista:

¹⁸⁵ “J’ai revu depuis bien des fois les nègres aux champs, et je me suis assuré que le programme d’un jour est pour eux le programme de toute l’année, de toute leur vie. Quand ils ne cueillent pas, ils sèment, et, les semailles faites, ils sarclent sans discontinuer jusqu’à la récolte, car les herbes poussent vite dans ces pays chauds et humides” (D’ASSIER, Adolphe. *Le Brésil et la société brésilienne. Le rancho. Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863c, p. 568).

¹⁸⁶ RECLUS, 1862a, p. 943.

Le mode de préparation des terres est le même pour toute sorte de culture. On met le feu au bois ou au taillis qui recouvre le champ qu'on veut ensemer. Si l'on s'attaque à une forêt vierge, l'opération, dure quelquefois des semaines entières. Souvent survient un orage qui arrête tout. On recommence alors le lendemain et les jours suivans, jusqu'à ce que les arbres soient tombés, et que la plupart aient été réduits en cendres. Lorsqu'on opère sur un terrain en pente, on réserve de distance en distance des troncs qu'on place en travers pour empêcher les pluies de raviner le sol. Cette méthode de défrichement, qui s'éloigne si fort de nos habitudes, et que les Européens ont tant blâmée, est la seule praticable au Brésil. La hache n'a aucune prise sur cette vigoureuse végétation. Le bois, d'une dureté excessive par suite de l'énorme quantité de ligneux que dans ce climat la sève condense sans cesse dans les cellules de la plante, résiste aux outils les mieux trempés, et épuiserait inutilement les forces du nègre.¹⁸⁷

Assim, podemos notar que havia uma percepção na *Revue* de que os trópicos cobravam o seu preço pela sua pujança; essa natureza tão linda, tão rica e tão generosa necessitava de braços fortes e mentes criativas para ser domada e assim servir plenamente aos propósitos da civilização. No entanto, mais uma vez a disparidade estava dada: para enfrentar todo esse poder tropical, toda uma gama de homens esforçados e trabalhadores deveria entrar em cena. Todavia, no que cabia a esse sentido, o Brasil estaria perdido, já que, dentro das análises dos viajantes da *Revue*, era nesse ponto que o país mais pecava, na falta de recursos humanos capazes de fato.

Havia uma discrepância entre o vigor necessário das gentes e a realidade necessária. Justamente naqueles espaços que homens fortes eram mais necessários, eles faltavam, afinal, o Brasil era habitado por uma mistura, um tanto quanto bizarra aos olhos europeus, de brancos, índios e negros, sendo os dois últimos marcados por características avessas ao trabalho, como veremos mais à frente.

¹⁸⁷ D'ASSIER, op. cit., p. 755-756.

É dentro desse quadro humano colocado em oposição a uma natureza generosa mas também opressiva que os viajantes da *Revue* pareciam ter mais certeza de que o Brasil necessitava realmente da Europa em seu sentido mais pleno, pois, no que dependesse de suas próprias gentes, o País continuaria estacionário em sua evolução civilizacional.

É aqui que começamos a tratar da população brasileira na *Revue*, primeiro de maneira mais branda, trazendo os portugueses, que, apesar de não serem mais o suprasumo da civilização europeia, ainda guardavam seus louros, ainda que também lhesoubessem críticas, para depois passarmos aos negros, índios e mestiços, esses sim elementos problemáticos de verdade, os quais, no seio de suas deficiências, poderiam guardar as chaves para o fracasso do Brasil enquanto civilização.

4. Portugueses: entre o calor da África e a civilização da Europa

Os portugueses não poderiam deixar de aparecer nos escritos da *Revue*, já que foram eles os responsáveis por tudo aquilo – com exceção da natureza, já inata a essas terras tropicais – que nossos viajantes encontraram em suas passagens por essas terras. No entanto, esses europeus, vindos de uma Europa Ibérica, mais quente em seu clima e em suas paixões, não deixavam de mostrar suas debilidades diante daqueles outros europeus, vindos de terras para além dos Pirineus, sujeitas a rigores que os peninsulares pouco conheciam, benesses essas que acarretariam fraquezas sentidas naquele “mundo que o português criou”¹⁸⁸ e que não passaram incólumes aos olhares atentos de olhos dispostos a em tudo reparar.

Eles eram europeus, sua posição geográfica no ocidente do continente e a civilização que trouxeram, mesmo com suas falhas, não permitiam que se afirmasse o contrário. Mas comparados a seus conterrâneos do norte, tinham falhas demais, eram os fracos entre os fortes:

Cette répugnance au travail, cette insouciance philosophique que les conquistadores ont toujours professée à l'endroit du confort, ne peuvent être attribuées à un manque d'énergie, car aucun peuple que je sache n'a déployé dans l'histoire du monde une plus grande somme d'audace et de mâle activité que cette tribu celtibérienne resserrée entre les montagnes et l'Océan. Après avoir refoulé l'islamisme, se sentant à l'étroit dans sa langue de terre, elle affronta la première les redoutables mystères d'une mer inconnue et sans limites, explora les côtes d'Afrique, franchit le Cap des Tempêtes, fraya la grande route des Indes et peupla l'Asie de ses comptoirs, tandis que, d'un autre côté, Cabrai, poussant vers l'ouest, rencontrait ce continent que Colomb avait cherché en vain. Ce fut encore un Portugais, Magellan, qui, bravant les rigueurs du pôle sud, entra dans

¹⁸⁸ FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

le Pacifique par une route nouvelle, et procura à ses compagnons la gloire de sillonner dans toute leur circonférence ce globe et cet océan, jusqu'alors fermés à la science et à l'investigation humaines. De tels hommes ne pouvaient comprendre l'esprit nouveau. Écoutez leur idiome si riche, si sonore, si passionné pour chanter les exploits des héros ou les cantiques des saints : il devient muet quand vous lui demandez un traité scientifique ou un livre de pratique industrielle. C'est une langue de paladins et non d'artisans. Telle langue, telle nation. Héritiers du monde romain et dernière personnification du moyen âge, ces hommes d'épée ne voyaient dans le travail que l'apanage des serfs. Toute innovation qui touchait à une telle base devait être un crime. À la réforme ils répondirent par l'inquisition. Pendant que les races anglo-saxonnes ouvraient l'oreille à la grande voix de Luther, ils se mettaient sous le patronage de Dominique et de Loyola. Les deux symboles ont porté leurs fruits.¹⁸⁹

O trecho acima nos dá uma clara mostra da visão que os portugueses partilhavam entre as potências da Europa oitocentista. Eram um povo louvável, detentor de grande orgulho histórico, capaz de feitos únicos no mundo, como conduzir com tamanha maestria a colonização extensiva de zonas tão distintas daquelas às quais estavam acostumados, como era o caso dos trópicos, mas que havia parado no tempo e não havia acompanhado a evolução que germânicos, ou mesmo os franceses, alcançaram. Mais preocupados em enriquecer inconsequentemente e em construir igrejas no lugar de escolas¹⁹⁰, os portugueses deixaram sua contribuição para o estado das coisas que os olhos franceses encontraram na sua antiga colônia, agora aberta à visitação.

Eram eles, afinal, um povo europeu localizado já às margens da Europa, sujeitos aos calores vindos da África e ao frio vindo da Europa, uma “ponte”, como nos trouxe

¹⁸⁹ D'ASSIER, 1863b, pp. 97-98.

¹⁹⁰ “Entrez dans une ville de l'intérieur : vous y compterez les églises et les couvens par douzaines, et vous n'y trouverez pas une seule maison d'école. Les habitans sont obligés de recourir à Londres ou à New-York pour la plus petite machine, pour le plus mince tronçon de chemin de fer, et le fer se trouve en plusieurs endroits à fleur de terre et presque à l'état natif ! Enfin, chose impossible à croire, c'est quelquefois la Norvège qui alimente de bois de construction ce pays, le plus riche du monde en bois de toute sorte!” (ibidem, p. 97).

Gilberto Freyre, entre a Europa do progresso e a África do atraso¹⁹¹. Povo de tez escurecida pelo contato com os mouros¹⁹² e com os negros africanos. Aventureiros preocupados somente em usufruir da terra e amantes do ganho fácil, na análise de Sérgio Buarque de Holanda¹⁹³. Preguiçosos e dados aos prazeres da carne, na visão de Paulo Prado¹⁹⁴. Visões essas que, se comparadas aos relatos sobre eles produzidos por outros europeus, encontravam amparo, conforme mostram os relatos publicados na *Revue*.

Dessa maneira, os portugueses, europeus já relativamente tropicalizados desde a sua origem, poderiam dar prosseguimento a essa missão civilizatória que lhes cabia? Com base nos relatos publicados na *Revue*, podemos notar que a eles eram dados louros, mas as críticas à civilização frouxa que deixaram e aos seus modos perdulários de colonizar também eram persistentes.

Esses louros à presença lusitana nos trópicos já foram fartamente descritos pela historiografia e devem-se, principalmente, a um pródigo passado lusitano. Nesse sentido, Sérgio Buarque de Holanda nos informa que nenhum outro povo do Velho Mundo mostrou-se tão apto a se aventurar na exploração regular e intensa de terras tão distintas das europeias, justamente por estarem próximas à linha equinocial, onde os homens degeneravam, segundo o conceito quinhentista. As próprias palavras do autor deixam

¹⁹¹ MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, p. 91.

¹⁹² Ibidem, p. 91.

¹⁹³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984, pp. 13-24.

¹⁹⁴ KEULLER, Adriana T.A. Martins. Retrato do Brasil: uma análise da tristeza pradiana. In: COSTA, Ricardo; PEREIRA, Valter Pires (orgs.). *História: Revista do Departamento de História da UFES*. Vitória: EDUFES, 2001, p. 186.

evidentes essas glórias: “pioneiros da conquista do trópico para a civilização, tiveram os portugueses, nessa proeza, sua maior missão histórica”¹⁹⁵.

O próprio Gilberto Freyre, que viu no português e em sua abertura natural para o contato com negras e índias o embrião de um Brasil todo especial, é outro que exalta nosso colonizador lusitano, colocando-o na base da “malemolência” brasileira e dando àquele Brasil mestiço e tropical um futuro positivo¹⁹⁶ nunca antes pensando¹⁹⁷ em tempos dominados por inferioridades climáticas e raciais¹⁹⁸.

Mas essa capacidade incrível de se trasladar de uma zona à outra da Terra, mesmo que separadas por oceanos distantes e desafiadores, mantendo ainda o ímpeto e a energia necessários à colonização – algo que somente os portugueses pareciam ter em grau necessário para colonizar um país de dimensões continentais feito o Brasil –, não carecia de problemas. Segundo Holanda – o mesmo que enaltece tal capacidade lusitana –, apesar da energia empregada na empreitada-Brasil, a ação portuguesa não contou com um processo metódico e racional; pelo contrário, ela foi realizada sob o prisma do abandono e do

¹⁹⁵ HOLANDA, op. cit., p. 12.

¹⁹⁶ Sendo inclusive considerado o responsável por uma “reconciliação com a ancestralidade lusitana e negra, de que todos nós nos vexávamos um pouco”, segundo Darcy Ribeiro (RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995).

¹⁹⁷ Vale lembrar que nas décadas de 1920 e 1930, época em que Freyre publicou suas obras mais importantes, o pensamento social brasileiro ainda era marcado por teorias que derrubavam as esperanças de um futuro promissor para o Brasil. Teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o social-darwinismo, de origem europeia, que serviram como justificativa para a empreitada neocolonial de países como França e Inglaterra, pregavam a superioridade da raça branca – e, logo, a inferioridade das raças negras, indígenas e mestiças –, além de difamar o clima tropical, pregando supostos efeitos negativos sobre o corpo e a mente das pessoas (SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993).

¹⁹⁸ BARBATO, Luis Fernando Tosta. Da casa-grande ao mucambo: Gilberto Freyre e as origens do caráter nacional brasileiro. *Revista de História*, v. 2, n. 1, 2010, p. 58.

desleixo, faltando a vontade construtora e a energia – que sobravam ao se lançarem ao desconhecido – que estavam além da vontade de explorar.

Nesse sentido, para mostrar esse desmazelo português em seu projeto – se é que existiu um projeto – de colonização no Brasil, Holanda nos trouxe a metáfora da dicotomia entre o *aventureiro* e o *trabalhador*, sendo o primeiro marcado pelo ideal de “colher o fruto sem plantar a árvore”, ao passo que o segundo “enxerga primeiro a dificuldade de vencer, não o triunfo a alcançar”¹⁹⁹. Ávidos por lucros fáceis, tanto na agricultura como nas atividades comerciais, os portugueses, dentro da dicotomia de Holanda, aparecem como *aventureiros*.

Essa visão pouco alentadora acerca dos lusitanos pode ser observada nas críticas feitas ao modo com que eles praticavam a agricultura nas suas terras coloniais brasileiras, segundo Buarque de Holanda, “de natureza tão perdulária quanto a mineração”²⁰⁰. O mesmo se dava na vida urbana, na qual, segundo o historiador, “reinava o mesmo amor ao ganho fácil e a infixidez que tanto caracterizaram, no Brasil, os trabalhos rurais”²⁰¹.

Dessa maneira, as mazelas do Brasil não tinham outro culpado, segundo o autor, não tinham outra origem. Se quisessem encontrar os responsáveis por elas, que fossem os portugueses, já que, segundo Edgar de Decca, apesar da presença de negros e índios na

¹⁹⁹ Sérgio Buarque de Holanda nos deixa bem claro que ambos os personagens metafóricos participam, em maior ou menor grau, de múltiplas combinações, inexistindo assim em estado puro. Portanto, “nem o aventureiro, nem o trabalhador possuem existência real fora do mundo das ideias” (HOLANDA, 1984, p. 14).

²⁰⁰ Holanda chega a citar uma frase de Damião de Góis sobre os habitantes da península hispânica, da qual fazia parte os portugueses, no qual admitia que o trabalho agrícola era menos atraente para seus compatriotas do que “as aventuras marítimas e as glórias da guerra e da conquista” (HOLANDA, 1984, p. 19).

²⁰¹ Ibidem, pp.18-28.

nossa história, Sérgio Buarque de Holanda atribui toda a responsabilidade da construção desse Brasil que conhecemos ao português, que da Europa partiu e nestas terras distantes e distintas se instalou. Assim, seria impossível, e até injusto, apregoar uma igualdade de responsabilidades entre as três raças no que toca à formação do Brasil. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, todas as formas de exclusão e violência, muito bem dissimuladas nos traços cordiais presentes no brasileiro de seu tempo, eram em razão da colonização portuguesa²⁰².

Dentro de um contexto como esse, no qual ocupam o centro europeus a meio caminho da África, sujeitos às glórias da civilização que sopram do norte em ventos frios e às mazelas da barbárie com sopram do sul em ventos quentes, será que podemos relacionar as dificuldades que a civilização brasileira enfrentava à época das visitas dos escritores que estudamos, iniciadas e comandadas pelos portugueses, ao problema climático? Tal resposta é algo difícil de ser encontrado, pelo menos de uma maneira precisa, pois isso não se mostra de forma direta nos escritos da *Revue*. A verdade, no entanto, é que mesmo aqui, em se tratando de europeus falando de europeus, podemos notar que a questão climática dá suas caras, ainda que de maneira tímida.

O clima mais ameno da Península Ibérica ajudou o português – e também o espanhol – a terem êxitos incríveis no Novo Mundo. Os dizeres seguintes mostram que, sobre os portugueses, pairava essa noção de serem mais propensos a colonizar os trópicos que europeus vindos de latitudes maiores:

²⁰² DECCA, Edgar Salvadori de. Cidadão, mostre-me a identidade! *Caderno Cedes*, Campinas, v. 22, n. 58, 2002a, pp. 11-12.

Les paysans de race blanche établis à Cuba et à Porto-Rico, les islingues ou isleños, qui travaillent la terre dans les Antilles et en diverses parties du continent américain, prouvent d'une manière incontestable, par leur exemple et une prospérité relative, que certains blancs peuvent aussi bien que les noirs cultiver le sol des contrées tropicales ; mais ces blancs acclimatés sont originaires de l'Espagne, du Portugal, de Madère, des Açores, des Canaries, et le soleil brûlant de leur pays natal les avait déjà préparés à la température de la zone torride. Probablement aussi des colons venus d'Allemagne, d'Irlande et d'autres contrées du nord de l'Europe pourraient-ils, sans danger pour leur santé, s'adonner à l'agriculture dans le Brésil équatorial et dans les Guyanes, à la condition d'observer une sobriété rigoureuse, de changer complètement leur genre de vie et de prendre des précautions auxquelles ils n'ont jamais été habitués ; mais on ne saurait demander une si profonde science de l'hygiène à des hommes que la misère, l'exil de leur patrie, et qui, peu de temps avant leur départ, ignoraient peut-être encore s'ils devaient choisir pour leur nouvelle demeure les bords glacés du Saint-Laurent ou les moites forêts de l'Amazonie²⁰³.

Nesse sentido, segundo consta na revista, no entanto, também ajudaram a construir um gênio menos ativo que os encontrados nas frias terras do norte da Europa. Lá sim, em meio a invernos realmente rigorosos, é que se formavam os fortes, e os portugueses já se mostravam um pouco amolecidos pelos prazeres do clima ibérico, o que mostra que as noções mostradas acima, que “tropicalizam” e assim inferiorizam os portugueses, pelo menos fazem sentido. Dessa forma, seu gênio pode ser comparado ao do brasileiro, mais espirituoso, porém, também, mais dado ao vício, como encontramos na comparação seguinte, deixada por Saint-Hilaire: “Les Portugais et les Brésiliens sont des peuples spirituels, mais peu instruits et inoccupés; par l'intrigue, ils exercent leur esprit et font prendre le change à leur oisiveté”²⁰⁴.

²⁰³ RECLUS, 1862a, p. 954.

²⁰⁴ SAINT-HILAIRE, 1831, p. 345.

E assim, povos menos frios que eram e, por consequência, menos apegados à siudez e às responsabilidades, os lusitanos, relativamente tropicalizados em análises comparativas a outros europeus, dão brechas para que os franceses apontem suas fraquezas e as consequências disso naquele Brasil problemático que encontraram. Assim, se, entre as críticas aos lusitanos que aparecem na *Revue*, aquelas eram indiretas – simplesmente por comparar seus espíritos aos débeis espíritos tropicais e mestiços brasileiros –, algumas surgem de maneira mais clara, criticando sua inata inaptidão à ciência e ao trabalho, em oposição a um vigor direcionado para a exploração, como podemos encontrar nas palavras de Assier:

Les causes remontent plus haut: elles ont leur source dans ce dur génie portugais, mélange de fatalisme arabe et d'âpreté ibérique propre à l'épopée, mais rebelle à la science et au travail. Dès que la première fièvre de l'occupation fut apaisée, les conquistadores ne songèrent plus qu'à jouir en paix de la terre promise. Leurs descendants allèrent plus loin : quittant le casque de leurs rudes ancêtres pour le sombrero du planteur et leur vaillante épée pour le fouet du feitor, ils s'enveloppèrent dans leur manteau d'hidalgos, et laissèrent aux tribus vaincues le soin de les enrichir. Dédaignant les lentes productions de la terre, si féconde pourtant sous les tropiques, ils ne voulurent que de l'or. Pour en retirer quelques lingots, ils ont brûlé les forêts, bouleversé le sol, exterminé les peuplades indiennes et condamné à l'esclavage plusieurs millions de noirs²⁰⁵.

Tal noção, no entanto, ainda não está clara, não é aberta. Entretanto, com base nas entrelinhas do discurso, podemos enxergar uma aproximação feita pelos franceses dos portugueses aos trópicos, muito mais que qualquer outro povo da Europa – exceção feita talvez aos seus vizinhos ibéricos espanhóis – colocando-os como partilhantes dos mesmos problemas de uma origem em um clima quente e de mesmas questões inferiorizantes,

²⁰⁵ D'ASSIER, 1863b, p. 96.

guardadas as devidas proporções. Isso porque, é claro, isso se dá em um contexto de comparação Europa com Europa pelos escritores da *Revue*, pois, em um contexto de comparação Europa com o Novo Mundo, os portugueses eram enaltecidos; e se havia nessas terras um Estado que, mesmo lentamente, progredia, isso se dava essencialmente à semente da civilização plantada pelos portugueses.

Dessa maneira, apesar de serem, aos olhos dos viajantes franceses, europeus “afrouxados” e amolecidos pelo clima mais ameno, se comparados ao restante da Europa, ainda eram europeus e ainda representavam o progresso e a civilização nessas terras distintas e indômitas. Nesse sentido, é de se ressaltar que, apesar das críticas que recebeu, principalmente em relação à má administração que exerceu no Brasil, esse povo mediterrânico é alvo de muitas vivas dentro da *Revue*, que mostra claramente que o progresso do Brasil estava atrelado à presença europeia, fosse ela do norte ou do sul, como podemos ver nos exemplos seguintes de Théodore Lacordaire:

Ils ne furent pas toujours les agresseurs [como no caso dos espanhóis] dans leurs guerres avec les indigènes, et ils n’eussent pas demandé mieux que de les civiliser. Les Martim Affonso de Souza, les Mendez de Sà, les Albuquerque, les Coutinho, sont des hommes dont le nom est passé avec honneur jusqu’à nous.²⁰⁶

Ou ainda, no exemplo seguinte, do próprio Lacordaire, que associa a mudança de uma vida miserável por parte dos indígenas para algo mais bem proporcionado pela civilização, que chega junto com a religião difundida pelos jesuítas: “Cependant, sous ces

²⁰⁶ LACORDAIRE, Théodore. L’or de Pinheiros. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1835, p. 336.

misérables cabanes, le luxe de la civilisation s'était glissé en même temps que la religion”²⁰⁷.

No mais, a Casa de Bragança, com origens na Europa, ainda era respeitada. E, se o Brasil trilhava caminhos rumo ao progresso, isso ocorria graças àqueles portugueses imigrados que trouxeram consigo a centelha da civilização:

Le Brésil a célébré, le 7 septembre 1872, le cinquantième anniversaire de son indépendance. La dynastie, tige de l'antique maison de Bragance, a jeté dans le sol brésilien des racines profondes. La constitution, fondée sur la souveraineté et la représentation nationale, fonctionne d'une manière régulière; les chambres discutent librement; les partis, qui d'ailleurs sont fidèles aux institutions et à la dynastie, s'agitent avec animation, avec acharnement parfois, mais sans jamais sortir des bornes de la légalité. Cette stabilité politique est la principale cause des progrès du Brésil. Cet immense pays, qui représente à lui seul plus des deux cinquièmes du continent de l'Amérique du Sud, renferme des richesses naturelles dont l'exploitation est à peine commencée²⁰⁸.

Nesse mesmo sentido, Chavagnes aponta que a civilização portuguesa, aqui claramente inserida dentro da Europa, era superior às demais que encontrara na formação do Brasil, evidenciando, mais uma vez, que, mesmo em meio às críticas veladas, Portugal ainda era Europa, ainda era forte, e que era na cultura por seus homens trazida que o Brasil deveria se firmar: “L'intelligente activité des mulâtres devrait provoquer l'émulation de la société d'origine portugaise et européenne. Il n'en est rien. Cette société voit la supériorité morale lui échapper sans tenter aucun effort pour la ressaisir”²⁰⁹.

Os portugueses, portanto, deixaram suas marcas negativas no Brasil, que não passaram despercebidas aos olhos dos franceses que escreveram na *Revue des Deux*

²⁰⁷ Ibidem. p. 339.

²⁰⁸ SAINT-ARMAND, Imbert. Le Brésil et les républiques de la Plata après la guerre du Paraguay. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1873. p. 365.

²⁰⁹ CHAVAGNES, 1844b, p. 93.

Mondes. Mas, ao analisarmos essas publicações, podemos perceber que, dentre os males, eles eram o menor, visto que eram os representantes da Europa, terra da civilização nesses trópicos, tanto que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, principal agente da construção de uma identidade nacional para o Brasil nos tempos do Império, via a nova nação brasileira como a continuadora da missão civilizatória iniciada pelos portugueses²¹⁰. Assim, ao tratarmos de gentes fracas, incapazes de fazer frente a uma natureza selvagem e vigorosa como era a brasileira, os indígenas, negros e mestiços desempenhavam o papel decisivo na explicação dos fracassos brasileiros, cabendo aos europeus, por mais que fossem da parte quente da Europa, as glórias.

Dessa maneira, percebemos a partir dos relatos presentes na *Revue*, que muitas das representações que ganharam a historiografia – com destaque para os dizeres de Sérgio Buarque de Holanda e Paulo Prado, como aqui notamos, que caracterizavam os portugueses como alguns dos responsáveis por certos fracassos do Brasil –, também se fazem presente no século XIX, afinal, se eles foram considerados exploradores e perdulários no século XX, no século XIX também o eram, mas de uma maneira muito mais sutil, muito mais matizada.

Afinal, estávamos em um tempo no qual se falava de civilização, em um contexto no qual os povos progrediam em uma linha que invariavelmente daria em um mesmo lugar, e no qual critérios objetivos são elencados para classificar esses povos, colocando aqueles que têm de aprender em relação com aqueles que têm a ensinar. E, nesse contexto oitocentista, em um país marcado por negros e indígenas, inferiores quando o assunto era

²¹⁰ GUIMARÃES, 1988, pp. 6-8.

civilização, esses lusitanos não podiam ser objetos de críticas deveras duras, pois, se havia algo além do natural a ser ressaltado, se havia esperança em um futuro, era porque aqueles ibéricos amolecidos – o que percebemos, pouco importava – deixaram a Europa e se enfiaram nestas matas densas, lotadas de perigos, o que não passou batido nos escritos da *Revue*.

Portanto, notamos que, se no século XX os portugueses foram criticados pela sua colonização, no século XIX, mesmo quando comparados a outros europeus mais inseridos na nova ordem industrial que se projetava, eles ganharam louros. Isso ressalta que, se o Brasil buscava alguém para continuar uma missão iniciada há tantos séculos, era deles o exemplo que deveriam seguir, pois aquele mundo imperfeito que trouxeram ainda era o que de melhor o Brasil tinha a oferecer aos olhos franceses, bastando apenas buscar uma atualização e centrando o foco das atenções naquele momento em uma outra era mais moderna.

A ver pelo que observamos nos relatos sobre os lusitanos na *Revue des Deux Mondes*, pelo menos a semente os portugueses tinham plantado, o que poderia ser mais bem observado naqueles espaços do Brasil nos quais a civilização, mesmo que imperfeita, dava as suas caras, como era o caso de certas cidades do litoral ou das regiões mais ao sul do país. Como dissemos, embora pudesse ser uma civilização ainda em gestação, imperfeita, ela já se manifestava, mesmo em meio a um Brasil basicamente natural e primitivo; e, se os franceses do século XIX puderam encontrar esses exemplos, era graças às iniciativas lusitanas.

Nesse sentido de colocar nos homens as responsabilidades sobre os sucessos e fracassos da nação, caímos em uma zona na qual o clima tropical surge em sua maneira

mais nefasta e na qual seus efeitos são mais profundos e duradouros: a questão racial. Raça e clima andam juntos no momento de se buscar culpados pelos fracassos, pois, se o Brasil era habitado por gentes débeis, incapazes de levar sozinhas um processo civilizacional sem a tutela europeia, era porque indígenas e negros foram forçados sob a égide de um sol forte na África e na América, que os brindou com confortos e despreocupações, como nos revelam os relatos oitocentistas. Se mesmo um calor ibérico, com época certa para passar, já era capaz de amolecer os brios e minar as energias, como observamos, quais seriam os resultados de povos nascidos e criados em regiões tropicais, como eram os índios e negros, que se encontravam também em terras tropicais nas quais a civilização forçava a entrada, como era o caso do Brasil?

Agora começamos a analisar como a questão racial foi tratada na *Revue des Deux Mondes* e quais foram as visões que esses franceses deixaram sobre esse tão importante ponto aos olhos do século XIX. Se as críticas, antes, eram veladas no elogio feito ao se comparar a natureza brasileira com a europeia e, depois, passaram a ser mais diretas ao se comparar a barbárie brasileira com a civilização europeia que chegava, quando o assunto é a raça, essas críticas parecem não mais necessitar de entrelinhas, pois era onde o Brasil parecia mais condenado ao fracasso e onde abria mais espaço para necessidade europeia, como veremos no próximo capítulo.

5. Raça: problema em meio ao problema tropical

Há séculos as diferenças dos povos americanos em relação aos europeus já eram relatadas e ressaltadas. Nesse sentido, os cronistas que visitaram o Brasil em seus tempos de colônia nos legaram uma série de imagens²¹¹, evidenciando seus hábitos estranhos e selvagens, mas também uma pureza que inspiraria gerações. No entanto, se as diferenças entre europeus e os outros povos que encontraram na América eram perceptíveis antes principalmente nos hábitos estranhos, agora, com o século XIX, cada vez mais ganhavam corpo e se mostravam mais latentes, indo além dos simples hábitos. Além disso, cada vez mais também surgiam pessoas dispostas a estudar, a mostrar e a comprovar essas diferenças, ficando cada vez mais provado que os europeus não eram superiores apenas em seus costumes, mas em tudo, algo empiricamente comprovável pela ciência²¹².

Assim, o século XIX ganhara outros fatores a serem levados em consideração ao se falar das gentes que viviam nas terras brasileiras. O clima, a raça, as teorias europeias, e as experiências anteriores europeias mostradas nos antigos relatos ambíguos a respeito dessas gentes, que percorriam a Europa e as cabeças de seus europeus, fomentavam um

²¹¹ Para se interar desse assunto, há uma série de trabalhos que se ocupam das representações dos viajantes franceses no Brasil colonial. Cf. CUNHA, Manuela Carneiro da. *Imagens de índios do Brasil: O Século XVI. Estudos Avançados*, v. 4, n. 10, 1990; FUJIMOTO, Juliana. *Guerra e antropofagia em Jean de Léry e Claude D'Abbeville: dos fragmentos míticos ao código compartilhado*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008; ATINKSON, Geoffroy. *Les Nouveaux Horizons de la Renaissance Française*. Genève: Slatkine, 1969; WEHLING, Arno. Os indígenas do Brasil entre a razão de Estado e o Direito Natural: as contribuições de André Thévet e Jean de Léry. *História (São Paulo)*, v. 31, n. 2, jul./dez. 2012; SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008; PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonville, Thevet e Lery. *Revista USP*, São Paulo: USP, CCS, 1989.

²¹² Exemplo disso é o médico norte-americano Samuel Morton, que se dedicou a colecionar e investigar crânios das diferentes *raças* humanas, em meados do século XIX, obtendo como resultado, mais uma vez, a proeminência dos caucasianos como detentores dos maiores crânios (GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. pp. 39-59).

turbilhão de informações, visões e ciências que mexiam com aqueles visitantes que aqui aportariam naqueles oitocentos, a serviço da *Revue des Deux Mondes*.

Esses franceses da *Revue*, então, não escaparam ao seu tempo. Em seus relatos abundam alusões a tudo isso, tendo a raça um lugar de evidência, conforme veremos. Como nos mostrou Bresciani, “o meio geográfico e climático assumia o centro da cena na fixação de quadros onde as diferentes raças esboçavam de maneira afirmativa seus destinos diversos”²¹³. E, assim, desse cruzamento de pressupostos e teorias, marcado por concepções mesológicas e raciais, só poderia resultar uma forma de ver o mundo na qual a Europa e a sua civilização ocupavam o centro de uma escala de valores que se prestava a ajuizar, entre outras coisas, as mais diversas populações do planeta²¹⁴, algo perfeitamente visível nos artigos publicados no periódico francês, como ficará evidente na análise desses relatos.

Mesmo havendo uma justificativa para tamanha profusão desse tema na *Revue*, e mesmo sabendo que era algo de suma importância dentro da lógica de descrição e dominação que existia em tais artigos, falar das raças parece ser algo que vai além dos propósitos desta pesquisa, que é trabalhar as representações do clima tropical em relatos estrangeiros e o quão isso significava para a formação do caráter e da própria sociedade brasileira. No entanto, devemos lembrar que a questão racial é parte inerente dessa questão mesológica. Afinal, como já esboçamos, devemos lembrar que as raças vistas como selvagens, avessas à civilização, que representavam os maiores perigos para o

²¹³ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p. 67.

²¹⁴ Ibidem, p. 84.

futuro do Brasil eram os negros e índios, além daqueles resultantes dos cruzamentos entre elas ou também entre elas e o homem branco.

Todas essas raças, que foram forjadas no seio do calor da África ou nos trópicos do Novo Mundo, acabaram por absorver em seu caráter tudo aquilo que de mais problemático a zona tórrida poderia acarretar e que há séculos vinha sendo relatado e então estudado e comprovado: a preguiça, a imprevidência, a luxúria, a acomodação e tudo o mais que a diferença marcada no calor e na umidade exacerbada se comparada às das terras daqueles que escreviam podia acarretar, como frisamos anteriormente.

Nesse sentido, a *Revue des Deux Mondes* não escapa ao *lugar-comum*²¹⁵ que se fazia presente nas letras do século XIX. O negro e o indígena nela aparecem o tempo todo, os quais eram vistos na maior parte das vezes pela ótica da inferioridade, sendo assim, portanto, um problema. Segundo aqueles europeus oitocentistas, era difícil confiar os destinos da nação a um povo tão marcado pela presença de raças inferiores, como era o caso do povo brasileiro.

Dessa maneira, a questão racial, que se desenvolve em um palco que é o clima tropical, é algo muito forte naquele mundo do século XIX, do qual o Brasil é integrante; e a diversidade e a mistura de tantos povos ressaltam como algo peculiar e ímpar destas

²¹⁵ Segundo Stella Brasciani, “os lugares-comuns, na acepção de Myriam R. D’Allones, seriam formados por palavras, crenças, opiniões, preconceitos e argumentos sobre uma comunidade política efetiva que, embora frequentemente confusos, erráticos e pouco seguros, deitam raízes profundas na vida e na experiência das pessoas. À noção de lugar-comum, adiciono a de fundo comum, com o sentido de repositório de conhecimentos díspares formados por noções, pré-juízos, informações, relatos de ordem diversa, em que se colhe material para avaliar, no caso, países diversos. As concepções mesológicas e raciais constituem um fundo-comum persistente do qual teorias deterministas retiram sua força explicativa” (BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Identidades Inconclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugar comum*. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins & NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 427.

terras. Martius²¹⁶, a notar-se pelo tanto que tal questão saltou aos olhos daqueles viajantes europeus, parecia estar certo não só em colocar a mestiçagem como uma das maiores peculiaridades do Brasil perante o mundo, mas também em depositar nela uma das principais bases para a construção da identidade nacional brasileira, já que parecia mesmo ser o fenômeno que ocorria no Brasil do século XIX, a mistura das raças, algo único e digno de nota²¹⁷.

E, se tal ponto chamou a atenção de Martius, também não deixou de intrigar os visitantes da *Revue des Deux Mondes* que aqui aportaram naquele período, se as belas paisagens chamavam a atenção e estavam presentes em quase todos os relatos, a população também o estava, pois, seguindo os passos de Martius, davam características únicas ao Brasil, mas também o enchiam de problemas.

Castelnau, por exemplo, se surpreende com a profusão de raças e povos que encontra na sua chegada ao Rio de Janeiro, ressaltando a ideia de que em nenhum outro ponto do mundo tal fenômeno ocorria na mesma intensidade que no Brasil que encontrou²¹⁸. Chavagnes começa a enxergar nas características físicas resultantes dessa

²¹⁶ Segundo Manoel Salgado Guimarães, tal percepção lançada por Martius, de que cabia ao Brasil o papel de realizar a mestiçagem no mundo e ainda de aperfeiçoar essa raça mesclada aqui existente através do branqueamento, é traço tão importante na nossa história que acabaria por fundar o mito da democracia racial, tão presente em nossas representações (GUIMARÃES, 1988, p. 17).

²¹⁷ MARTIUS, Carlos Frederico Ph. de. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo VI, 1865 (1844).

²¹⁸ “On a souvent décrit la capitale du Brésil. Ce qu’on n’a pas assez remarqué, c’est le curieux aspect de sa population maritime. Les eaux de la baie, si pures et si tranquilles, sont sillonnées chaque jour par des centaines de navires destinés pour toutes les régions de la terre. Depuis l’élégante frégate jusqu’au dégoûtant baleinier, toutes les formes de constructions navales inventées par le génie de l’homme se trouvent réunies dans ce port. On peut dire que nul point du globe n’offre un champ plus vaste à l’étude de la race humaine. Ici, dans la même chaloupe, le Russe et le Suédois rament à côté du Grec et du Portugais. Là, des matelots chinois et malais descendent des flancs d’un bâtiment de la compagnie des Indes. Des habitants de la Nouvelle-Zélande et de la Polynésie, apportés par des baleiniers américains, attirent l’attention par leur apparence sauvage et par leurs gestes désordonnés. Dans les rues tortueuses de la ville fourmillent des

mistura racial traços que dão identidade ao brasileiro ao observar a beleza das mulheres que encontrou no Brasil, ressaltando, mais uma vez, tal traço tão distinto destas terras. Saint-Hilaire, por sua vez, vê na população brasileira, formada por uma “amalgama bizarra de portugueses e americanos, homens brancos e homens de cor, homens livres e escravos” como um dos desafios que o governo de D. Pedro II deverá enfrentar para vencer o estado triste da sociedade brasileira, pois conhecer algo tão complexo, para assim buscar as melhores saídas para os problemas, se mostrava como algo bastante complicado.

Ou seja, já começa a ficar claro que, por mais que a convivência e a mistura de negros, índios e europeus pudesse dar contornos a uma identidade brasileira que nascia, também ficava evidente que tudo isso não era de todo bom, pois, em um mundo marcado por escalas e hierarquias como era aquele do século XIX, ter índios e negros em meio à população demandaria ainda mais esforços por parte daqueles dispostos a civilizar.

Nesse sentido, como podemos ver no trecho a seguir de Chavagnes, a diversidade racial brasileira vem acompanhada de um quadro moral nada alentador, no qual todo o emaranhado de raças que compõe o Brasil confere um estado moral bastante desanimador, o que ressalta a ideia de que, apesar de traço marcante, se tratava de uma marca da qual o Brasil poderia se livrar:

La population du Brésil est évaluée approximativement à cinq millions. On y distingue plusieurs races : 1° les Portugais d'Europe naturalisés Brésiliens ; 2° les Portugais créoles nés dans le pays, ou Brésiliens

représentans de toutes les tribus de l'Afrique, les uns défigurés par de profonds tatouages, les autres par leurs dents limées en forme de clou. A tous ces élémens si divers se mêlent encore les Cabocles, représentans de la race indienne, qui, en qualité de muletiers, viennent de Saint-Paul ou de la province des Mines” (CASTELNAU, Francis. L'Araguail – Scènes de voyages dans l'Amérique du Sud. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848, pp. 199-200).

proprement dits ; 3° les métis de blancs et de nègres, ou mulâtres ; 5° les métis de blancs et d'Indiens, ou cabres ; 5° les nègres d'Afrique ; 6° les Indiens, partagés en diverses peuplades. L'état moral de cette société abandonnée à ses mauvaises passions, à ses instincts sauvages, est vraiment affligeant.²¹⁹

Nesse contexto racial, o negro aparecia como um verdadeiro vilão para o futuro da sociedade brasileira. Inferior, bestializado, inculto e inapto à civilização, esse elemento é descrito na maior parte dos relatos sobre o Brasil quase sempre localizado sob o prisma da negatividade. O trecho seguinte, de Lacordaire, é emblemático para retratarmos a visão sobre os negros que encontramos na maior parte dos relatos europeus; comparando-os a animais, o intelectual francês, sob o claro céu dos trópicos, sente pena dos cativos, não pela sua própria condição, mas sim porque não aparecem compradores dispostos a levá-los:

João Manoel me disait en marchant Ce n'est pas tout senhor que de savoir distinguer un nègre d'un cheval ou de toute autre espèce de quadrupède. Avec cela vous n'iriez pas loin il faut encore savoir les choisir. Mais ôtons nos chapeaux j'aperçois une procession là bas Il est plus facile senhor d'acheter une troupe de chevaux de Minas que deux de ces animaux que vous voyez là étendus sur le pavé il ya plus de mauvaise volonté et de sentimens anti chrétiens dans leur tête que chez tous les macaques du Brésil ensemble. (...) Tout est il parfait ici bas. Le ciel même des tropiques est il sans nuages. Passez donc sans y faire attention. Ne me parlez plus au contraire d'une cargaison qui tire à sa fin je n'ai jamais aimé à voir cela. C'est trop triste que ces misérables qui sont là étendus à la porte du magasin rêvassant flétris œdémateux sans que personne se soucie de les acheter.²²⁰

²¹⁹ CHAVAGNES, M. L. de. Le Brésil em 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844b, p. 92.

²²⁰ LACORDAIRE, Théodore. Un souvenir du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832b, pp. 647-648.

Lacordaire vê com prazer a chance que aqueles escravos africanos possuíam de poder encontrar no Brasil a civilização que não puderam encontrar na África²²¹ e acredita que, à exceção de alguns que receberam uma “tripla dose de africanidade” – e que, consequentemente, são incapazes de compreender qualquer coisa e, portanto, são inaptos à civilização –, os escravos compreendiam que o que se passava naqueles mercados era algo bom para eles, pois haviam sido tirados da selvageria e davam os primeiros passos para uma vida em meio a uma sociedade civilizada²²².

Apesar de os relatos de Lacordaire serem dos mais emblemáticos no que toca à inferioridade do negro em uma escala racial, suas palavras não são únicas dentro da *Revue*. O tempo todo esse elemento é detratado e acusado de ser um dos gargalos que dificultam um Brasil em moldes europeus. Assier os vê como imprevidentes e irresponsáveis, incapazes de aproveitar as brechas que a benevolência europeia lhes oferece para melhorar de vida²²³, além de observar neles hábitos que nada tinham de humanos, sendo comparados, mais uma vez, a animais²²⁴.

²²¹ “C’est un plaisir de penser que ces pauvres êtres vont enfin connaître la civilisation qui n’eut garde d’aller les chercher em Afrique” (ibidem, p. 648).

²²² “Excepté quelques songe-creux dont la cervelle avait reçu une triple dose d’esprit africain, nègres enracinés, inaptés à la civilisation, tous comprenaient clairement que ce qui se passait là était pour leur plus grand bien” (ibidem, p. 649).

²²³ “Le dimanche, le travail est suspendu. Le Portugais est trop bon catholique pour faire travailler ses nègres le jour du repos ; mais il leur permet ce jour-là de travailler pour leur compte, il leur donne même à chacun un coin de terre où ils cultivent du maïs qu’ils vendent aux marchands de mules. Le prix de la récolte est destiné à renouveler leur vestiaire ; mais le nègre des champs, peu fashionable de sa nature, préfère volontiers une bouteille de cachaça ou une pipe de tabac à une chemise neuve. Il s’en va donc le plus souvent déguenillé, au grand désespoir du senhor” (D’ASSIER, 1863c, p. 568).

²²⁴ “Le lendemain eut lieu la fête du senhor. Il serait peut-être plus exact de dire la fête des nègres. Dès le matin, les punitions furent levées et les cachots ouverts. Un padre des environs vint célébrer la messe dans un vaste magasin transformé en chapelle. Une table recouverte d’une nappe servait d’autel. Au dehors se tenaient accroupis plusieurs centaines d’esclaves de tout sexe, de tout âge et de toute nuance. Je contemplais les négrillons demi-nus miaulant comme de jeunes chats sauvages sur les genoux de leurs mères, les singes de la maison fourrageant gravement sur les têtes des jeunes négresses, les perroquets criant à tue-tête : Quer café (voulez-vous du café) ? les chiens courant çà et là au milieu des groupes, lorsqu’à un signal donné par le

Em uma comparação do Brasil com os Estados Unidos, Saint-Hilaire joga no negro e na própria escravidão parte da explicação para o papel secundário do país no continente americano, mesmo sendo o Brasil um rival dos norte-americanos em se tratando de grandeza territorial e de potencialidades naturais, evidenciando, mais uma vez, que o negro era um problema nacional²²⁵. Pereira da Silva vê uma incompatibilidade entre a riqueza do Brasil e a exploração feita por braços africanos, ignorantes demais para transformar a terra brasileira, ainda sob o domínio da natureza, em progresso²²⁶.

No entanto, em meio a toda essa carga de negatividade que nas páginas da *Revue* foi derramada sobre os negros, vale ressaltar que Assier, apesar de sua visão carregada de preconceitos em relação a eles, assume que alguns deles podem chegar a exercer funções de homem branco, já que havia conhecido alguns médicos, advogados, padres e negociantes negros. No entanto, afirma que esses negros “bem-sucedidos” que encontrou

muletier-sacristain le chœur des négresses entonna un hymne religieux. C'était un mélange d'exclamations sauvages, de gloussements intraduisibles, d'articulations étranges qui n'avaient rien de l'homme, et qui auraient échappé à l'analyse de l'oreille la mieux exercée” (D'ASSIER, 1863b, p. 771).

²²⁵ “On tendit à cette époque un piège bien dangereux à l'inexpérience du peuple brésilien. On lui peignit sous les plus séduisantes couleurs la prospérité toujours croissante de l'Amérique du nord, et des idées de fédéralisme se répandirent dans toutes les provinces du Brésil. Mais l'union américaine a été formée par des sectaires vertueux, pleins de constance et d'énergie, qui, préparés à la liberté par les leçons même et par les exemples de leurs ancêtres européens, étaient capables de la concevoir et dignes d'en jouir. Il s'en faut bien malheureusement que le peuple brésilien soit formé des mêmes éléments et qu'il se trouve dans les mêmes circonstances. Des esclaves appartenant à une race inférieure composent les deux tiers de ce peuple, et il gémissait il n'y a que dix années, sous un régime despotique, dont le résultat était non-seulement de l'appauvrir mais encore de le démoraliser. Les Brésiliens ont noblement secoué le joug du système colonial; mais, sans y songer peut-être, ils sont toujours, il faut le dire, sous sa triste influence, comme l'esclave qui a brisé ses chaînes en laisse voir les traces bien long-temps encore sur ses membres meurtris” (SAINT-HILAIRE, Auguste de. Tableau de dernières révolutions du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, V. III-IV, 1831, p. 342).

²²⁶ “Les bras nécessaires à l'agriculture ne viendront plus au Brésil des arides déserts de l'Afrique et des misérables tribus de Mozambique, de Loanda, de la côte de la Mine et du Zaïre. Il faut les remplacer par des hommes d'une race égale à notre race, comme nous libres, et qui, mieux que les nègres ignorants, puissent donner du développement aux richesses et profiter de la fertilité d'un sol que la nature a magnifiquement doué. La grandeur et l'avenir du pays dépendent de l'agriculture et de l'industrie. Il n'y a pas un territoire, pas un climat, pas une position au monde qui soient comparables au territoire, au climat et à la position du Brésil” (SILVA, Pereira da. Le Brésil em 1858 sous l'empereur D. Pedro II. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1858, p. 818).

eram todos da costa da Mina, muito semelhantes ao tipo caucasiano²²⁷ e, por isso, superiores aos demais, reforçando assim a ideia de superioridade do homem branco:

La race noire se partage au Brésil, comme ailleurs, en diverses souches. Les nègres de la côte de Minas reproduisent, sauf la couleur, le type caucasique : front élevé, nez droit, bouche régulière, figure ovale, formes athlétiques, tout révèle en eux une nature forte et intelligente ; l'œil et la lèvre trahissent seuls la sensualité que la constitution anatomique semble imposer atout le groupe éthiopien. Les individus de cette race qui jouissent de la liberté donnent chaque jour des preuves non équivoques de leur aptitude supérieure. J'ai vu des ouvriers, des négociants, des prêtres, des médecins, des avocats nègres qui, de l'aveu même des gens du pays, pouvaient hardiment rivaliser dans leur œuvre avec les blancs.²²⁸

Dessa maneira, percebemos que entre os viajantes da *Revue des Deux Mondes* a presença do africano no Brasil era vista como problemática, visto que, em toda a escala racial que havia no século XIX e que classificava as raças, cabia aos negros os patamares mais baixos, razão pela qual nunca seria vantajoso possuí-los em seus quadros populacionais, por mais que conferissem características únicas ao Brasil que visitavam. Eles eram ignorantes demais, nas visões desses europeus, para contribuírem com qualquer coisa que fosse, o que representava um problema que deveria ser contornado, como veremos mais à frente.

Sobre os indígenas, que juntamente com os negros ajudavam a compor o estado letárgico do Brasil frente à civilização europeia, a qual, embora subaproveitada, se abria frente ao País, as opiniões não eram melhores que as propagadas em relação aos negros.

²²⁷ Aqui já notamos a presença dos então recentes estudos raciais, pois já há uma divisão dos homens baseada em critérios como a localização geográfica e a cor da pele, cabendo aos de origem europeia características como a delicadeza, a perspicácia e a inventividade, em contraste com as populações negras, ameríndias e asiáticas, marcadas sempre por traços negativos, que as colocavam em patamares inferiores aos brancos (PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/SP:Edusc, 1999, p. 68).

²²⁸ D'ASSIER, 1863c, p. 571.

Indolentes, bravios, miseráveis, canibais, avessos à civilização e fadados a sucumbir diante da chegada do homem branco, os indígenas ocupam um lugar importante dentro da *Revue des Deux Mondes* que trata do Brasil; assim como no caso dos negros, as visões que recaem sobre eles vêm carregadas de preconceitos e de inferioridades.

Talvez por não partilharem os franceses de certas visões positivas a respeito do indígena propagadas no Brasil oitocentista por autores ligados ao que se chamou de Romantismo Indigenista²²⁹ – como Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, que viam no autóctone brasileiro premissas positivas, como, por exemplo, o fato de serem os habitantes originais do Brasil, e, portanto, os donos legítimos destas terras, além de serem passíveis de redenção e civilização²³⁰ –, os indígenas foram retratados por um viés bastante negativo nas páginas da *Revue*.

Não existia na *Revue* a visão dúbia que marcara o pensamento brasileiro oitocentista, na qual o nativo ocupava um lugar ora de destaque, representando o elemento mais puro e original da jovem nação, ora como um verdadeiro empecilho ao progresso²³¹.

Essas visões ressaltam que esses franceses já não eram os mesmos franceses dos tempos

²²⁹ Apesar de conhecerem ideias iluministas, principalmente aquelas produzidos por Rousseau, que defendiam as populações selvagens como modelo de vida em sociedade e nas quais a Europa deveria buscar inspiração (NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Sobre o campo e a cidade - olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Campinas: [s.n.], 1999, p. 25; ROUSSEAU apud SCHWARCZ, 1993, p. 45).

²³⁰ SCHWARCZ, Lília Moritz, 1993, pp. 111 – 113; RODRIGUES, Jaime. Índios e africanos: do “pouco ou nenhum fruto” do trabalho à criação de “uma classe trabalhadora”. *Revista História Social*, Campinas-SP, n. 2, 1995. p 15.

²³¹ Tal ponto fica evidente nos embates realizados dentro da revista do IHGB acerca do tema entre aqueles que os defendiam e os que os detratavam, chegando ao ponto de se defender o extermínio dessas populações em nome do progresso brasileiro. Entre os defensores dessa prática está o importante historiador Varnhagen; é interessante notarmos que essa questão se posterga até o início do século XX. Um exemplo disso é a luta do Marechal Cândido Rondon para preservar o indígena, tanto física quanto culturalmente, indo contra opiniões, ainda vigentes, que acreditavam que se houvesse índios no caminho para se chegar às riquezas brasileiras – animais, vegetais ou minerais –, estes deveriam ser eliminados (em SKIDMORE, Thomas E. *Uma História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000. pp. 115-116).

da colônia, na qual as visões a respeito desse elemento, apesar de também serem atravessadas muitas vezes por representações negativas, eram muito mais matizadas, tendo sido assim a ciência e o progresso inclementes em relação às imagens dos indígenas no século XIX, mesmo na França.

Já que estamos tratando das características negativas a eles atribuídas, podemos começar com aqueles que tratam de sua indolência e aversão natural ao trabalho, algo típico de povos nascidos sob o calor dos trópicos, já que foram acostumados desde sempre a conseguir aquilo que lhes garantia o sustento e a vida sem muito esforço, o que saltava aos olhos de homens afeitos às noções de progresso e trabalho que permeavam os oitocentos. Dessa maneira, as alusões aos indígenas são quase sempre feitas de um prisma oposto àquele dos europeus; enquanto estes são marcados pelo trabalho e pela mudança, aqueles são marcados pela inépcia e pela estagnação. Assim, são vários os relatos que podemos aqui elencar e que corroboram essas visões, como nas seguintes palavras de Assier, ao fazer suas observações sobre o indígena: “Une population d’humeur si indolente est peu propre aux travaux de l’agriculture, plus pénibles partout que le service de l’intérieur d’une Maison”²³².

Ou ainda:

Ce caractère indomptable a fait donner aux Indiens des forêts le nom d’Indios braves (Indiens médians), par opposition aux Indiens des frontières qu’on appelle Indios mansos (Indiens doux, apprivoisés). Comme leurs ancêtres, les braves vivent de fruits, de chasse et de pêche ; chaque tribu obéit à un chef dont il est difficile d’analyser l’autorité. Supérieurs en force physique aux autres indigènes américains, ils paraissent inférieurs en intelligence, car on n’a trouvé chez eux aucune

²³² D’ASSIER, 1863c, p. 560.

tradition historique, aucun monument qui rappelât quelques traces de civilisation. Quant à leur religion, elle est sans doute la même que celle de leurs aïeux.²³³

A natureza tropical mais uma vez assume papel crucial para esse estado de total aversão ao trabalho que aos olhos europeus eles possuíam, confirmando assim a visão clássica, propagada há séculos dentro e pela Europa, sobre os efeitos nefastos de climas demais benevolentes sobre as fibras morais das populações que neles viviam, que acabam por gerar estados como o descrito a seguir:

Les plantes sorties de cette végétation, sont aussi variées que les fleurs et les feuilles qui les recouvrent. Tous les besoins immédiats de l'homme, divers produits même de l'industrie, semblent sortir spontanément du sol : pain, lait, beurre, fruits, parfums, poisons, cordages, vaisselle même, tout se trouve pêle-mêle dans la forêt vierge. Peut-être est-ce dans cette richesse qu'il faut chercher le secret de l'infériorité des tribus du désert. Est-il nécessaire de se livrer au labeur incessant de la civilisation, lorsque la nature se montre si complaisante et si prodigue ? Demandez plutôt à l'Indien. Désire-t-il une demeure : quelques instans lui suffisent pour se construire une hutte au pied d'un ipiriba, les feuilles lui servent de lit, les branches de parasol ; il trouve dans les fruits une excellente nourriture, et dans l'écorce un remède contre la fièvre. Le bois, aussi dur que le fer, lui fournit une massue pour les combats ou des instrumens d'agriculture. Si, fatigué de la vie sédentaire, il veut courir les fleuves et se livrer à la pêche, il n'a qu'à renverser l'édifice et à le creuser avec le feu : sa hutte devient alors pirogue. Avec la base d'un bambou, il construit une batterie de cuisine et un mobilier complet ; l'extrémité de la tige est un excellent régal ; les feuilles tissées donnent des vêtemens à sa femme, le bois sert à ses flèches ; les tiges creuses, liées ensemble, servent à improviser un radeau. Le même arbre devient, suivant le besoin, arsenal, vestiaire, restaurant et pharmacie.²³⁴

Assier deu mostras da explicação mesológica sobre a indolência indígena e sobre o quanto importante era o meio na determinação do caráter dos povos, no trecho tal alusão se

²³³ Ibidem, p. 557.

²³⁴ D'ASSIER, Adolphe. Le mato virgem, scènes et souvenirs d'un Voyage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1864b, p. 559.

torna clara, e o indígena se torna um exemplo para confirmar as antigas tradições europeias que preconizavam “países quentes, povos indolentes, países frios, povos robustos”²³⁵ estavam corretas.

Como temos frisado, dentro dessa visão europeia oitocentista, a natureza pródiga brasileira produziu uma corja de vagabundos que estavam fadados a viver eternamente na miséria e na barbárie se ninguém melhor interviesse. A sua própria língua é descrita como pobre, e algumas poucas palavras são suficientes para que se possam entender dentro daquela esfera bárbara e miserável em que vivem²³⁶.

A barbárie e a pobreza – que podem ser aqui entendidas nas suas mais diversas nuances – se expressam na dificuldade que eles têm de aprender o português, língua complexa que devia ser capaz de exprimir toda uma série de regras e conhecimentos deveras avançados para aqueles pobres homens das florestas, já que o simples pedido de um copo de água era difícil para um indígena, mesmo que ele há muito vivesse entre os

²³⁵ Frase essa de Heródoto, que ressalta o quão antigas eram essas noções (SANT’ANNA NETO, João Lima. História da climatologia no Brasil: Gênese e Paradigmas do clima como fenômeno geográfico. *Cadernos Geográficos/Universidade Federal de Santa Catarina*, n. 1. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999, pp. 49-50).

²³⁶ Essa noção da incapacidade indígena de aprender línguas mais sofisticadas, como era o caso do português, desde os tempos coloniais eram relatadas. E, no século XIX, percebemos que tal percepção ainda não fora totalmente superada. Há diversos exemplos que trazem essa questão nos escritos coloniais e que valem a pena serem ressaltados: em Gândavo: "A língua, deste gentio toda pela Costa he, huma: carece de três letras - *scilicet*, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente"; em Soares de Sousa: "Faltam-lhes três letras das do ABC, que são F,L,R grande ou dobrado, coisa muito para se notar; porque, se não têm F, é porque não têm fé em nenhuma coisa que adorem; nem nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade e nenhuma pessoa que lhes faça bem. E se não têm L na sua pronúnciação, é porque não têm lei alguma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre eles leis com que se governem, nem têm leis uns com os outros. E se não têm esta letra R na sua pronúnciação, é porque não têm rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai (sic), e cada um vive ao som da sua vontade; para dizerem Francisco dizem Pandeio, para dizerem Lourenço, dizem Rorenço (sic), para dizerem Rodrigo dizem Rodigo (sic); e por este modo pronúnciam todos os vocábulos em que entram essas três letras" (CUNHA, Manuela Carneiro da. *Imagens de índios do Brasil: O Século XVI. Estudos Avançados*, v. 4, n. 10, 1990, p. 97).

brancos. Isso, segundo Reclus, evidencia não a inocência infantil mas sim a falta de inteligência que lhes era característica:

Chez ces peuples encore maintenus dans la barbarie, dépourvus des premiers élémens de l'instruction, on ose à peine dire qu'il existe une langue dans la haute acception que nous attachons à ce mot. Leurs besoins sont si limités, le cercle de leurs idées si étroit, ils ont si peu de chose à se dire, qu'un jargon composé de quelques centaines de mots leur suffit amplement. Entre eux, ils se servent de la lingua geral, espèce de langue franque d'une extrême pauvreté, formée de mots d'origine guaranique et enseignée à leurs pères par les jésuites. Dans les villes, ils commencent à comprendre le portugais ; mais ceux qui sont restés pendant toute leur vie éloignés d'un centre civilisé ne peuvent s'exprimer d'une manière compréhensible que pour dire leurs noms de baptême et demander un verre d'eau-de-vie. Telle est l'ignorance profonde où croupissent des hommes libres auxquels on accorde, comme par ironie, le titre de citoyens. Cependant les résultats étonnans obtenus par ceux qui se sont donné la peine d'élever des Tapuis prouvent qu'on ne doit pas attribuer la naïveté enfantine de ces Indiens au manque d'intelligence²³⁷.

Dessa maneira, imersos na ignorância à qual a própria terra em que viviam os fadava, como o próprio exemplo da incapacidade de aprender que foi mostrado acima evidencia, eram esses elementos avessos por natureza à civilização, incapazes de dela extrair toda a plenitude de que poderiam usufruir, preferindo continuar a viver de modo tosco, bárbaro e fácil, e pareciam fechar os olhos à civilização que os brindava. E, nesse caso, o trecho a seguir, mais uma vez de Assier, evidencia a distância e a ausência de qualquer traço de civilização que esses povos possuíam, os quais preferiam continuar a usar suas primitivas e pouco eficientes armas de madeira quando tinham jazidas de ferro

²³⁷ RECLUS, 1862a, p. 945.

que brotavam em seus pés²³⁸. Segundo Assier, tal quadro serve como exemplo da rebeldia que esses povos tinham em relação à civilização:

Presque toutes celles que j'ai vues étaient des roseaux, et semblaient plutôt des jouets inoffensifs que des instruments de mort. Ces armes ultra-primitives, dans un pays où le fer se trouve presque à l'état natif et à la surface du sol, donnent une triste opinion de ces peuplades, entièrement rebelles à toute civilisation.²³⁹

Essa rebeldia à civilização descrita por Assier pode ser confirmada em dois casos citados por ele para comprovar sua tese. Assim como no caso dos negros, os indígenas são marcados pela imprevidência, e, mesmo quando a benevolência europeia os provém trabalho, eles pouco usufruem de seus benefícios, trabalhando somente o suficiente para que tenham recursos para satisfazerem prazeres mundanos, como a cachaça e o fumo, segundo o viajante.

Acostumados a uma vida fácil nas florestas, onde conseguiam aquilo de que realmente necessitavam – o alimento – sem muito esforço, eles abandonavam seus postos de trabalho assim que conseguiam seus poucos recursos para satisfazer seus vícios, retornando à vida selvagem, voltando novamente ao trabalho somente quando sentiam falta do conforto que ele lhes proporcionava. Assim, em meio a esse vaivém da floresta

²³⁸ Parecia se configurar o quadro descrito no século anterior por Tocqueville ao visitar regiões tropicais, belas, porém traiçoeiras, justamente por golpear da maneira mais indolor possível qualquer chance de futuro: “Sob aquele manto esplendente, achava-se escondida a morte; ninguém a percebia, então, todavia, e reinava no ar daqueles climas não sei que influencia debilitante, que ligava o homem ao presente e lhe tirava as preocupações com o futuro (...). A América do Norte apareceu sob outro aspecto: ali, tudo era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar uma província de inteligência, enquanto a outra [a tropical] era a morada dos sentidos. Um oceano turbulento e brumoso banhava as suas praias; rochedos graníticos ou bancos de areia serviam-lhe de cinta; as matas que cobriam as suas margens exibiam uma folhagem sombria e melancólica; via-se crescer ali quase que só o pinheiro, a conífera, o carvalho verde, a oliveira selvagem e o loureiro (...). Nesse ambiente também a ‘morte golpeava’, mas de certa maneira, a ‘morte vinha em socorro da vida’. Uma e outra faziam-se presentes e pareciam desejar confundir e misturar suas obras” (TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América*. São Paulo: Edusp, 1987, pp. 25-26).

²³⁹ D’ASSIER, 1863c, p. 553.

para a fazenda e da fazenda para a floresta, podemos notar que Assier os considera como péssimos trabalhadores, e sem trabalho não havia civilização que vencesse terras tão indômitas:

Les efforts tentés jusqu'ici pour employer l'Indien du Brésil comme domestique ont été presque sans résultat. Plusieurs fazendeiros qui en avaient pris à l'essai, et que j'ai interrogés sur leur compte, m'ont unanimement répondu qu'ils avaient été obligés d'y renoncer à cause de l'incroyable sans- façon que ces sauvages apportaient dans leur service. Venaient-ils à regretter leurs forêts, ils quittaient la maison sans mot dire à personne, retournaient dans les bois, se construisaient une hutte avec quelques pieux fichés en terre et quelques feuilles de palmier, et là se reposaient de leurs prétendues fatigues, n'interrompant leur far niente que pour cueillir quelques fruits ou pêcher quelques poissons. Puis un jour, après deux, trois, six mois d'absence, saturés de vie sauvage, ils venaient reprendre leur travail comme s'ils l'avaient quitté la veille, et ne comprenaient pas que le maître parût étonné de les apercevoir et leur demandât des explications. Ils continuaient ainsi leur besogne pendant quelque temps ; mais, bientôt fatigués une seconde fois de la vie civilisée, ils s'échappaient sans bruit de la plantation pour aller se refaire dans les forêts et reparaître l'année suivante. Ces escapades avaient surtout lieu le jour où ils recevaient leur solde. Il va sans dire que tout cet argent passait à acheter de la cachaça, et que ce n'était qu'après en avoir cuvé les dernières fumées que l'ancien maître leur revenait en mémoire²⁴⁰.

Outro exemplo dessa aversão natural à civilização do indígena descrita por Assier se dá no caso que cita de um menino indígena que foi criado desde pequeno por religiosos e ensinado para que pudesse levar a palavra de Deus e, por consequência, a civilização²⁴¹ ao povo do qual fora desgarrado. Partiu em missão e nunca mais voltou, sucumbindo nas

²⁴⁰ Ibidem, pp. 559-560.

²⁴¹ A noção que traz a catequização como um momento de contato com a civilização pode ser facilmente vista no trecho a seguir, de autoria do próprio Assier: “Ceux-ci se laissaient volontiers approcher quand il ne s'agissait que d'être catéchisés, car ils savaient que l'Évangile était toujours accompagné d'une foule de petits avantages fort de leur goût, tels que vêtements, couteaux, et surtout une nourriture moins précaire que ne l'offre la vie des bois” (D'ASSIER, 1863c, p. 559). Tal noção ainda pode ser encontrada no já citado trecho de Lacordaire, que enaltece os portugueses por terem levado aos indígenas o luxo da civilização ao mesmo tempo em que difundiam a fé católica: “Cependant, sous ces misérables cabanes, le luxe de la civilisation s'était glissé en même temps que la religion” (LACORDAIRE, Théodore. *L'or de Pinheiros. Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1835, p. 339).

florestas aos vícios e à barbárie original em que nascera na primeira oportunidade que tivera²⁴². Os indígenas pareciam ser mesmo inaptos à civilização se olharmos pela visão de Assier.

Apesar de Assier ser o principal detrator do indígena brasileiro dentro da *Revue des Deux Mondes*, talvez por ser interessar mais pelo Brasil do interior, onde pudera ter mais contato com o autóctone do que outros viajantes que focaram suas observações mais nas cidades – os quais, por isso, não puderam ver toda a barbárie em sua plenitude, marca dessa parte do país, segundo o ponto de vista do viajante francês –, ele não era o único, outros escritores também trouxeram esse desdém pelo indígena em seus relatos.

Lacordaire, como no exemplo citado anteriormente, enxerga os indígenas como ausentes de civilização e vê a chegada da catequese como uma forma de aproximá-los dessa civilização e de melhorar suas condições miseráveis de vida²⁴³. O autor ainda presta honra a personagens históricos do Brasil, que não somente levaram a guerra aos nativos, mas também contribuíram para que essa tão cara civilização chegasse até eles²⁴⁴. Reclus, apesar de defender os indígenas contra a exploração que sofrem por parte de comerciantes na Amazônia, ressaltando tal questão como um dos problemas da região, não se abstém de

²⁴² “Tel est l’attrait irrésistible du désert que ceux qui en sont sortis ne peuvent vivre dans un autre milieu. Les annales portugaises font mention d’un Botocudo qui, trouvé dans les bois encore enfant, fut amené à Bahia et élevé dans un couvent. Ses progrès, son intelligence, ses aptitudes, ayant été remarqués, on redoubla de soins. C’était une précieuse acquisition : on voyait en lui le missionnaire futur de sa peuplade. Comme il témoignait du goût pour les ordres, il fut sacré prêtre. Devenu enfin libre, il sortit du couvent sous prétexte de promenade, entra dans les bois qui entouraient la ville, et ne reparut plus. On sut plus tard qu’au lieu de catéchiser ses compatriotes, il avait repris leur costume primitif et leurs sauvages coutumes” (D’ASSIER, 1863c, p. 553).

²⁴³ LACORDAIRE, op. cit., p. 339.

²⁴⁴ “Ils ne furent pas toujours les agresseurs (como no caso dos espanhóis) dans leurs guerres avec les indigènes, et ils n’eussent pas demandé mieux que de les civiliser. Les Martim Affonso de Souza, les Mendez de Sâ, les Albuquerque, les Coutinho, sont des hommes dont le nom est passé avec honneur jusqu’à nous” (LACORDAIRE, 1835, p. 336).

tratá-los como imorais²⁴⁵. Castelnau, que percorreu as regiões de Minas Gerais, Goiás e Maranhão, nas quais relatou diversos encontros com povos indígenas, também os traz como selvagens e avessos à civilização. A miséria em que vivem e seus hábitos demais bárbaros, principalmente a antropofagia, para olhares europeus, saltam aos seus olhos:

Trois jours après avoir quitté Goyaz, nous pouvions déjà commencer nos études sur la vie sauvage : nous avons atteint le village de Caretao, habité par les Indiens de deux tribus, les Chavantes et les Cherentes, qui appartiennent à la même nation. Ils étaient peu nombreux et dans un état assez misérable. (...) Bien que parfaitement paisibles, ils entretiennent des communications fréquentes avec la portion des deux tribus qui, sauvage et hostile aux blancs, vit encore dans le désert; celle-ci est anthropophage, et plusieurs même des hommes du village de Caretao avaient aussi mangé de la chair humaine.²⁴⁶

Não que aos indígenas não fossem prestados certos elogios, ainda que muito pequenos, frente à imensidão de críticas que sobre eles recaíam. Reclus, por exemplo, exalta os bons hábitos de higiene e a beleza da mulher indígena que encontrou²⁴⁷. Assier vê neles certas utilidades e vislumbra uma incerta contribuição desses povos para o crescimento da economia Brasil, pois acreditava que a extração de certos produtos valiosos escondidos no meio das densas florestas brasileiras, como é o caso da baunilha,

²⁴⁵ “Les traitans portugais ou péruviens, les autres aventuriers que l’esprit de spéculation amène sur le fleuve des Amazones, ne songent guère non plus à l’amélioration des tribus indiennes avec lesquelles ils se trouvent en contact. Gens grossiers et avides, ils ne pensent qu’à s’enrichir aux dépens des naturels, quand ils croient pouvoir le faire sans danger ; ils les maltraitent, et, chose plus déplorable peut-être, ils spéculent sur l’ivrognerie de ces pauvres gens pour payer en eau-de-vie les denrées qu’ils leur achètent ou le transport de leurs marchandises : on évalue à une moyenne de 10 francs environ la somme que le traitant débourse pour rémunérer le travail d’un Indien pendant deux longues années. Enfin ceux qui ont pour mission spéciale de moraliser les indigènes ne les traitent pas toujours avec plus d’équité” (RECLUS, 1862a, pp. 944-945).

²⁴⁶ CASTELNAU, 1848, p. 207.

²⁴⁷ “Aussi les Tapuis de Cametá sont-ils d’une exquise propreté et pourraient-ils, sous ce rapport, servir de modèles à tous les peuples du monde. Blanchés ou bruns, mamalucas ou mestiças, les femmes surtout doivent à leurs bains continuels une grande pureté de contours et une transparence merveilleuse de la peau ; mais peut-être aussi doivent-elles à ces mêmes bains une véritable paresse, qui s’ajoute à la voluptueuse langueur commune à toutes les femmes créoles” (RECLUS, op. cit., pp. 941-942).

da borracha e de ervas medicinais, dependia deles, os únicos preparados para trazê-los dos sertões até os comerciantes²⁴⁸.

Mas isso era muito pouco frente aos problemas que os indígenas guardavam em si e que se estendiam para a sociedade brasileira. Inferiores que eram, Assier acreditava que eles estavam fadados a perder cada vez mais espaço frente à ação civilizatória do homem branco, até desaparecerem, pelo menos em sua maneira pura e selvagem, perante a raça forte que era a europeia.

Nesse sentido, a publicação de *A Origem das Espécies*, por Charles Darwin, em 1859, veio a alterar todo um panorama até então harmonioso, criado por Deus, que marcava a natureza. Imersas em uma luta constante pela sobrevivência, na qual somente os mais fortes e mais aptos sobreviviam, as espécies se sobrepujavam umas às outras, fadando aquelas menos preparadas a desaparecerem para ceder lugar às mais fortes²⁴⁹.

Não demorou muito para que a concepção de Darwin da evolução natural fosse estendida às sociedades, já que logo surgiriam escalas que atestavam que os vários povos encontravam-se em estados distintos em se tratando de evolução, sendo ainda os fatores ambientais decisivos nos processos de diversificação notados entre as supostas raças. Portanto, as civilizações, assim como as espécies, seguiam os padrões da natureza, não sendo obras imutáveis, ou seja, evoluíam e decaíam, a despeito de certas condições

²⁴⁸ “La transition entre les tribus sauvages et les populations civilisées des côtes brésiliennes est marquée par les Indiens mansos. Ce sont eux qui cueillent le caoutchouc, l’ipécacuana, la vanille, la salsepareille, en un mot tous les produits qu’on ne trouve que dans les forêts lointaines. La récolte faite, ils s’avancent dans les cantonnemens des blancs pour la livrer et recevoir en échange des produits de l’industrie européenne, couteaux, indiennes, eau-de-vie, etc. Le reste de l’année est occupé à la chasse et surtout à la pêche, leur passion favorite” (D’ASSIER, 1863c, p. 558).

²⁴⁹ SCHWARCZ, 1993, p. 55.

ambientais, e batalhavam pela sua própria supremacia e sobrevivência, como acontecia no mundo natural²⁵⁰.

Nesse sentido, ao analisarmos o retrato de Assier sobre os indígenas, nos parece que as ideias de Darwin, que haviam “se espalhado como palha”²⁵¹ pela Europa e pelo mundo²⁵², também haviam se propagado entre os franceses do século XIX:

Lorsque le cri de l'eldorado eut retenti dans les plaines de Piratininga, et que l'écho, traversant l'Océan, fut arrivé jusqu'aux Algarves, on vit tout à coup s'animer ces plages désertes. Des villes s'élevèrent, des picadas (sentiers) sillonnèrent les montagnes, l'activité européenne vint prendre possession de cette terre, et refoula au loin les tribus indigènes cuivrées, incapables de féconder le sol et destinées à disparaître tôt ou tard devant les exigences de la civilisation.²⁵³

Segundo Assier, refratário à civilização como era o indígena, cabia a este cada vez mais se refugiar no interior, uma vez que não podia competir com o machado europeu, que abria caminhos e levava à civilização, sobrando aos nativos fugir desse avanço que

²⁵⁰ ARNOLD, David. *La Naturaleza como Problema Histórico*: El medio, la cultura y la expansión de Europa. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2000, pp. 32-33.

²⁵¹ MARCO, Nélío. *O que é Darwinismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 63.

²⁵² Podemos aqui elencar uma série de trabalhos que mostram o poder e a velocidade da disseminação das ideias de Darwin pelo mundo, como: Filippo de Filippi, que publicou em 1864 na Itália (DE FILIPPI, Filippo. *L'Uomo e le Scimie*. Milano: G. Daeli, 1864); e Ernst Haeckel, que publicou em 1866 sua obra que já trazia as ideias evolucionistas de Darwin, sendo um dos grandes responsáveis pela sua difusão na Alemanha (HAECKEL, Ernst. *Generelle morphologie der organismen*. Berlin: G. Reimer, 1866). Mesmo no Brasil, a difusão das ideias de Darwin se deu de maneira bastante rápida; prova disso é o professor Fritz Müller que, radicado no Brasil desde 1852, publicou em 1864 o livro *Für Darwin*, que, apesar de escrito em alemão, mostra que em apenas 5 anos a teoria de Darwin atravessou o Atlântico e teve efeitos também na produção científica do Brasil. Se deixarmos de lado o caso de Müller, que é bastante precoce e que pode ser visto como um caso isolado, podemos ver que, já na década de 1870, o país foi inundado com as ideias de Darwin, quando termos como “seleção do mais forte”, “competição”, “evolução”, “hereditariedade” e “sobrevivência do mais apto” tornaram-se corriqueiros a partir de então nos círculos intelectuais brasileiros. Cf. PAPAVERO, Nelson. Fritz Müller e a comprovação da teoria de Darwin. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003; ZILLIG, Cezar. *Dear Mr. Darwin*: a intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin. São Paulo: Sky/Anima Comunicação e Design, 1997; CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. Campinas, SP: [s.n.], 2007; SCHWARCZ, 1993.

²⁵³ D'ASSIER, Adolphe. L'Eldorado brésilien et la Serra-das-Esmeraldas. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1864a, p. 334.

não podiam impedir, como fazem os animais²⁵⁴. Dizimados pelas armas de fogo, pela servidão, pela varíola e por outras pragas importadas da Europa, a verdade é que os indígenas deveriam resignar-se e entregar suas terras, as quais nunca conseguiram fecundar, a uma raça mais forte e superior, que em poucos séculos já havia feito muito mais do que eles haviam feito em milênios:

Ces peuples, qui comptaient plus de cent tribus lorsqu'ils virent arriver les premières voiles latines, sont réduits de nos jours à quelques milliers d'hommes essayant encore de conserver leur sauvage indépendance dans les contrées les plus inaccessibles de l'intérieur. Décimés par la servitude, les armes à feu, la petite vérole et d'autres fléaux importés d'Europe, ils se sont retirés pas à pas devant l'étranger, lui cédant cette terre qu'ils n'avaient su ni défendre ni féconder. L'Indien est donc aujourd'hui pour peu de chose dans les difficultés qui arrêtent le colon (...).²⁵⁵

De fato, se compararmos as ideias de Assier sobre o jugo e a extinção de uma população mais fraca perante uma mais forte, sendo esta sempre europeia, com as ideias de Alfred Russel Wallace – este que, como verdadeiro e incontestado conhecedor da teoria de Darwin, também publicou em 1864 –, notamos semelhanças bastante significativas, visto que, para os dois autores, os fracos indígenas – ou habitantes das zonas intertropicais, no caso de Wallace – estariam fadados a desaparecer sobre a potência do homem europeu civilizado, como fica claro no trecho a seguir:

¿No es un hecho que en todas las épocas y en cada rincón del globo, los habitantes de las regiones templadas han sido superiores a los de las regiones tropicales? Todas las grandes invasiones y todos los grandes

²⁵⁴ “L’Indien de la côte orientale est entièrement réfractaire à la civilisation. Comme le jaguar, il recule dans le désert à mesure que la hache européenne pénètre dans ses forêts” (D’ASSIER, 1863c, p. 555).

²⁵⁵ D’ASSIER, 1864b, p. 565.

desplazamientos han sido de norte a sur, pero no al revés; y no tenemos registro de que alguna vez haya existido, como tampoco hoy existe, un solo caso de civilización intertropical.²⁵⁶

Apesar das semelhanças inequívocas entre as duas ideias, saber de fato se Adolphe d'Assier era conhecedor da teoria de Darwin e se ela havia influenciado sua visão sobre o homem brasileiro é algo que não podemos afirmar. Embora Assier tenha publicado em 1864, portanto cinco anos depois da publicação de *A Origem das Espécies*, em uma época na qual as teorias de Darwin já ganhavam espaço nas publicações de seus leitores, como pudemos constatar acima, devemos lembrar que estamos tratando de um autor francês, e a França teve um recebimento bastante diverso do darwinismo em relação a outros países europeus.

Enquanto italianos, alemães e ingleses já publicavam obras fazendo referência à obra de Darwin, a França se mostrava ainda bastante refratária a essas ideias, talvez por rivalidades históricas ou por estar imersa em uma ciência focada na experimentação, na exatidão do método e na clareza de expressão de Auguste Comte. Provas da lenta e parcimoniosa aceitação do darwinismo em terras francesas podem ser encontradas na refutação da teoria de Darwin por Claude Bernard e Louis Pasteur, dois dos maiores nomes

²⁵⁶ WALLACE apud ARNOLD, 2000. p. 32. Ou mesmo se compararmos com dizeres do próprio Darwin, que também traziam a noção da superioridade do homem europeu sobre os demais, como podemos ver em carta escrita em 1881: “(...) fazendo um relance sobre o mundo, sem olhar num porvir muito longínquo, quantas raças inferiores serão em breve eliminadas pelas raças (que chamamos caucásicas) que têm um grau de civilização superior” (SELLES, Sandra Escovedo; ABREU, Martha. Darwin na Serra da Tiririca: caminhos entrecruzados entre a biologia e a história. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, maio/jun./jul./ago. 2002, p. 17).

da ciência francesa de então²⁵⁷, na tardia introdução do verbete “darwinismo” no dicionário da Academia Francesa e na *Encyclopédia das Ciências Médicas*, que só ocorreu em 1875, mesmo ano em que as teorias de Darwin passaram a ser ensinadas no Museu de História Natural, na Sorbonne e na Escola de Antropologia de Paris. Foi somente em 1878 que Darwin teve sua candidatura aceita para a Academia Francesa de Ciências, sendo, portanto, o darwinismo assimilado de maneira mais profunda nos círculos intelectuais franceses somente na década de 1880²⁵⁸.

Assim, tendo ou não Assier contato com a obra de Darwin – sendo mais provável que não, pois além da tardia penetração dessas ideias na França, Assier não faz referência ao naturalista britânico em nenhum momento, nem em seus relatos sobre o Brasil publicados na *Revue* nem em obras posteriores –, podemos notar que havia também entre os franceses a noção de que o homem americano, e o tropical por extensão – o que abarca também os negros –, estava em um patamar de inferioridade em relação ao europeu, razão pela qual estava fadado a sucumbir perante o poderoso machado vindo do Velho Continente.

Mas, em meio a essa pretensa luta entre europeus fortes e indígenas e negros fracos, um elemento também surgia e dava uma nova cara a esse panorama racial capaz de trazer receios diversos àqueles preocupados com o futuro do Brasil. A meio caminho entre o branco do progresso e o negro e o cobre do fracasso estava o mestiço, filho da

²⁵⁷ CID, Maria Rosa Lopez. *O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção*: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2004, p. 15.

²⁵⁸ SERPA JR., Octavio Domont de. O degenerado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010, p. 461.

paixão/violência entre as raças desta terra, o qual também não passou despercebido aos olhos daqueles que aqui estiveram no século XIX, tendo sido presença marcante nos relatos sobre o Brasil na *Revue*.

Desde a primeira vez que se pensou em uma história marcadamente nacional para o Brasil, quando o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro lançou o concurso para premiar a monografia que melhor traçasse um plano para escrever uma história brasileira, a questão da mestiçagem já aparece com força. Isso porque o vencedor do concurso, Martius, em seu *Como se deve escrever a história do Brasil*²⁵⁹ caracterizou o Brasil como um palco até então único para acontecer a mistura entre as raças, sendo esta a sua grande peculiaridade²⁶⁰ em relação aos demais países do globo, como já esboçamos anteriormente.

Apesar de lançar as bases de uma suposta democracia racial, como nos sugere Manoel Salgado Guimarães²⁶¹, Martius nos trouxe um quadro de um Brasil mestiço, porém sujeito às mudanças empreendidas pelos europeus que cá estavam. Cabia a eles, na função de coordenadores da civilização que chegava, a missão de aperfeiçoar essas raças, através do branqueamento e da civilização do indígena²⁶². No texto de Martius, cada uma das três

²⁵⁹ MARTIUS, 1865 (1844).

²⁶⁰ Lembremos que no jogo da construção da identidade nacional de um país, não bastava apenas ressaltar elementos que trouxessem orgulho nacional, era também necessário trazer aquilo que era próprio, original de um país (NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Natureza e Civilização: Sensibilidades românticas e representações do Brasil no século XIX*. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 432; BARBATO, 2011).

²⁶¹ GUIMARÃES, 1988, p. 17.

²⁶² Segundo Cláudia Callari, essa obra de Martius apresenta-se como um exemplo de uma história que combinava as teorias em voga na Europa do século XIX, como é o caso da hierarquização racial, presente na obra do naturalista, sem deixar de apontar as particularidades nacionais, no caso, a particularidade do Brasil, calcada no cruzamento entre as raças (CALLARI, Cláudia Regina. *Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção de Tiradentes*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, v. 21, n. 40, 2001, p. 73).

raças formadoras do Brasil era detentora de um papel pré-definido, cabendo ao homem branco a missão de “civilizar” o país, sendo uma espécie de guia para o progresso, ficando os índios e negros, excluídos de tal processo.

Esses filhos do Brasil não eram frutos do mero acaso, como nos ressalta Ronaldo Vainfas, sendo incentivados pela Coroa Lusitana no Brasil colonial, dentro de uma política que visava povoar e colonizar o Brasil²⁶³. “Povoar a qualquer preço, ainda que por intermédio de pecados”²⁶⁴, essa máxima de Gilberto Freyre, nos cabe bem nessa questão, pois mostra que na falta dos bons reinóis, diminutos em sua quantidade, mas astutos em propagar seu sangue a qualquer custo, os mestiços podiam bem levar o estandarte português aos rincões mais afastados do Brasil, desempenhando com destreza a tarefa de garantir a presença da Coroa no Novo Mundo. Nesse sentido, o trecho a seguir, retirado de um registro oficial de 1764, mostra o quão importante eram os mestiços dentro da política oficial de povoamento do Brasil colonial:

Eu el-rei faço saber aos que este meu alvará em fórmula de lei virem, que considerando o quanto convém que os meus reaes dominios da America se povoem, e que para este fim póde concorrer muito a comunicação com os indios por meio de casamentos; sou servido declarar que os meus vassallos d’este reino e da America que se casarem com india²⁶⁵ d’ella não ficam infamia alguma, antes se farão dignos de minha real atenção, e que nas terras em que se estabelecerem serão preferidos para aquelles lugares e accuções que couberem na graduação de suas pessoas, e que seus

²⁶³ VAINFAS, Ronaldo. *Trópicos dos pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 30.

²⁶⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Schimidt Editor, 1936, p. 245.

²⁶⁵ É interessante notar que no documento cita-se que o mesmo vale nos casos de mulheres portuguesas casadas com homens indígenas.

filhos e descendentes serao habeis e capazes de qualquer emprego, honra ou dignidade.²⁶⁶

Dessa maneira, notamos que o mestiço surge de maneira sempre ambígua em nossa história, úteis na falta do branco e destinados a estarem sempre a meio caminho do que era o ideal. Sobre eles cabiam as responsabilidades de se levar o sangue do progresso, e a culpa por se levar junto o sangue do fracasso.

Dentro da *Revue*, não era diferente, os mestiços, fruto desta terra *sui generis* que permitia tão profundo contato entre as raças, e esses feitos, realizados de maneira tão intensa e sem paralelos no mundo de então, não passaram despercebidos e foram enfoque de vários momentos publicados na revista. Primeiro, assim como o que ocorreu em Martius, a mestiçagem ampla e explícita chamou a atenção de nossos viajantes e a mistura de raças saltou aos seus olhos, tanto no Brasil profundo do interior quanto no Brasil aberto à civilização do litoral. Definitivamente, o Brasil era um país mestiço, como podemos ver na descrição de Castelnau sobre a vila de Salinas, que encontrou no interior de Goiás:

Aucun n'était blanc ; mais, ainsi que presque tous les Brésiliens de l'intérieur, ils offraient un mélange confus des races de l'Europe et de l'Afrique entées sur celles des habitants primitifs du continent. Plusieurs étaient de pur sang indien et appartenaient à la nation des Chavantes.²⁶⁷

Ou no Rio de Janeiro, capital do Império, formado por uma “amalgama bizarra” de americanos e portugueses, de brancos e homens de cor, segundo Saint-Hilaire:

Il est bien clair que la nouvelle forme de gouvernement aurait dû être adaptée à ce triste état de choses, qu'elle devait tendre à unir les

²⁶⁶ SOUZA E MENDONÇA, Elias Paes de. Registro dos Autos da criação da villa de Montemor-o-novo do Grão-Pará. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXV. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1872, pp. 137-138.

²⁶⁷ CASTELNAU, 1848, p. 208.

Brésiliens, et à faire en quelque sorte leur éducation morale et politique. Mais, pour pouvoir donner aux habitans du Brésil une charte conçue dans cet esprit, il aurait fallu les connaître profondément, et don Pedro, que son père avait toujours tenu éloigné des affaires, pouvait à peine connaître Rio de Janeiro, ville dont la population, difficile à étudier, présente un amalgame bizarre d'Américains et de Portugais, de blancs et de gens de couleur, d'hommes libres d'affranchis et d'esclaves; ville qui, tout à la fois colonie, port de mer, capitale, résidence d'une cour corrompue, s'est toujours trouvée sous les plus fâcheuses influences.²⁶⁸

A mestiçagem, dessa maneira, saltava aos olhos dos viajantes franceses e garantia à população brasileira seus primeiros traços peculiares²⁶⁹. Como fenômeno típico do Brasil, ela ajudava a dar um contorno todo especial – e problemático, como veremos – à jovem nação que ascendia ao mundo. Frutos da própria corrupção moral europeia no Novo Mundo, segundo Chavagnes, ela crescia ano após ano e garantia uma característica única ao Brasil frente às demais colônias americanas, o que ressalta que Martius não foi o único estrangeiro a notar essa peculiaridade do Brasil²⁷⁰.

E, como dissemos, essa tal peculiaridade brasileira, útil em certos momentos mas fruto de uma corrupção moral que se operava desde os primeiros assentamentos portugueses, não deixava de ser problemática, e os mestiços, muitas vezes, além de símbolos das mazelas morais, também poderiam ser verdadeiros perigos reais para o Brasil.

²⁶⁸ SAINT-HILAIRE, 1831, pp. 336-337.

²⁶⁹ “De l’embonpoint, une petite taille, de beaux yeux noirs, une peau plutôt cuivrée que brune, d’épais cheveux d’ébène, tels sont à peu près les traits distinctifs des Brésiliennes” (CHAVAGNES, 1844b, p. 69).

²⁷⁰ “Le phénomène le plus remarquable que présente la population brésilienne ; ce sont les empiétements de la race mulâtre, la seule qui, au Brésil, augmente chaque année. La corruption des Européens est la cause la plus active de cet accroissement. L’immoralité de toutes les classes a favorisé le croisement des races et détruit tous les préjugés de caste qui existent dans les colonies européennes, et surtout aux États-Unis. La seule race pure est celle des Indiens sauvages, en guerre avec le Brésil” (ibidem. p. 92).

A condenação do mestiço encontra seu mais alto grau no Brasil justamente nas publicações de um francês e de um suíço de língua francesa: Arthur de Gobineau, que publicou entre 1853 e 1855 o *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*²⁷¹, e Louis Agassiz, que publicou em 1868 seu *Uma Viagem ao Brasil*²⁷². O primeiro, um diplomata francês que se viu obrigado a se estabelecer no Brasil, nos deixou todo um relato sobre o desalento de ver e viver em um país onde os mestiços predominavam. O segundo era um naturalista suíço, comandante da Expedição Thayer, que buscava estudar os peixes amazônicos e acabou trazendo todo um panorama racial do Brasil, com a condenação da mestiçagem²⁷³.

Nesse sentido, de condenação à mistura racial vigente no século XIX, o trecho seguinte, de Gobineau, mostra as observações feitas *in loco* sobre os efeitos que a mestiçagem provocava sobre a sociedade, segundo seus princípios, e que acabava por condenar o Brasil:

Se admitimos que um número muito importante de seres humanos tem estado, e estará para sempre, impossibilitado de realizar mesmo um primeiro passo na direção da civilização (...) estamos induzidos a concluir que uma parte da humanidade é, nela mesma, impotente para jamais se civilizar... porque ela é incapaz de vencer as repugnâncias naturais que o homem, como os animais, experimenta contra o cruzamento (...) É preciso confessá-lo: a maior parte do que se conhece como brasileiros se compõe de sangue misturado, mulatos quarterons, caboclos de graus diferentes. São encontrados em todas as posições sociais. O senhor barão de Cotegeipe, ministro atual dos assuntos estrangeiros é um mulato; têm no senado homens de esta classe; em uma palavra, quem diz brasileiro, salvo

²⁷¹ GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des Races Humaines*. (1ª. ed. 1854). Paris: Firmin-Didot & Cie., 1940.

²⁷² AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elisabeth Cary. *Uma Viagem ao Brasil (1865-1866)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1838.

²⁷³ KURY, Lorelai. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, 2001.

pouquíssimas exceções, diz homem de cor. Sem entrar na apreciação das qualidades físicas ou morais de estas variedades, é impossível desconhecer que não são nem trabalhadores nem fecundos.²⁷⁴

Assim, dentro de contexto de repulsa à mestiçagem e de um pretenso perigo mestiço que o Brasil corria, podemos encontrar na *Revue* relatos que caminham na mesma direção, nenhum tão enfático quanto o de Gobineau²⁷⁵, mas que também condenam o mestiço como elemento fundamental do mosaico populacional que formava o Brasil. Chavagnes chega a ver um futuro nefasto para o Brasil, pelo menos nas províncias nas quais os mulatos eram mais numerosos, como era o caso da Bahia. Inventivos que eram, caso providências não fossem tomadas, logo chegaria o momento em que eles gritariam “Morte aos Portugueses!” e a desordem se instalaria:

Le mulâtre passe ordinairement son enfance dans l’esclavage, il ne doit la liberté qu’à son travail, et n’entre dans la société qu’avec un sentiment de haine et de vengeance contre les blancs. Plus actif, plus intelligent que le Brésilien, il aspire à s’emparer du pouvoir. Parmi les mulâtres affranchis dès l’enfance, on cite des hommes distingués. Tous ont une merveilleuse aptitude aux travaux les plus divers. La position d’infériorité où les place leur origine stimule leur zèle, et ils n’ont ni l’apathie, ni l’insouciance des Brésiliens. S’ils ne peuvent supplanter la société brésilienne et portugaise dans tout l’empire, ils l’excluront certainement de quelques provinces, et surtout de celle de Bahia, où la suprématie leur semble promise. Le jour où ce triomphe s’accomplira sera un jour de réactions terribles contre les propriétaires blancs. Le mulâtres seront sans pitié pour eux. Leur cri d’union est : Mort aux Portugais ! Les nègres libres soutiendront les

²⁷⁴ GOBINEAU apud PETRUCCELLI, José Luis. Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 7, dez. 1996, pp. 135-137. São vários ainda os trechos de Gobineau que fazem referência a sua veemente condenação da mistura racial, dentre eles, podemos citar: “As duas variedades da nossa espécie, a raça negra e a raça amarela, são o fundo grosseiro, o algodão e a lã, que as famílias secundárias da raça branca amolecem, nele misturando a sua seda, enquanto que o grupo ariano, fazendo circular suas redes mais finas a traves de gerações enobrecidas, aplica na superfície, em um deslumbrante chef-d’oeuvre, seus arabescos de prata e de ouro”. Ibidem, p. 136.

²⁷⁵ Vale ressaltar que aqui citamos apenas Gobineau e Agassiz como franceses (ou de língua francesa, no caso do naturalista suíço Agassiz) que condenavam a mestiçagem, mas, na verdade, muitos outros também o fizeram, como Louis Couty e Gustave Le Bon. Tais autores muita influência tiveram nos estudos brasileiros de finais do século XIX e início do XX, sendo suas influências sentidas nas obras de uma série de autores brasileiros, como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Paulo Prado, Oliveira Vianna, entre tantos outros.

mulâtres. Il faudrait d'autres hommes à la tête des affaires pour arrêter l'élan donné à cette population nombreuse, qui a tout à gagner au désordre (...) L'intelligente activité des mulâtres devrait provoquer l'émulation de la société d'origine portugaise et européenne. Il n'en est rien. Cette société voit la supériorité morale lui échapper sans tenter aucun effort pour la ressaisir.²⁷⁶

O mulato apresentava-se então como uma real ameaça perante a civilização europeia que se trasladara à América, conforme podemos verificar no relato de Chavagnes. Mas, como dissemos há pouco, sobre o mulato e sobre o caboclo não cai todo o peso da raça fraca dos negros e índios, eles estão a meio passo da civilização, e esse sangue europeu que corre em suas veias já é capaz de trazer vantagens para o Brasil.

Mestiços que são, cabem a eles um papel definido: operar na falta do homem branco, realizando suas tarefas melhor que os incapazes homens de cor puros, ou se submeterem àquilo que europeus consideravam indigno. Ao mestiço também cabiam responsabilidades no desenvolvimento do Brasil, o que já evidencia que o sangue branco e europeu, por mais que estivesse diluído, ainda representava o poder da transformação:

Les mulâtres sont particulièrement propres, par leur activité, leur intelligence, à remplir ces diverses conditions. Moins apathiques, moins indolents que les nègres, ils comprennent et exécutent vos ordres sans que vous ayez besoin de les répéter. Les nègres marchent à pied à côté de vos mulets, tandis qu'un bon camarade mulâtre est presque toujours monté.²⁷⁷

Ou ainda:

Ordinairement libre [o mulato], on l'applique à toutes les fonctions qu'on suppose trop pénibles pour l'indolence de l'Indien, trop élevées pour l'intelligence atrophiée du nègre esclave, et trop serviles pour la dignité

²⁷⁶ CHAVAGNES, 1844b, p. 93.

²⁷⁷ Ibidem, p. 71.

du blanc, Il devient donc, suivant ses aptitudes et suivant le besoin, charpentier, forgeron, tailleur, maçon, bouvier, soldat, etc.²⁷⁸

Assim, abrimos espaço para o outro lado da visão ambivalente que sempre recaiu sobre os mulatos. Se eles já se mostravam úteis em vários momentos, como no caso do povoamento do Brasil, agora eles se mostram com uma função mais nobre, pois não seriam apenas meros habitantes do país, integrantes de estatísticas sobre a população, ou executores de tarefas menos valorizadas na sociedade. Sobre eles poderia estar a chave do próprio sucesso do assentamento europeu em terras tropicais, como atestam alguns desses visitantes franceses.

Desde o início temos falado sobre as disparidades entre as tropicais terras brasileiras e as terras temperadas da Europa. Mesmo para os portugueses, vindos de uma Europa mais ensolarada, conviver com as durezas dos trópicos não era algo simples. Afinal, não era só o sol que era inclemente, ou a umidade que tudo corroia, havia, além disso, doenças, feras, mosquitos e outras moléstias que dificultavam, ou mesmo impediam, um perfeito assentamento daqueles homens brancos e civilizados nos trópicos. Domar tão pujante natureza não era tarefa fácil, e a necessidade de um elo entre ela e a cultura vinda da Europa, a notar pelos relatos presentes na *Revue*, parecia cada vez mais se mostrar necessário.

É aí que surge o mestiço e toda sua adaptabilidade como a chave para o sucesso europeu nos trópicos, adaptabilidade essa tanto em vencer a dureza tropical quanto em levar consigo a cultura europeia. Afinal, ter em suas veias sangue tropical e sangue europeu

²⁷⁸ D'ASSIER, 1863c, p. 575.

trazia suas vantagens. O mestiço então assume esse papel para certos autores da *Revue*, a começar pelo exemplo do paulista, que, mestiço de índio com português, carregava a selvageria do primeiro e a energia do segundo, tornando-se assim um elemento forte, ao qual mesmo o inclemente sertão brasileiro era incapaz de fazer frente:

On devine sans peine ce qu'on pouvait attendre du mélange de ces deux races. Héritant à la fois de l'énergie portugaise et de la sauvagerie du désert, élevés au grand air dans les vastes plaines du Piratininga, au bruit du mousquet et des cris de mort qui retentissaient chaque jour dans les forêts voisines, les fils n'eurent plus de l'Européen que la fiévreuse activité du conquistador. (...) Une troupe de mamelucos s'organisait en bandes pour chercher aventure sous la conduite du plus brave ou du plus expérimenté, et s'enfonçait sans carte, sans boussole, dans les immenses déserts de l'intérieur. Ces courses duraient quelquefois plusieurs années. Ni les horreurs de la faim, ni les morsures des serpents, ni la dent du tigre, ni les flèches indiennes ne pouvaient arrêter ces hardis coureurs ; les fleuves mêmes n'étaient pas une barrière...²⁷⁹

Dessa maneira, no mestiço poderia estar a resolução para o problema da aclimação do europeu em terras tropicais²⁸⁰, e, a partir do relato abaixo de Adolphe d'Assier, podemos

²⁷⁹ D'ASSIER, 1864a, pp. 327-328. Essa mesma imagem em relação aos paulistas, de mestiços capazes de vencer as durezas da floresta, podem ser observadas no trecho a seguir: "Quoi qu'il en soit, en moins d'un demi-siècle, il se forma dans la province de Saint-Paul une population mélangée de Portugais qui avaient conservé la pureté de leur sang, d'Indiens et de métis issus des alliances des deux races. Ces derniers, presque aussi nombreux à eux seuls que les autres, reçurent le nom de Mamalucos ou Mamelucs que les historiens de l'Amérique appliquent quelquefois sans distinction à tous les Paulistas de cette époque. Les mœurs de cette race de fer, son courage indomptable, sa haine pour toute espèce de joug, ses courses gigantesques dans l'intérieur du pays, ont fait de son histoire un épisode à part dans celle du Brésil. (...) Plus tard ces derniers s'avancèrent jusqu'aux frontières du Haut-Pérou, et traitèrent de la même façon les missions naissantes du Gran-Chaco et de Santa-Cruz de la Sierra. Enfin au nord, quelques-uns d'entre eux atteignirent, dans leurs aventureuses excursions, les bords du fleuve des Amazones. C'est à peu près comme si, l'Europe étant couverte de forêts sans chemins tracés, un habitant de la France se frayait une route jusqu'au centre de la Sibérie" (LACORDAIRE, 1835, pp. 340-341).

²⁸⁰ "On augurerait mal de l'avenir du Brésil, si l'on ne voyait à l'œuvre que l'Indien et le nègre. Celui qui veut connaître tous les éléments de vitalité que renferme la population brésilienne doit observer les hommes de couleur, qui semblent avoir puisé dans le mélange des races la vigueur que réclame, pour être fécondée, cette âpre et torride nature des tropiques. (...) Ce n'est donc que par une infusion incessante de sang européen, par la réhabilitation du travail s'accomplissant dans les idées et les mœurs, enfin par l'action vivifiante que les chemins de fer exercent partout sur leur passage, que la civilisation poursuivra ses conquêtes et prendra possession de ces espaces immenses encore livrés aux seules forces de la nature. Dans ces conditions nouvelles seulement, l'homme de couleur pourra jouer un rôle utile et faciliter les progrès de la colonisation" (D'ASSIER, 1863c, pp. 572-579). Ou ainda: "Les véritables colons qu'il faut à ce vaste bassin de l'Amazone,

ver que o problema do Brasil se revelava muito mais complexo do que parecia. Localizado em uma zona problemática do globo, formado por um também problemático emaranhado de raças que se cruzavam o tempo todo e, ainda, relegado ao abandono por causa da corrupção, o Brasil se mostrava como uma sociedade cheia de nuances a serem descobertas e pensadas, um local no qual um futuro parecia ainda aberto para ser desenhado. Esse Brasil era não só um lugar onde raça e clima se uniam na explicação das mazelas, mas também para onde a Europa insistia em enviar suas luzes e o acalentamento daqueles que sonhavam com novos futuros. Frente a tudo isso, o Brasil, como ressaltamos, parecia muito complexo aos olhos franceses:

On ne séjourne pas longtemps à Rio sans être conduit à s'interroger sur l'avenir politique et social de l'empire, dont cette grande cité est appelée à diriger la civilisation. Dom Pedro Ier a donné au Brésil une constitution fortement marquée de l'esprit moderne, et qui assurerait la prospérité de l'empire si l'on pouvait compter sur l'énergie des hommes chargés d'appliquer la loi. Malheureusement, dans un empire aussi vaste, sans routes, et couvert de forêts impénétrables, la répression devient le plus souvent impossible. D'un autre côté, au milieu d'un amalgame de races si diverses, on ne peut guère espérer des habitudes sociales bien régulières. Les villes de la côte, journellement vivifiées par le contact européen, offrent encore les apparences de notre civilisation. Un œil attentif peut néanmoins saisir à travers ces dehors les indices d'une dépravation profonde. Le relâchement des mœurs paraît d'ailleurs chose si naturelle dans le pays que les créoles eux-mêmes le confessent en le rejetant sur les exigences du climat. Les voyageurs répètent cette excuse, et aujourd'hui, aux yeux des honnêtes gens, c'est le soleil de l'équateur qu'il faut accuser de tous les dérèglements qui se produisent entre les deux tropiques. On doit s'inscrire en faux contre ces trop faciles conclusions. Loin de provoquer le développement des passions, l'extrême chaleur serait plutôt

ce ne sont point des Européens que le climat énerve et que la nostalgie tue, ce sont les fils de Tapuis, ces mamalucos qui ne sont pas obligés de subir les dures et si souvent fatales épreuves de l'acclimatation physique et morale. Sans eux, toute civilisation importée sur les bords du fleuve brésilien ne sera qu'une civilisation de passage, maintenue à grands frais et destinée à périr. Les métis de l'Amazone forment déjà les éléments d'un peuple : l'initiative européenne prouvera sa vertu, non pas en supprimant ces éléments épars, mais en les réunissant pour leur donner une vie nationale" (RECLUS, Elisée. Le Brésil et la colonisation – Le bassin des Amazones et les indiens. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1862a, pp. 954-955).

propre à les endormir. C'est dans l'esclavage que j'ai toujours cru voir la principale cause de la vie licencieuse de l'Américain.²⁸¹

Assim, podemos ver o Brasil como um país complexo, palco de condições adversas como o clima quente e úmido e uma natureza pujante demais, no qual se opera uma dicotomia entre a inferioridade tropical e a superioridade europeia, entre a barbárie tropical e a civilização europeia, entre o passado e o futuro. E a questão racial é um dos momentos em que isso se mostra mais evidente no pensamento francês sobre o Brasil exposto na *Revue des Deux Mondes* e aqui evidenciado. De toda forma, se o Brasil quisesse progredir, se quisesse alçar voos maiores, na visão daqueles franceses, precisava da Europa, da sua cultura, dos seus modos, da sua religião, da sua ciência, dos seus homens. A Europa era o caminho a ser seguido, e parecia só ela ser capaz de garantir o futuro do Brasil.

Assim, se primeiro o que chamou a atenção foi o êxtase tropical, que depois cedia espaço também a críticas mais veladas, para desaguar em visões mais duras, que pareciam mostrar que se o Brasil quisesse um dia se tornar grande não só em tamanho mas também em importância, era necessário que providências fossem tomadas. As riquezas e os problemas já estavam mapeados, bastava somente então a vontade da transformação por parte do próprio Brasil, que podemos encontrar na força da Europa.

Assim, passaremos agora a analisar como a Europa, no olhar desses europeus que estiveram no Brasil nesse período a serviço da *Revue*, se via e se mostrava como solução para esse Brasil problemático mas ainda não condenado. No próximo capítulo,

²⁸¹ D'ASSIER, 1863a, pp. 88-89.

analisaremos como poderia se dar um Brasil diferente, baseado nas transformações que, aos olhos desses franceses do século XIX, somente a Europa poderia oferecer.

6. A Europa como redenção

Considerando o que até aqui mostramos, o Brasil apresentava um quadro capaz de gerar temores e desconfianças em relação aos futuros da civilização brasileira, já que, embora houvesse aqui uma natureza ímpar, muito bela e muito rica, capaz de gerar recursos que a Europa nunca havia sonhado, ao mesmo tempo o País era habitado por pessoas alheias ao trabalho e ao progresso, incapazes ou desinteressadas em aproveitar todas essas benesses.

Era a dicotomia recorrente no século XIX sobre o Brasil, com base na qual o paraíso natural, conferido pelas belas paisagens, contrastava com o antiparaíso formado pelas gentes de hábitos estranhos e aberrantes aos olhos europeus que aqui chegavam²⁸², que, a ver pelos relatos publicados na *Revue des Deux Mondes*, estava muito viva. No entanto, dentro desse universo do qual escreviam esses viajantes franceses, para que esse belo quadro natural deixasse de ser apenas natural e passasse a figurar também nos anais da civilização, faltava algo fundamental, essencial, sem o qual nunca essa terra seria agraciada pelas graças da civilização: os recursos humanos.

Dominado por negros e indígenas, pouco laboriosos por natureza – e ainda guiados por europeus relativamente frouxos e mais lembrados pelas glórias do passado do que pela ação presente ou mesmo projeções futuras –, a verdade é que o Brasil parecia estar longe do ideal de civilização europeu. Se algo não fosse feito, o Brasil e os brasileiros poderiam perder a luta para a natureza vigorosa que possuíam, e o fracasso civilizacional estaria assim selado.

²⁸² SCHWARCZ, 2008, p. 24.

No entanto, a solução se apresentava, e ela era baseada basicamente em um princípio norteador: a aproximação com a Europa, no mais amplo sentido que isso pudesse ter. Nesse sentido, notamos em geral uma visão bastante difundida na *Revue des Deux Mondes* acerca do Brasil, segundo a qual os problemas poderiam ser resolvidos com a europeização.

Isso porque, no decorrer do século XIX, com teorias que vinham desde o Iluminismo e que tiveram justamente na França seu *locus* privilegiado de desenvolvimento e expansão, fomentou-se a ideia de um progresso que invariavelmente chegaria a todos, estando o mundo e seus povos imersos em um único sentido evolutivo, no qual os homens, apesar de haver povos atrasados e mais distantes dele do que outros, ou seja, apesar de estarem em estágios evolutivos distintos, mas únicos, estavam conectados por caminhos que davam todos em um mesmo lugar, como as palavras de John Bury nos mostram, e então a Europa do progresso hora ou outra chegaria:

A ideia de progresso é, pois, uma teoria que contém uma síntese do passado e uma previsão do futuro. Baseia-se numa interpretação da história, que considera o homem caminhando lentamente (...) em uma direção definida e desejável, e se infere que este progresso continuará indefinidamente.²⁸³

E esse dito *progresso* pode ser definido como tudo aquilo que traz a mudança e a transformação, tanto da natureza em si quanto da natureza humana. Esse progresso que poucas vezes na história marchava em passos tão firmes, vinha para trazer transformações na ordem econômica e na ordem tecnológica, melhorando a vida de todos que de suas benesses compartilhassem.

²⁸³ BURY apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista*. n. sér. v. 2, jan.-dez., 1994, p. 155.

E, mais que isso, esse progresso traria também transformações de ordem cultural, de ordem política e de ordem social; não só as condições materiais da humanidade melhorariam, o progresso traria também o aperfeiçoamento moral e intelectual dos povos²⁸⁴, sendo, assim, indubitavelmente, algo a transformar para melhor a vida de todo o mundo. Desse modo, não havia como, mas, principalmente, não havia por que não querê-lo, não desejá-lo, não buscá-lo.

Assim, visto sob uma ótica bastante burguesa, o progresso era algo desejável, pois o desenvolvimento da técnica que lhe era inerente produziria um mundo melhor, e o futuro se concretizaria como uma sociedade do bem-estar, o que corroborava mais uma vez a ideia de que não valia a pena dele escapar, por mais que ele fosse inevitável²⁸⁵.

E, nesse processo de aperfeiçoamento, outro conceito importante nesses idos do século XIX, que caminhava lado a lado ao do progresso na luta por um mundo melhor, também surge com força e impele os homens a buscá-lo com afinco, pois era também a chave para um mundo e uma vida melhor: a civilização.

Definir o que é civilização não é algo fácil. Norbert Elias nos traz que a civilidade é todo um conjunto de modos e maneiras capazes de trazer a distinção do Ocidente – na acepção mais eurocêntrica do termo – em relação às sociedades passadas ou aquelas que lhe são contemporâneas mas consideradas atrasadas, que vão desde seus hábitos até o nível de seu desenvolvimento tecnológico. Dessa maneira, a civilização, segundo Elias, é a própria consciência que o Ocidente tem de si mesmo e de sua superioridade, são gestos e

²⁸⁴ RODRIGUES, Marinete Aparecida Zacharias. Reflexão sobre a ideia de progresso: a produção do saber e o controle dos comportamentos sociais no século XIX. *Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia*, FFLCH-USP, 2012, p. 2.093.

²⁸⁵ PESAVENTO, op. cit., p. 155.

gostos dispersos nas mais diversas nuances, os quais são capazes de lhe conferir distinção e orgulho²⁸⁶.

Assim, caminhando junto com o progresso, a civilização era todo um processo de aperfeiçoamento da humanidade, com destino à modernização tecnológica e à sofisticação dos modos humanos²⁸⁷. Era justamente na Europa, moderna, industrial, disciplinada, culta e refinada que estavam esses dois ideais, o do progresso e o da civilização. Nela, e em seu filho mais puro, os EUA, estavam os modelos que guiariam todo o mundo a esse destino comum. Cabia aos povos não tão afortunados com essas glórias inspirar-se e adiantar o inevitável ou viver em estado de desmazelo e sofrimento, esperando o progresso e a civilização chegarem lentamente. Era sobre esses conceitos, e tudo o que eles carregam consigo, e sobre os outros, que a Europa forjava sua própria superioridade e ganhava força, como nos trazem as palavras de Pesavento:

A superioridade europeia em termos de ciência e tecnologia fora capaz de produzir máquinas que haviam transformado as condições de existência, contribuindo para a organização de uma sociedade em novos moldes e aumentando a hegemonia global da Europa sobre o mundo. Mais do que isto, estabeleceu-se um padrão de avaliações internacional entre as sociedades europeias, cultas, tecnificadas, e as demais sociedades do mundo. Tais critérios de avaliação, que repousam em ciência, tecnologia e cultura foram acompanhadas da popularização de ideias mais ou menos científicas sobre a superioridade racial dos brancos, estabelecendo uma escala hierárquica entre povos, raças e regiões. Este olhar europeu sobre o mundo forneceu uma concepção imaginária das sociedades, que legitimava a supremacia de uns sobre outros: de um lado, os brancos, europeus, civilizados e detentores do saber científico e tecnológico, possuidores de uma refinada cultura, de outro, o resto da humanidade, não branca e/ou não europeia, que se dispunha numa escala de selvageria, barbárie ou “primitiva inocência”.²⁸⁸

²⁸⁶ ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, pp. 23-26.

²⁸⁷ STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 13-20.

²⁸⁸ PESAVENTO, 1994, p. 156.

Aqui encontramos outra tônica recorrente no século XIX, baseada na suposta “missão civilizatória” do homem branco, segundo a qual havia o direito e o dever europeu de intervir nos caminhos de populações consideradas inferiores, e de, eventualmente, triunfar, dentro das leis naturais, sobre seus destroços.

Os próprios brasileiros enxergavam isso, tanto que no processo de construção da identidade nacional brasileira contava-se com um projeto baseado na exaltação das peculiaridades brasileiras, mas sempre dentro de um modelo europeu de civilização, iniciado pelos portugueses, o que nos mostra o quão arraigada estava a noção de que a Europa era extremamente necessária²⁸⁹.

Dessa maneira, visto por olhos europeus, o Brasil estava ainda distante na linha do progresso se comparado à Europa, sofria ainda com o retardo dos bárbaros e da religião deveras arraigada, que o distanciava da modernidade²⁹⁰, sofria com a indisciplina que a sociedade industrial ausente trazia, com a falta de instituições governamentais e políticas sociais sólidas que a urbanização trazia, com a falta de tecnologia que levava ao bem-estar. Em suma, sofria com a falta de Europa.

Como nos trouxe Gilberto Dupas, dentro desse discurso hegemônico, burguês e europeu, no qual se valorizava o produzir mais e melhor, haveria aqueles que ficariam excluídos desse progresso, e o Brasil estava justamente nesse grupo:

²⁸⁹ BARBATO, 2011, pp. 75-103.

²⁹⁰ Voltaire colocava os bárbaros e o poder da Igreja, em detrimento às artes, ao comércio e ao governo civil, como elementos que afastavam a sociedade do progresso, ainda no século XVIII; e os homens do século XIX, leitores e frutos do Iluminismo, não deixavam de ver essas características no Brasil da época, o que ajudava a formar essa noção de inferioridade que tanto reluzia frente àqueles que vinham dos mais altos degraus da civilização (ARTHMAR, Rogério. Voltaire e a visão iluminista do progresso. *História Unisinos*, v. 16, n. 3, set./dez. 2012, pp. 379-390).

No alvorecer do século XIX, o paradoxo está em toda parte. A capacidade de produzir mais e melhor não cessa de crescer e é assumida pelo discurso hegemônico como sinônimo de progresso trazido pela globalização, mas esse progresso, discurso dominante das elites globais, traz também consigo a exclusão.²⁹¹

Nesse sentido, são muitos os relatos na *Revue* que atestam essa necessidade de Europa, que se traduzem na evidência da necessidade de seus modos e ideias, caso o Brasil quisesse vislumbrar um lugar entre as nações civilizadas, já que eram esses viajantes vindos da ponta da civilização e estavam situados em uma privilegiada posição de julgar e instruir os menos favorecidos. A chave para o sucesso na agricultura, na pesca, na indústria, no governo, na educação, no comércio, enfim, no progresso, estava na aproximação com a Europa, aproximação essa que deveria ser dar nas mais variadas formas, como veremos a seguir. A verdade é que a falta da presença europeia significava falta de civilização:

Il n'est pas facile d'acquérir une connaissance exacte et complète de l'état du Brésil. Pour étudier le pays et les habitants, ce n'est point assez d'un séjour, même prolongé, dans les principales villes : il faut s'enfoncer dans l'intérieur des terres, là où n'a pénétré qu'à demi l'influence européenne ; c'est là qu'on apprend à connaître la population, c'est là aussi qu'on se rend compte des obstacles nombreux et divers qui arrêtent dans cet empire le développement de la prospérité matérielle et de la civilisation.²⁹²

Nesse sentido, Chavagnes dá mostras de que a falta de uma presença mais intensa da dita civilização europeia no Brasil mostra o grau das dificuldades que o Império brasileiro teria que enfrentar, pois isso refletia em obstáculos que freavam o desenvolvimento da prosperidade material e da civilização no país. Dessa maneira, o

²⁹¹ DUPAS, Gilberto. O mito do progresso. *Novos Estudos*, n. 77, mar. 2007, p. 73.

²⁹² CHAVAGNES, 1844b, p. 66.

desenvolvimento estava diretamente ligado à relação com os europeus. E os casos que reforçam essa associação Europa-progresso não se cansam de aparecer dentro da *Revue*, sendo um ponto presente em quase todos os autores que se dedicaram a escrever sobre o Brasil.

Saint-Hilaire, por exemplo, via no contato com nações “mais civilizadas” uma forma de elevar a prosperidade do país, como a própria história atestava. Segundo o naturalista francês, o Brasil tinha intenções que iam nessa direção, pois enviava jovens para estudar na Europa para depois voltarem e difundirem aqui as Luzes que lá encontraram. No entanto, esse método seria eficaz? Não seria melhor, e mais barato, trazer professores europeus para cá, capazes de difundir as Luzes para uma quantidade muito maior de pessoas? Questiona o francês. É a partir de indagações como essas que notamos o quão arraigada estava a associação de progresso e civilização ao continente europeu²⁹³.

Lacordaire é outro que traz em si essa noção que associa a Europa ao progresso, como já tratamos anteriormente; ele vê na catequese – uma instituição europeia – uma

²⁹³ “Le Brésil cependant faisait quelques progrès; mais il en était redevable bien moins peut-être à son gouvernement qu’à la liberté de ses relations commerciales; il en était redevable surtout à la facilité avec laquelle se développent, sur son immense surface, les germes de prospérité que la nature bien faisante ya répandus d’une main si prodigue. Louis XIV et le czar Pierre avaient fait venir de l’étranger des savans capables d’éclairer leurs peuples, et l’on sait combien furent heureux les résultats qu’ils obtinrent. Le gouvernement brésilien eut aussi un instant l’idée de mettre à profit les lumières des nations les plus civilisées; mais au lieu d’appeler à Rio de Janeiro des professeurs instruits, qui, donnant leurs leçons à de nombreux auditeurs, eussent rendu vulgaires des connaissances utiles, on envoya en France de jeunes Brésiliens; on fit pour eux des dépenses énormes, et on leur donna l’ordre d’étudier et de devenir savans” (SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Tableau de dernières révolutions du Brésil. Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, V. III-IV, 1831, p. 337-338).

forma de tirar os indígenas de suas condições miseráveis e introduzi-los nos luxos que somente a civilização poderia proporcionar²⁹⁴.

Nesse mesmo sentido, Castelnau evidencia que, para aqueles viajantes que estão acostumados a percorrer “regiões civilizadas”, as viagens pelo interior do Brasil, lugar que, segundo o próprio Castelnau, estava distante da civilização que crescia no litoral e estava imerso na barbárie²⁹⁵, poderiam ser algo bastante penoso, pois a falta de civilização também significava falta de estradas, algo intimamente relacionado à presença europeia²⁹⁶.

Elisée Reclus é outro que começa seu relato trazendo um panorama do Brasil, o qual pode ser dividido em duas metades. Na metade meridional – mais longe da Europa porém receptora de viajantes, negociantes e imigrantes, todos europeus, que trazem consigo todos os modos de vida do Velho Continente –, se encontram as grandes cidades brasileiras, onde se localiza quase toda a população mais ou menos civilizada. Na metade norte do Brasil, por sua vez, dominada por desertos e florestas, apesar de mais próxima da Europa, a civilização europeia se propagava com muita lentidão, pois parecia não ousar

²⁹⁴ “Cependant, sous ces misérables cabanes, le luxe de la civilisation s’était glissé en même temps que la religion”. (LACORDAIRE, Théodore. L’or de Pinheiros, 1835, p. 339).

²⁹⁵ “Nous arrivâmes enfin à Goyaz. Cette ville est plus connue sous son ancien nom de Villa-Boa. La population, qui s’élève à sept ou huit mille habitants, n’est presque entièrement composée que de nègres et de gens de couleur. Nous fûmes admirablement reçus par le président de la province, don José d’Assiz de Mascaragnas, qui avait fait préparer d’aisance son palais pour notre réception. Si dans la province des Mines nous avions trouvé les esprits agités par les idées de la civilisation moderne et le désir du progrès politique, dans celle de Goyaz, au contraire, nous trouvâmes toutes choses telles qu’elles étaient sous le gouvernement colonial : fort peu, parmi les habitants, savaient qu’une révolution fondamentale avait changé la face du Brésil, et peu nombreux aussi étaient ceux qui s’occupaient d’une constitution dont la plupart ignoraient même l’existence (...) Malheureusement, pendant que la civilisation se répand sur les côtes du Brésil, la barbarie s’empare de tout l’intérieur : les sauvages reprennent partout leur souveraineté primitive ; les plantations, les villages même sont attaqués et brûlés, et ceux des habitants qui échappent à ces massacres s’empressent de quitter des lieux où leur vie est continuellement en danger” (CASTELNAU, Francis. L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848, pp. 203-204).

²⁹⁶ “Ceux qui n’ont parcouru que des régions civilisées, où il existe des moyens réguliers de transport, ne peuvent se faire une idée des difficultés qui entourent une expédition tentée dans l’intérieur du Brésil” (ibidem, p. 200).

desafiar a grande bacia amazônica que se abria à sua frente, e dessa parca presença europeia resulta a formação de cidades de apenas segunda ordem dentro do Brasil. A presença europeia era mais uma vez associada à civilização e ao progresso²⁹⁷.

Reclus, assim como Castelnau, fala da diferença que o viajante europeu encontra, em matéria de conforto, nas viagens que realiza em zonas civilizadas, como a Europa, e em zonas nas quais a civilização ainda não havia chegado, como era o caso da Amazônia que descrevia. As diferenças são gritantes: formadas por poucas cabanas insalubres, as cidades amazônicas possuem apenas algumas escolas pouco frequentadas, os livros são praticamente desconhecidos, e piratas europeus e feiticeiros indígenas ocupam o lugar de médicos. Nota-se mais uma vez que as condições de vida eram sempre piores quanto menor fosse a presença da cultura europeia, e regiões distantes, como a Amazônia, sofriam com isso²⁹⁸.

²⁹⁷ “L’empire du Brésil se compose de deux, moitiés complètement distinctes, auxquelles le cap Saint-Roch sert de limite commune. Ce promontoire, qui brise les eaux du grand courant équatorial et le partage en deux fleuves maritimes s’écoulant en sens inverse, divise aussi le flot de la civilisation en deux courans inégaux. La partie méridionale du Brésil est la plus éloignée de l’Europe, et cependant c’est elle qui reçoit les voyageurs, les négocians, les émigrans, les marchandises, et subit l’influence de nos mœurs; c’est elle qui a vu s’élever les grandes villes, Pernambuco, Bahia, Rio-Janeiro, et se grouper presque toutes les populations brésiliennes plus ou moins civilisées. Bien que relativement plus près de l’Europe, la partie septentrionale de l’empire est au contraire presque déserte, et ses capitales, Ceara, Parahyba, Maranhão, ne sont que des villes de second ordre. La civilisation européenne s’y propage avec une extrême lenteur, et semble s’arrêter à l’entrée du magnifique estuaire où se déversent les eaux du Tocantins et de l’Amazone ; elle n’ose pénétrer dans cet immense bassin fluvial, le plus admirable et le plus important qui existe sur tout le pourtour du globe” (RECLUS, 1862a, pp. 931-932).

²⁹⁸ “Et quelles villes ! Les voyageurs qui croiraient y retrouver le confort auquel ils étaient accoutumés en Europe seraient bientôt détrompés. La plupart des cités amazoniennes ne sont que des agglomérations de cabanes malsaines. (...) Quant aux livres, ils sont à peu près inconnus ; les grandes villes sont les seules à posséder quelques écoles peu fréquentées, et de l’embouchure du fleuve à la frontière péruvienne il n’existe d’autres médecins que des flibustiers d’Europe et les sorciers indigènes. Cependant là où la civilisation n’existe pas encore, les raffinemens de la mode ont déjà pénétré, et tel négociant qui n’a peut-être pour toute nourriture que du manioc et du poisson endosse religieusement l’habit noir, échange des cartes de visite avec ses amis et envoie des invitations de bal imprimées en lettres d’or” (ibidem, pp. 938-939).

Outro exemplo dessa pretensa falta de civilização pode ser encontrado no relato do escritor anônimo, que, depois de sete anos viajando por terras brasileiras, retorna à Inglaterra e se esbalda nas cenas que vê, tão distintas daquelas que encontrara na América do Sul, nas quais percebe a presença de um governo regular e de uma civilização avançada²⁹⁹.

Ou seja, era todo o bem-estar, do qual falamos anteriormente, que o progresso trazia e que tornava a vida mais fácil e melhor, e que fazia muita falta àqueles acostumados com ele. Estar longe do progresso era estar longe do conforto, e isso parecia provar com ainda mais afinco que a Europa era mesmo a solução, pois a vida nela era, indiscutivelmente, mais fácil, contrariando assim a ingênua percepção indígena – que na verdade era também europeia, mas dedicada a eles – de que bastava uma terra que desse alimento fácil e um clima quente para uma vida de prazeres.

Dessa maneira, o Brasil se apresentava como um palco no qual as antigas forças da natureza e da selvageria combatiam as novas forças da civilização. Cabia aos europeus lutar em nome desta última contra uma ampla gama de inimigos representados por raças inferiores, florestas indômitas, rios pestilentos, um calor escaldante, e tantos outros desafios. O Brasil não estava fadado ao fracasso como se poderia imaginar vendo o

²⁹⁹ “Ce fut dans une belle soirée qu’après une absence de sept ans, je mis de nouveau le pied sur le sol anglais, à Douvres. Lorsque, penché sur la fenêtre de l’hôtel, je contemplai autour de moi tous les traits caractéristiques d’un gouvernement régulier et d’une civilisation avancée, lorsque je regardai les officiers de la garnison et les formes gracieuses des femmes de mon pays, qui, appuyées sur leurs bras, respiraient l’air du soir sur l’esplanade, je m’écriai involontairement avec le poète : A tous les cœurs bien nés que la patrie est chère !” (ANÔNIMO. Siège de San Salvador. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de L’administration et de Mouer*, v. 1, 1829, p. 401).

quadro apresentado pelos viajantes frente a tantos problemas, havia uma solução, e ela dependia de um único fator conjunto para o sucesso: a Europa e seus europeus.

A presença europeia servia para ordenar aquela profusão de gentes, espécies e riquezas que o Brasil possuía. Todo esse caos, lindo, exótico, porém improdutivo, perigoso e desconfortável, poderia ser transformado em algo superior, civilizado, contribuinte ao progresso. Nesse caso, a ação do Governo Português de D. João VI, que se aproveitou da natureza brasileira para criar o espetáculo que era o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, é um exemplo do poder e dos benefícios da transformação europeia nos trópicos:

C'est au roi de Portugal dom João VI qu'est due la création du jardin botanique. Ce pauvre prince cherchait à tromper les heures de son long exil en surveillant et en hâtant les progrès de cette magnifique plantation, située à quelques kilomètres de la ville. Un omnibus en fait régulièrement le service. L'entrée est imposante et répond pleinement à la majestueuse grandeur des forêts qui l'entourent. C'est une allée immense, bordée de palmiers gigantesques dont les stipes semblent porter dans les nues leurs éventails de feuillage et leurs grappes de fruits. Dans les allées latérales se trouvent toutes les plantes des tropiques, remarquables par leur beauté ou par les produits qu'on en retire, camélias, arbres à thé, arbres à cacao, poivriers, muscadiers, vanille, quinquinas, bananiers, cocotiers, lianes, orchidées, etc. Certains arbres portent des fruits d'une grosseur extraordinaire. Il est heureux que notre La Fontaine n'ait pas connu ce jardin. À la vue des noix de cocos énormes, des calebasses encore plus gigantesques se balançant fièrement dans les airs au souffle de la brise de l'Océan et menaçant la tête des promeneurs, Garo n'aurait pu faire ses réflexions philosophiques sur le gland du chêne, et nous serions privés d'une des plus charmantes fables de l'immortel conteur.³⁰⁰

Aos europeus cabia então a missão de transformar essas terras, de levá-las de simples paisagens de encher os olhos a uma terra produtiva, ordenada, civilizada e com direção ao progresso. O seu príncipe, por exemplo, amante das letras e ciências, oriundo

³⁰⁰ D'ASSIER, 1863a, p. 85.

das mais nobres linhagens europeias, mas já nascido nos trópicos – portanto, sem o preconceito inerente aos europeus que aqui chegavam –, parecia ser um bom começo para a propagação da civilização no Brasil³⁰¹. Era a ponte perfeita entre os dois mundos distintos:

Quant au Brésil, ses destinées reposent aujourd'hui sur la tête d'un enfant. C'est un enfant qui unit encore les provinces de ce vaste empire; et son existence seule oppose une barrière aux ambitieux qui surgissent de toutes parts avec une égale médiocrité et des prétentions également gigantesques. Un Européen ne peut régner sur l'Amérique; mais celui-là est Brésilien: le brillant azur du ciel des tropiques a frappé ses premiers regards, c'est sous l'ombre des bois vierges qu'ont été guidés ses premiers pas; il n'aura à regretter ni les palais de Lisbonne, ni les fruits savoureux du Douro. Né en Amérique, il ne partagera aucun des préjugés des Européens contre sa belle patrie, il aura tous ceux des Brésiliens contre l'Europe: telle est la loi commune.³⁰²

Ou ainda:

L'empereur ne visite la cidade que dans les occasions solennelles. C'est un homme de haute taille et de fort belle apparence. Allemand par sa mère, une archiduchesse d'Autriche, il n'a rien dans la physionomie qui rappelle son origine portugaise : traits, carrure, démarche, tout annonce une nature germanique. Son front large et élevé accuse une intelligence vive ; son regard limpide, une âme sincère et honnête. Ses goûts sont d'un savant : une bibliothèque latine, qu'il enrichit tous les jours des meilleurs ouvrages français, anglais et allemands, est sa principale et sa meilleure distraction. Les sciences lui sont aussi familières que les lettres. Tous les étrangers qui l'approchent sont unanimes à reconnaître ses hautes aptitudes et sa réelle supériorité intellectuelle. Il est à remarquer qu'en Europe ce ne sont pas généralement les princes qui se

³⁰¹ Segundo Lucia Maria Paschoal Guimarães, dentro do próprio Brasil, se construía a boa imagem do Imperador D. Pedro II, baseada na naturalidade da Terra de Santa Cruz, na sua origem, vinda das mais tradicionais linhagens reais europeias e também na sua juventude, e posteriormente na sua educação e letramento, o que, segundo Lúcia Guimarães, concernia a Dom Pedro II a efígie do “príncipe perfeito”, que representava a perspectiva de um futuro brilhante para o Brasil (GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 388, 1995, pp. 544-545).

³⁰² SAINT-HILAIRE, 1831, pp. 347-348. Os elogios ao então jovem monarca brasileiro ainda prosseguem nas palavras do naturalista francês: “En même temps, au nom du jeune Pedro, se rattachent les plus beaux souvenirs. Dans ses veines coule le sang de ces rois dont la gloire aventureuse a eu plus d'influence sur les destins du monde, que celle des plus illustres souverains de l'Angleterre et de la France, de ces rois sous les auspices desquels furent découvertes la route de l'Inde et la terre du Brésil. Seul parmi les Brésiliens, cet enfant rattache le présent au passé; et, tout entier à sa patrie, il pourra cependant former un heureux lien entre elle et le Nouveau Monde” (ibidem. p. 348).

mettent à la tête du progrès. Dans le Nouveau-Monde, si une révolution éclate, c'est parce que celui qui gouverne veut marcher trop vite, et que le pays se refuse à le suivre.³⁰³

Assim, notamos que o Brasil tinha alguém bastante versado na civilização europeia para comandar todo esse processo, que deveria ocorrer em uma série de frentes, como agricultura, indústria e educação, e colocaria face a face os europeus e seu progresso contra povos inferiores e seu atraso. O fardo do homem branco, tão presente naquele século XIX, recaía mais uma vez sobre os europeus.

Para o progresso da agricultura brasileira, estava no homem branco a senha do sucesso na árdua luta contra a pujança tropical. Encontramos referências na *Revue* que atestam que o homem branco é capaz de deixar as terras mais produtivas, e os conhecimentos europeus podem ainda potencializar essas riquezas. Domar a terra e torná-la fonte de riquezas, algo que os indígenas há milênios não conseguiram fazer, restara então aos europeus, munidos do poder de sua civilização, cumprir essa tarefa:

Nous n'entrerons pas dans de longs détails sur l'état des cultures. La province de Rio-Janeiro est la plus importante par ses produits; l'agriculture, dirigée en partie d'après les conseils des Européens, y a fait des progrès qu'il est facile de constater par l'exportation.³⁰⁴

Chavagnes ainda continua defendendo a superioridade do europeu na agricultura em relação ao brasileiro no momento em que discorre sobre as vantagens que ele encontrou na produção da cana-de-açúcar, que deveria servir de exemplo aos produtores

³⁰³ D'ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. La cidade, 1863a, pp. 85-86. Nesse mesmo sentido, podemos citar outro trecho que prega elogios à figura do Imperador D. Pedro II: "Cependant, au milieu de tant de sujets d'inquiétude, je me console en voyant l'empereur toujours actif, et s'occupant lui-même avec un zèle infatigable des affaires publiques..." (ANÔNIMO. Situation Financière du Brésil. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de L'administration et de Mouer*, v. 1, 1829, p. 66).

³⁰⁴ CHAVAGNES, 1844b, p. 101.

brasileiros imersos na ignorância e parados no tempo. Chavagne concorda que os europeus poderiam transformar de maneira muito positiva esse importante aspecto do rol de riquezas brasileiras³⁰⁵.

Émile Adêt é outro que se rende às vantagens da superioridade europeia na agricultura brasileira e cita as melhoras de qualidade do café e do açúcar produzidos quando cultivados sob os cuidados daqueles que haviam passado uma temporada na Europa e se dedicado aos estudos relacionados à produção agrícola³⁰⁶. Pereira da Silva defende que a agricultura brasileira não pode ficar nas mãos de negros, ignorantes e incapazes de fazê-la se desenvolver. Segundo o brasileiro que publicou na *Revue*, somente com a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado do homem branco seria possível explorar toda a riqueza e fertilidade que o solo do Brasil possuía; era, portanto, mais um defensor das ideias que relacionam o progresso agrícola à presença europeia³⁰⁷.

³⁰⁵ “Les plantations [de cana de açúcar] dirigées par des Européens auraient pu servir de modèle aux Brésiliens, et leur enseigner un mode d’exploitation plus avantageux. Malheureusement le propriétaire ne sait pas chercher, par son industrie, par des connaissances faciles, à améliorer ses produits ; il persiste dans sa voie routinière, au lieu de suppléer, par l’emploi de machines, aux bras, qui commencent à manquer ; quelquefois seulement il s’abandonne à de longues récriminations contre le gouvernement, qu’il rend responsable de ce que ses produits de mauvaise qualité sont repoussés par les acheteurs. Sans doute le gouvernement est coupable de ne pas mieux comprendre les intérêts matériels du pays, de ne pas protéger plus activement l’exploitation des richesses nationales ; mais les fautes du gouvernement ne peuvent servir à justifier l’ignorance et l’aveuglement des producteurs” (ibidem, p. 103).

³⁰⁶ “Durant les années qui viennent de s’écouler, ces deux produits [café e açúcar] n’ont pas vu leur quantité s’accroître considérablement, mais en revanche, on a pu remarquer de notables améliorations sous le rapport de leur qualité. L’unique cause de ce changement, c’est que tous les jeunes propriétaires qui ont pris la direction des plantations de leurs pères ont fait, durant leur séjour en Europe, de sérieuses études en chimie et en mécanique” (ADÊT, 1851, p. 1.101).

³⁰⁷ “Les bras nécessaires à l’agriculture ne viendront plus au Brésil des arides déserts de l’Afrique et des misérables tribus de Mozambique, de Loanda, de la côte de la Mine et du Zaïre. Il faut les remplacer par des hommes d’une race égale à notre race, comme nous libres, et qui, mieux que les nègres ignorants, puissent donner du développement aux richesses et profiter de la fertilité d’un sol que la nature a magnifiquement doué. La grandeur et l’avenir du pays dépendent de l’agriculture et de l’industrie. Il n’y a pas un territoire, pas un climat, pas une position au monde qui soient comparables au territoire, au climat et à la position du Brésil. Il est placé presque vis-à-vis de l’Europe ; la mer qui le baigne ne connaît pas ces horribles tempêtes qui, au sud, au nord et à l’orient, en Asie et en Europe, engloutissent annuellement tant de navires et de navigateurs.

Na pesca, na indústria e no comércio a presença europeia, assim como ocorreu em relação à agricultura, também surgia nos relatos como a chave do sucesso para progresso. Adêl sugere que não deveria ser somente agricultores e operários que o Brasil deveria importar da Europa a fim de melhor explorar seus recursos; os pescadores europeus também deveriam ser trazidos ao país a fim de melhor explorar os grandes recursos pesqueiros que o litoral do Brasil apresentava:

Ce ne sont pas seulement des agriculteurs et des ouvriers que le Brésil devrait demander à l'Europe ; il y aurait aussi à provoquer l'émigration des pêcheurs européens, auxquels on confierait l'exploitation de l'immense littoral qui s'étend du cap Frio jusqu'à Espírito-Santo.³⁰⁸

Para o desenvolvimento do comércio a formula é a mesma: aproximação com os europeus:

Tant qu'ils n'admettront pas comme principe que le commerce est pour eux la base de toute richesse, les Brésiliens ne feront que s'engager davantage dans une voie d'appauvrissement et de faiblesse. Le commerce ne leur procurerait pas seulement le bien-être matériel, il les mettrait en contact avec la société européenne, avec la civilisation. Le Brésil manque d'une société active, intelligente. Si les étrangers, au lieu de se voir repoussés comme des spoliateurs entourés de haines et de défiances, étaient accueillis avec sympathie, l'émigration européenne, qui trouve aujourd'hui si peu d'encouragement, viendrait à la suite du commerce apporter le travail et l'industrie.³⁰⁹

Sobre a indústria, a linha de pensamento é a mesma: para que ela prospere, o Brasil precisava se aproximar da Europa. Tal aproximação, com base nas palavras de Émile Adêl, deveria ocorrer em diversas frentes, como no caso da absorção de

Enfin nous vivons dans un temps où l'Océan obéit à la vapeur en dépit des vents et des courans, où les chemins de fer traversent les plaines et les montagnes avec une rapidité incroyable, où certaines contrées de la vieille Europe ont des populations surabondantes, qui abandonneraient volontiers leur patrie pour aller chercher ailleurs le travail et la richesse" (SILVA, Pereira da, 1858, p. 818).

³⁰⁸ ADÊL, 1851, p. 1.104.

³⁰⁹ CHAVAGNES, 1844b, pp. 105-106.

conhecimentos, que ele chama de “luzes”, e da atração de mão de obra e de capitais europeus. Só assim ela poderia sair da inépcia em que se encontrava e finalmente prosperar:

L'industrie brésilienne ne suffit guère encore qu'à la fabrication des objets de première nécessité. Le Brésil compte cependant des fonderies de cuivre et de fer, des verreries, des filatures, etc. ; mais la plupart de ces établissements attendent, pour prospérer, qu'on y applique la vapeur. C'est à la fabrication du sucre qu'est limité au Brésil l'emploi de ce précieux agent. L'état de l'industrie brésilienne ne réclame pas seulement, on le voit, la protection du gouvernement, mais l'appui des capitaux, des lumières de l'Europe. Ici nous touchons à une question vitale pour tous les pays de l'Amérique, à la question de l'émigration, que nous traiterons en terminant, car elle touche à l'avenir même du Brésil.³¹⁰

Ou seja, aos olhos daqueles viajantes franceses, vindos de um continente que tudo tinha a ensinar, na aproximação com a Europa, principalmente através da atração de seus habitantes e na absorção de suas ideias, estava o segredo do êxito civilizacional brasileiro. O Velho Continente poderia contribuir com técnicas, com conhecimento, com leis; no entanto, existia forma mais duradoura de se europeizar um lugar que introduzir seus próprios genes? Substituir o sangue africano e indígena por um sangue forte, forjado nas dificuldades do frio de invernos rigorosos, que trazia em seu bojo o trabalho essencial à mudança que essas paragens tropicais e inertes há muito esperavam, parecia ainda ser melhor e mais efetivo que a mera importação de gentes qualificadas a operar em meio a uma escumalha de desqualificados ao trabalho que formava esse Brasil oitocentista que encontraram.

³¹⁰ ADÊT, op. cit., p. 1.102.

Era nas gentes – e nos genes – que se depositava a maior esperança para se contornar os problemas tropicais, era com o homem que se acreditava que a Europa ia entrar com mais vigor no Brasil e inserir de forma duradoura as luzes do progresso. Precisava-se de genes brancos, e quanto mais deles houvesse e quanto maior fosse a sua quantidade, melhor seria para o Brasil. Nesse ponto, clima e raça mais uma vez se emaranham nos escritos acerca do Brasil na *Revue*, pois ambos os quesitos aparecem complementando-se, um como problema, outro como solução – se conduzidos de modo correto.

Aqui caímos em um ponto-chave dessa relação entre o Brasil e a Europa do século XIX: o braqueamento era algo bastante desejável no período, pois significaria a substituição dos improdutivos e já superados escravos africanos pelos laboriosos colonos brancos europeus³¹¹, estando aí a fonte para que os recursos naturais bem como a indústria e o comércio brasileiros pudessem enfim se desenvolver.

Substituir o escravo negro, inapto ao trabalho vertiginoso de que a modernidade que batia à porta do Brasil necessitava³¹², por brancos afeitos ao trabalho e à civilização

³¹¹ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004, pp. 15-26.

³¹² Nesse processo de branqueamento e substituição da mão-obra-negra pelo braço do imigrante europeu, Maria Aparecida Bento nos traz considerações interessantes a respeito, mostrando que a construção desse imaginário que exaltava o homem branco foi acompanhada também da construção de um ideário que condenava o negro: “Na verdade, quando se estuda o branqueamento constata-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro. Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais” (BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25).

era um processo natural, desejoso e necessário naquele Brasil à beira do progresso. O trecho a seguir, publicado na coluna Correspondências do *Jornal do Commercio*, ressalta bem a importância que essa questão tinha no Brasil oitocentista:

Sr. Redactor – O governo brasileiro parece muito preocupado com o projecto de substituir successivamente à população negra do império colonos livres vindos das differentes partes do mundo. Esta preocupação é tanto mais sabia e digna dos homens illustrados que manejam o leme do estado, que a colonisação é o único meio de vivificar as immensas riquezas agrícolas deste vasto império.³¹³

Dessa maneira, inserir europeus nesse Brasil defasado era fundamental, tanto culturalmente quanto geneticamente. Além da atração de imigrantes, bastante em pauta no período, a mestiçagem aparece como um viés interessante de penetração da raça branca e da própria Europa no Brasil, como já frisamos anteriormente ao trabalharmos a questão da raça nos escritos da *Revue*, surgindo como um outro caminho de inserção europeia no atrasado Brasil, antes de tudo porque ela era já uma realidade e não poderia ser negada. Há séculos os portugueses vinham se relacionando com negras e índias a ponto de a população mestiça se tornar ponto marcante da Brasil a olhos estrangeiros:

Le phénomène le plus remarquable que présente la population brésilienne ; ce sont les empiétements de la race mulâtre, la seule qui, au Brésil, augmente chaque année. La corruption des Européens est la cause la plus active de cet accroissement. L'immoralité de toutes les classes a favorisé le croisement des races et détruit tous les préjugés de caste qui existent dans les colonies européennes, et surtout aux États-Unis. La seule race pure est celle des Indiens sauvages, en guerre avec le Brésil.³¹⁴

³¹³ BERGASSE apud SCANDAROLLI, 2013, p. 84.

³¹⁴ CHAVAGNES, 1844b, p. 92.

No mais, como já frisamos, apesar de a mestiçagem ser vista com certo temor nos idos dos oitocentos, a verdade é que a noção sobre a ação deletéria dos trópicos sobre a raça branca era forte, como podemos notar nos escritos publicados acerca do Brasil na *Revue*. Perante uma possível dificuldade de aclimação e um definhamento que levava a sua extinção ou a seu enfraquecimento em lugares de clima tão quente e úmido³¹⁵, que acarretava danos morais e pestilências, mesclar a sobriedade e a inteligência das raças brancas com a resistência e a rusticidade ao meio das raças tropicais não parecia ser má ideia mas sim uma saída plausível para se enfrentar o efeito dos trópicos sobre a população civilizada, pois parecia claro que o homem branco não era natural aos trópicos, como podemos observar nos trechos de Grimblot e Reclus:

Si l'on considère la question de la traite en faisant abstraction des motifs d'humanité qui exigent impérieusement la suppression de ce cruel trafic, il est évident que le Brésil ne saurait se l'interdire sans porter le plus grave détriment à sa prospérité et à sa situation économique. Au Brésil, le climat ne permet pas à la race blanche de se livrer impunément à la culture ; et le permettrait-il, cette race abâtardie, énermée par l'influence de la température, serait incapable de prendre la place des noirs et de se livrer au défrichement d'un sol vierge on à l'exploitation non moins pénible des mines.³¹⁶

Ou ainda:

³¹⁵ Vale ressaltar que havia uma espécie de “Leis dos Climas”, já antigas na história do pensamento, como é o caso de Buffon e Raynal, que ganharam bastante força entre o século XIX e o início do século XX. Segundo elas, havia uma inadaptabilidade mútua entre homens de zonas climáticas distintas. Assim, o homem branco aqui aportado sofreria as consequências dos trópicos, não adaptado aos calores, à umidade e a suas temíveis consequências, estando assim fadado a desaparecer (ARNOLD, 2000, p. 36).

³¹⁶ GRIMBLLOT, Paul. La question des sucres en Angleterre et la traite au Brésil. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1846, p. 459. Jean-Paul Auguste Grimblot foi um diplomata francês, tradutor e colaborador de diversos periódicos de seu tempo, entre os quais a *Revue des Deux Mondes*. Seus artigos versavam principalmente sobre a Inglaterra. Mesmo seu único artigo sobre o Brasil presente na *Revue*, “La question des sucres en Angleterre et la traite au Brésil”, também analisa o Brasil principalmente em relação aos interesses econômicos ingleses (CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes*: intermediária entre dois mundos. Natal-RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007, pp. 116-118).

Nombreuses sont les raisons matérielles qui ont dépouillé jusqu'à nos jours les contrées amazoniennes du rôle historique qui leur revient de droit. D'abord, et quoi qu'en dise la voix d'ordinaire si compétente du capitaine Maury, il est certain que le climat de ces régions équatoriales, à la fois chaudes et humides, est le plus souvent mortel à tout étranger qui n'est pas trempé comme l'acier ou ne règle pas son genre de vie conformément aux lois d'une hygiène sévère : la fièvre jaune et d'autres fièvres paludéennes s'élèvent comme des brumes de la surface des marais et rampent sur le sol en empoisonnant les hommes qui les respirent au passage. Protégés par leur atmosphère viciée contre l'envahissement rapide des colons, le fleuve et la plupart des affluents sont encore défendus par de nombreuses légions de carapanas, mosquitos, maruim, pium, borachudos et fincados, — enfin par toutes ces bêtes et bestioles qui rendent intolérable le séjour des contrées tropicales non encore assainies. Ce sont en réalité pour le colon des ennemis bien plus terribles que les serpents, les pumas, les jaguars, et les Anaras anthropophages. Toutes les régions de la zone tropicale offrent des obstacles de même genre au peuplement et à la culture ; mais l'Amazone se défend en outre contre le travail colonisateur des hommes par sa puissance » par la grandeur de ce qu'on peut appeler son œuvre géologique.³¹⁷

O clima brasileiro, tropical em sua maior parte, parecia ser um empecilho ao assentamento europeu nessas terras. O branco aqui sofria³¹⁸ e tinha dificuldades de permanecer e de produzir nessas terras. Mesmos os portugueses, vistos como mais adaptados ao clima tropical que outros europeus³¹⁹, como falamos anteriormente,

³¹⁷ RECLUS, 1862a, pp. 934-935.

³¹⁸ O próprio Assier, em suas viagens pelo interior do Brasil, sentiu em determinado momento o clima diminuir suas forças físicas e morais, e junto veio a percepção que era hora de mudar para climas “menos enervantes”: “Il faut être d'un tempérament robuste pour résister à toutes ces influences accumulées d'eau, d'électricité, de vapeur et de soleil. Les complexions délicates éprouvent d'abord un malaise vague et indéfinissable ; bientôt l'appétit disparaît, les forces diminuent, le moral s'affaisse. Un teint jaune et une maigreur inquiétante vous avertissent qu'il est temps de changer de climat et de gagner des régions moins enervantes” (D'ASSIER, 1864b, p. 553).

³¹⁹ Como já tratamos anteriormente, vale a pena ressaltar de novo: “Les paysans de race blanche établis à Cuba et à Porto-Rico, les islingues ou isleños, qui travaillent la terre dans les Antilles et en diverses parties du continent américain, prouvent d'une manière incontestable, par leur exemple et une prospérité relative, que certains blancs peuvent aussi bien que les noirs cultiver le sol des contrées tropicales ; mais ces blancs acclimatés sont originaires de l'Espagne, du Portugal, de Madère, des Açores, des Canaries, et le soleil brûlant de leur pays natal les avait déjà préparés à la température de la zone torride. Probablement aussi des colons venus d'Allemagne, d'Irlande et d'autres contrées du nord de l'Europe pourraient-ils, sans danger pour leur santé, s'adonner à l'agriculture dans le Brésil équatorial et dans les Guyanes, à la condition d'observer une

pareciam não aguentar os efeitos dos trópicos onde eles eram mais agressivos, como no caso da Amazônia:

En 1854, une nouvelle tentative d'émigration amena 470 Portugais dans la province de Parà : trois ans après 60 seulement étaient encore en vie, quoique les Portugais soient beaucoup moins exposés que les Allemands à la terrible influence du climat tropical. L'expérience douloureusement acquise est déjà suffisante pour qu'on s'abstienne désormais de détourner le courant de l'émigration, de l'ancien monde vers les plaines basses de l'Amérique tropicale. L'action de l'Europe doit se borner provisoirement à fournir à ces régions des livres et des instituteurs, des machines et des mécaniciens, et non pas des hommes servant de matériaux à la civilisation.³²⁰

Dessa maneira, a fixação do homem branco, portador da cultura europeia e, portanto, portador do sucesso e da civilização, exigia estratégias, uma das quais poderia estar na mestiçagem. Era claro que havia uma escala racial em cujo topo o homem branco, com toda sua inteligência, marcava sua posição. No entanto, distante de sua terra e sob um clima enervante, sua inteligência e sua força começavam a se esvaír, momento no qual o cruzamento com índios e negros, mais adaptados a essas condições geográficas, parecia dar seus melhores resultados, pois os frutos dessa união ainda apresentavam a atividade do europeu, embora em corpos fortes e adaptados de índios e negros. Dentro da busca pela civilização desses tempos, o mestiço parecia ser a chave do assentamento da cultura europeia nos trópicos, como os exemplos abaixo nos trazem:

Les véritables colons qu'il faut à ce vaste bassin de l'Amazone, ce ne sont point des Européens que le climat énerve et que la nostalgie tue, ce sont les fils de Tapuis, ces mamalucos qui ne sont pas obligés de subir

sobriété rigoureuse, de changer complètement leur genre de vie et de prendre des précautions auxquelles ils n'ont jamais été habitués ; mais on ne saurait demander une si profonde science de l'hygiène à des hommes que la misère, exile de leur patrie, et qui, peu de temps avant leur départ, ignoraient peut-être encore s'ils devaient choisir pour leur nouvelle demeure les bords glacés du Saint-Laurent ou les moites forêts de l'Amazone" (RECLUS, op. cit., p. 954).

³²⁰ Ibidem, p. 954.

les dures et si souvent fatales épreuves de l'acclimatation physique et morale. Sans eux, toute civilisation importée sur les bords du fleuve brésilien ne sera qu'une civilisation de passage, maintenue à grands frais et destinée à périr. Les métis de l'Amazone forment déjà les élémens d'un peuple : l'initiative européenne prouvera sa vertu, non pas en supprimant ces élémens épars, mais en les réunissant pour leur donner une, vie nationale.³²¹

Ou ainda:

On augurerait mal de l'avenir du Brésil, si l'on ne voyait à l'œuvre que l'Indien et le nègre. Celui qui veut connaître tous les élémens de vitalité que renferme la population brésilienne doit observer les hommes de couleur, qui semblent avoir puisé dans le mélange des races la vigueur que réclame, pour être fécondée, cette âpre et torride nature des tropiques.³²²

Dessa maneira, podemos ver que a mestiçagem era uma saída para a necessidade de Europa que havia nessas terras. Mas, apesar de ser aparentemente necessária, ela era vista com desconfiança³²³. Chavagnes, por exemplo, chega a se perguntar se a raça portuguesa degenerada que aqui habitava, numa clara referência à intensa miscigenação que reinava sobre estas terras, teria forças para tocar uma civilização nessa parte do continente³²⁴.

Assim, a civilização europeia deveria se assentar de maneira mais completa. Para isso, dependia de um afluxo cada vez maior de europeus para o Brasil, o que se entendia

³²¹ RECLUS, 1862a, pp. 954-955.

³²² D'ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. Le Rancho, 1863c, p. 572.

³²³ Afinal, grandes opositores da mestiçagem, como Arthur de Gobineau e Louis Agassiz, também faziam sucesso naqueles tempos (SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 46-48).

³²⁴ "A les en croire, le Brésil serait le point central de la civilisation dans l'Amérique du Sud ; un jour viendrait où il pourrait rivaliser avec les États-Unis et servir de modèle à toutes les populations de l'Amérique méridionale. Sans doute le Brésil a de grandes ressources, le sol ne demande qu'à produire ; mais le rôle que voudrait jouer cette race portugaise dégénérée est-il bien à la mesure de ses forces ?" (CHAVAGNES, M. L. de. Le Brésil em 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844b, pp. 66-67).

em uma imigração cada vez mais efetiva. Orientada e incentivada pelo governo, nota-se que, entre os autores da *Revue*, a imigração de europeus é uma instituição amplamente defendida e que, apesar dos percalços e das dificuldades, como era o caso da diferença climática, a verdade é que era na imigração que se depositava uma das chaves do sucesso da presença europeia e, conseqüentemente, da civilização do Brasil.

É notável que grande parte daqueles que publicaram na *Revue des Deux Mondes* sobre o Brasil do século XIX focaram a imigração europeia como algo positivo. Chavagnes, por exemplo, acreditava que, se deixassem de ser vistos como usurpadores e fossem integrados no sistema local, por meio da prática incentivada da imigração, os estrangeiros trariam consigo o trabalho que faria prosperar a indústria e o comércio brasileiros, como já citamos³²⁵.

Adêt também relaciona o desenvolvimento industrial do Brasil com a presença de imigrantes. Ele diz que estes trazem consigo as luzes da Europa e que são assunto deveras importante para o Brasil da época, visto que está intimamente ligado ao sucesso de seu futuro³²⁶. Ele chega inclusive a dizer que os avanços do contato europeu já haviam começado ao descrever que os mais novos proprietários de terras, educados na França, na

³²⁵ “Tant qu’ils n’admettront pas comme principe que le commerce est pour eux la base de toute richesse, les Brésiliens ne feront que s’engager davantage dans une voie d’appauvrissement et de faiblesse. Le commerce ne leur procurerait pas seulement le bien-être matériel, il les mettrait en contact avec la société européenne, avec la civilisation. Le Brésil manque d’une société active, intelligente. Si les étrangers, au lieu de se voir repoussés comme des spoliators entourés de haines et de défiances, étaient accueillis avec sympathie, l’émigration européenne, qui trouve aujourd’hui si peu d’encouragement, viendrait à la suite du commerce apporter le travail et l’industrie” (ibidem, pp. 105-106).

³²⁶ “L’industrie brésilienne ne suffit guère encore qu’à la fabrication des objets de première nécessité. Le Brésil compte cependant des fonderies de cuivre et de fer, des verreries, des filatures, etc. ; mais la plupart de ces établissemens attendent, pour prospérer, qu’on y applique la vapeur. C’est à la fabrication du sucre qu’est limité au Brésil l’emploi de ce précieux agent. L’état de l’industrie brésilienne ne réclame pas seulement, on le voit, la protection du gouvernement, mais l’appui des capitaux, des lumières de l’Europe. Ici nous touchons à une question vitale pour tous les pays de l’Amérique, à la question de l’émigration, que nous traiterons en terminant, car elle touche à l’avenir même du Brésil” (ADÊT, 1851, p. 1.102).

Alemanha ou em Portugal, já começavam a implementar mudanças no Brasil, razão pela qual logo seriam vistas as vantagens de substituir os negros e indígenas por trabalhadores europeus. Adê, dessa maneira, é outro que vê na imigração a chave para o sucesso brasileiro e para um renascimento moral e político que o seguirá³²⁷.

Nesse sentido, outros também tocam nesse ponto: Assier segue a mesma linha dos autores anteriores e vê a presença de imigrantes alemães como solução para mudar o estado pouco alentador que encontrara nas fazendas que visitou no interior do Brasil³²⁸. Nota-se já, segundo as anotações de Assier, um incremento no comércio em áreas dominadas por europeus, onde o brasileiro já pode encontrar objetos que satisfaçam suas necessidades civilizacionais mais refinadas. Assim, nota-se um grande apreço pela imigração europeia, porque ela é em si sinônimo de civilização e progresso:

Malgré la fièvre jaune, qui depuis quelques années y a élu domicile, Rio-Janeiro est aujourd'hui la première ville de l'Amérique du sud par son commerce et sa population. C'est vers ce point que converge presque tout le courant de l'émigration européenne. Aussi le voyageur

³²⁷ “La génération nouvelle des propriétaires brésiliens est instruite ; la plupart des planteurs ont fait leurs études en France, en Allemagne, en Angleterre ou en Portugal. C’est dans leur influence surtout que l’émigration doit chercher un appui, c’est à elle qu’on doit déjà l’amélioration du sort des nègres au Brésil. Les premiers propriétaires d’esclaves, étaient généralement des hommes ignorants ; ceux d’aujourd’hui ; qui ont puisé l’instruction aux sources européennes, ont dans le cœur des principes d’humanité ; ils comprennent l’esclavage brésilien comme une provisoire et malheureuse nécessité, qu’il faudra chercher tôt ou tard à remplacer par des institutions libérales et philanthropiques. L’émigration européenne rencontrerait dans cette classe éclairée de la population brésilienne un utile et sincère concours ; elle serait en outre favorisée par le gouvernement, et plus encore par les ressources variées d’une magnifique nature. Le jour où le flot de cette émigration se dirigera vers le Brésil, où une population étrangère, laborieuse et intelligente, viendra seconder le mouvement de renaissance politique et morale qui s’accomplit, dans la population indigène, ce jour-là aussi une ère nouvelle commencera pour le Brésil, et la société de ce jeune empire pourra exercer dans l’Amérique du Sud une influence aussi profitable aux intérêts de l’Europe qu’à ceux du Nouveau-Monde” (ibidem, p. 1.105).

³²⁸ “Aujourd’hui une partie des émigrans allemands préfère se diriger du côté du tropique austral. Malheureusement de graves difficultés s’élèvent dès le début. Le manque de routes, le défaut d’avances, les rigueurs du climat, les tâtonnements incertains de toute colonisation nouvelle ont arrêté bien des élans, refroidi de vaillantes ardeurs ; mais les prémisses sont posées, la, conclusion est fatale et ne saurait plus être qu’une question de temps. La fazenda doit disparaître ou tout au moins prendre une autre physionomie” (D’ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. La fazenda, 1863b, p. 787).

s'y trouve-t-il coudoyé à chaque instant par des Français, des Allemands ou des Italiens. On m'a assuré que le nombre des premiers s'élevait à dix mille : je crois ce chiffre exagéré, mais je puis affirmer que l'on y rencontre des rues entières où l'on ne parle que français ; c'est là que l'on trouve tous ces magasins de luxe que font naître les besoins de la civilisation la plus raffinée, et surtout ce commerce de détail et de nouveautés où excelle le Parisien. Toute industrie qui exige du goût et du savoir-faire semble lui être exclusivement dévolue. La chaussure est la spécialité des Allemands. Les grandes maisons de commerce sont tenues par les Portugais. Les Italiens se sont réservé les petits saints de plâtre, les orgues de Barbarie, les pâtes alimentaires, etc.³²⁹

O Brasil, assim, tinha solos riquíssimos, capazes de atrair por si só imigrantes. Como nos mostra Saint-Armand³³⁰, havia climas análogos aos europeus, o que evitaria os efeitos deletérios dos climas tropicais sobre os europeus, como nos traz Adê³³¹. Bastava, portanto, segundo nossos escritores europeus do século XIX, apenas o

³²⁹ D'ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. La cidade, 1863a, pp. 81-82.

³³⁰ “On se demande pourquoi le Brésil, avec ses immenses territoires, ses zones si variées, son sol si riche, n'attirerait pas des émigrans européens qui formeraient une population de paysans et de travailleurs. Le gouvernement, au lieu de faire venir comme autrefois des colons à ses frais, se décharge maintenant de ce soin sur des compagnies qui sont seules responsables vis-à-vis des émigrans” (SAINT-ARMAND, 1863, p. 368). Arthur-Léon Imbert de Saint-Armand, que foi um político e literato francês, com seus estudos que tratavam da mulher nas cortes francesas do Império e da Restauração ganhou projeção intelectual na França. Com apenas um artigo sobre o Brasil publicado na *Revue des Deux Mondes*, Saint-Armand trata da desastrosa Guerra do Paraguai e suas consequências para o país (CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*, 2007, pp. 156-158).

³³¹ “Dans la partie sud du Brésil, on peut dire en moyenne que l'époque la plus favorable s'étend de mai à octobre. Cette période n'est qu'un printemps perpétuel tel qu'il se montre aux plus beaux jours de la Provence et de l'Italie. Le froid de la nuit et les fraîcheurs matinales tempèrent les molles tiédeurs de la journée. Cette douce température provoque l'appétit, entretient la souplesse des organes et la vigueur du corps ; mais dès que le soleil reprend sa course australe, l'air devient irrespirable, le ciel embrasé” (D'ASSIER, Adolphe. *Le Mato virgem, scènes et souvenirs d'un Voyage au Brésil*, 1864b, p. 551); ou ainda: “On le voit, le Brésil serait un excellent terrain pour l'émigration européenne. Sans doute, les nègres, accoutumés au climat de l'Afrique, supportent plus facilement que les Européens la chaleur tropicale, c'est incontestable : les Européens ont cependant sur eux d'immenses avantages ; s'ils ne travaillent pas aussi long-temps au soleil, s'ils s'épuisent plus vite, ils ont, en compensation, plus d'ardeur et d'intelligence. Tout cet empire, du reste, n'est point resserré entre les tropiques. La province de Sainte-Catherine jouit d'un climat analogue à celui de l'Italie, et plus loin, vers le sud, on retrouve le ciel des contrées tempérées du nord de l'Europe. Il y aurait certes là de grandes fortunes à faire pour des capitalistes européens auxquels on concéderait des lots de terrain suffisants, et qui amèneraient sur les lieux des hommes intelligents, en état de profiter des progrès modernes de la mécanique et de la vapeur” (ADÊT, 1851, p. 1.102).

incentivo do governo para que o fenômeno positivo da imigração europeia logo começasse a encher o Brasil de luzes, trabalho e progresso:

La colonisation pour le Brésil, qu'on ne l'oublie pas, c'est l'immigration de familles qui viennent s'y naturaliser sans idée de départ. La vraie colonisation est spontanée et libre, et pour qu'elle puisse prendre du développement, il faut qu'elle trouve des avantages dans la nouvelle patrie qu'elle cherche et qu'elle accepte. Elle veut des terres et des propriétés, parce qu'elle veut se fixer ; les colons passagers ne veulent que du travail. Ceux-ci ne feraient que remplacer les esclaves, qui commencent à manquer, et gagner leur argent en donnant du développement aux propriétés et aux richesses d'autrui. Le Brésil a besoin de colonisation et de colons : ce sont deux nécessités profondément senties par le pays, qui manque de bras pour la culture des terres et pour l'industrie, auxquelles les esclaves commencent à ne plus suffire. Il a besoin d'un surcroît d'habitans, qui créent de nouveaux centres, élèvent des villes, achètent des terres, peuplent les déserts, et partagent avec les indigènes les avantages et les devoirs du citoyen.³³²

Dessa maneira, podemos encerrar aqui nossa exposição dos principais temas e debates que ocorreram nos artigos sobre o Brasil tropical publicados na *Revue des Deux Mondes* entre os anos de 1829 e 1877. Podemos primeiramente notar um intenso deslumbre a respeito da beleza, da riqueza e da exuberância da natureza tropical, depois um contraste entre a beleza dessa natureza e a barbárie das gentes que nela habitavam e que acabaram por formar o Brasil, para finalmente cairmos em uma espécie de julgamento, em que olhares mais instruídos, superiores, colocam no papel todo esse quadro marcado por uma natureza que, embora exuberante, oprime seu povo, as condições nefastas da sociedade que encontra e as soluções para que esse jovem país tome rumo, siga os caminhos de suas matrizes europeias e possa, enfim, evoluir e progredir de maneira segura, dentro dos moldes

³³² SILVA, Pereira da, 1858, pp. 818-819.

do sucesso dos países europeus, em especial aqueles que ganhavam destaque no século XIX, como a França, a Inglaterra e a Alemanha.

Agora, cabe a nós vermos como essas ideias produzidas por esses viajantes franceses se propagaram no próprio Brasil oitocentista. O terreno já estava marcado, o Brasil era um lugar aberto às ideias que vinham da França, e observamos que a cultura francesa tinha grande inserção no Brasil da época. As representações estão mostradas, com uma natureza tropical exótica e exuberante – e diferente, sempre vale lembrarmos –, o Brasil se desenhava como um lugar capaz de encher os olhos dos estrangeiros, mas que não sustentava suas boas impressões a uma estadia mais prolongada, a uma viagem ao interior do país ou a uma análise mais apurada de seus quadros sociais.

Pelo o que notamos a partir dos relatos aqui mostrados, o Brasil estava inserido no jogo de civilizações do século XIX. Em uma comparação mais de perto com os países europeus, o Brasil, talvez com exceção ao que tocava aos seus belos quadros naturais, sempre saía perdendo. Uma série de elementos aqui elencados atesta o porquê disso: europeus frouxos que conduziram a civilização até então; negros e índios alheios ao trabalho e dispostos a viver uma vida fácil e indolente, mesmo que à custa da miséria; um clima quente e úmido por natureza que dificultava o assentamento daqueles europeus que assumiam o papel de agentes do progresso e da civilização; um governo que não fazia a sua parte e deixava seu povo à mercê de todos os infortúnios que essas terras acarretavam, governando sem buscar soluções efetivas para driblar o atraso civilizacional que parecia profundo; uma natureza pujante demais, que destruía qualquer tentativa de civilização ao menor descuido. Tudo isso envolto por uma natureza deveras bela e rica, que, mesmo que subaproveitada, ainda mexia com os sentidos dos viajantes que aqui aportavam.

Frente a todo esse turbilhão de representações produzidas por franceses, em terras a estes receptivas, cabe a nós observarmos como essas ideias fomentaram as de outros homens letrados da mesma época, separados por um oceano, mas também imersos na mesma linha de progresso que unia todas as pessoas e todos os povos que habitavam aquele século XIX.

E, se quisermos buscar como essas imagens produzidas pela França oitocentista repercutiram no Brasil oitocentista, ninguém melhor que os homens de letras e ciências ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiros para nos dar essas respostas.

7. A *Revue des Deux Mondes* e o pensamento social brasileiro

Temos mostrado aqui que sobre a condição tropical do Brasil os franceses muito discorreram em seus escritos do século XIX. Em seus relatos de viagem publicados na *Revue des Deux Mondes*, os franceses deixaram suas noções sobre esse Brasil tropical que encontraram. Nesses relatos, podemos notar a propagação da ideia de um paraíso tropical, marcado por um clima quente e agradável, por belas paisagens e por descrições que traziam uma natureza muito rica e pródiga, mas que não resistiam a um olhar mais atento.

Isso porque esses mesmos relatos mostravam que o clima tropical, por mais que trouxesse calor e paisagens de encher os olhos, não resistia a um olhar mais acurado, preocupado com os rumos de uma civilização que se formava no Brasil. A natureza pujante encobria as plantações, o que demandava ainda mais energia para domá-la, algo ainda mais complicado frente à constituição humana do país, formada por povos pouco afeitos ao trabalho e mais propensos ao descanso e à vida fácil dos trópicos, o que, somados às dificuldades de instalação europeias – também devido ao clima distinto – e aos séculos de exploração lusitana inconsequente, tornava o Brasil um local que, se quisesse realmente estar entre as grandes nações do globo, precisaria tomar atitudes urgentes, de modo que a tão cara civilização de moldes europeus finalmente conseguisse se instalar efetivamente no Brasil.

No entanto, como os próprios brasileiros lidavam com essas questões no século XIX? Será que as visões acerca dos trópicos, com seus problemas e pontos positivos, produzidas agora por brasileiros, bebiam dessas fontes europeias, que traziam os trópicos como lindos,

porém problemáticos? Será que, entre os brasileiros, perfaziam-se essas mesmas representações acerca do clima tropical brasileiro que encontramos nos franceses da *Revue*?

Para responder essas perguntas, vamos nos remeter aos escritos publicados por outra grande revista do século XIX, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. A escolha não é aleatória; resolvemos buscar nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico e Brasileiro (IHGB) essas respostas por ser o mais importante periódico sobre a história do Brasil do século XIX, e no qual, o clima tropical, objeto de tamanha importância nos oitocentos, considerados os efeitos, os problemas e as soluções que acarretava, também foi alvo de debates e teorias.

Assim, ao recuperarmos as noções que os escritores do IHGB trouxeram sobre os trópicos, poderemos observar o quanto as ideias francesas estavam aqui presentes, além de observamos como elas, caso presentes, eram trabalhadas e transfiguradas de maneira a atender aos interesses não de viajantes, mas daqueles que aqui ficariam e enxergavam o Brasil de uma maneira um tanto quanto distinta.

Antes de nos remetermos aos escritos propriamente ditos, vale a pena trazermos um pouco do IHGB do século XIX para entendermos melhor em qual contexto estavam situados esses trópicos brasileiros dos quais vamos tratar logo à frente.

O IHGB nasceu em 1838 com uma missão bem definida no Brasil Imperial: prestar, através das letras, grandes auxílios à administração pública, para o esclarecimento de todos os brasileiros³³³. Fruto de um período no qual o Brasil passava por sérios problemas

³³³ O trecho completo, retirado da notícia de criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicado originalmente na primeira edição da *Revista do IHGB*, de 1839, pode ser conferido a seguir: “Sendo innegavel que as letras, além de concorrerem para o adorno da sociedade, influem poderosamente na firmeza

políticos, que se transfiguraram em diversos focos de secessão encontrados Brasil afora³³⁴, o IHGB e seus membros se lançaram como os mais importantes aliados do Governo Imperial na missão de construir uma história marcadamente nacional e, assim, lançar as bases da identidade nacional brasileira.

Mas essa identidade nacional brasileira seria baseada em que? Quais elementos distinguiriam os brasileiros? Quais elementos trariam ainda a união e o orgulho tão caros e necessários nesse momento particularmente instável do jovem Brasil?

No entanto, construir uma identidade para todo um povo, ainda mais um povo distribuído por um território continental, mal comunicado e imerso em realidades regionais um tanto quanto distintas umas das outras, não era algo simples. Como nos disse Edgar de Decca, “a identidade de um grupo forma-se normalmente por sinais externos e por um conjunto de símbolos e valores a partir dos quais se opera uma identificação”³³⁵, ou seja,

de seus alicerces, ou seja, no esclarecimento de seus membros, ou pelo adoçamento dos costumes publicos, é evidente que em uma monarchia constitucional,... a maior soma de luzes deve formar a maior... felicidade publica, são as letras de uma absoluta... necessidade, principalmente aquellas que, versando sobre a historia e geographia do paiz, devem ministrar grandes auxílios á publica administração para o esclarecimento de todos brasileiros” (BARBOSA, Januário da Cunha; MATTOS, Raymundo José da Cunha. Breve Notícia sobre a criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo I, Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1856 [1839]).

³³⁴ Vale ressaltar que o IHGB foi criado no final do período regencial no Brasil, período marcado por uma série de conflitos, como a Cabanagem no Pará (1835 – 1840), a Balaiada no Maranhão (1838 – 1841), a Sabinada na Bahia (1837 – 1838) e a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul (1835 – 1845), além de uma série de outros conflitos somados à lusofobia presente em diversas porções do território nacional, o que ressalta que o país passava por uma grave crise política e que o perigo de fragmentação territorial era algo bastante palpável (BARBATO, Luis Fernando Tosta. A construção da identidade nacional brasileira: necessidade e contexto. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, vol. 8, n. 15 – UFGD – Dourados, jan./jun. 2014a).

³³⁵ DECCA, Edgar Salvadori de. Cidadão, mostre-me a identidade! *Caderno Cedes*, Campinas, v. 22, n. 58, pp. 7-20, 2002a, p. 8. Vale ressaltar que, além de Edgar de Decca, uma série de autores nos traz essa afirmação, entre eles podemos citar: WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ; Vozes, 2000, p. 9; ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006, pp. 7-8; LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 89.

para uma identidade existir, há a necessidade do outro, para que dele haja a diferenciação. Nesse sentido, o trecho citado a seguir, de José Carlos Reis, nos ajuda a compreender como se davam esses processos de construção de uma identidade nacional e essa necessidade daquilo que era externo, a fim de criar a própria noção homogeneizante que está presente naquilo que podemos chamar de identidade nacional:

As identidades são relacionais e mudam em cada relação. A identidade precisa de algo fora dela, da alteridade, outra identidade, que ela não é, e nessa relação com o outro, as identidades são construídas. Uma identidade exclui, cria o exterior. Ela é uma homogeneidade interna, um fechamento. É um ato de poder. As identidades são construídas no interior do jogo de poder e da exclusão. Não são naturais, mas difundidas em lutas históricas.³³⁶

Dessa maneira, se o Governo Imperial e toda sua gama de aliados, marcada principalmente pelos membros do IHGB, quisessem construir uma identidade nacional para unir todos os brasileiros, deveriam focar seus esforços na busca daquilo que era próprio do Brasil, que garantisse a distinção dos brasileiros perante outros povos do mundo e que gerasse a noção de pertencimento a esse país que aos poucos era definido.

Assim, voltando às questões que lançamos há pouco, os elementos que distinguiriam o Brasil e que trariam esse orgulho que ajudaria a evitar secessões, deveriam estar naquilo que o Brasil tinha de mais singular, principalmente, comparando-se com aqueles que realmente importavam nesse jogo de civilizações do século XIX: a Europa e o EUA.

Ou seja, se quisessem realmente criar uma identidade nacional para o Brasil, o Governo brasileiro e seus aliados deveriam prestar atenção naqueles elementos únicos que

³³⁶ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil – direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 12.

o Brasil possuía, capazes de torná-lo não mera cópia de suas matrizes do norte, mas que serviriam para mostrar que, de fato, a independência era necessária, pois o Brasil já não poderia mais ser Portugal, e mais, todo o Brasil formava um só corpo, unido e distinto³³⁷.

No entanto, voltando mais uma vez às perguntas que lançamos há pouco: quais seriam esses elementos que distinguiriam os brasileiros? E quais seriam os elementos que trariam ainda a união e o orgulho aos habitantes desse Brasil oitocentista? É nesse momento que dois elementos, que tanto chamaram a atenção dos viajantes da *Revue*, como vimos, surgiram como alguns dos mais importantes alicerces nos quais essa nova identidade brasileira deveria ser fundada: o clima tropical e a raça.

É aqui que nossos homens de letras e ciências do IHGB e nossos viajantes da *Revue* começam a se aproximar, uma vez que esses elementos escolhidos para formarem a base da identidade nacional brasileira foram aqueles que mais chamaram a atenção dos viajantes franceses atentos aos trópicos brasileiros.

Isso porque, o clima tropical – e a raça, que podemos considerar elemento a ele interligado, como já explicamos – se mostrou a esses interessados na nação como um elemento capaz de atender a esse objetivo de dar os contornos à identidade nacional brasileira, visto que, ao mesmo tempo em que era um elemento capaz de trazer a distinção em relação à menos pujante e já cansada natureza do Velho Mundo, também atendia aos interesses de servir como ponto no qual o orgulho nacional poderia se calcar, afinal, se as belas paisagens tropicais causavam estupor nos estrangeiros, e se as deliciosas sensações

³³⁷ Para se aprofundar mais nesse assunto, conferir: BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical*, 2011.

que os trópicos produziam despertavam elogios no exterior, por que não poderiam estar presentes também nos sentimentos dos brasileiros?

No mais, todo o Brasil, em toda sua continental extensão, de alguma forma ou de outra, estava envolto por essa beleza tropical. Estava posto o elemento-chave para a nação, bastava agora os intelectuais do IHGB trabalharem para que esse sentimento de orgulho e de pertencimento aos trópicos se fizesse presente, e, como veremos, assim como dentro da *Revue*, não faltaram no interior das revistas do IHGB exaltações aos trópicos e às suas delícias e benesses.

Os exemplos seguintes retratam como esses trópicos brasileiros foram cantados e elogiados nas publicações do IHGB, mostrando e divulgando esse Brasil tropical que se apresentava, cheio de belezas e capaz de gerar orgulho:

Senhores! Si o nome do Brazil, como diz Freyanet recorda tudo quanto a natureza tem de mais belo e fecundo; si, como diz Southey, os Brasileiros receberam por herança uma das mais bellas porções da terra; si, como diz Beauchamp, é impossível fallar d'este abençoado solo sem nos lembramos que o ouro e o diamante sahem do seu seio, ao mesmo tempo que todas as culturas n'elle prosperam; muito nos devemos ufanar de termos nascidos em um tal paiz! Mil graças pois rendamos ao Creador por tão grande benefício.³³⁸

Ou ainda:

Cabral arrebatou-se á vista d'esta terra encantada que lhe pareceu surgia do sepulchro do sol (...); com suas encostas cobertas de espessos bosques, com suas aguas despenhadas em assombrosas catadupas, que se destacaram, recuando em vales dilatados e sombrios, em verdes e risonhas planices, em que serpejam ribeiros, bordados por praias, por alvas franjas, que se encurvam e onde se perdem as ondas em doce murmúrio, gozou da

³³⁸ MAIA, Emilio Joaquim da Silva. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846, p. 116.

brisa da terra, que lhe trouxe os perfumes de suas flores, e ouvio o hymno harmonioso da natureza virgem e luxuriante do novo mundo.³³⁹

Poderíamos aqui elencar dezenas de trechos que comprovam que o clima tropical foi exaltado dentro das revistas do IHGB³⁴⁰ e que ajudaram a difundir essa imagem positiva dos trópicos para todo o Brasil, de maneira a despertar o orgulho do pertencimento, que estava no cerne desse projeto do IHGB. No entanto, nosso objetivo não é esse, e queremos aqui apenas evidenciar que os escritos brasileiros em muito se aproximavam daqueles escritos europeus que tratamos, pelo menos em um primeiro momento.

Se Lacordaire se encantou com as belas paisagens que viu³⁴¹ ou se mesmo o escritor anônimo que publicou na *Revue* deixou em seus relatos que nem mesmo as mais belas paisagens europeias, envoltas em poesia e história, conseguiram nele provocar as mesmas sensações que lhe provocou a obra-prima feita pela natureza que era a baía do Rio de Janeiro, ressaltando que esse sentimento provocado pela natureza estava presente no Brasil, percebemos que tanto os escritores da *Revue* quanto os do IHGB partilhavam de sentimentos parecidos sobre as belezas da natureza³⁴².

³³⁹ SILVA, Joaquim Noberto de Souza. Sobre o descobrimento do Brasil: o descobrimento do Brasil por Pedro Alvarez Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indícios para isso?. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*, tomo XV, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1888 (1852), p. 127.

³⁴⁰ Caso haja o interesse em conhecer mais sobre as exaltações da natureza tropical dentro das revistas do IHGB, consultar: BARBATO, 2011.

³⁴¹ Todos esses trechos já foram citados anteriormente, mas decidimos citá-los novamente para facilitar a leitura: “Enfin vous arrivez à la cime des montagnes: vous faites halte! Un océan de forêts se développe devant vous, immense comme l’océan des eaux, sublime comme lui, incommensurable, sans bornes” (LACORDAIRE, Théodore. *Un souvenir du Brésil*, 1832b, p. 657).

³⁴² “Dussé-je vivre pendant des siècles l’impression que produisit sur mon esprit le mélange de grandiose et de gracieux dont mes yeux furent tout à coup frappés, serait toujours fraîche dans ma mémoire. J’ai vu depuis les rivages classiques de l’Italie ; j’ai long-temps séjourné au milieu des beautés romantiques de la Suisse ; j’ai parcouru les rives pittoresques du Rhin : mais les brillantes créations du monde européen, avec leurs inépuisables trésors d’associations historiques et poétiques, ne m’ont jamais fait éprouver ces sentimens mêlés

No entanto, apesar de os trechos, como ressaltamos, serem muito parecidos e apontarem para uma mesma direção, devemos entender que os objetivos de ambas as publicações eram totalmente distintos, o que torna o sentido desses trechos também diferentes entre si. Enquanto os primeiros, produzidos por brasileiros, tinham como intuito levar um sentimento de orgulho, identificação e pertencimento a todo um povo que ainda não se reconhecia como brasileiro, pelos menos em se tratando de uma identidade nacional, os trechos dos franceses não possuem essa pretensão, estando mais a serviço de um país que se enxerga superior e que busca marcar essa superioridade, como frisamos anteriormente.

Assim, enquanto os franceses citam as belezas tropicais para marcar a diferença em relação à Europa, no sentido de colocar o Brasil em uma posição de inferioridade – mesmo que essa inferioridade possuísse uma bela moldura tropical e que muitas vezes não fosse intencional – ressaltando que eles eram os “outros”, ainda distantes da civilização da qual falavam, os brasileiros, por sua vez, escreviam dentro de uma certa missão patriótica, na qual o clima tropical deveria ser defendido, por mais difícil que isso poderia parecer em certos momentos frente a toda uma literatura produzida por intelectuais de peso, que condenavam uma civilização nos trópicos.

Assim, diferentemente dos escritos franceses, as belezas tropicais presentes nas revistas do IHGB não estavam presentes descompromissadamente, como um primeiro olhar aos escritos franceses revela, ou mesmo para marcar a diferença e a inferioridade, como um olhar mais apurado pode revelar, como falamos. Os trópicos estavam lá para serem

d’admiration et de plaisir, dont je n’ai pu me défendre à la vue de la majesté sublime de ce chef-d’œuvre de la nature, la baie de Rio-Janeiro” (ANÔNIMO. Souvenirs de l’Amérique – l’empereur Don Pedro, 1829, p. 115).

defendidos e exaltados, visto que eles eram aquilo que de mais belo e distinto o Brasil tinha a oferecer. E mais, eles eram necessários. Dentro de um projeto que dava coerência e uniformidade ao Brasil da época, eles eram mais que beleza, e a distinção que eles provocavam não deveria marcar, somente, a inferioridade.

Dessa maneira, trechos como o que vem a seguir, no qual há a defesa dos trópicos perante os detratores europeus, que poderiam detratar mesmo no elogio, ou apenas diretamente, se mostram presentes nas publicações do IHGB:

A historia, em nome da qual Montesquieu fez acreditar essa doutrina, é um protesto contra a sua verdade. Com effeito, se é o clima, se é o aspecto physico que determina a grandeza de uma nação, porque a pátria de Temístocles converteu-se em serva do Alcorão, e, depois n'essa monarchia bastarda, que ahi vive na Europa, dando o espetáculo desolador de uma interminavel agonia?³⁴³

A partir do trecho acima, notamos que é inegável que os franceses eram lidos e que suas ideias e pareceres a respeito dessa terra não passavam despercebidos nem eram irrelevantes, mas há toda uma tônica distinta entre as noções sobre os trópicos presentes no IHGB em relação aos relatos da *Revue*. Os trópicos precisavam ser descritos, mas, mais que isso, eles precisavam ser defendidos. E nessa dicotomia entre as visões que vinham de fora, transmutadas aqui no Brasil tropical, ia nascendo a própria noção de Brasil, que perduraria durante muito tempo na historiografia, como veremos.

O clima tropical poderia até não ser o mais adequado à civilização e nem o melhor se o Brasil quisesse galgar posições mais avançadas na escala civilizacional que se apresentava com tanta firmeza nessa época, no entanto, isso não justificava uma

³⁴³ MAGALHÃES, J. V. Couto de. Um episodio da Historia Pátria (1720). *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XXV, Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1862, p. 516.

condenação ao fracasso, e nem revelava que a história do país fosse escrita por estrangeiros, dispostos somente a distinguir, atacar e a intervir.

A prova de que os franceses – e nesse caso, inclusive aqueles que publicaram na *Revue* –, sem contar os inúmeros exemplos da força da presença francesa nos oitocentos, de que tanto falamos, eram lidos e eram relevantes nesse momento de construção de uma identidade nacional brasileira – com o clima tropical em seu cerne – são os combates que os brasileiros travam com esses estrangeiros acerca da imagem do Brasil.

Nesse sentido, os intelectuais brasileiros sempre tiveram contato com as representações difamatórias acerca do Brasil, produzidas na Europa. Basta vermos a própria crítica ao texto de Montesquieu que citamos há pouco, para não citarmos uma série de outros detratores do Novo Mundo nos séculos XVIII e XIX, como Raynal, De Pawv, Buckle, entre outros escritores europeus de grande difusão no período. No entanto, há autores que colocam o artigo “Le Bresil em 1844”, de Chavagnes, publicado na *Revue des Deux Mondes*, como um marco nos embates entre franceses e brasileiros, no século XIX.

Segundo Katia Aily Camargo e Amílcar Torrão Filho, Chavagnes, ao apontar as imperfeições que encontrou no Brasil em suas viagens, relatou uma série de defeitos, como a questão da escravidão e do próprio clima tropical, como ficou claro em seus relatos, que, em uma visão comparativa com o centro civilizacional que era a França da época, levou as mazelas brasileiras ao mundo, o que acabou por despertar a ira e uma série de protestos desse lado do Atlântico³⁴⁴.

³⁴⁴ CAMARGO, Katia Aily Franco de. Leitores e questões identitárias no Brasil oitocentista. *Revista Porto*, v. 1, n. 2, 2012, p. 83; TORRÃO FILHO, Amílcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Campinas, SP; [s.n.], 2008, p. 176.

Nesse mesmo sentido, Johni Langer nos traz que, a partir do texto de Chavagnes, os franceses passaram a ser vistos com menos resiliência pelos brasileiros, defendendo a tese de que este autor servira como marco nessas relações entre os escritores franceses e brasileiros³⁴⁵. Maria Helena Rouanet segue na mesma direção ao apontar que, depois do episódio, não só os franceses, mas os estrangeiros de uma maneira geral, passaram a ser vislumbrados sob um olhar mais metuculoso, sendo passíveis a julgamentos mais ferrenhos por suas críticas à nação³⁴⁶.

Ao considerar os embates que ocorreram no período em relação ao texto de Chavagnes, podemos concluir que de fato esse texto despertou a ira dos brasileiros e serviu para marcar ainda mais uma posição, um sentimento nacional, que aos poucos ia se desenhando nesse século XIX e da qual os franceses eram elementos-chave. No próprio IHGB, como não poderia ser diferente, o impacto do texto de Chavagnes foi sentido, como mostra o trecho abaixo:

Chegado ao conhecimento do Instituto a indignação que produzina n'esta côrte um artigo publicado em Julho do corrente anno na – *Revista dos Dois Mundos* – sob o titulo de – O Brasil em 1844, situação moral, politica, comercial e financeira – o em que seu auctor, acobertando-se debaixo do pseudo nome de M. de Chavagnes, além das imperdoaveis inexactidões em que cahiu, lança sobre as nossas instituições, e em geral sobre os brasileiros toda a sorte de apôdos e improperios, em recompensa do generoso agazalho que aqui recebeu, como o mesmo confessa.³⁴⁷

³⁴⁵ LANGER, Johni. *Ruínas e mito: a arqueologia no Brasil Império*. Tese (Doutorado) – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000, p. 249.

³⁴⁶ ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço explêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 126.

³⁴⁷ LAGOS, Manoel Ferreira. Relatório dos Trabalhos do Instituto no sexto anno academico, pelo 2º secretario perpetuo o Sr. Manoel Lagos. *Revista Trimensal de Historia e Geografia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, T. VI. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio Silva, 1865 (1844), p. 529.

Mesmo Castelnau, outro francês que publicou na *Revue* sobre o Brasil, como trouxemos, até então respeitado dentro do IHGB, passou a ser alvo de críticas dentro do Instituto, tendo críticas dirigidas inclusive aos seus conhecimentos geográficos³⁴⁸ e sendo acusado de atacar o brio do próprio Brasil e de seus brasileiros, como os trechos seguintes ajudam a comprovar: “Mais outras affirmativas d’este genero [sobre uma série de erros de ordem geográfica] enuncia o mesmo Sr. Castelnau, as quas têm contra si os fastos do paiz”³⁴⁹.

Ou ainda, a respeito do parecer de Lagos sobre os relatos de Castelnau:

O sr. Lagos não se contentou com um simples e breve juízo que poderia ser laudativo ou contrario ao merito da obra sujeita à sua fina e profunda critica: não: acompanha passo a passo o viajante francez atravez das nossas provincias por elle visitadas: dá-lhe a mão sempre que o vê tropeçar, e isso acontece muitas vezes: aponta um a um os erros numerosos que commette, marca-lhe factos que inventa; prova-lhe o conhecimento antigo, que nós temos de algumas das suas pretendidas descobertas; vinga nos da maledicência, e com um sopro vigoroso de potente logica desfaz creações imaginarias, que o conde de Castelnau quer fazer correr mundo com fóros de realidades. Faz mais ainda: logo que depára com uma falsa apreciação do carecter, da indole dos Brasileiros, fere-o com um epigramma penetrante e adequado, e appellando para os viajantes e historiadores estrangeiros que tem escripto ácerca do Brazil, compára a observação maligna com o juizo imparcial e generoso de grandes homens, como o respeitavel Humboldt Saint-Hilaire, Ferdinand Denis e alguns outros, que nos fazem justiça, e em fim com indissolvel graça chamando tambem a contas a cohorte dos improvisadores de viagens, e dos Chavagnes de todos os tempos, mostra desfilando em extravagante revista a multidão de absurdos, de incongruencias e contradicções, e não poucas vezes de immerecidas injurias, com que desfiguram e calumniam o Brazil homens, que escondem o que veem, que

³⁴⁸ Castelnau foi criticado por nomear, em sua expedição pelo norte do país, um rio em homenagem a D. Pedro II ainda que esse rio já fosse conhecido dos brasileiros, o que, aos olhos do rigor científico que o IHGB pretendia, soou como imperdoável (LANGER, op. cit., p. 248).

³⁴⁹ BAENA, Antonio Ladislao Monteiro. Resposta ao Illm. e Exm. Sr. presidente do Pará Herculano Ferreira Penna. *Revista Trimensal de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, T. X, Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio Silva, 1870 (1848), p. 93.

improvisam o que não existe, e que para escrever invocam a musa da mentira.³⁵⁰

Apesar de longo, o trecho vale a pena ser conferido, pois ressalta todo o alvoroço que o texto de Chavagnes causou no Brasil³⁵¹ e, principalmente, dentro do IHGB, principal centro difusor de uma identidade nacional que deveria se espalhar pelo país. No mais, ressalta também que o que os franceses da *Revue* escreviam era lido e tinha importância entre os círculos intelectuais da época no Brasil, destacando mais uma vez que os franceses eram importantes como matriz cultural naquele Brasil oitocentista, já que somente um texto relevante mereceria tanto clamor e exaltaria, da maneira que exaltou, os brios brasileiros.

E, para corroborar essa ideia de que os franceses eram elementos-chave dentro do pensamento social brasileiro da época, podemos notar que não era somente na exaltação das belezas tropicais que as visões brasileiras e francesas sobre o Brasil se aproximavam, ao tratarmos da questão da raça, essa proximidade também ficava perceptível, dentro dos limites dessas similaridades, demarcados principalmente por sentimentos nacionais que afloravam.

³⁵⁰ MACEDO, Joaquim Manoel de. Relatório do primeiro secretario o Dr. Joaquim Manoel de Macedo. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1855, p. 28.

³⁵¹ Poderíamos aqui ainda incluir as respostas que Émile Adêt (o francês naturalizado brasileiro que também publicou na *Revue*) e Araújo Porto-Alegre deram ao mesmo artigo de Chavagnes, que foram publicadas na *Minerva Brasiliense* e que seguem no mesmo intuito de defender a jovem nação brasileira das críticas e inverdades escritas pela francês. Cf. PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. *Revista dos Dois Mundos: huma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado o Brasil em 1844. Minerva Brasiliense*, v. 2, n. 23, 1844, pp. 711-719; ADÊT, Émile. Resposta ao artigo da *Revista dos Dois Mundos*, intitulado do Brasil em 1844, situação moral, politica, commercial e financeira. *Minerva Brasiliense*, v. 2, n. 23, 1844, pp. 719-725.

Nesse sentido, podemos observar que na *Revue* havia a noção, própria do século XIX, de observar negros, indígenas e mestiços sob um viés de inferioridade, como ficou evidente ao trabalharmos a questão da raça na *Revue des Deux Mondes*.

Chavagnes alertou que a população brasileira que encontrou, formada pela mistura de índios, negros e portugueses, era algo “realmente sofrível”, haja vista “o estado moral em que essas populações, abandonadas às suas paixões errôneas e aos seus instintos selvagens”, se encontravam³⁵². Saint-Hilaire vê um Brasil formado por “uma amálgama bizarra de americanos e portugueses, de brancos e de gente de cor, de homens livres, de libertos e de escravos”³⁵³, sendo essas gentes de cor consideradas raça inferior pelo naturalista francês, uma das explicações do papel diminuto do país no cenário internacional, frente a sua grandeza territorial e de riquezas, em comparação aos Estados Unidos³⁵⁴. Pereira da Silva via uma incompatibilidade entre o cenário natural do Brasil, potencialmente rico, e a sua exploração, a cargo principalmente de “negros ignorantes”³⁵⁵.

Esses são apenas alguns exemplos³⁵⁶ dos inúmeros casos que retratamos e que evidenciam o quanto a questão racial era algo importante dentro da *Revue des Deux Mondes* e, principalmente, o quanto essa conformação racial brasileira, um tanto quanto *sui generis* na época, chamava a atenção dos viajantes estrangeiros que visitavam o Brasil, contribuindo para a construção de um quadro deveras problemático nesse século em que a ciência e o império andavam de mãos dadas. Mas não era só na *Revue* que esses negros e

³⁵² CHAVAGNES, 1844b, p. 92.

³⁵³ SAINT-HILAIRE, 1831, pp. 336-337.

³⁵⁴ Ibidem, p. 342.

³⁵⁵ SILVA, Pereira da, 1858, p. 818.

³⁵⁶ Trouxemos aqui poucos exemplos dessas visões dos viajantes da *Revue* sobre a conformação racial brasileira porque isso já foi amplamente discutido no capítulo “Raça: problema em meio ao problema tropical”, no qual há diversos outros exemplos que corroboram nossa ideia.

índios, mesclados a europeus afrouxados – mas ainda europeus – chamavam a atenção, aqui também, nesses brasileiros com olhos voltados para a Europa e para a própria terra, esses seres humanos indesejados, porém constituintes de uma realidade incontornável, foram objetos de descrições, análises e projeções.

Nesse sentido, a questão racial é também objeto presente e marcante nas revistas do IHGB, ressaltando que as preocupações de ambos os lados guardavam muitas semelhanças, mas também, muitas diferenças, como veremos.

Se os viajantes da *Revue* relacionavam o clima tropical ao fracasso civilizacional, principalmente por formar raças fracas e ainda contribuir para a degeneração e dificultar o assentamento das raças fortes, como observamos, no IHGB não era diferente. A *Lei dos Climats*³⁵⁷, tanto propalada pelos europeus, era palpável e também fazia parte desse universo explicativo que era o Brasil do século XIX, como mostram os exemplos citados a seguir, em que Gonçalves Dias questiona se os europeus tivessem sido formados em um clima tão aprazível, como era o brasileiro, se eles mesmos seriam menos imprevidentes que os indígenas que encontraram em solo brasileiro. Ou seja, a noção de que estávamos em um clima inferior para a civilização, estava presente:

Comtudo os Europêos que tanto se indignam com esta predisposição moral [a ociosidade entre americanos e polinésios] se se acharem em idênticas, acaso continuariam a reputar o trabalho como a primeira das

³⁵⁷ Aqui nos referimos às teorias que estiveram em voga principalmente no século XVIII e que tiveram repercussões e continuidades no século XIX e início do século XX, trabalhadas por autores como Montesquieu, Raynal, Buffon, entre outros, que colocavam o clima como agente primordial na formação das constituições físicas e mentais de cada povo, atuando diretamente sobre seus destinos. De acordo com essas teorias, havia zonas climáticas ideais à civilização, sendo elas as temperadas, enquanto as zonas tropicais eram propensas à degeneração, à preguiça e à luxúria exacerbadas. Segundo essas teorias, o clima ainda era fator fundamental na transplantação e na fixação de populações em zonas climáticas de suas áreas de origens, estando sujeitas à definharem e a enfraquecerem devido às alterações climáticas existentes entre elas (BARBATO, 2011, pp. 89-90).

virtudes? Tirem-se-lhes as necessidades factícias. Colloquem-nos em um clima aprazível e benigno, onde todos, sem muito custo possam achar nutrição, abrigo e vestidos, e tenho que não chamariam tanto contra uma disposição que mais que de qualquer outra causa se origina da benignidade do paiz habitado.³⁵⁸

Pelo trecho acima, podemos notar que as teorias europeias que relacionavam raça e clima com as inferioridades de cada povo eram lidas e, mais, eram aceitas. Se lá se pensava que os climas quentes geravam gentes indolentes, aqui também, se lá se aplicava a mais moderna ciência da craniometria para comprovar as diferenças, inferioridades e superioridades entres os homens em uma escala evolutiva³⁵⁹, aqui também. Se lá se acreditava em uma escala racial, que colocava todos os povos em uma mesma linha de progresso, e se se lia Darwin e seus sucessores, que mostravam que os fracos estavam fadados a sucumbir perante os mais fortes, aqui também:

Ahi [na navegação do Araguaia] o vapor, passando por entre as numerosas aldeãs de índios que ainda andam nus, apresenta em contraste os dois extremos da cadêa humana: a raça mais civilizada que usa d'esse primeiro agente do progresso, e o homem nu, imagem viva da primeira rudeza e barbaridade selvagem de nossos maiores.³⁶⁰

Ou ainda:

³⁵⁸ DIAS, A. Gonçalves. Brasil e Oceania. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867, p. 343.

³⁵⁹ Vejamos, por exemplo, os dizeres do mesmo Gonçalves Dias a esse respeito: “O tamanho da cabeça é menos que o setimo da altura; o angulo facial, segundo a medida de Rienzi (formado de duas linhas, que partem dos dentes incisivos superiores acabando uma á nascença do nariz, outra no orificio auricular, é de 80 a 85 grãos, raras vezes de 85 a 90; o nariz é curto e grosso, algumas vezes achatado; a boca grande, mesmo entre as mulheres, os olhos muitas vezes oblíquos mais ou menos, conforme a repetição de cruzamento com os *Chins* [sobre os malaaios]” (DIAS, 1867, p. 317); ou ainda: “a cabeça sem os caracteres da belleza, nem os da grandeza, o nariz curto, indício de pouca energia e constancia, a boca grande indicando appetites grosseiros, e olhos espantados (hagards), a vista obliqua, indício de timidez, temor ou tristeza, de exterior agradável com o ângulo facial um pouco menos aberto que o da raça caucásica”. Aqui, Gonçalves Dias utiliza-se das descrições de Rienzi para compor esse quadro (ibidem, p. 339).

³⁶⁰ MAGALHÃES, José Vieira Couto de. Ensaio de Anthropologia – Região e Raças Selvagens. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXXVI. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1873, p. 388.

O nome de Goytacazes, dado a estes campos, lhe advem da tribu principal dos indios que primitivamente os habitavam e que a civilização exterminou pelo mais certo ou obrigou a procurar outro assento. Assento é um modo de dizer, porque, errabundos como eram por natureza os nossos autoctones, misturaram-se seguramente estes com os das demais tribus que encontraram, ao recuarem diante do europeu, e se absorveram nellas, a menos que não se queria acceitar como a da verdade histórica a causa do extermínio da raça aborígene referida pelo chronista da Companhia de Jesus que adeante citarei [trata-se de Joam d'Almeida].³⁶¹

Dessa maneira, foi se replicando, mesmo nesse Brasil mestiço e tropical, e mesmo entre seus mais ardorosos defensores, a ideia de que ele estava em uma posição, no mínimo, desvantajosa, se comparado às tidas grandes nações do globo, já que, como dissemos, todo esse aparato de origem europeia, vindo de cima para baixo, era lido e, principalmente, como podemos notar pelos trechos acima, acreditado. O Brasil era analisado, mesmo por brasileiros, sob um olhar europeu, que insistia em mostrar e ressaltar sua superioridade.

No entanto, como temos falado, apesar de esse pensamento europeu estar na base da própria visão interna de Brasil, ele cá foi adquirindo suas nuances próprias, e a análise comparativa entre os textos publicados na *Revue des Deux Mondes* e nas Revistas do IHGB só vêm a corroborar isso.

Retomando os textos que trazem críticas contundentes à formação racial brasileira produzidas pelos viajantes da *Revue* e que apresentamos há pouco, mostraremos que, por mais que elas contivessem semelhanças, também continham suas diferenças.

A começar pelas críticas aos negros, bastante presentes na *Revue* e quase inexistentes nas revistas do IHGB. Enquanto os negros chamavam a atenção o tempo todo dos

³⁶¹ MELLO, José Alexandre Teixeira de. Campos dos Goytacazes. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XLIX, Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1886, p. 9.

franceses, sendo acusados de terem grande parcela da culpa da situação moral e social – para não estendermos à questão econômica – que se encontrava o país, entre os brasileiros, as críticas a esse elemento não apareciam tanto quanto aquelas presentes no periódico francês.

Dentro do IHGB, ao contrário do indígena, que era estudado e debatido, o negro não possuía o mesmo apreço devido entre os intelectuais do grêmio – ou pelo menos parte deles –, o que talvez explique o pouco interesse que a esse elemento é dado dentro do instituto carioca³⁶². O próprio artigo de Martius, que foi vencedor do concurso que elegeria o melhor plano para se escrever a história do Brasil e que tinha justamente na união das três raças a sua argumentação principal, nos mostra o quanto o negro estava ausente desse debate.

Mesmo na seção do artigo dedicada a trabalhar sua importância dentro da história do país, Martius pouco se atém a ele, debruçando-se mais sobre as diferenças entre as províncias brasileiras do que sobre a importância do negro para a formação do Brasil da época. No entanto, o artigo de Martius já evidenciava a inferioridade do negro – e também do indígena – perante os europeus, estando fadados a perecer frente ao “mais poderoso e essencial motor”, que era o português, o que fica claro nos dizeres do naturalista

³⁶² Tal questão pode ser conferida nesse artigo, no qual há a análise da produção de outros artigos sobre a questão racial dentro dos artigos do IHGB e no qual fica evidente que, por mais que o negro fosse elemento marcante da constituição racial do Brasil do século XIX, carecia de um lugar de destaque dentro dos debates letrados no Brasil oitocentista, haja vista sua pequena presença na revista do instituto (BARBATO, Luis Fernando Tosta. A raça em revista: um guia de artigos comentados sobre a questão racial nas revistas do IHGB (1870-1902). *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia.*, v. 5, n. 1, jan./jul. 2014b, pp. 107-111).

germânico: “o sangue Portuguez, em um poderoso rio, deverá absorver os pequenos confluente das raças India e Ethiopica”³⁶³.

Mesmo a partir de 1870, quando os debates sobre a raça penetram com maior força no cenário intelectual brasileiro, sobre o negro pouco se comenta; o foco maior das análises presentes nas revistas do IHGB é mais dirigido ao tema da escravidão, instituição negativa, da qual o negro é mais um efeito colateral negativo oriundo dela. Nesse sentido, o negro é apenas mais um fruto negativo de uma instituição negativa incompatível com a vida moderna que o Brasil almejava, não merecendo, em si, debates e estudos mais aprofundados³⁶⁴.

Tal viés negativo pode ainda ser observado no texto de Januário da Cunha Barbosa, intitulado “Se a introdução de africanos no Brasil serve de embaraçar a civilização dos índios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuízo da lavoura brasileira entregue exclusivamente a escravos?”, no qual ele debate acerca da introdução do escravo africano e suas consequências para a civilização do indígena.

Referidos por alcunhas pejorativas, como “bárbaros africanos”, “bestas de carga” ou “miseros africanos”³⁶⁵, dentro da análise de Barbosa, os negros contribuíram para o estado de barbárie em que se encontravam os indígenas no século XIX, sendo suas consequências

³⁶³ MARTIUS, Carlos Frederico Ph. de. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo VI, Nendeln: Kraus Reprint, 1865 (1844), pp. 381-383.

³⁶⁴ SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero, Hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005, pp. 88-96.

³⁶⁵ BARBOSA, Januário da Cunha. Se a introdução de africanos no Brasil serve de embaraçar a civilização dos índios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuízo da lavoura brasileira entregue exclusivamente a escravos? *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo I, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908 (1839).

negativas sentidas mesmos nos portugueses, que se tornavam mais “barbarizados”³⁶⁶ e menos produtivos devido ao contato com eles. De qualquer maneira, o negro era um “embaraço” à civilização, seja por sua inferioridade e sua incapacidade ao trabalho inatas, seja pelos danos que sua simples introdução trouxe ao Brasil:

Os pobres negros, fóra de seu paiz natal, são menos aptos aos nossos trabalhos, do que os índios; e o beneficio da liberdade, que elles receberam, depois de tantas leis que ficam citadas, tornou-se de pouco ou nenhum fructo pela civilisação da catechese, e de um systema bem concertado de civilisação. A necessidade de trabalhadores obrigaría os fazendeiros a ser mais humanos com os índios livres, se lhes não tivesse sido facil comprar negros para os substituir em suas lavouras. Os negros, portanto, servem de embaraço á civilisação dos índios; e o que mais é, servem não pouco de retardar a nossa própria civilisação, o que deixo de tratar, por não ser d’este programma.³⁶⁷

Assim, em relação ao negro, temos um quadro no qual ele ainda é visto sob um viés de inferioridade dentro do IHGB, assim como ocorreu na *Revue*; no entanto, enquanto na *Revue* os negros eram alvos frequentes das críticas dos visitantes à conformação racial do país que encontraram, no IHGB essas críticas eram mais veladas – talvez os silêncios em relação ao negro sejam mais claros que qualquer palavra direta – e estavam praticamente ausentes nos debates brasileiros do século XIX.

No entanto, sempre vale ressaltar que tanto a Europa quanto o Brasil viam esse elemento da sociedade brasileira com um olhar de desprezo e desconfiança. Em ambas as publicações, cada uma delas guardada aos seus interesses, o negro surge como um elemento indesejado caso o país almejasse rumos que o aproximassem das grandes nações do globo,

³⁶⁶ O trecho a seguir, extraído do texto de Barbosa, ressalta esse caráter: “(...) cessaram, sim, os Portuguezes de penetrar os sertões em busca de índios para escravizar; e voltaram-se ao tráfico dos míseros africanos, que empregaram em seus trabalhos com igual barbaridade (...)” (ibidem, p. 126).

³⁶⁷ Ibidem, p. 128.

com a diferença de que, na publicação francesa, os negros marcavam a distinção e a inferioridade do Brasil, e fazia todo o sentido evidenciá-lo como prova disso, enquanto, na publicação brasileira, o sentido estava em escondê-lo, já que era o próprio *status* do Brasil que estava em jogo.

Já em relação aos indígenas, como esboçamos, as relações entre os estrangeiros da *Revue* e os brasileiros do IHGB podem ser mais bem trabalhadas, uma vez que a questão nacional, tão importante nesse momento da história do Brasil, exerce um peso muito maior sobre eles que em relação aos negros, visto que eram os autóctones os representantes originais desta terra e aqueles que interessavam nesse momento no qual a identidade nacional era uma necessidade³⁶⁸. Por isso, ainda que fossem inferiores aos brancos e estivessem aquém da missão de colocar o Brasil em níveis elevados na escala de civilizações própria do século XIX, mereciam eles um lugar todo especial nesse debate letrado oitocentista.

Como observamos, em relação ao indígena, as representações acerca desse elemento dentro da *Revue des Deux Mondes*, colhidas *in loco* pelos viajantes em suas viagens pelo Brasil, não foram das mais alentadoras. Frutos do século XIX, os autores da *Revue* já não partilhavam dos mesmos referenciais de séculos anteriores que legaram aos franceses uma imagem na historiografia colonial da América que deu origem ao chamado “mito do bom

³⁶⁸ Na Europa, o Romantismo recuperou o passado histórico representado pelo medieval, pelo gótico, como símbolos para a construção de seus ideários nacionais. Todavia, no Brasil essa questão é um tanto mais complexa, já que não houve uma Idade Média, segundo o modelo romantizado europeu, a ser recuperada. Isso levou autores brasileiros – notadamente românticos – a construírem uma Idade Média imaginária. Ou seja, no contexto em que se dá a origem da nação brasileira, o tempo e o cenário de sua narrativa são mitológicos, e, nesse sentido, o indígena ocupa lugar central nessa questão, uma vez que foi recuperado, principalmente pelos autores românticos, como o elemento puro e seminal que antecedia a nação brasileira (BARBATO, 2011, p. 10).

francês”, uma vez que, quando colocados em comparação com os colonizadores ingleses, portugueses ou espanhóis, que tiveram seus processos de colonização marcados pela violência no trato com os nativos, os franceses acabaram sendo retratados como aqueles que melhor respeitaram esses povos, integrando-se muitas vezes a eles, estabelecendo alianças, conhecendo suas culturas e formando parcerias comerciais³⁶⁹.

Se os autores franceses dos quinhentos e seiscentos³⁷⁰ defendiam os indígenas e enxergavam neles, com toda a sua pureza, liberdade e felicidade, a chave para uma sociedade melhor em um Velho Mundo em crise³⁷¹, o século XIX, com toda sua ciência e seu darwinismo, sua lógica do progresso e seu imperialismo capitalista em curso, minou

³⁶⁹ PERRONE-MOISÉS, Beatriz. O mito do bom francês: imagens positivas das relações entre colonizadores franceses e povos ameríndios no Brasil e no Canadá”. *IEA – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*. s.d., p. 4. Essa noção perpetrada por muitos anos na historiografia acerca dessa pretensa docilidade francesa no trato com os indígenas, em comparação às experiências de seus vizinhos europeus, pode ser observada na frase a seguir, do historiador norte-americano Francis Parkman: “Spanish civilization crushed the Indian; English civilization scorned and neglected him; French civilization embraced and cherished him” (PARKMAN, Francis. *The Jesuits in North America in the Seventeenth Century*. Boston: Little, Brown and Company, 1967, p. 44).

³⁷⁰ Há uma série de autores franceses que aqui podemos relacionar que, nesses três séculos de contato com o Novo Mundo traçaram um quadro positivo sobre essas populações indígenas, dos quais podemos destacar o missionário Jean de Lery, que visitou o Brasil no século XVI, e Michel de Montaigne, escritor francês quinhentista que, mesmo sem nunca ter visitado a América, lançou as bases para algumas dessas representações positivas sobre os indígenas que perdurariam durante muitos anos na França. Nesse sentido, o trecho a seguir nos dá uma pequena mostra das imagens propagadas por Montaigne: “C'est une nation... en laquelle il n'y a nulle espèce de trafic; nulle cognoissance de lettres; nulle science des nombres; nul nom de magistrat, ny de supériorité politique; nul x usage de service, de richesse ou de pauvreté; nuls contracts; nulles successions; nuls partages; nulles occupations qu'oyssives; nul respect de parenté que communnuls vestemens; nulle agriculture: nul métal; nul usage de vin ou de bled. Les paroles mesmes qui signifient le mensonge, la trahison, la dissimulation, l'avarice, l'envie, la détraction, le pardon, inouies” (MONTAIGNE, Michel de. *Les Essais*. Vol. 1. Paris: Garnier, 1952, pp. 235-236).

³⁷¹ Segundo Geoffroy Atinkson, pode-se notar que os viajantes franceses que percorreram o Brasil no século XVI, apesar dos vários maus-exemplos que observavam em suas condutas, insistiam na bondade, na caridade e na afabilidade dos nativos, ocorrendo esta mesmo antes da chegada da missão francesa no Rio de Janeiro, em 1555, estando todos esses autores na origem de todo o repertório que formaria o chamado mito do bom selvagem, séculos depois (ATINKSON, Geoffroy. *Les Nouveaux Horizons de la Renaissance Française*. Genève: Slatkine, 1969, pp. 146-149). Nesse sentido, Arno Wehling afirma que “de fato, ao longo de três séculos, se incluímos o Romantismo, autores dos mais significativos da literatura, do ensaísmo, do direito e da filosofia, debruçaram-se sobre essas questões, quer lendo Montaigne, quer buscando as próprias fontes quinhentistas às quais se acrescentaram os viajantes e cronistas dos séculos subsequentes” (WEHLING, Arno. Os indígenas do Brasil entre a razão de Estado e o Direito Natural: as contribuições de André Thévet e Jean de Lery. *História (São Paulo)*, v. 31, n. 2, jul./dez. 2012, p. 14).

essas boas impressões e colocou esses povos dentro do lugar que lhes cabia nesse mundo de escalas de medidas e superioridades e inferioridades.

Já imbuídos por um espírito positivo e científico avesso a concessões românticas, e sem as ligações identitárias que certos brasileiros possuíam em relação a esses elementos, os franceses foram duros com eles e lançaram olhares que marcariam as representações acerca dos indígenas no século XIX, figurando-os como problema em meio ao problema tropical, como vimos anteriormente.

Dessa maneira, uma série de críticas a esses povos, que também compunham a “amálgama bizarra” que era a população brasileira no período, foi lançada pelos franceses. Chamados de pouco inteligentes, além de indolentes e avessos ao trabalho por Assier³⁷², creditados como dotados de tamanha ignorância por Reclus, a ponto de mal conseguirem se expressar em uma língua mais complexa, como era a portuguesa, mesmo depois de anos de convivência em ambientes civilizados³⁷³, considerados como ausentes de civilização por Lacordaire³⁷⁴, de miseráveis e antropófagos, por Castelnau³⁷⁵, para ficarmos aqui apenas em alguns exemplos³⁷⁶, a verdade é que, apesar de haver alguns poucos elogios³⁷⁷ em relação aos indígenas, as imagens difundidas pelos franceses sobre eles eram deveras duras

³⁷² D’ASSIER, Adolphe. *Le Brésil et la société brésilienne*. Le Rancho. 1863c, pp. 557-560.

³⁷³ RECLUS, 1862a, p. 945.

³⁷⁴ LACORDAIRE, 1835, p. 339.

³⁷⁵ CASTELNAU, 1848, p. 207.

³⁷⁶ Como já trouxemos esse assunto anteriormente, optamos por apenas indicar as referências nas quais os autores trazem essas noções, no entanto, as citações completas podem ser conferidas no capítulo “Raça: problema em meio ao problema tropical”, dentro deste texto.

³⁷⁷ Como nos dizeres elogiosos de Reclus sobre os salutare hábitos de higiene indígenas e também sobre a beleza de certas mulheres que encontrou entre esses povos (RECLUS, 1862a, pp. 941-942); ou ainda nos dizeres de Assier, que enxerga neles certa utilidade econômica, graças a sua capacidade de penetração nos sertões, o que garantiria a extração de produtos valiosos, contribuindo assim esses homens para os ganhos da nação (D’ASSIER, Adolphe. *Le Brésil et la société brésilienne*. Le Rancho, 1863c, p. 558).

e ajudavam a traçar um quadro que colocava o Brasil todo em uma posição de inferioridade em relação aos países europeus.

Em relação ao Brasil, cuja elite intelectual da época era assídua leitora desses escritos, como notamos no princípio deste trabalho, a situação era mais complicada, visto que havia uma nação a ser construída, que não poderia ser baseada somente em elementos negativos e que havia de se fundar em originalidades. Dessa maneira, colocados frente a esse quadro sombrio propiciado por essas raças tropicais, preguiçosas e imprevidentes, esses intelectuais, dos quais aqui trazemos alguns representantes mais destacados, aqueles ligados ao IHGB, se viam em meio à razão e à paixão. Havia problemas, esmiuçados e comprovados por cientistas e escritores de competência ilibada no Velho Mundo, mas havia também a esperança de uma civilização tropical.

E é justamente em relação aos indígenas que essas disputas entre as paixões tropicais e a razão europeia se mostravam mais intensas no IHGB. Ao contrário do negro, que, como vimos, era elemento importado, introduzido irresponsavelmente no país, o indígena já estava aqui, era conhecedor profundo destas terras e despertava paixões ao mesmo tempo em que despertava preocupações.

Nesse sentido, o indígena aparece como elemento dúbio dentro do IHGB, ao contrário da *Revue*, na qual sua imagem é basicamente negativa. E talvez nessas representações estejam a prova do quão importantes para o pensamento do Brasil eram os escritos vindos da Europa como um todo, nos quais a França tinha destaque. Por mais que a nação fosse importante, assim como o era a necessidade de despertar o orgulho em um povo carente de laços de união, as vozes do velho continente eram fortes demais para serem plenamente contestadas. Mesmo na defesa desses índios, ou do Brasil de uma maneira geral, as críticas

presentes na *Revue* também apareciam no IHGB, de maneira às vezes sutil e dissimulada, mas que acabavam por estar no âmago das ideias desses intelectuais, ainda que alguns tivessem o objetivo de subvertê-las.

Assim, os dizeres sobre os indígenas no IHGB também são duros, porque estavam permeados de todo o espírito ajuizante presente na Europa. Como nos trouxe Mary Louise Pratt, as categorizações dos humanos são explicitamente comparativas e estão inseridas dentro do contexto de “naturalizar” o mito da superioridade europeia. Não se trata apenas de discursos que vão de europeus para não europeus, mas também os de mundos urbanos sobre mundos não urbanos, discursos burgueses e letrados, sobre mundos não letrados e rurais...

Tudo isso, segundo Pratt, pode ser entendido como uma forma de desenhar o suposto atraso da América e legitimar intervenções da vanguarda capitalista a sociedades não capitalistas, carentes da exploração racionalizada trazida por europeus, seguindo o sentido daquilo que havíamos trabalhado quando mostramos as descrições do Brasil por parte dos viajantes da *Revue*. Tudo parecia levar à necessidade da Europa e seus europeus, e os quadros que os viajantes franceses revelaram pareciam apenas evidenciar isto: que eles eram melhores e essenciais para um futuro dito civilizado.

Dentro do discurso colonial, podemos encontrar a linguagem da missão civilizadora, na qual o europeu produz – para si mesmo – esses povos nativos como seres reduzidos e

incompletos, que sofrem com a incapacidade de se tornar o que os europeus já são ou de se transformar naquilo que os europeus pretendem que eles sejam³⁷⁸.

No caso do IHGB, podemos encontrar algo semelhante, pois também são discursos produzidos das cidades, das letras, da civilização, dos brancos, sobre o campo, os ignorantes, a barbárie e “pessoas de cor”. Trata-se de discursos produzidos por homens que creem ser representantes da cultura europeia, e o clima, a raça e suas diversas consequências negativas atuam como forma de rebaixar esses homens descritos perante os que os descrevem e os que leem esses relatos.

Assim, não é de se estranhar que discursos que inferiorizavam o indígena, mesmo ele sendo o símbolo da nacionalidade pelo menos para um grupo de autores, sejam bastante comuns nas revistas do IHGB. Assim, os indígenas são frequentemente relatados como bárbaros e selvagens, servindo como um elemento de atraso no desenvolvimento geral do país, e, numerosos que eram, mereciam a atenção daqueles interessados no futuro da nação:

As povoações gentias (...) são com effeito assas numerosas, e formam por isso um objecto seu, que não merece pequena attenção, e nem pouco reparo sua conservação dilatada em um estado bárbaro, tão prejudicial ao augmento geral desta colonia, como inutil áquelle progresso social, que pretendemos haver dos mesmos índios.³⁷⁹

Dessa maneira, no foco de uma noção que os colocavam no cerne de um problema, as críticas aos indígenas também são abundantes dentro do IHGB, apesar de certas nuances

³⁷⁸ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/SP: Edusc, 1999, p. 262.

³⁷⁹ RIBEIRO, Francisco de Paula. Memória sobre as nações gentias: que presentemente habitam o continente do Maranhão: analyse de algumas tribos mais conhecidas: processo de suas hostilidades sobre os habitantes: causas que lhes tem dificultado a redução, e o unico methodo que seriamente poderá realizal-as. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, tomo III, Rio de Janeiro: Typographia de L. dos Santos, 1841, p. 184.

positivas. E, nesse sentido, são inúmeros os relatos que trazem esses elementos sob um prisma da inferioridade, corroborando aquilo tudo de negativo que os franceses lançaram sobre eles. Como podemos ver abaixo, eles, dentro mesmo do Brasil, eram vistos como inferiores e preguiçosos demais para contribuir para o progresso da nação:

O índio era indolente e preguiçoso, porque a natureza, como mãe pouco providente que á força de extremos e caricias mal educa os seus filhos, tinha sido excessivamente prodiga para com elles. Carecia de pouco para viver, e esse pouco, a benignidade do clima, a fertilidade do terreno, lhes asseguravam em todos os tempos e em todos os lugares: tinham abundancia de caça, de pesca, de differentes fructos segundo as quadras do anno, de modo que, fazendo plantações, não carecia reservar colheita para alguma occurrencia imprevista. Que lhes importava o futuro? Viveriam seus filhos como elles.³⁸⁰

Ou ainda, no mesmo sentido:

Filhos³⁸¹ de uma raça para quem nada eram as privações dos gosos materiaes, são elles como seus paes [os índios tapuios]. (...). Tudo o que exige acção, iniciativa, exercicio continuado, persistencia, a energia moral por onde as fortes individualidades se affirmam, lhes é impossível.³⁸²

Exemplos como esses existem vários dentro das revistas do IHGB³⁸³, e trouxemos esses para mostrar o quanto a questão mesológica, herdada da Europa, é importante para definir as inferioridades, já que, como nos trouxe Bresciani, “o meio geográfico e climático assumia o centro da cena na fixação de quadros onde as diferentes raças esboçavam de

³⁸⁰ DIAS, A. Gonçalves. Brasil e Oceania, 1867, p. 140.

³⁸¹ Nesse caso, referindo-se à indolência dos filhos mestiços de brancos com os índios, que herdaram as características desses últimos ancestrais.

³⁸² VERISSIMO, José. As populações indígenas e mestiças da Amazonia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo L. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1987, p. 130.

³⁸³ Para se aprofundar mais no assunto e ter acesso a diversos outros exemplos que ressaltam essa ideia, consultar: BARBATO, 2011, pp. 114-154.

maneira afirmativa seus destinos diversos”³⁸⁴, o que significava que o clima e a raça caminhavam juntos na determinação dos lugares de cada um dos povos e das nações e confirmava a ideia de que estabelecer uma civilização, em um clima tão benevolente – mas tão prejudicial – como era o caso do clima tropical brasileiro, era uma tarefa um tanto quanto complicada, como já alertaram os viajantes da *Revue*.

Assim, uma série de ideias vindas da Europa e presentes nos escritos da *Revue* se perpetuam nesse século XIX brasileiro, mostrando que tudo aquilo que os franceses escreveram, difamando os trópicos e sua gente, não estava tão distante daquilo que as próprias gentes tropicais – com um pé na Europa, é verdade, pois estamos falando dos letrados do Brasil oitocentista – escreviam.

Mas dissemos que havia sentimentos em jogo ao se tratar dos indígenas, que as representações sobre esses seres tidos como inferiores, ao contrário dos negros, possuíam seus olhares positivos, defendidos por toda uma gama de autores, com destaque para os chamados *românticos*, que viam neles bondade e pureza, além da origem da nação brasileira. Como disse Manoel Almada, autor que publicou na Revista do IHGB: “Eu sei bem que os índios em geral, são preguiçosos, inconstantes e fracos; mas com esses defeitos, e ainda com outros, eles servem de muito, elles são nossos irmãos”³⁸⁵.

Dessa maneira, eles também eram defendidos no grêmio carioca, a preguiça era relativizada, recaindo sua culpa sobre o clima tropical brasileiro³⁸⁶ ou alegando-se que os

³⁸⁴ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 67.

³⁸⁵ ALMADA, Manoel da Gama Lobo de. Descrição relativa ao Rio Branco e seu território. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro: Typ. de S. Luiz dos Santos, 1861, p. 666.

³⁸⁶ DIAS, op. cit, p. 140.

indígenas possuíam concepções distintas de trabalho³⁸⁷, mas, mesmo na sua defesa, podemos encontrar que as ideias negativas que vimos sobre os indígenas, e sobre o Brasil de uma maneira geral, divulgadas na *Revue*, estavam fortes demais no pensamento social brasileiro, a ponto de não poderem passar despercebidas.

Mesmo um dos mais ardorosos defensores dos indígenas que o IHGB teve em seus quadros, Gonçalves Dias, não deixava escapar isso. Os índios, por mais amados que fossem, eram colocados em uma escala civilizacional e, se comparados com os brancos, sempre saíam perdendo. E essa inferioridade, nas palavras de um de seus maiores defensores do período, ganha peso ainda maior:

Os americanos, dotados de capacidade intelectual apenas inferior á da raça branca, sem privilégios de casta, sem religião, cuja destruição compromettesse interesses humanos, sem aristocracia, nem theocracia, mais facilmente se poderam ter convertido á fé do que os chins e turcos, povos que todavia considera como civilizados.³⁸⁸

Ou seja, por mais que o intuito fosse a defesa, a “capacidade intelectual apenas inferior á da raça branca” estava posta e consolidada, o que prova que mesmo as paixões mais intensas, para um homem de letras do século XIX, membro do IHGB, não poderiam vencer as teorias que vinham da Europa, e os discursos, dos quais nos falou Mary Louise Pratt, que naturalizam a superioridade europeia – aqui representada pela raça branca superior intelectualmente –, que vão se perpetuando.

³⁸⁷ “Dizem que são preguiçosos [os índios apinajés]. Que! Póde-se chamar preguiçoso a aquelle que trabalha para satisfazer as necessidades reaes e ficticias da vida? Poder-se-há qualificar como tal aquelle que, não conhecendo outra necessidade, senão a da conservação, trabalha para alimentar-se com o resultado do seu trabalho e defende-se quanto póde contra seus opressores? Não” (GOMES, Vicente Ferreira. Itinerario da cidade de Palma, em Goyaz, á cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins, e breve noticia do norte da província de Goyaz. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1862, p. 494).

³⁸⁸ DIAS, op. cit., p. 258.

E, nesse sentido, Gonçalves Dias ainda dá mostras de que acreditava na escala do progresso única que abarcava todos os povos³⁸⁹ e que foi divulgada inclusive na *Revue*, além de acreditar também na supremacia da raça mais forte sobre a mais fraca³⁹⁰, o que ressalta ainda mais a noção de que as ideias dos escritores da *Revue* e do IHGB partilhavam de um fundo comum, europeu e branco, que colocava o Brasil em um patamar inferior aos países europeus em uma escala de valores criada na Europa, da qual era muito difícil escapar, mesmo quando o intuito fosse criar a nação.

Dessa maneira, a Europa e tudo o que ela carrega consigo, seja seus hábitos, sua tecnologia, sua ciência, sua raça e tudo mais que ela possa representar, também se faziam necessários dentro do IHGB. Se a Europa era apresentada como a chance de redenção desses trópicos condenados pelos autores da *Revue*, no IHGB não era diferente.

Assim, o que queremos aqui é mostrar que as ideias presentes na *Revue*, que difamam o Brasil o tempo todo, são acreditadas, partilhadas e difundidas também por brasileiros, e, por mais que as intenções fossem distintas e o lugar e as circunstâncias permitissem recriações, há todo um fundo comum europeu que não pode ser negado.

Dessa forma, se os europeus – e principalmente os franceses, como temos defendido – diziam que a natureza brasileira era linda, os brasileiros também o diziam, se os europeus diziam que os negros e indígenas eram inferiores e por isso estavam fadados a serem subjugados pelos brancos mais fortes, os brasileiros também o diziam, e, se os europeus

³⁸⁹ O que fica evidente no trecho: “a comparação [entre americanos e polinésios] seria tanto mais fácil que por um lado haveria identidade de origem entre os *Tupys* e *Polynesios*; por outra, são os malaios inferiores áquelles e os pretos ficariam quase fóra de comparação, por lher serem inferiores, sendo que o de muitas partes como os *Australios*, estão no ultimo grão da escala da humanidade” (ibidem, p. 334).

³⁹⁰ O que fica evidente no trecho: “A experiencia mostra que a raça preta em contacto com outra qualquer se deixa sempre subjugar; o que é prova de incontestável inferioridade; de facto os *Australios* são muito inferiores aos *Guaranis*, tanto no physico como nas faculdades moraes e intellectuaes” (ibidem, pp. 394-395).

diziam que a Europa era necessária, esses homens do IHGB, letrados, membros de uma elite econômica e política, estudados na Europa, também o diziam.

Não queremos dizer aqui que os brasileiros simplesmente replicavam o que os franceses diziam. Como vimos, havia fatores e intenções que transformavam e reformulavam os discursos, no mais, os brasileiros não eram meros disseminadores de ideias europeias, pois, no século XIX, e no próprio IHGB, se combateram concepções que há séculos vinham sendo difundidas, com origens na Europa³⁹¹.

O que queremos ressaltar é que as noções ajuizantes partilhadas pelos escritores europeus, dos quais os franceses da *Revue des Deux Mondes* foram importantes vetores, não podem ser negadas no pensamento social brasileiro do século XIX. Elas estavam presentes, e, mesmo nas situações em que havia a necessidade de se combater esses pensamentos, como nos momentos de afloramento nacionalista, havia um fundo europeu que estava presente, como as comparações entre as representações sobre o Brasil presentes nas revistas do IHGB e na *Revue*. E mais, de todos esses europeus, que tanto julgavam esse

³⁹¹ Aqui falamos, por exemplo, das imagens difundidas dentro do IHGB, que mostravam o outro lado dos trópicos, evidenciando seus aspectos sombrios e difíceis, e como eles poderiam se mostrar desafiadores à vida humana, quebrando a ideia difundida há séculos de que os trópicos seriam um paraíso do leite e do mel, e que aqueles que sob ele viviam estavam fadados a ter uma vida fácil e de prazeres (BARBATO, Luis Fernando Tosta. O sertão do paraíso: trópicos quentes, secos e duros no paraíso tropical. *História Social*, n. 24, primeiro semestre de 2013); ou ainda dos médicos da Escola Tropicalista Baiana ou da Academia Imperial de Medicina, que quebraram velhos paradigmas europeus que colocavam as zonas tropicais como deletérias à saúde dos europeus, analisando os trópicos sob olhares positivos, no que se tratava das condições sanitárias (Cf. FRÓES, Maria Raquel de G. *A única ciência é a pátria: o discurso científico na construção do Brasil e do México (1770-1815)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. p. 11; EDLER, Flávio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, v. 1, n. 1 (jul-out. 1994) - Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2007, pp. 357-368).

país, os franceses eram daqueles que estavam mais presentes no pensamento social brasileiro oitocentista.

Saber se os letrados do IHGB se baseavam nos escritos da *Revue* ao escreverem seus artigos é algo difícil de afirmar, visto que eles raramente indicavam suas referências; no entanto, ao considerar o poder com que as letras francesas penetraram no Brasil do século XIX, o sucesso editorial da *Revue* no país, expresso nos seus números de vendas e ao levar em conta a repercussão que alguns de seus escritos tiveram no país e no próprio IHGB, não há como negar que a *Revue* representava um elemento importante de contato com esse mundo europeu tão admirado no século XIX. Considerando ainda as semelhanças nos discursos referentes aos trópicos brasileiros, em seu sentido *lato*, explorando tudo aquilo a eles relacionados, podemos vislumbrar que a *Revue* foi um elemento importante, servindo como uma sólida ponte entre os dois mundos.

Dessa maneira, é certo que os franceses da *Revue* foram importantes para a construção do pensamento social brasileiro no século XIX, inclusive podemos inferir que certas noções, presentes durante muitos anos na historiografia brasileira, foram lançadas na *Revue*. Talvez aquelas mais fortes e incisivas sejam as que dividem o Brasil em dois “Brasis”, que podem aqui ter percepções múltiplas, sendo as mais usuais as que o separam em um do Sul, mais distante do centro difusor da civilização que era a Europa, mas dicotomicamente mais civilizado, justamente pela maior aproximação com a Europa e seus europeus – e, assim, mais propenso ao progresso –, e outro, do Norte, mais próximo geograficamente da Europa, mas ainda muito distante do ideal de civilização que esses europeus pregavam, ou ainda outro do litoral ou das cidades, fazendo as vezes do Sul dito

anteriormente, mais civilizado, em oposição ao do sertão ou do campo, atrasado e distante da civilização.

Apesar de o trecho de Elisée Reclus já ter sido citado, vale a pena retomá-lo pela força de suas palavras, para iniciarmos a questão:

L'empire du Brésil se compose de deux, moitiés complètement distinctes, auxquelles le cap Saint-Roch sert de limite commune. Ce promontoire, qui brise les eaux du grand courant équatorial et le partage en deux fleuves maritimes s'écoulant en sens inverse, divise aussi le flot de la civilisation en deux courans inégaux. La partie méridionale du Brésil est la plus éloignée de l'Europe, et cependant c'est elle qui reçoit les voyageurs, les négocians, les émigrans, les marchandises, et subit l'influence de nos mœurs; c'est elle qui a vu s'élever les grandes villes, Pernambuco, Bahia, Rio-Janeiro, et se grouper presque toutes les populations brésiliennes plus ou moins civilisées. Bien que relativement plus près de l'Europe, la partie septentrionale de l'empire est au contraire presque déserte, et ses capitales, Ceara, Parahyba, Maranhão, ne sont que des villes de second ordre. La civilisation européenne s'y propage avec une extrême lenteur, et semble s'arrêter à l'entrée du magnifique estuaire où se déversent les eaux du Tocantins et de l'Amazone ; elle n'ose pénétrer dans cet immense bassin fluvial, le plus admirable et le plus important qui existe sur tout le pourtour du globe.³⁹²

A ver pelas palavras de Reclus, imagens que foram perpetradas durante muitos anos na historiografia brasileira, que dividem o Brasil em duas – ou mais – partes, uma civilizada e outras às margens da civilização, foram lançadas na *Revue*. O Norte *versus* o Sul, o Sertão *versus* o Litoral, o Campo *versus* a Cidade, enfim, esse ideal, de dividir o Brasil em duas partes antagônicas e dicotômicas, teria vida longa na historiografia do país, estando presente nas obras de uma série de consagrados autores brasileiros ou estrangeiros que escreveram sobre o País, como Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Silvio Romero, Graça Aranha, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu e Celso Furtado, por exemplo.

³⁹² RECLUS, 1862a, pp. 931-932.

Aparecem sempre o sertão, o norte, ou o campo como espaços antagônicos ao litoral, ao sul ou à cidade, uma vez que os últimos elementos representam a civilização e a modernidade à moda europeia, enquanto as outras representam o atraso e o primitivo, marcadas pelo abandono dessas regiões pela civilização, que não teve meios de avançar como ocorreu nas outras partes do Brasil.

E essa noção de divisão do Brasil em espaços distintos e dicotômicos é, além do texto de Reclus, bastante forte em outros artigos da *Revue*. No trecho abaixo, de Émile Adêt, fica mais uma vez clara essa divisão entre os corajosos habitantes do sul, oriundos dos primeiros colonos europeus que chegaram ao Brasil, e os habitantes do norte, indolentes pela sua própria posição geográfica – o que ressalta os preconceitos tropicais próprios dos oitocentos –, que são uma das causas para o progresso lento que a civilização europeia encontrava naquelas paragens:

La population du Brésil, — si même l'on y comprend les étrangers, les esclaves et les Indiens, — ne s'élève qu'à six millions d'ames disséminées sur une superficie de cent vingt-neuf mille deux cent quatre-vingt-quinze mètre géographiques carrés. Le portugais est la seule langue parlée d'une frontière à l'autre de l'empire. Cependant cette communauté de langage n'efface pas les différences notables que l'on remarque entre les divers élémens de la société, brésilienne. Au sud de Rio de Janeiro, on rencontre dans les provinces de Rio- Grande et de Saint-Paul des populations qui ont quelque peu hérité de l'esprit belliqueux des premiers colons européens. Ces populations passent pour les plus remuantes du Brésil. Au nord de la capitale, les habitans de la province de Minas rappellent les races courageuses de Rio-Grande ; énergiques et robustes, ils se consacrent à l'élève du bétail. Les Pernambucains sont d'humeur très mobile, doux, obligeans et serviables, mais susceptibles à l'excès sur point d'honneur, l'esprit révolutionnaire les domine et les égare trop souvent. Chez les peuples de Bahia et de Maranhão, plus voisins de la ligne équinoxiale, l'indolence du créole est compensée par d'heureuses facultés d'application qu'attestent des progrès lents, mais sûrs, dans l'ordre des travaux intellectuels. À Rio, toutes les nuances se mêlent, se confondent

un peu, et le caractère national y prévaut sur les différences provinciales.³⁹³

No trecho citado, fica mais uma vez clara a percepção de um Brasil dividido em dois, cabendo ao norte o papel do atraso no desenvolvimento do Brasil, como fica atestado ao tratar dos baianos e maranhenses, que, “mais próximos da linha equinocial”, acabavam por acarretar lentos progressos na ordem do trabalho intelectual. Aos poucos os franceses iam desenhando essa noção que ganharia força no Brasil, tanto do século XIX quanto do século XX, para não falarmos dos dias atuais.

E essas questões, que trazem o Sul do país como mais dotado das características para o desenvolvimento civilizacional, em contraposição ao norte, aparecem ainda de maneira mais sutil nos escritos da *Revue*, como nos elogios ao seu clima mais propenso ao assentamento dos europeus, o que o torna, assim, mais propenso ao progresso³⁹⁴ que se comparado ao norte do país, ou nos estranhamentos das visões que remetiam ao progresso encontradas em regiões do norte do Brasil, como foi o caso dos aumentos dos ganhos que Auguste Cochin vislumbrou no quente e seco Ceará³⁹⁵.

³⁹³ ADÊT, 1851, p. 1.083.

³⁹⁴ “On le voit, le Brésil serait un excellent terrain pour l’émigration européenne. Sans doute, les nègres, accoutumés au climat de l’Afrique, supportent plus facilement que les Européens la chaleur tropicale, c’est incontestable : les Européens ont cependant sur eux d’immenses avantages ; s’ils ne travaillent pas aussi longtemps au soleil, s’ils s’épuisent plus vite, ils ont, en compensation, plus d’ardeur et d’intelligence. Tout cet empire, du reste, n’est point resserré entre les tropiques. La province de Sainte-Catherine jouit d’un climat analogue à celui de l’Italie, et plus loin, vers le sud, on retrouve le ciel des contrées tempérées du nord de l’Europe. Il y aurait certes là de grandes fortunes à faire pour des capitalistes européens auxquels on concéderait des lots de terrain suffisants, et qui amèneraient sur les lieux des hommes intelligents, en état de profiter des progrès modernes de la mécanique et de la vapeur” (Ibidem, p. 1.102).

³⁹⁵ “Les provinces d’où les esclaves ont été emmenés vers le sud ont vu leurs produits augmenter; on peut citer Para, dont les exportations ne cessent pas de s’accroître, et surtout Ceará. Le président de cette province affirme, dans un rapport de 1866, que plus de 4,000 esclaves ont été vendus pour d’autres contrées de l’empire depuis 1851, et que les recettes de sa province ont quadruplé pendant la même période, bien que la capitale de Ceará soit située à 3 degrés au sud, et que la contrée soit ordinairement désolée par la chaleur et la sécheresse”

Dessa forma, vai se definindo entre os franceses a noção de que havia um Brasil do sul, habitável, pronto para receber os europeus e seu progresso, um lugar no qual a civilização ia se desenvolvendo, em contraposição a um norte, quente, pestilento e bárbaro, que, apesar de mais próximo da Europa, paradoxalmente se encontrava às margens da civilização, principalmente em virtude de seu clima, que dificultava a entrada do progresso vindo do Velho Continente:

Les régions de l'extrême sud, qui seules possèdent un climat tempéré, se trouvent un peu éloignées des côtes d'Europe, et à partir du capricorne, en remontant vers le nord, la nature semble accumuler à plaisir toutes les difficultés qui éloignent l'homme, forêts inaccessibles, rivières profondes, marécages empestés, fièvres mortelles, bêtes féroces....³⁹⁶

Dessa maneira, a partir dos exemplos que trouxemos, podemos ver que uma das ideias que marcaram a historiografia brasileira tem seu desenho iniciado na *Revue*, o sul civilizado se opõe ao norte atrasado e bárbaro, no qual a civilização europeia parecia não ter força para suplantar o clima tórrido demais e vencer os caracteres negativos que séculos de clima tropical implicaram em suas gentes, selvagens, primitivas e preguiçosas. Tal representação, como afirmamos há pouco, marcaria nosso pensamento social e o próprio *ethos* da formação da identidade nacional brasileira, marcada por essa dicotomia.

Como dissemos, essas visões ficaram marcadas na historiografia brasileira, sendo o “norte” do Brasil – que abarcava principalmente até a década de 1950, as regiões Norte e

(COCHIN, Auguste. L'abolition de l'esclavage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1871, p. 714).

³⁹⁶ D'ASSIER, Adolphe. Le mato virgem, scènes et souvenirs d'un Voyage au Brésil, 1864b, p. 583.

Nordeste da atual divisão territorial do Brasil de maneira quase indiferenciada –, uma região aquém do eixo de acumulação capitalista que se desenvolveria no centro-sul³⁹⁷.

Essa tese de um Brasil dividido, formado por dois polos distintos, sendo o norte marcado pelo atraso, seria mais bem delineada com o trabalho de Jacques Lambert, na década de 1950, que traz a questão do norte atrasado (ou o interior atrasado, do qual trataremos a seguir) como uma região que pouco recebeu das benesses estrangeiras, estando no seu isolamento – aqui principalmente em relação aos europeus, em uma ideia muito similar a dos viajantes da *Revue* que trouxemos – a origem para a condição tão díspar que distanciava o sul, desenvolvido e civilizado, do norte atrasado e inculto, mostrando o poder dessas representações lançadas ainda no século XIX, nas páginas da *Revue*:

[...] pequenas comunidades, esparsas pelo interior ou agrupadas perto da costa, em torno das fazendas coloniais, separadas umas das outras e todas isoladas do estrangeiro, resistiam à mudança da mesma forma que as comunidades campestres indígenas de outros países. No decorrer do longo período de isolamento colonial, formou-se uma cultura brasileira arcaica que conserva ainda a marca da escravidão e do século XVI, uma cultura que, com suas tradições e suas rotinas, mantém dentro do isolamento que ainda perdura a mesma estabilidade que as culturas indígenas da Ásia ou do Oriente Próximo. [...] Em contraste com essa cultura arcaica, principalmente, mas não exclusivamente rural, a atividade dos habitantes de São Paulo e, em seu redor da maior parte dos Estados do Sul, acarreta a formação de uma outra sociedade, muito mais móvel e evoluída, que, sendo a sociedade dominante do Sul, se projeta aos poucos por toda parte, sobretudo nas grandes cidades. O afluxo de imigrantes europeus, arrancados do seu meio de vida e trazendo novas técnicas e modos de vida, o desenvolvimento de novas formas de agricultura, a criação de uma grande indústria, a concentração de capitais nacionais e estrangeiros, o desenvolvimento dos transportes, tudo contribui para unir numerosas populações em uma vasta sociedade em constante evolução.³⁹⁸

³⁹⁷ VIEIRA, Rosa Maria. Celso Furtado – A Construção do Nordeste. *Relatório de Pesquisa - FGV-EAESP/GV*, n. 24, 2004a, p. 12.

³⁹⁸ LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis*. São Paulo: Nacional, 1978. p. 102. Poderíamos aqui, nesse mesmo sentido da divisão do Brasil em espaços dicotômicos, marcado pelo antagonismo Norte *versus* Sul – mas não só esse – os dizeres de Roger Bastide, outro que ajudou a confirmar essa noção: “Todos os contrastes de terra e vegetação, de raça e de etnias, de costumes e de estilos permanecem brasileiros. Todas as oposições de

Seguindo nesse mesmo sentido, de marcação do Brasil formado por duas partes distintas, a partir de 1950, com os estudos da CEPAL, que passaram a delimitar de maneira mais clara o Nordeste do norte do país, reforçaram essa tese. O nordeste, mesmo já distinto do norte amazônico, era tratado de uma maneira homogeneizante, marcada pelo atraso econômico e pelo anacronismo político-social, contrastando com a modernidade capitalista do centro-sul. Nos termos consagrados das teses cepalinas, nos “dois Brasis” antagônicos que se configuravam, cabia ao nordeste o polo atrasado, sendo a região vista como um empecilho ao projeto de construção de um Brasil moderno, o que pode ser entendido aqui como um país desenvolvido e industrializado, à maneira de seu polo de oposição, que era o centro-sul do país³⁹⁹.

Assim, Celso Furtado manteve essa divisão do Brasil em dois polos⁴⁰⁰, em seus estudos acerca do nordeste brasileiro, corroborando que esse norte inculto ainda possuía vida longa em nossa historiografia.

Assim percebemos que a noção de um sul distinto, justamente por sua civilização, tão presente em nossa historiografia, juntamente com uma série de outras representações, como

velocidade e lentidão não impedem que o tempo, que ora parece estagnar preguiçoso, ora se precipita para o futuro, seja sempre o mesmo tempo brasileiro. Até agora, foi focalizada a harmonização de contrários, água e fogo, açúcar e café, litoral e sertão, e verificou-se que as civilizações antagônicas, a do gaúcho no Sul e a do vaqueiro no Norte, a do fazendeiro e a do industrial, a do negro e a do imigrante, são antes complementares do que antagônicas. Mas há uma unidade mais profunda do que a da simples complementaridade entre elas; por toda parte, são encontrados os mesmos problemas fundamentais, impostos pelo meio geográfico ou herdados da história” (BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrates*. São Paulo: Difel, 1971, p. 232).

³⁹⁹ VIEIRA, Rosa Maria. Celso Furtado e o Nordeste no pré-64: reforme e ideologia. *Projeto História*, São Paulo, v. 29, tomo I, 2004b, p. 56.

⁴⁰⁰ Não há apenas uma obra na qual Furtado traz essa divisão, mas esse antagonismo entre sul e norte, aqui tomados em um sentido amplo, pode ser encontrado em uma série de obras e documentos elaborados pelo economista. Cf. FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961; FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974; FURTADO, Celso. *A Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.

observamos, pode ser encontrada já em meados do século XIX, nas páginas da *Revue*, ressaltando a força que as ideias francesas desempenharam não só no Brasil do século XIX, mas ainda em períodos mais alongados do século XX.

Outro ponto marcante e relacionado com a questão exposta acima, de um Brasil dicotomicamente dividido e evidenciado pelos viajantes, que acabou por ganhar vida longa em nossa própria representação sobre o País, foi a dualidade representada entre o interior do país e o litoral/cidades, servindo o primeiro como contraponto bárbaro e atrasado à civilização do segundo.

Nos relatos presentes na *Revue des Deux Mondes* sobre o Brasil, em geral ao interior cabia o lugar do atraso, justamente por ser a civilização europeia nele tão ausente, em virtude de seu isolamento e das distâncias aos grandes centros, esses sim, lugares nos quais essa tão cara civilização chegava com maior facilidade. Dessa maneira, os escritores da *Revue* também trouxeram a noção do interior do Brasil como o lugar do atraso, imagem que resultaria em impressões bastante fortes no decorrer dos anos no pensamento social brasileiro:

Il n'est pas facile d'acquérir une connaissance exacte et complète de l'état du Brésil. Pour étudier le pays et les habitants, ce n'est point assez d'un séjour, même prolongé, dans les principales villes : il faut s'enfoncer dans l'intérieur des terres, là où n'a pénétré qu'à demi l'influence européenne ; c'est là qu'on apprend à connaître la population, c'est là aussi qu'on se rend compte des obstacles nombreux et divers qui arrêtent dans cet empire le développement de la prospérité matérielle et de la civilisation.⁴⁰¹

A ver pelo trecho de Chavagnes, podemos notar essa noção de que era no interior que essa questão da penetração apenas superficial da civilização se mostrava mais problemática.

⁴⁰¹ CHAVAGNES, 1844b, p. 66.

Ao contrário das cidades, aonde, bem ou mal, a civilização chegava nos navios, nos livros e nas pessoas vindas do Velho Continente, o interior era marcado pelo atraso, e era nele que estavam os principais obstáculos para o desenvolvimento do Império brasileiro, e, nesse sentido, de colocar um interior atrasado e problemático, que dificultava o assentamento mais profundo da civilização europeia no Brasil, Chavagnes não é o único a mostrar essas mazelas; diversos outros viajantes seguiram na mesma direção, colocando essa vasta região do país no lugar que lhe cabia nos anais do pensamento social brasileiro do século XIX e início do século XX.

Castelnau ressalta as precariedades do interior do país, deixando claro que essas regiões não eram civilizadas, ao relatar as dificuldades que aqueles acostumados a elas encontrariam em suas andanças⁴⁰², que a barbárie que encontrou no interior do Brasil em suas viagens contrastava com civilização que encontrara na costa brasileira, salientando mais uma vez essa representação dicotômica que dividia o Brasil em duas imagens antagônicas:

Malheureusement, pendant que la civilisation se répand sur les côtes du Brésil, la barbarie s'empare de tout l'intérieur : les sauvages reprennent partout leur souveraineté primitive ; les plantations, les villages même sont attaqués et brûlés, et ceux des habitants qui échappent à ces massacres s'empressent de quitter des lieux où leur vie est continuellement en danger.⁴⁰³

Dessa maneira, dentro da *Revue* se desenha esse quadro que coloca o interior do Brasil como espaço antagônico ao litoral/cidades, lugar de atraso que representa os

⁴⁰² “Ceux qui n’ont parcouru que des régions civilisées, où il existe des moyens réguliers de transport, ne peuvent se faire une idée des difficultés qui entourent une expédition tentée dans l’intérieur du Brésil” (ibidem, p. 200).

⁴⁰³ Ibidem, p. 204.

verdadeiros desafios para um Brasil civilizado, visto que, se mesmo nessas regiões às quais as luzes da civilização chegavam, os problemas eram muitos, como observamos, no interior eles eram multiplicados. E ações mais enérgicas precisavam ser colocadas em prática, já que toda essa enorme região também era Brasil e também precisava ser integrada à civilização europeia que desembarcara no Novo Mundo.

Visto como lugar de um desconforto conflitante com a civilização⁴⁰⁴, habitado por pessoas ignorantes⁴⁰⁵ ou como palco da nova vida para os derrotados nas lutas entre as raças⁴⁰⁶, o interior é retratado quase sempre⁴⁰⁷ sob um viés de inferioridade, marcado pela distância da civilização.

⁴⁰⁴ Como fica claro no trecho, o autor diz que a ciência pode levá-lo ao interior do país, onde os hábitos e costumes europeus já não podem ser encontrados: “Du reste nous ne voyageons pas autrement. C’est grâce à cette bienveillance brésilienne, si attentive, et si courtoise, qu’une exploration d’artiste devient possible dans ces contrées reculées. Le voyageur va de fazenda en fazenda, chevauchant à petites journées, trouvant chaque jour de nouveaux sujets d’étude, les soins les plus sympathiques et les plus désintéressés, souvent même le confort et les habitudes d’Europe ; mais si, poussé par le démon de la science, il s’enfonce dans les forêts de l’intérieur” (D’ASSIER, Adolphe. *Le mato virgem, scènes et souvenirs d’un Voyage au Brésil*, 1864b, p. 550).

⁴⁰⁵ “Le vrai remède aune telle situation serait dans un meilleur régime d’enseignement, qui fait malheureusement défaut. Si Rio-Janeiro, Bahia, Pernambuco, São-Paulo ont depuis quelques années des cours de droit et de médecine, il faut bien ajouter que la population de l’intérieur est en proie à l’ignorance la plus déplorable” (D’ASSIER, Adolphe. *Le Brésil et la société brésilienne. La cidade*. 1863a, p. 87).

⁴⁰⁶ “L’Indien de la côte orientale est entièrement réfractaire à la civilisation. Comme le jaguar, il recule dans le désert à mesure que la hache européenne pénètre dans ses forêts” (D’ASSIER, Adolphe. *Le Brésil et la société brésilienne. Le rancho*, 1863c, p. 555).

⁴⁰⁷ Falamos isso porque há alguns pouquíssimos elogios a toda essa parte do Brasil na *Revue*, como, por exemplo, nos dizeres positivos de Saint-Hilaire, que traz o interior como magnífico e incompreendido pelos viajantes europeus, sendo que também era lugar de gentes laboriosas: “Mais ces diverses relations [de Thevet, Hans Staden, Abeville, entre outros que descreveram o Brasil e suas gentes] ne décrivaient que le littoral; les magnificences de l’intérieur restaient complètement inconnues, et cependant des hommes hardis commençaient à remonter les fleuves, à visiter les solitudes imposantes du désert” (SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Tableau de dernières révolutions du Brésil. Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, V. III-IV, 1831, p. 408); ou ainda: “Cependant l’intérieur du Brésil avait vu se développer une laborieuse population; des cités florissantes s’y étaient élevées, et, chose incroyable! l’intérieur était moins connu à l’Europe que les villes de l’Inde ou de la Chine, sur lesquelles les missionnaires donnaient du moins, de temps à autre, quelques renseignements. L’ignorance était si complète dans tout ce qui avait rapport à cette immense partie du Nouveau-Monde, que les géographes oubliaient quelquefois de parler de la province du Mato-Grosso, et le Mato-Grosso est plus vaste que la Germanie tout entière!” (ibidem, p. 410).

Dentro desse imenso país, toda essa imensa área representava o inculto e o primitivo e era onde os triunfos da civilização se mostravam mais timidamente:

Cette excursion sur l'Araguaïl nous avait offert comme un résumé des fatigues et des dangers de toute espèce qui attendent le voyageur sur les fleuves inexplorés et dans les forêts vierges du Brésil. Nous avons pu nous convaincre que l'absence presque totale de voies de communication est le plus grand obstacle qui s'oppose aux progrès de la civilisation dans ces contrées lointaines. Malheureusement trop peu d'efforts ont été tentés jusqu'à ce jour pour surmonter cet obstacle, et quelques incidents de notre excursion sur l'Araguaïl ont assez prouvé quelle est l'insouciance des Brésiliens pour ce qui touche aux éléments les plus essentiels de la prospérité d'un grand pays. Il serait à désirer que, prenant exemple sur les voyageurs européens, les Brésiliens se décidassent enfin à étudier sérieusement le vaste domaine qu'ils partagent encore avec la barbarie. Ce n'est pas assez d'exploiter, comme ils le font, quelques parties d'un immense territoire : il faut établir des relations suivies et fécondes entre ces diverses régions, séparées jusqu'à ce jour par des forêts et des plaines incultes. Aujourd'hui, nous l'avons dit, c'est pour le naturaliste et le poète que le Brésil a surtout des charmes ; c'est la nature inculte qu'on y vient étudier. Il serait temps qu'on y pût admirer aussi l'action bienfaisante de l'industrie, du travail, et le triomphe complet de la civilisation.⁴⁰⁸

E imagens como a vista acima, na qual o interior do Brasil se mostrava apenas como natureza, o que resultava no interesse apenas por parte dos naturalistas, não como lugar da indústria, do trabalho e da própria civilização, ganharam vida longa em nossa historiografia, ressaltando mais uma vez a importância que essas dualidades retratadas pelos viajantes da *Revue* tiveram em nosso pensamento social, mostrando, mais uma vez, o papel fundamental das representações lançadas pelos viajantes franceses nas próprias formulações das representações sobre o Brasil, reforçadas pelos brasileiros.

E nessa imagem se via a nação brasileira sob a ótica de uma conquista territorial incompleta, na qual focos de civilização e progresso conviviam com imensos vazios demográficos, evidenciando a existência de dois “Brasis” dentro do Brasil: um como lugar

⁴⁰⁸ CASTELNAU, 1848, p. 223.

de uma civilização imperfeita que ia se assentando, e outro como lugar da barbárie e do abandono. Como nos trouxe Sena, “a imaginação social brasileira e nossa própria experiência de brasilidade tem-se construído, pelo menos desde o século XIX, em torno da imagem e do sentimento de que o Brasil é um país dual”⁴⁰⁹, sendo essas dualidades representadas nas mais diversas nuances, dentre as quais uma das mais fortes era a de interior/sertão. Vale aqui ressaltar a importância da *Revue* na formação dessas representações.

Dentro dessa *cartografia imaginária* do Brasil, a comparação foi forjando e definindo hierarquias e classificações, sendo essa ambivalência uma das tônicas mais importantes da nação brasileira em finais do século XIX e inícios do século XX, representadas muito exemplarmente n’*Os Sertões* de Euclides da Cunha, que retratava as mazelas de um povo inferior geneticamente e abandonado à sua própria sorte, cabendo ao governo brasileiro – seja monárquico, seja republicano – a árdua tarefa de levar as luzes a esse povo⁴¹⁰, estando aí um de seus mais difíceis desafios, nessa busca por uma nação civilizada.

Assim, podemos observar que os franceses, dentro de um pensamento de origem europeia, como um todo, foram elementos importantes para a formação do próprio pensamento social brasileiro, visto que algumas das representações por eles difundidas, e vale ressaltar, de grande impacto no cenário nacional oitocentista, como vislumbramos no

⁴⁰⁹ SENA, Custódia S. *Interpretações dualísticas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003, p. 1.

⁴¹⁰ Podemos citar aqui a missão comandada pelo Marechal Rondon, durante o governo de Afonso Penna, para instalar linhas telegráficas que interligassem o Brasil ao seu interior, ou mesmo a construção de Brasília, já em meados do século XX, o que ressalta essa noção de uma eterna missão de o Brasil olhar para o seu interior, para integrá-lo final e efetivamente à nação.

decorrer do trabalho, acabaram servindo como alguns dos alicerces sobre os quais se consolidou.

As visões que traziam um Brasil lindo e rico por sua natureza, mas bárbaro e rude, habitado por povos inferiores e ainda muito distantes daquilo que era um ideal de civilização, tão disseminadas nos escritos franceses, também acabaram por ter vida longa nos escritos brasileiros. Mesmo aqueles primeiros escritores preocupados em criar uma identidade nacional para o Brasil, que deveria trazer a jovem nação americana como única e motivo de orgulho para o seu povo, não deixaram de se preocupar sobre o nefasto quadro social, de origem mesológica e racial, que os franceses descreveram em suas observações *in loco* no Brasil do século XIX.

Assim, podemos afirmar que os escritos franceses estão na base do pensamento social brasileiro oitocentista, seja no momento da definição das hierarquias, as quais, por mais que houvesse paixões em contestá-las por parte dos brasileiros, estavam demais arraigadas para serem negadas, seja no momento da própria construção imaginária do Brasil, dividindo-o em dualidades contrastantes, tanto no sentido norte *versus* sul quanto no sentido cidade *versus* campo ou litoral *versus* interior, sendo uma delas sempre colocada como espaço da civilização e do progresso que contrasta com os espaços do primitivo e do atraso. Categorias essas que marcariam de modo incontestado a historiografia brasileira, desde o século XIX até períodos avançados do século XX, e que ainda não deixam de ter sua força nas representações acerca Brasil, mesmo nos dias de hoje.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi mostrar como o Brasil foi representado na *Revue des Deux Mondes* entre os anos de 1829 e 1877, principalmente no que toca à sua condição tropical – questão particularmente forte nos tempos do recorte temporal de nossa pesquisa. Mediante análise dos escritos publicados nesse importante periódico francês do século XIX, pudemos observar como um país de clima tropical e mestiço, como era o caso do Brasil que os viajantes estrangeiros encontraram, era observado sob a ótica de um outro vindo do que na época era considerado como um dos principais centros difusores da civilização. Por meio da leitura desses textos, pudemos perceber toda uma gama de representações que justificavam hierarquias e intervenções, ressaltando a necessidade de um modelo de civilização que somente a Europa, na qual a França se destacava, podia representar.

Assim, começamos a análise daquilo que os trópicos brasileiros representaram nos escritos franceses, e a notar pelas impressões positivas que os textos também carregavam, poderíamos afirmar que as representações sobre os trópicos não eram de todo negativas. Em praticamente todos os textos franceses sobre o Brasil publicados na *Revue*, as belezas e riquezas naturais do país estão presentes e são recorrentes, e as belas paisagens, as florestas imensas, a riqueza da fauna e da flora, a fertilidade, a riqueza de recursos naturais e as sensações que os trópicos ofereciam surgem a todo momento nesses escritos, que ressaltam que, de fato, aos olhos daqueles viajantes vindos de uma Europa fria e de uma natureza há séculos explorada, a natureza tropical brasileira era objeto que chamava atenção, sendo essas experiências e impressões relatadas, de forma ou de outra, genuínas.

No entanto, uma análise mais apurada desses escritos franceses mostra que, mesmo nesse rol de elogios recorrentes, havia muito do que o século XIX, com toda a sua ciência hierarquizante e excludente, guardava. Os trópicos brasileiros foram retratados como belos e ricos, no entanto, mesmo nesses momentos de êxtase e elogio, pudemos observar, aqui de uma maneira muito mais velada, que os trópicos eram em si distintos da Europa de onde os viajantes vinham, e ser distinto da Europa, principalmente naquele momento da história, não era algo positivo. A beleza tropical marcaria muito mais uma inferioridade que uma vantagem, visto que ela era o principal exemplo – aqui enquadraremos também os quadros populacionais, frutos diretos dessa natureza – que marcaria que, de fato, o Brasil não era a Europa, razão pela qual estaria fadado, com todo o seu calor, umidade e facilidades tropicais, a ocupar um lugar secundário frente àqueles vindos das frias e desafiadoras terras do norte do globo.

Essa natureza elogiosa então representaria também o fracasso civilizacional que um povo vivente naquelas condições, ou seja, em meio às doçuras tropicais, deveria enfrentar na história, já que marcava que, definitivamente, o Brasil não era a Europa, a começar pela questão mesológica, que estava na base da formação de todo e qualquer povo, o que justificava intervenções – mesmo que indiretas –, no sentido de levar a civilização e o progresso a esses povos tropicais.

A partir daí, as impressões presentes sobre o Brasil na *Revue* podem ser analisadas sob um outro prisma, marcado pela condenação e pela inferioridade, embasado por conceitos muito sólidos, que fomentavam preconceitos recorrentes. Isso porque, por mais que fosse elogiada, a natureza tropical brasileira estava sendo descrita e analisada sob os bastiões da ciência daquele tempo, que atestava de maneira muito contundente as suas

ações nefastas sobre o desenvolvimento civilizacional, caso no qual menos era mais, porque, quanto mais desafiadora fosse uma natureza para o seu povo, melhor seria para ele galgar posições na linha do progresso que unia todos os povos.

E havia uma série de grandes escritores que embasavam isso, como Montesquieu, Thomas Buckle, o abade Raynal e o conde de Buffon, nomes de peso que permeavam esses escritos franceses oitocentistas. Assim, o Brasil, em toda sua beleza, foi, de uma maneira geral, representado negativamente na *Revue*, condenado que era por sua própria condição tropical. Os quadros sociais, econômicos e políticos que os franceses encontrariam nessas terras quentes, úmidas e generosas não poderiam ser muito alentadores. E isso pôde ser constatado nos escritos franceses sobre o Brasil na *Revue*.

A passagem dos elogios à desolação não se dá de maneira lenta ou gradual, mas ocorre de maneira quase automática nos escritos da *Revue*, pois, por mais queoubessem retratos positivos sobre as cenas tropicais na revista, logo as análises difamatórias passavam a ganhar corpo nos escritos da *Revue*, como pudemos observar.

Se os textos traziam imagens positivas sobre a condição tropical brasileira, as imagens negativas, que eram muito mais incisivas e recorrentes, pois estavam presentes em praticamente tudo o que não fosse relacionado diretamente à natureza brasileira, também estavam presentes quando suas gentes eram observadas e descritas como preguiçosas e pouco afeitas à civilização, quando sua agricultura era vista como prozaica e pouco produtiva, quando seu interior era descrito como bárbaro e selvagem, quando suas estadias eram descritas como desconfortáveis, quando suas estradas eram descritas como ruins, quando sua economia era descrita como ineficiente, quando a educação de seu povo era descrita como insuficiente ou quando seus quadros políticos se mostravam incapazes de,

sozinhos, levar as Luzes àquele lugar tão rico e gigante mas imerso em inferioridades e desvantagens.

Ou seja, as críticas sobre o Brasil ocupam a maior parte dos relatos de viagens desses franceses e ressaltam o lugar inferior que o Brasil ocupava nesse século XIX em relação aos países europeus. As belezas tropicais, por mais presentes e importantes que fossem, não resistiam a um olhar mais apurado ou a uma estadia mais longa daqueles que vinham do suposto centro da civilização, dispostos a tudo perceber e contribuir assim para o desenvolvimento das nações do globo.

Nesse caso, quando as críticas suplantam os elogios, o homem brasileiro, tropical por excelência, ganha destaque nas páginas da *Revue*, pois, fruto da raça e do ambiente, é retratado como um dos empecilhos para o desenvolvimento do país e como o ponto no qual o Governo Imperial deveria olhar com mais atenção e operar as mudanças mais profundas, sendo estas de ordem educacional ou imigratória, pois, da maneira como estavam dadas, aos olhos daqueles franceses, na maior parte racistas em sua essência, as consequências seriam bastante problemáticas.

É nesse momento que raça e clima convergem, na construção das representações condenatórias vindas da Europa. Negros e indígenas, povos forjados sob os calores da África e da América, guardavam consigo uma série de características que iam na contramão do progresso, o que não passou incólume pelos olhos franceses, e acabaram por ajudar a criar toda uma representação negativa do Brasil, marcada pela inferioridade, que tomou lugar nos escritos da *Revue*.

No decorrer das páginas dedicadas ao Brasil no periódico francês, notamos que, no que dependesse da população brasileira que encontraram, o Brasil estava condenado a

sempre ser inferior, pelo menos enquanto os negros, índios e mestiços – estes últimos menos criticados, pois ainda guardavam o sangue nobre europeu – dominassem o cenário nacional e, com sua preguiça, luxúria e imprevidência exacerbadas, colocassem o Brasil nos patamares inferiores da linha evolutiva que unia todos os povos nesses tempos.

Dessa maneira, frente a esse quadro temerário, no qual gentes inferiores dominavam um palco também inferior, que era esse país tropical, os hábitos europeus, presentes no cerne da dita civilização, começam a ganhar destaque, servindo como espécies de provas de que aqueles franceses falavam de um posto superior e estavam aptos a descrever e a julgar aqueles primitivos povos, hábitos e tudo mais que encontraram. Afinal, estavam lidando na maior parte das vezes com o bárbaro, com o selvagem, que não mereciam muito apreço.

Nesse sentido, a Europa e seus europeus surgem na *Revue* como verdadeiras respostas ao iminente fracasso civilizacional que os viajantes europeus encontraram no Brasil. As férteis terras brasileiras poderiam ser mais bem aproveitadas se braços laboriosos e mentes astutas, vindos da Europa, como não poderia ser diferente, entrassem em ação e aplicassem o que as benesses da modernidade proviam àqueles mais aptos.

A Europa surge então como a expectativa de futuro em uma sociedade marcada pelo atraso. Com esse discurso, os viajantes franceses buscavam mostrar que eles – os europeus – eram necessários demais para serem deixados de lado, visto que estava com eles a chave do progresso material e social de que o Brasil tanto necessitava. E, frente às descrições tenebrosas que os franceses lançaram sobre o Brasil, tudo isso embasado pela credibilidade do lugar de onde vinham, os viajantes ajudaram a construir um quadro no qual eles pareciam realmente necessários.

Dessa maneira, pudemos notar que dentro da *Revue des Deux Mondes* o Brasil foi descrito de uma maneira geral como problemático, e as representações dominantes eram basicamente negativas. Foi tratado como o outro, dotado de uma série de diferenças inferiorizantes, que estavam presentes nas mais diversas questões, como notamos, estando essa diferença marcada mesmo onde ela parecia menos interessada, como nos elogios às belezas tropicais brasileiras.

Assim, podemos concluir que, dentro da *Revue*, os franceses trouxeram representações que ajudaram a corroborar a ótica de dominação própria do século XIX, marcada por uma missão civilizatória do homem branco. Nesse sentido, de acordo com os escritos da *Revue*, o Brasil era tão diferente e possuía tantos problemas – mesmo havendo certas “ilhas” de civilização –, que a aceitação da Europa e de seus costumes eram mais que naturais.

A ver pelas descrições presentes nas páginas do periódico francês, consciente ou inconscientemente, os viajantes da *Revue*, através de seus relatos de viagem, ajudaram a naturalizar o fardo do homem branco no Brasil e contribuíram para uma autoimagem baseada na inferioridade em relação aos padrões europeus e numa eterna busca por esse ideal, que marcaria para sempre a história do pensamento social brasileiro e da própria identidade nacional brasileira.

Isso pode ser notado ao compararmos os escritos presentes na *Revue* aos escritos presentes nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB, pois, por mais que houvessem diferenças, objetivos e paixões distintas envolvidas, o que vemos nos escritos do IHGB muitas vezes não está muito distante do quadro desalentador que os franceses descreveram na *Revue*.

Mesmo os membros do IHGB estando engajados na missão patriótica de construir uma identidade nacional para o Brasil e, portanto, estando mais dispostos a enxergarem o lado positivo das coisas, os retratos trazidos dentro da revista brasileira também apontam para os mesmos sentidos daqueles indicados pela revista francesa: o Brasil era apresentado como problemático e carente de civilização e deveria buscar na Europa a chave da mudança, aperfeiçoando suas gentes, seus hábitos e suas formas de governo, ressaltando também que, mesmo entre os brasileiros, havia a noção de que a Europa era necessária demais para ser deixada de lado.

Dessa maneira, surgem o indígena e o negro também como inferiorizados – este último a ponto de nem merecer a devida atenção de tão insignificante que era para a nação –, além do próprio clima tropical, considerado como formador de gentes fracas também entre os brasileiros do IHGB. Além disso, várias outras deformidades presentes no Brasil, à maneira da *Revue*, também são ressaltadas nos escritos produzidos pelos intelectuais do grêmio carioca, que não deixaram de reparar nos hábitos primitivos dos habitantes do interior ou nas dicotomias existentes entre categorias distintas e antagônicas, como as explicitadas quando cidades eram comparadas ao campo, o norte do país à porção sul, ou o litoral ao interior.

Nesse sentido, os franceses da *Revue* ajudaram a construir toda uma gama de representações sobre o Brasil, que perdurariam durante muitos anos em nossa historiografia – e que, não seria levandade afirmar, perduram até hoje.

Dentre essas representações que colocam o Brasil como problemático em vários aspectos e, portanto, inferior aos países europeus, que podem ser encontradas na *Revue* e que marcaram nosso pensamento social, além das diversas outras que poderiam aqui ser

elencadas, como os efeitos deletérios do clima, o problema racial ou a questão da civilização imperfeita que aqui ia se formando, merece destaque a questão das dicotomias.

Os escritores da *Revue* estão entre os primeiros que repararam nas diferenças entre o norte e o sul do Brasil, ou entre o sertão e o litoral, e que marcaram os primeiros como lugares da barbárie e do atraso, em oposição aos segundos, lugares aos quais, bem ou mal, a civilização aos poucos chegava.

Essas representações presentes na *Revue*, e lançadas ainda no século XIX, ganharam muito destaque no cenário intelectual brasileiro, estando no cerne de uma série de análises sobre o País, considerado como lugar dos contrastes e das diferenças, que impediam que o Brasil fosse uma nação completamente formada, já que o civilizado teria que conviver com o selvagem a todo momento, o rico, com o pobre, o culto, com o inculto, o progresso, com o atraso, dificultando uma integração nacional de fato.

Assim, podemos concluir também que as representações sobre o Brasil lançadas pelos viajantes da *Revue* foram importantes não somente para delimitar o lugar do país dentro de uma visão europeia, mas também para delimitar o lugar do país dentro das próprias representações brasileiras, que também viam um Brasil dividido e cheio de problemas.

Portanto, terminamos este trabalho ressaltando que a *Revue des Deux Mondes* foi um periódico muito importante para a formação do pensamento social brasileiro, pois, além de muito presente e respeitado no país, ajudou a construir algumas das bases das representações brasileiras, que marcariam para sempre a nossa historiografia e nossa própria identidade: um país lindo por natureza, mas habitado por gentes problemáticas, mais afeitas à preguiça que ao trabalho, dividido em sua essência e inconcluso em sua

própria identidade nacional, que deveria ter consciência de que não era Europa para não deixar de buscar nela a tão sonhada civilização.

Fontes e Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elisabeth Cary. *Uma viagem ao Brasil (1865-1866)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1838.

ANTELO, Raúl. *As Flores do Mal: sintoma e saber antimodernos*. *Alea*, v. 9, n. 1, 2007.

ARNOLD, David. *La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultura y la expansión de Europa*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2000.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru: EDUSC, 2000.

ARTHMAR, Rogério. Voltaire e a visão iluminista do progresso. *História Unisinos*, v. 16, n. 3, set./dez. 2012.

ATINKSON, Geoffroy. *Les nouveaux horizons de la Renaissance française*. Genève: Slatkine, 1969.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

BAJON, Michel P. Une expédition méconnue en Amérique du Sud: La misión Castelnau, 1843-1847. In: LAISSUS, Yves (orgs.). *Les naturalistes français en Amérique du Sud. XVIe. – XXIe. Siècles*. Paris: CTHC, 2005.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. Natureza, Ciência e Progresso: A natureza brasileira no debate letrado do IHGB (1839-1845). *Aedos – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, v. 2, n. 3, 2009a.

_____. Os perigos do paraíso: a visão trágica da natureza brasileira no século XIX. In: *Anais do V Encontro de História da Arte – Unicamp*. Campinas/SP, 2009b.

_____. Da casa-grande ao mucambo: Gilberto Freyre e as origens do caráter nacional brasileiro. *Revista de História*, v. 2, n. 1, 2010.

_____. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2011.

_____. O sertão do paraíso: trópicos quentes, secos e duros no paraíso tropical. *História Social*, n. 24, primeiro semestre de 2013.

_____. A construção da identidade nacional brasileira: necessidade e contexto. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 8, n. 15 – UFGD – Dourados, jan./jun. 2014a.

_____. A raça em revista: um guia de artigos comentados sobre a questão racial nas revistas do IHGB (1870-1902)”. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, v. 5, n. 1, jan./jul. 2014b.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrates*. São Paulo: Difel, 1971.

BASTOS, José Timóteo da Silva Bastos. *História da Censura Intelectual em Portugal*. Lisboa: Moraes Editores, 1983.

BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d'O Brasil dos viajantes”. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, jul./ago., 1996.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.) *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOTREL, Jean-François. Impressos sem fronteiras no século XIX (França/Espanha/América Latina). In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Identidades Inconclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugar comum. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins & NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

CALLARI, Cláudia Regina. Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção de Tiradente”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, v. 21, n. 40, 2001.

CAMARGO, Kátia Aily Franco de. A Revista como Fonte de Pesquisa. *Educação: Teoria e Prática*, v. 13, n. 24, jan./jun. 2005.

_____. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal-RN: EDUFRN – Editora da URFN, 2007.

_____. Leitores e questões identitárias no Brasil oitocentista. *Revista Porto*, v. 1, n. 2, 2012.

CANELAS, Letícia Gregório. *Franceses ‘Quarant-Huitards’ no Império dos Trópicos (1848-1862)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP:[s.n.], 2007.

CAPARELLI, André. Identidade e alteridade Nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

CARELLI, Mario. *Brasil-França: cinco séculos de sedução/cinq siècles de séduction – France-Brésil*. Rio de Janeiro: Espaço em Tempo, 1989.

CARULA, Karoline. *As conferências populares da glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de

Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2007.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CID, Maria Rosa Lopez. *O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção*: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, 2004.

COSTA, Emilia Viotti da. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, n.142-143, 2000.

COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Élide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e Trajetória Intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Imagens de índios do Brasil: O Século XVI. *Estudos Avançados*, v. 4, n. 10, 1990

DANTAS, Luiz. O Segredo dos Pinheiros. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 23, 1981.

_____. Letras brasileiras na *Revue des Deux Mondes*. In: NITRINI, Sandra (org.). *Aquém e além mar: relações culturais – Brasil e França*. São Paulo: Hucitec, 2000.

DE FILIPPI, Filippo. *L'Uomo e le Scimie*. Milano: G. Daeli, 1864.

DEAN, Warren. *A Ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

DECCA, Edgar Salvadori de. Cidadão, mostre-me a identidade!. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 22, n. 58, 2002a.

_____. Tal pai, qual filho? Narrativas histórico-literárias da identidade nacional. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, n. 24, 2002b.

DUARTE, Regina Horta. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n. 51, jan./jun, 2006.

DUMONT, Juliette. Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses do Brasil no início do século XIX. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

DUPAS, Gilberto. O mito do progresso. *Novos Estudos*, n. 77, mar. 2007.

EDLER, Flávio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciência, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, v. 1, n. 1, jul./out. (1994), 2007.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

D'EVREUX, Yves. *Voyage au Nord du Brésil fait en 1613 et 1614*. Paris: Payol, 1985.

FERREIRA, Marie-Jo. Testemunho da presença intelectual brasileira na França: a Revue Du Monde Latin e o Brasil (1883-1893). In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Élide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003.

FRANÇA, Eduardo d'Oliveira. O Poder Real em Portugal e as origens do absolutismo. *História da Civilização Antiga e Medieval*, v. 6, boletim LXVIII, São Paulo: FFCLCH-USP, 1946.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Schimidt Editor, 1936.

_____. *O mundo que o português criou*: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

FRÓES, Maria Raquel de G. *A única ciência é a pátria*: o discurso científico na construção do Brasil e do México (1770-1815). Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FUJIMOTO, Juliana. *Guerra e antropofagia em Jean de Léry e Claude D'Abbeville*: dos fragmentos míticos ao código compartilhado. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FURTADO, Celso. *A operação nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.

_____. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

_____. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GALLO, Ivone Cecília D'Avila. *A aurora do socialismo*: fourierismo e o falanstério do Saí (1839-1850). Campinas, SP: [s.n.], 2002.

GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des Races Humaines*. (1ª. ed. 1854). Paris: Firmin-Didot & Cie. 1940.

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais*: o exemplo da imprensa na França e no Brasil. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Edusp, 2012.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 388, 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos históricos*, n. 1, 1988.

GUIMARÃES, Valéria. Os *fait divers* na Imprensa do Brasil e da França. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

HAECKEL, Ernst. *Generelle morphologie der organismen*. Berlim: G. Reimer, 1866.

HALL, Stuart. Codage/Décodage. *Reseaux*, n. 68, 1994.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.

HUE, Sheila Moura. *Primeiras Cartas do Brasil (1551 – 1555)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JOURDIN, Michel Mollat du. L'altérité, découverte des découvertes. *Voyager à la Renaissance*. (Actes du colloque, Tours). Paris: Maisonneuve et Larose, jun./jul. 1987.

KALIFA, Dominique. *La culture de masse en France*. T. I. 1860-1930. Paris: La Découverte, 2001.

KEULLER, Adriana T.A. Martins. Retrato do Brasil: uma análise da tristeza pradiana. In: COSTA, Ricardo; PEREIRA, Valter Pires (orgs.). *História: Revista do Departamento de História da UFES*. Vitória: EDUFES, 2001.

KURY, Lorelai. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, 2001.

_____. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v. 11 (suplemento 1), 2004.

LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis*. São Paulo: Nacional, 1978.

LANGER, Johni. *Ruínas e mito: a arqueologia no Brasil Império*. Tese (Doutorado) – Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2000.

LE GOFF, Jacques. O ocidente medieval e o Oceano Índico: um horizonte onírico. In: LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

LEITE. Miriam L. Moreira. Naturalistas viajantes. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. I, n. 2, nov. 1994-fev. 1995.

LESSA, Mônica Leite; SUPPO, Hugo Rogélio. A emigração proibida: o caso França-Brasil entre 1875 e 1908. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

LOUÉ, Thomas. *La Revue des Deux Mondes de Buloz à Brunnetière*. De la belle époque de la Revue à la Revue de la Belle Époque. França: Atelier National de Reproduction de Thèses, 1998.

_____. Une révolte culturelle: l'entrée en catholicisme de la Revue des Deux Mondes (1895-1906). *Cahiers d'histoire, Revue d'histoire critique*, n. 87, 2002.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

MARCO, Nélío. *O que é darwinismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

_____. Presença imigrante francesa no Brasil: entre visões do paraíso e mercados de trabalho. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800 – 1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAZOWER, Mark. *Salônica: cidade de fantasmas – cristãos, judeus e muçulmanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MEDEIROS, Camylla Lima de. A obra folhetinesca de Visconde de Taunay: o olhar francês de um romancista brasileiro. *Anais da XVIII Semana de Humanidades*, Natal/RN, 2010.

MELLO, Jefferson Agostini. Um espaço-corpo fraturado: as Ilhas Malvinas na *Revue des Deux Mondes*. *Revista Landa*, v. 2, n. 1, 2013.

MELLO E SOUZA, Laura de. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

MENEZES, Lená Medeiro. Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanack Laemmert (1844-1861). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 423, 2004.

MONTAIGNE, Michel de. *Les Essais*. Vol. 1. Paris: Garnier, 1952.

MONTEIRO, Denise Mattos. Casas comerciais francesas no Brasil e na América Latina do século XIX: fontes para a pesquisa histórica. *América Latina en la Historia Económica*, México, v. 9, pp. 55-63, 1998.

MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Sobre o Campo e a Cidade - olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Campinas: [s.n.], 1999.

_____. Natureza e Civilização: Sensibilidades românticas e representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das; FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da C. O medo dos abomináveis princípios franceses: a censura de livros no Brasil nos inícios do século XIX. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1989.

NOGUEIRA, Emília. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, São Paulo: FFLCH-USP, v. 7, n. 16, 1953.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. O historiador como *passeur*: considerações sobre Michel de Certeau e o ofício do Historiador. *Cadernos de Pesquisa CDHIS*, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. As letras lusitanas e as armas da pérfida Albion: o antibritanismo na cultura portuguesa (1750-1890). *Anais do III Congresso Internacional da Abrapui*, 2012.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

PAPAVERO, Nelson. Fritz Müller e a comprovação da teoria de Darwin. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

PARKMAN, Francis. *The Jesuits in North America in the Seventeenth Century*. Boston: Little, Brown and Company, 1967.

PASCOALETO, Maurício Cezar. Como era gostoso meu francês: reapropriação de modelos de representações sociais em A Lanterna Mágica de Manuel de Araújo Porto-Alegre. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*, São Paulo, 2008.

PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da História: a revitalização da Utopia Nacional Oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996.

PERIOTTO, Marcília Rosa. Franceses no Brasil: as ideias do século XIX, hábitos e costumes na província de Pernambuco (1840-1850). *Revista Teoria e Prática da Educação*, v. 15, n. 1, jan./abr. 2012.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. O mito do bom francês: imagens positivas das relações entre colonizadores franceses e povos ameríndios no Brasil e no Canadá. *IEA – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, s.d.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Lery. *Revista USP*, São Paulo: USP, CCS, 1989.

_____. *Vinte Luas: Viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil – 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista*, n. sér., v. 2, jan./dez. 1994.

PETRUCCELLI, José Luis. Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 7, dez. 1996.

PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre: Nitheroy* Revista Brasileira de Ciências e Artes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

PORRO, Antonio. Índios e brancos do rio Amazonas em 1847 páginas de Castelnau inéditas em português, traduzidas e anotadas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 56, jun. 2013.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

QUEIRÓS, Eça de. *Ecos de Paris*. Porto: Lello, 1912.

RAMOS, Luis Antonio de Oliveira. Da aquisição de livros proibidos nos fins do século XVIII. *Revista da Faculdade de Letras, Série História*, v. 4, 1973-1974.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil – direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

RICOTTA, Lucia. A constelação espacial das cenas de origem em *Scènes de La nature*, de Ferdinand Denis. *Revista USP*, São Paulo, n. 91, set./nov. 2011.

RODRIGUES, Jaime. Índios e africanos: do “pouco ou nenhum fruto” do trabalho à criação de “uma classe trabalhadora”. *Revista História Social*, Campinas, n. 2, 1995.

RODRIGUES, Marinete Aparecida Zacharias. Reflexão sobre a ideia de progresso: a produção do saber e o controle dos comportamentos sociais no século XIX. *Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia*, FFLCH-USP, 2012.

ROMANO, Luis Antônio Contatori. Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporâneas. *Estação Literária*, Londrina, v. 10B, 2013.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço explêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a.

_____. Narrative, Geography and Interpretation. *New Left Review* I/180, March-April, 1990b.

_____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANT'ANNA NETO, João Lima. História da climatologia no Brasil: Gênese e Paradigmas do clima como fenômeno geográfico. *Cadernos Geográficos/Universidade Federal de Santa Catarina*, Florianópolis, Imprensa Universitária, n. 1, 1999.

SANTOS, Fabio Murici dos. Um éden germânico: Europa e América nas viagens de Oliveira Lima. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 35, jan./jun. 2005.

SCANDAROLLI, Denise. *Cenas esquecidas ou vaudeville, opéra-comique e a transformação do teatro no Rio de Janeiro dos anos de 1840*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. [s.n.], 2013.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Pátria Coroada: O Brasil como corpo político autônomo 1780-1831*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP [s.n.], 1997.

_____. Imagens do Brasil: Entre a natureza e a História. In: JANCSÓ, Istvan. *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: HUCITEC; Ed. Unijuí: Fapesp, 2003.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sélio Romero, Hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza: Ambiguidades do olhar viajante. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, jun./ago. 1996.

SELLES, Sandra Escovedo; ABREU, Martha. Darwin na Serra da Tiririca: caminhos entrecruzados entre a biologia e a história. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, maio/jun./jul./ago. 2002.

SENA, Custódia S. *Interpretações dualísticas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

SERPA JR., Octavio Domont de. O degenerado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010.

SILVA, Ligia Osório. Propaganda e Realidade: A imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX. *Revista Theomai*, n. 3. Red Internacional de Estudios sobre Sociedad, Naturaleza y Desarrollo. Universidad Nacional de Quilmes, Argentina, 2001.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 1, 2005.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. *Uma História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPRINGER, Kalina. Considerações a respeito da geografia de Alexander von Humboldt: teoria, filosofia e concepções de natureza. *Revista Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise*, n. 18, 2009.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STOIANI, Raquel. *Napoleão visto pela luneta d'El Rei: construção e usos políticos do imaginário francês e napoleônico na América Portuguesa (1808-1821)*. São Paulo, [s.n.], 2009.

TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará: origens do capitalismo estrangeiro no Brasil*. São Paulo: HUCITEC; Natal: UFRN, 1995.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. São Paulo: EDUSP, 1987.

TORRÃO FILHO, Amílcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP; [s.n.], 2008.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópicos dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de. Introdução. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

VIEIRA, Rosa Maria. Celso Furtado – A Construção do Nordeste. *Relatório de Pesquisa - FGV-EAESP/GV*, n. 24, 2004a.

_____. Celso Furtado e o Nordeste no pré-64: reforme e ideologia. *Projeto História*, São Paulo, tomo I, v. 29, 2004b.

WEHLING, Arno. Os indígenas do Brasil entre a razão de Estado e o Direito Natural: as contribuições de André Thévet e Jean de Léry. *História (São Paulo)*, v. 31, n. 2, jul./dez. 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ; Vozes, 2000.

ZILLIG, Cezar. *Dear Mr. Darwin: a intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin*. São Paulo: Sky/Anima Comunicação e Design, 1997.

Artigos publicados na *Revue des Deux Mondes* sobre o Brasil

ADÊT, Émile. L'Empire du Brésil e la société brésilienne em 1850. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1851.

ANÔNIMO. Avertissement. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de L'administration et de Mouer*, v. 1, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829.

ANÔNIMO. Brésil – projets financiers. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de L'administration et de Mouer*, v. 1. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829.

ANÔNIMO. Siège de San Salvador. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de L'administration et de Mouer*, v. 1, 1829.

ANÔNIMO. Situation Financière du Brésil. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de l'Administration et de Mouer*, v. 1, 1829.

ANÔNIMO. Souvenirs de l'Amérique – l'empereur Don Pedro. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de L'administration et de Mouer*, v. 1. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. 1829.

ANÔNIMO. Souvenirs du Brésil. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de l'Administration et de Mouer*, v. 1, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829.

ANÔNIMO. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848.

BULOZ, François. Supplément. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848.

CASTELNAU, Francis. L'Araguail – Scènes de voyages dans l'Amérique du Sud'. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848.

CHAVAGNES, M .L. de. Le Brésil en 1844. Intérieur du pays. Villes maritime. Avenir politique – Rapport du Brésil avec l'Europe. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844a.

_____. de. Le Brésil en 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844b.

COCHIN, Auguste. L'abolition de l'esclavage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1871.

D'ASSIER, Adolphe. Le Brésil et la société brésilienne. La cidade. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863a.

_____. Le Brésil et la société brésilienne. La fazenda. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863b.

_____. Le Brésil et la société brésilienne. Le rancho. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863c.

_____. L'Eldorado brésilien et la Serra-das-Esmeraldas. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1864a.

_____. Le Mato Virgem, scènes et souvenirs d'un Voyage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1864b.

DENIS, Ferdinand. Voyages dans l'intérieur du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, V. I-II, 1831.

GRIMBLLOT, Paul. La question des sucres en Angleterre et la traite au Brésil. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1846.

LACORDAIRE, Théodore. Excursion dans l'Oyapock. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832a.

_____. “Un souvenir du Brésil”. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832b.

_____. Excursion dans l’Oyapock – 2^a parte. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1833.

_____. L’or de Pinheiros. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1835.

RECLUS, Elisée. Le Brésil et la colonisation – le bassin des Amazones et les indiens. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1862a.

_____. Le Brésil et la colonisation – les provinces du littoral. Le noirs e les colonies allemandes. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1862b.

SAINT-ARMAND, Imbert. Le Brésil et les republiques de la Plata après la guerre du Paraguay. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1873.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Tableau de dernières révolutions du Brésil. *Revue des Deux Mondes*, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. V. III-IV, 1831.

SILVA, Pereira da. Le Brésil em 1858 sous l’empereur D. Pedro II. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1858.

Demais artigos do século XIX consultados

ADÊT, Émile. Resposta ao artigo da *Revista dos Dois Mundos*, intitulado “Do Brasil em 1844, situação moral, politica, commercial e financeira”. *Minerva Brasiliense*, n. 23, v. 2, 1844.

ALMADA, Manoel da Gama Lobo de. Descrição relativa ao Rio Branco e seu território. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro: Typ. de S. Luiz dos Santos, 1861.

BAENA, Antonio Ladislao Monteiro. Resposta ao Illm. e Exm. Sr. presidente do Pará Herculano Ferreira Penna. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, T. X, Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio Silva, 1870 (1848).

BARBOSA, Januário da Cunha. Se a introdução de africanos no Brasil serve de embaraçar a civilização dos índios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuízo da lavoura brasileira entregue exclusivamente a escravos? *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo I, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908 (1839).

BARBOSA, Januário da Cunha; MATTOS, Raymundo José da Cunha. Breve Notícia sobre a criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo I, Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1856 (1839).

D'ASSIER, Adolphe. *Le Brésil Contemporain*. Paris: Durand et Lauriel, 1867.

DIAS, A. Gonçalves. Brasil e Oceania. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, tomo XXX, Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867.

GOMES, Vicente Ferreira. Itinerario da cidade de Palma, em Goyaz, á cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins, e breve noticia do norte da província de Goyaz. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XXV, Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1862.

LAGOS, Manoel Ferreira. Relatório dos Trabalhos do Instituto no sexto anno academico, pelo 2º secretario perpetuo o Sr. Manoel Lagos. *Revista Trimensal de Historia e Geografia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, T. VI, Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio Silva, 1865 (1844).

MACEDO, Joaquim Manoel de. Relatório do primeiro secretario o Dr. Joaquim Manoel de Macedo. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1855.

MAGALHÃES, J.V.Couto de. Um episodio da Historia Pátria (1720). *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XXV, Rio de Janeiro: Typ. De D. Luiz dos Santos, 1862.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. Ensaio de Anthropologia – Região e Raças Selvagens. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XXXVI. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1873.

MAIA, Emilio Joaquim da Silva. José Bonifácio de Andrada – Elogio Histórico. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846.

MARTIUS, Carlos Frederico Ph. de. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo VI, 1865 (1844).

MELLO, José Alexandre Teixeira de. Campos dos Goytacazes. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XLIX. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1886.

PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. *Revista dos Dois Mundos*: huma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado o Brasil em 1844. *Minerva Brasiliense*, n. 23, v. 2, 1844.

RIBEIRO, Francisco de Paula. Memória sobre as nações gentias: que presentemente habitam o continente do Maranhão: analyse de algumas tribos mais conhecidas: processo de suas hostilidades sobre os habitantes: causas que lhes tem dificultado a redução, e o unico methodo que seriamente poderá realizal-as. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, tomo III, Rio de Janeiro: Typographia de L. dos Santos, 1841.

SILVA, Joaquim Noberto de Souza. Sobre o descobrimento do Brazil: o descobrimento do Brazil por Pedro Alvarez Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indicios para isso? *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*, tomo XV. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1888 (1852).

SOUZA e MENDONÇA, Elias Paes de. Registro dos Autos da criação da villa de Montemor-o-novo do Grão-Pará. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, tomo XXXV, Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1872.

VERISSIMO, José. As populações indígenas e mestiças da Amazonia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo L, Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1987.

Anexo: Trechos em língua estrangeira traduzidos

Pág. 18.

Dans un siècle tout positif, dans une société qui tend à perfectionner son organisation, et qui recherche avec empressement ce qui peut éclairer sa marche, une entreprise comme celle-ci devait être tentée. Ce ne sont pas les théories administratives dont la France a le plus besoin, c'est l'administration *pratique*. Il importe donc de bien connaître ce qui se passe ou ce qui s'est passé chez les autres peuples, afin de adopter de leurs institutions que ce qui pourrait s'appliquer à nos mœurs, à notre caractère, aux progrès de nos lumières, à la position géographique de notre territoire. (...) La Revue des deux Mondes sera exempte de l'esprit de système qui préside trop souvent aux travaux de ces littérateurs nomades qui voyagent et écrivent si vite.

Em um século todo positivo, em uma sociedade que tende a aperfeiçoar sua organização e que procura com vontade quem possa iluminar seu andamento, uma empresa como essa deveria ser tentada. Não é de teorias administrativas que a França tem mais necessidade, é da administração prática. É importante então conhecer bem o que se passa ou que se passou com outros povos, a fim de adotar algo de suas instituições que se aplique a nossos costumes, a nosso caráter, ao progresso de nossas luzes, à posição geográfica de nosso território. A *Revue des Deux Mondes* será isenta do espírito do sistema que frequentemente rege o trabalho desses literários nômades que viajam e escrevem tão rapidamente. (Tradução nossa).

Pag. 19 (nota 13).

Quelquefois ce qui occupe le plus vivement nos esprits se trouve agité, au même moment, vers un autre point du globe, et ce ne sera pas l'un des rapprochemens les moins intéressans qu'offrira ce recueil, que de voir les mêmes principes diversement compris, et appliqués en France et en Angleterre, au Brésil et en Allemagne, sur les bords de la Delaware et sur les rivages de la mer du Sud.

Às vezes, o que ocupa mais vivamente nossas mentes se torna agitado, ao mesmo tempo, por outro ponto do globo, e essa não será uma das reconciliações menos interessantes que oferecerá essa coleção, que de ver os mesmos princípios cumpridos de formas diferentes e aplicados à França e à Inglaterra, ao Brasil e à Alemanha, nas margens do Delaware e nas marges do Mar do Sul. (Tradução nossa).

Págs. 20-21.

Il sera bien difficile d'écrire l'histoire politique et littéraire de la période que nous venons de traverser, sans recourir à cette collection.

Será muito difícil escrever a história política e literária do período que nós acabamos de atravessar sem recorrer a essa coleção. (Tradução nossa).

Pág. 22 (nota 23).

La Revue des Deux Mondes est le recueil

A *Revue des Deux Mondes* é a coleção periódica

périodique le plus accessible à tous les lecteurs. Chaque livraison, contenant un fort volume in-80, ne coûte que 2 fr. aux souscripteurs. Les cahiers trimestriels de *Revue anglaises*, de 500 pages, coûtent 7 fr. 50 cent.; les deux livraisons que donne par mois le *Revue des Deux Mondes* contiennent plus de 550 pages, et se vendent 4 francs

mais acessível aos leitores. Cada tiragem, que contém um grande volume in-80, custa apenas 2 francos aos assinantes. Os cadernos trimestrais de revistas inglesas, de 500 páginas, custam 7 francos e 50 centavos; as duas tiragens mensais da *Revue des Deux Mondes* contêm mais de 550 páginas e custam 4 francos. (Tradução nossa).

Pág. 44.

(...) cette population d'origine si incertaine a fait, au point de vue du progrès de l'influence française, plus que les frotes de la vieille monarchie, plus que tous les artistes et les savants venus a grand frais. Ce "mascate" (colporteurs) frippon, qui court les "fazendas" (plantations), avec ses caisses de faux bijoux, cette marchande de modes sur laquelle les voisins chochottent, sont des forces de propagande d'une puissance inimaginable (...). Le français va au devant des brésiliens, les attire par sa verve gauloise et son interissable gaité, aborde tous les questions, toutes les enterprises, n'est jamais a court pour trouver une solution aux affaires les plus impossibles, répond en un mot à toute force d'audace et d'entrain. Cette activité, cette bonne humeur, ces merveilles de l'industrie parisienne, agissent comme autant de courantes magnetiques sur l'esprit des habitants et leur donnent à leur insu le desir de connaitre plus à fonde une civilization qui sait produire tant de choses, et un peuple de si attrayantes manières

(...) essa população de origem incerta fez, do ponto de vista do progresso da influência francesa, mais que as frotas da velha monarquia, mais que todos os artistas e estudiosos vindos a altos custos. Esse "mascate" (camelô) esperto que gerencia as "fazendas" (plantações), com suas caixas de joias falsas, essa modista pela qual os vizinhos se excitam, são meios de propaganda de poder inimaginável (...). O francês encontra os brasileiros, os atrai por sua vivacidade gaulesa e sua alegria interminável, aborda todas as questões, todos os empreendimentos, encontra soluções para as mais impossíveis situações, responde em uma palavra toda forma de audácia e de entusiasmo. Essa atividade, esse bom humor, essas maravilhas da indústria parisiense agem como correntes magnéticas sobre o espírito dos habitantes e dão a eles o desejo involuntário de conhecer mais a fundo uma civilização que sabe produzir tantas coisas e um povo de maneiras tão atraentes. (Tradução nossa).

Pág. 70.

Enfin vous arrivez à la cime des montagnes: vous faites halte! Un océan de forêts se développe devant vous, immense comme l'océan des eaux, sublime comme lui, incommensurable, sans bornes.

Enfim vós chegais ao cume das montanhas: vós parais! Um oceano de florestas se abre diante de vós, imenso como o oceano de águas, sublime como ele, incomensurável, sem fim. (Tradução nossa).

Pág. 70.

Dussé-je vivre pendant des siècles l'impression que produisit sur mon esprit le mélange de grandiose et de gracieux dont mes yeux furent tout à coup frappés, serait toujours fraîche dans ma mémoire. J'ai vu depuis les rivages classiques de l'Italie ; j'ai long-temps séjourné au milieu des beautés romantiques de la Suisse ; j'ai parcouru les rives pittoresques du Rhin : mais les brillantes créations du monde européen, avec leurs inépuisables trésors d'associations historiques et poétiques, ne m'ont jamais fait éprouver ces sentimens mêlés d'admiration et de plaisir, dont je n'ai pu me défendre à la vue de la majesté sublime de ce chef-d'œuvre de la nature, la baie de Rio-Janeiro.

Ainda que eu viva séculos, a impressão que produziu sobre meu espírito a mistura de grandiosidade e graciosidade que rapidamente tomaram meus olhos estará sempre fresca em minha memória. Eu vi o clássico litoral da Itália; eu passei muito tempo em meio às românticas belezas da Suíça; eu percorri as margens pitorescas do Reno: mas as brilhantes criações do mundo europeu, com sua riqueza inesgotável de associações históricas e poéticas, jamais me fizeram experimentar esses sentimentos mistos de admiração e prazer, dos quais não pude me defender à vista da majestade sublime dessa obra-prima da natureza que é a baía do Rio de Janeiro. (Tradução nossa).

Pág. 71 (nota 118).

Pour surmonter la tristesse qui s'empare de l'étranger dès les premiers jours de son arrivée, il faut l'admirable climat du Brésil et la beauté des paysages qui s'offrent de toutes parts autour de Rio.

Para superar a tristeza que toma o estrangeiro nos primeiros dias de sua chegada, é preciso o clima admirável do Brasil e a beleza das paisagens disponíveis por todas as partes em torno do Rio.

Pág. 72 (nota 120).

Enfin Lery parut et ces contes absurdes trouvèrent moins de crédit: doué de l'esprit le plus observateur et d'une ame pleine de poésie, ce voyageur comprit admirablement les nations parmi lesquelles il vivait et la nature sublime dont il était environné; il fait presque pleurer d'attendrissement quand on le voit chantant des psaumes au milieu des belles forêts du Brésil, et quand, dans son effusion pleine d'enthousiasme, il fait partager le sentiment dont il est animé à deux Indiens qui l'admirent sans le comprendre.

Enfim Lery surgiu e essas histórias absurdas tiveram menos crédito: dotado de espírito observador e de uma alma cheia de poesia, esse viajante compreendeu admiravelmente as nações entre as quais vivia e a natureza sublime pela qual esteve cercado; quase se chora de comoção ao vê-lo entoando salmos em meio a belas florestas do Brasil e quando, em sua efusão cheia de entusiasmo, ele partilha o sentimento que o anima com dois índios que o admiram sem compreendê-lo. (Tradução nossa).

Pág. 72 (nota 121).

Autour de la fazenda s'étendent, sur un espace de

Em torno da fazenda se estendem, por uma área de

plusieurs lieues carrées, les plants de cafiers, les pacages, les champs de cannes ou de cotonniers, et enfin, à la périphérie, de larges zones non encore exploitées de forêts vierges. Tout cela est traversé de picadas qui le plus souvent, surtout dans la saison des orages, ne présentent qu'un pêle-mêle sans nom d'ornières profondes, de ruisseaux fangeux, de troncs déracinés et d'épaisse poussière ; mais quelle splendeur dans le paysage ! Que d'harmonie dans le ciel !

vários quilômetros quadrados, pés de café, pastos, campos de cana ou algodão, e, finalmente, na periferia, largas áreas ainda não exploradas de florestas virgens. Tudo isso é atravessado por picadas que, na maioria das vezes, especialmente na estação de temporais, não são mais que um monte de sulcos profundos, riachos enlameados, troncos arrancados e poeira grossa; mas que esplendor na paisagem! Que harmonia no céu!”. (Tradução nossa).

Págs. 72-73 (nota 122).

Ces collines que j'avais déjà saluées à Pernambuco comme une apparition de la terre promise, je les retrouvai à Bahia et plus tard à Rio-Janeiro, toujours inondées de lumière et de parfums. C'est une guirlande de fleurs de plus de mille lieues qui longe le rivage, s'abaissant de temps à autre devant le cours impétueux d'un fleuve et se relevant aussitôt plus brillante encore, comme pour fasciner les yeux du navigateur. Rien en effet de plus majestueux que cet amphithéâtre de montagnes éternellement vertes qui dominent les rives de l'Atlantique.

Essas colinas que eu já havia saudado em Pernambuco como uma aparição da terra prometida, eu reencontrei na Bahia e mais tarde no Rio de Janeiro, sempre inundadas de luz e de fragrâncias. É uma guirlanda de flores de mais de mil léguas ao longo da costa, que se reduz de tempo em tempo diante do curso de um rio impetuoso e se eleva ainda mais brilhante como que para fascinar os olhos do navegador. Nada é, com efeito, mais majestoso do que este anfiteatro de montanhas eternamente verdes que dominam as margens do Atlântico. (Tradução nossa).

Pág. 73 (nota 123).

Quant aux environs de la ville [Rio de Janeiro], à part quelques sites pittoresques et les gracieux paysages des îles de la baie, ce n'est point là que se révèle dans toute sa grandeur la nature brésilienne.

Quanto às redondezas da cidade [Rio de Janeiro], à parte alguns lugares pitorescos e as graciosas paisagens das ilhas da baía, nada há que se revele em toda sua grandeza a natureza brasileira. (Tradução nossa).

Pág. 73 (nota 124).

A mesure que nous avançons vers le sud, les établissements devenaient plus rares ; mais aussi la variété des oiseaux augmentait sans cesse. Parmi les plus remarquables, je citerai les toucans, les jacamars, la belle pie à gorge ensanglantée, des perroquets, des perruches, et une foule de jolis

À medida que avançávamos na direção sul, os assentamentos se tornaram mais raros; mas também a variedade de pássaros aumentou constantemente. Entre os mais notáveis, eu citarei os tucanos, os jacamares, o belo pavão-do-mato, papagaios, periquitos, e uma série de belos beija-flores, tais como o diadema e o petasóforo. Logo

oiseaux-mouches, tels que le diadème et le petasophor. Bientôt nous aperçûmes des bandes de l'autruche d'Amérique (nandou) qui fuyaient avec rapidité à l'approche de nos chevaux.

vimos bandos de avestruzes americanos (nandus) que fugiram rapidamente à aproximação dos nossos cavalos. (Tradução nossa).

Pág. 73 (nota 124).

Notre séjour à Salinas ne fut pas seulement rempli par les préparatifs de l'excursion sur l'Araguaï, nous fîmes aussi plusieurs courses aux environs. Parmi les curiosités naturelles qui nous frappèrent dans ces promenades, je dois citer un lac ravissant connu sous le nom de Lac des Perles. On y trouve effectivement en grande quantité une belle espèce d'anodonte dont les valves sont à l'intérieur agréablement irisées, et contiennent quelquefois des perles d'une assez médiocre valeur. Sur les bords de ce lac, nous tuâmes, pour la première fois, le kamichy, oiseau singulier de la taille du dindon, ayant une longue corne au milieu du front. Les habitants de Salinas attribuent des vertus merveilleuses à cette partie de l'animal et la regardent comme un remède certain contre toutes les maladies. Un autre magnifique habitant de ces bois est l'ara-hyacinthe, le plus gros des perroquets connus, et dont le plumage est entièrement d'un violet foncé. On y rencontre encore le hoazin de Buffon, à la tête huppée, et qui rappelle les oiseaux de fantaisie que peignent les Chinois ; son cri ressemble à un grognement éclatant. Le hoazin est très commun dans ces régions.

A nossa estadia em Salinas não foi apenas tomada pelos preparativos para a excursão ao Araguaia, também fizemos várias empreitadas às redondezas. Entre as curiosidades naturais que nos impressionaram nessas caminhadas, devo mencionar um agradável lago conhecido como Lago das Pérolas. Encontra-se realmente em grande quantidade uma bela espécie de mexilhão de água doce cujas válvulas interiores são iridescentes e, por vezes, contêm pérolas de valor irrisório. Às margens desse lago, nós matamos, pela primeira vez, uma anhumá, um pássaro singular do tamanho de um peru mas com um longo chifre na testa. O povo de Salinas atribui maravilhosas virtudes a essa parte do animal e o vê como um remédio para todas as doenças. Outro magnífico habitante dessas árvores é a arara-jacinto, o maior dos papagaios conhecidos, e cuja plumagem é inteiramente de um violeta escuro. Ainda encontrou-se jacu-cigano, com uma poupa na cabeça, e que lembra os pássaros fantásticos que pintam os chineses; seu canto parece um grunhido penetrante. O jacu-cigano é muito comum nessas regiões. (Tradução nossa).

Pág. 76.

From these the prospect varies. Plains immense
Lie stretched below, interminable meads
And vast savannas, where the wandering eye,
Unfixt, is in a verdant ocean lost.
Another Flora there, of bolder hues
And richer sweets beyond our garden's pride,
Plays o'er the fields, and showers with sudden
hand
Exuberant spring - for oft these valleys shift
Their green-embroidered robe to fiery brown,

Destes a perspectiva varia. Imensas planícies
Se estendem abaixo, prados intermináveis
E vastas savanas, onde o olho errante
Não fixo, está em um oceano verdejante perdido.
Outra Flora lá, de tons mais ousados
E doces mais ricos além do orgulho do nosso
jardim
Joga sobre os campos e banha com mão súbita
Primavera exuberante – pois frequentemente estes
vales transformam

And swift to green again, as scorching suns
 Or streaming dews and torrent rains prevail.
 Along these lonely regions, where retired
 From little scenes of art, great Nature dwells
 In awful solitude and naught is seen
 But the wild herds that own no master's stall,
 Prodigious rivers roll their fattening sea
 On whose luxuriant herbage half-concealed,
 Like a fallen cedar, far diffused his train
 Cased in green scales, the crocodile extends.

Seus mantos verde-bordados em marrom de fogo,
 E rapidamente em verde novamente, a medida que
 sóis ardentes
 Ou orvalhos correntes e chuvas torrenciais
 prevalecem.
 Ao longo destas regiões solitárias, aposentadas de
 pequenas cenas de arte, a grande Natureza habita
 Em terrível solidão e nada é visto
 A não ser as manadas selvagens que não estão
 confinadas ao estábulo de um mestre
 Rios prodigiosos alimentam seu mar em engorda
 Em cujos ricos pastos meio escondido
 Como um cedro caído, muito difundido
 Envolto por escamas verdes, o crocodilo se
 estende. (Tradução nossa).

Pág. 82.

Aujourd'hui toutes les collines qui avoisinent les
 grandes villes brésiliennes sont couvertes de plants
 de sucre et de café, et il faut chevaucher à travers
 des chemins impraticables pour retrouver les forêts
 primitives que n'a pas encore atteintes la hache du
 colon ; mais l'on a les émotions de la route, du
 ciel, du paysage, et ce spectacle fait oublier tout le
 reste.

Atualmente, todas as colinas que avizinham as
 grandes cidades brasileiras estão cobertas de pés
 de cana-de-açúcar e de café, e é preciso atravessar
 caminhos intransitáveis para encontrar florestas
 primitivas que ainda não tenham sido atingidas
 pela lâmina do machado; mas se tem as emoções
 da estrada, do céu, da paisagem, e esse espetáculo
 faz esquecer todo o resto. (Tradução nossa).

Pág. 83.

Sauf quelques villes, quelques villages, quelques
 vastes plantations clair-semées sur cet immense
 territoire, on n'y découvre sans cesse que des bois
 vierges, des montagnes colossales, des cascades
 gigantesques, toute la grandeur enfin et parfois
 toute la sauvagerie d'une nature puissante qui,
 dans son désordre primitif, semble sortir des mains
 du Créateur.

Salvo algumas cidades, algumas aldeias, algumas
 vastas plantações em clareira neste imenso
 território, descobrem-se constantemente matas
 virgens, montanhas colossais, cachoeiras
 gigantescas, toda a grandeza enfim, e por vezes
 toda a selvageria de uma natureza poderosa que,
 em sua desordem primitiva, parece sair das mãos
 do Criador. (Tradução nossa).

Pág. 88.

(...) cette terre serait proportionné au naturel du

(...) essa terra seria proporcionada ao natural do
 francês tanto quanto a França, se ela fosse

Français autant que la France, si elle était cultivée et pourvue de vivres nécessaires au naturel français, tels que le pain et le vin; car quant à la chair, poisson, légumes et racines, Il y en a une telle abondance qu'il n'est pas possible de le croire, à la charge pourtant qu'il les faut prendre et planter.

Pág. 93.

Quelques courses autour de la baie, dans les villages qui entourent Rio-Janeiro, suffisent pour donner une idée de la richesse et de la beauté du pays. Partout on découvre des situations charmantes, des points de vue admirables; partout la nature tropicale vous séduit par sa grâce ou vous surprend par sa grandeur. (...) On reste sous le charme devant cette nature du Nouveau-Monde, où tout porte un cachet de grandeur que l'Europe pourrait envier, si elle n'avait en échange tant d'autres avantages plus précieux, quoique peut-être moins appréciés.

Pág. 95.

Le Brésil est situé entre les 4° 18' et 34° 55' latitude sud, et comprend environ le tiers de l'Amérique méridionale. Il ne serait pas étonnant qu'une étendue de pays aussi immense offrît une grande variété de richesses et de productions; mais souvent dans la même province, dans le même district, on trouve le fer et les diamants, l'or, le plomb et les topases; on peut cultiver à la fois le manioc, le blé et le maïs, le café et la vigne, le lin et le cotonnier, les fruits les plus délicieux de l'Inde, de l'Amérique et de l'Europe; enfin la terre, vierge encore, a une telle fécondité, qu'elle rend de cent cinquante à cinq cents pour un à celui qui prend la peine d'y jeter quelques semences.

cultivada e provida de viveres necessários ao natural francês, tais como o pão e o vinho; pois, quanto a carne, peixe, legumes e raízes, há uma abundância tal que não é possível acreditar, bastando apenas pegar e plantar. (Tradução nossa).

Poucas excursões ao entorno da baía, nas aldeias que cercam o Rio de Janeiro, são suficientes para dar uma ideia da riqueza e da beleza do país. Por toda parte se encontram situações encantadoras, pontos de vista admiráveis; por toda parte a natureza tropical vos seduz com sua graça ou vos surpreende com a sua grandeur. (...) Fica-se sob o encanto diante desta natureza do Novo Mundo, onde tudo tem uma marca de grandeur que a Europa poderia invejar se ela não tivesse em troca tantas outras vantagens mais valiosas embora talvez menos apreciadas. (Tradução nossa).

O Brasil se situa entre 4° 18' e 34° 55' de latitude sul e compreende cerca de um terço da América do Sul. Não seria surpreendente que uma área de país tão imensa oferecesse uma grande variedade de riquezas e de produções; mas muitas vezes, na mesma província, no mesmo distrito, encontram-se ferro e diamantes, ouro, chumbo e topázios; é possível cultivar tanto mandioca, trigo e milho, café e uva, linho e algodão, os mais deliciosos frutos da Índia, da América e da Europa; enfim, a terra, virgem ainda, tem tal fertilidade, que rende de cento e cinquenta a quinhentos àquele que se dá ao trabalho de lançar algumas sementes. (Tradução nossa).

Pág. 97.

Le Brésil a une étendue d'environ 37 degrés de latitude depuis la rivière Oyapock, au nord de la ligne équinoxiale, jusqu'à Castillos, au sud. Il possède plus de mille lieues de côtes sur l'Océan-Atlantique, avec d'excellents ports, des baies magnifiques et des fleuves majestueux. La largeur du territoire brésilien est inégale, et varie entre 5 et 20 degrés de longitude : sa superficie totale est de 7,992,000 kilomètres carrés. C'est tout ce que les Portugais ont découvert et possédé. Le Brésil n'a rien perdu ni gagné en étendue territoriale depuis son indépendance. Dans cette immense contrée se rencontrent des climats de toute nature, chauds, tempérés et froids. Tout ce que l'Asie, l'Afrique et l'Europe produisent peut facilement y être acclimaté, et la plupart des productions de l'univers y existent déjà. Ses plaines, ses forêts, ses montagnes, ses rivières se prêtent à toute espèce d'industrie. Le sol renferme des mines d'or, de diamants, de pierres précieuses, de fer, de charbon, d'argent et de tous les minéraux connus.

O Brasil tem uma área de cerca de 37 graus de latitude abaixo do rio Oyapoque, ao norte da linha equinocial, até Castillos, ao sul. Tem mais de mil léguas de costa no Oceano Atlântico, com excelentes portos, baías magníficas e rios majestuosos. A largura do território brasileiro é desigual e varia entre 5 e 20 graus de longitude: sua área total é de 7.992.000 quilômetros quadrados. Tudo isso os portugueses descobriram e possuíram. O Brasil não perdeu ou ganhou extensão territorial após sua independência. Neste vasto país há climas de toda natureza, quentes, temperados e frios. Tudo o que a Ásia, a África e a Europa produzem pode ser facilmente aclimatado aqui, e a maior parte das produções do universo já existem aqui. Suas planícies, suas florestas, suas montanhas, seus rios prestam-se a todo tipo de indústria. O solo possui minas de ouro, de diamantes, de pedras preciosas, de ferro, de carvão, de prata e de todos os minerais conhecidos (Tradução nossa).

Pág. 98.

Barbacena compte douze cents maisons et environ six mille habitants ; les négociants les plus riches avaient pris part à la révolte des Mineiros, et ils étaient en fuite. Le climat de Barbacena est tempéré, presque froid. Nos fruits et nos fleurs, qui ne peuvent venir à Rio, réussissent à Barbacena. La différence de climat s'explique par la position élevée de cette dernière ville. (...) Queluz est situé sur le penchant d'une colline, au milieu de jardins bien cultivés ; l'église est le principal monument de cette ville, qui ne consiste qu'en une longue rue formée par des maisons d'assez misérable apparence. La température y est plus chaude qu'à Barbacena ; le café, les ananas, le tabac, réussissent à Queluz, tandis que les nuits froides de Barbacena les feraient périr.

Barbacena conta com mil e duzentas casas e cerca de seis mil habitantes; os negociantes mais ricos fizeram parte da revolta dos Mineiros, e eles estavam em fuga. O clima de Barbacena é temperado, quase frio. Nossas frutas e nossas flores, que não deram no Rio, vingaram em Barbacena. A diferença de clima se explica pela posição elevada desta última cidade. (...) Queluz está localizada na encosta de uma colina, cercada por jardins bem cultivados; a igreja é o principal monumento da cidade, que consiste apenas em uma longa rua formada por casas de aparência bastante miserável. A temperatura aqui é mais quente que em Barbacena; o café, os abacaxis, o tabaco, vingaram em Queluz, enquanto as noites frias de Barbacena os fizeram perecer. (Tradução nossa).

Págs. 102-103.

Les travaux de l'homme n'ont pas dans les forêts du Nouveau-Monde cet aspect monotone de nos champs de la vieille Europe. (...) Là, les forêts sont le patrimoine de qui veut les conquérir. La puissance de l'homme y lutte contre la puissance de la nature, et sa vie est un combat. Une végétation indomptable cherche sans cesse à étouffer dans ses bras sauvages les végétaux que ses mains ont plantés.

Os trabalhos do homem não têm nas florestas do Novo Mundo este aspecto monótono dos nossos campos da velha Europa. (...) Aqui, as florestas são o patrimônio de quem as queira conquistar. O poder do homem aqui luta contra o poder da natureza, e sua vida é um combate. Uma vegetação indomável procura incessantemente sufocar nos seus braços selvagens os vegetais que suas mãos plantaram. (Tradução nossa).

Pág. 103 (nota 181).

Sauf quelques villes, quelques villages, quelques vastes plantations clair-semées sur cet immense territoire, on n'y découvre sans cesse que des bois vierges, des montagnes colossales, des cascades gigantesques, toute la grandeur enfin et parfois toute la sauvagerie d'une nature puissante qui, dans son désordre primitif, semble sortir des mains du Créateur. Cependant des routes commencent à sillonner en tous sens ces riches contrées ; mais ces routes, pratiquées sur un sol léger, d'une fertilité exubérante, constamment détrempé par d'abondantes pluies d'orages, se dégradent continuellement, et sont bientôt envahies par une inextricable végétation. Le gouvernement n'a encore ni assez de bras ni de suffisantes ressources pour assurer le bon entretien des chemins.

Salvo algumas cidades, algumas aldeias, algumas vastas plantações em clareira neste imenso território, descobrem-se constantemente matas virgens, montanhas colossais, cachoeiras gigantescas, toda a grandeza enfim, e por vezes toda a selvageria de uma natureza poderosa que, em sua desordem primitiva, parece sair das mãos do Criador. No entanto, estradas começam a surgir por todos os lados dessas ricas terras; mas essas estradas, construídas em solo leve, de fertilidade exuberante, constantemente encharcado por abundantes chuvas de temporais, degradam-se continuamente e são logo cobertas por vegetação inextricável. O governo não tem ainda nem braços bastantes nem recursos suficientes para garantir a manutenção adequada das estradas. (Tradução nossa).

Pág. 103 (nota 182).

Les terres d'alluvion qui bordent le fleuve ont une force de production tellement exubérante qu'elles mettent un obstacle à toute colonisation. Trop fécond, le sol qui se couvre spontanément d'une si riche végétation ne se borne pas à nourrir les germes qu'on lui confie, il développe aussi des plantes sauvages en abondance, et les pousse d'arbres et de lianes obligeant à une lutte de tous les instants l'agriculteur qui veut sauver le fruit de son premier travail. On ose à peine s'aventurer dans

As terras aluviais que margeiam o rio têm uma força de produção tão exuberante que impõem um obstáculo a toda a colonização. Muito fértil, o solo que se cobre espontaneamente de uma riquíssima vegetação não se limita a nutrir as sementes a ele confiadas, ele gera também plantas selvagens em abundância, e brotos de árvores e arbustos exigem uma luta de todo o tempo do agricultor que quer salvar o fruto de seu primeiro trabalho. Dificilmente atrevem-se a se aventurar nessa

cette nature, où les sentiers rarement pratiqués se changent en forêts, où les arbres pressés les uns contre les autres forment une muraille qu'il faut saper comme celle d'une forteresse, où des fruits semblables à des boulets de canon se détachent des branches avec fracas et s'enfoncent dans le sol à plusieurs centimètres de profondeur. Ainsi l'activité prodigieuse, la grandeur des phénomènes naturels qui se manifestent dans le bassin de l'Amazone tendent à restreindre considérablement le domaine de la civilisation. Au milieu de cette grande vie, la petite vie de l'homme existe à peine, et se maintient difficilement contre les assauts des forces ambiantes.

natureza, onde os caminhos raramente trilhados se transformam em florestas, onde as árvores pressionadas umas contra as outras formam uma muralha que se deve demolir como a de uma fortaleza, onde os frutos semelhantes a balas de canhão se soltam dos galhos com um estrondo e se afundam na terra vários centímetros. Assim, a atividade prodigiosa, a grandeza dos fenômenos naturais que se manifestam na bacia amazônica, tendem a restringir consideravelmente o domínio da civilização. Em meio a esta grande vida, a pequena vida do homem mal existe e se mantém dificilmente contra os assaltos das forças do ambiente. (Tradução nossa).

Pág. 104 (nota 183).

Bien plus lamentables encore sont les résultats obtenus à la ferme-modèle de Notre-Dame-do-O', située dans une île qu'entourent les bras de la rivière de Para. La position de cette colonie est d'une admirable beauté. Les habitations s'élèvent sur le bord du fleuve, qui roule lentement ses : eaux dans un lit de 6 kilomètres de large ; vis-à-vis se montre la cité de Para, qui doit à son éloignement un aspect vraiment grandiose ; autour des maisons de la colonie se pressent les grands arbres de la forêt, chargés d'orchidées, de bignonias et de lianes de toute espèce : ça et là les palmiers jaillissent en bouquets de cette mer de verdure et de fleurs ; mais le contraste que l'œuvre de l'homme forme avec cette nature si magnifique laisse une impression d'autant plus douloureuse. Les chemins ont disparu sous la vase ou sous une végétation humide, les cabanes à peine achevées oscillent déjà sous le vent comme près de tomber, les champs mal cultivés sont envahis par les herbes et les arbustes ; tout porte le signe évident de la décadence. Le directeur de la colonie, ayant reconnu que l'île était appropriée à l'établissement d'une plantation sucrière cultivée à la mode du pays par des nègres esclaves, n'avait pas un moment douté que le sol ne convînt aussi à la création de fermes agricoles exploitées par des paysans allemands et belges. Plein de confiance, il

Bem mais lamentáveis ainda são os resultados obtidos na fazenda-modelo de Nossa Senhora do Ó, situada em uma ilha cercada pelos braços do rio do Pará. A posição desta colônia é de uma beleza admirável. As casas se elevam sobre a margem do rio, que move lentamente suas águas em um leito de 6 quilômetros de largura; logo em frente se ergue a cidade de Pará, que dá a seu comprimento um aspecto realmente grandioso; em torno das casas da colônia se apertam as grandes árvores da floresta, carregadas de orquídeas, de begônias e de arbustos de toda espécie: aqui e ali palmeiras florescem em buquês deste mar de verduras e de flores; mas o contraste que a obra do homem forma com esta tão magnífica natureza deixa uma impressão especialmente dolorosa. Os caminhos desapareceram sob a lama ou sob vegetação úmida, as cabanas mal concluídas já oscilam sob o vento como que perto de tombar, os campos mal cultivados são invadidos por ervas e arbustos; tudo tem o sinal evidente da decadência. O diretor da colônia, tendo reconhecido que a ilha seria apropriada ao estabelecimento de uma plantação de cana-de-açúcar à moda do país por negros escravos, não duvidou por um momento que o terreno serviria para a criação de fazendas agrícolas exploradas por camponeses alemães e belgas. Cheio de confiança, ele então colocou seu

avait donc mis son. entreprise sous l'invocation de Notre-Dame-do-O', et fait un appel de fonds pour se procurer le nombre de colons nécessaires. D'après le rapport officiel, les premières sommes allouées par la législature de la province furent dépensées en pure perte « à cause de la fuite de certains émigrans et de la mort des autres ; » mais, à l'aide de nouveaux fonds que le gouvernement central accorda, on parvint à importer d'Europe plus de cent cinquante malheureux alléchés par des promesses plus ou moins sincères. Là pourtant n'était pas la difficulté capitale : il fallait acclimater les colons dans cette île basse entourée de sa ceinture de mangliers humides, il fallait aussi procurer aux nouveau-venus quelques-uns des avantages dont ils jouissaient dans leur patrie, afin qu'une nostalgie mortelle n'enlevât pas ceux que la fièvre eût respectés. Le directeur de la colonie se mit d'abord à l'œuvre avec un beau zèle : il fit bâtir de jolies cabanes pour la réception des étrangers, il traça des plans de routes et de sentiers à travers la forêt, il fonda une école, puis un hôpital ; il promit entière liberté de conscience aux colons hérétiques, « à la condition toutefois qu'ils ne songeassent pas à se bâtir une chapelle, » il poussa même la générosité jusqu'à publier un journal pour l'instruction et l'amusement des travailleurs étrangers ; mais bientôt le manque de fonds paralysa cet enthousiasme juvénile : d'abord le journal cessa de paraître, puis la presse fut vendue, ensuite on ferma l'école ; enfin, l'hôpital ayant été supprimé à son tour, les colons malades furent abandonnés aux bons soins de leurs amis. La crue annuelle du fleuve recouvrit les défrichemens d'une couche de limon et pendant trois mois rendit toute culture impossible ; plus tard, quand les eaux se retirèrent, le sol vaseux, fumant sous les rayons d'un soleil vertical, remplit l'atmosphère de ses exhalaisons malsaines. Ce fut le coup de grâce donné à la colonie, la mortalité devint effrayante et mit un terme à tous les travaux agricoles. Les rares Allemands qui ont eu le bonheur d'en réchapper avec la vie sauve, sans avoir pu cependant s'éloigner encore de l'île qui leur sert de prison, ont abandonné toute tentative d'agriculture, et se livrent à divers métiers manuels moins fatigans que celui du labour. Quant au

negócio sob a invocação de Nossa Senhora do Ó e fez um pedido de fundos para obter o número necessário de colonos. De acordo com o relatório oficial, os primeiros montantes alocados pela legislatura da província foram desperdiçados “por causa da fuga de certos imigrantes e da morte de outros”, mas, com a ajuda de novos fundos que o governo central concedeu, foi possível importar da Europa mais de cento e cinquenta infelizes seduzidos por promessas mais ou menos sinceras. Essa não era, no entanto, a dificuldade central: era preciso aclimatar os colonos nesta ilha baixa cercada por mangues úmidos, era preciso também fornecer aos recém-chegados algumas das vantagens que gozavam em sua terra natal, a fim de que uma nostalgia mortal não levasse consigo aqueles que a febre tinha respeitado. O diretor da colônia se lançou à obra com um belo zelo: ele construiu belas cabanas para receber os estrangeiros, ele traçou planos de rotas e de trilhas atravessando a floresta, ele fundou uma escola, depois um hospital; ele prometeu plena liberdade de consciência aos colonos hereges, “com a condição de que eles não se opusessem à construção de uma capela”, ele teve até a generosidade de publicar um jornal para a instrução e entretenimento dos trabalhadores estrangeiros; mas logo a falta de fundos paralisou esse entusiasmo juvenil: primeiro o jornal parou de circular, depois a imprensa foi vendida, em seguida a escola foi fechada; por fim, o hospital foi por sua vez suprimido, os colonos doentes foram abandonados aos cuidados de seus amigos. A cheia anual do rio recobriu as clareiras com uma camada de limo e durante três meses tornou o cultivo impossível; mais tarde, quando as águas baixaram, o solo lamacento, fumaçando sob os raios de um sol vertical, preencheu a atmosfera com suas exalações insalubres. Esse foi o golpe de misericórdia dado à colônia, a mortalidade se tornou assustadora e colcou um fim a todos os trabalhos agrícolas. Os poucos alemães que tiveram a sorte de escapar com vida, sem ter podido, no entanto, se afastar da ilha que a eles servia como prisão, abandonaram toda tentativa de cultivo e se envolveram em trabalhos manuais menos cansativos que o do arado. Quanto ao

directeur, il caresse encore son rêve de colonisation et demande au gouvernement de vouloir bien lui confier désormais « des orphelins abandonnés et des mendiants des deux sexes. » Si l'on dévoue ces malheureux à ses expériences civilisatrices, il compte relever encore sa ferme-modèle.

Pág. 104 (nota 184).

La grande occupation des nègres entre l'époque des semailles et celle de la récolte est le sarclage des plantations. Il faut avoir vécu sous les tropiques pour se rendre compte de la rapidité et de la puissance qu'acquiert la végétation dans la saison des orages, lorsque l'eau, le soleil et l'électricité ruissellent de toutes parts. Sucre, café, coton, seraient rapidement étouffés par le capim (mauvaises herbes), si on ne se hâtait de l'arracher.

diretor, ele ainda tinha seu sonho de colonização e solicita ao governo que confie a ele “órfãos abandonados e mendigos de ambos os sexos”. Se dedicam-se esses infelizes a suas experiências civilizadoras, ele acredita ainda poder reerguer sua fazenda-modelo. (Tradução nossa).

A grande ocupação dos negros entre a época da semeadura e a época da colheita é capinar as plantações. É preciso ter vivido sob os trópicos para se dar conta da rapidez e do poder que adquire a vegetação na estação dos temporais, quando a água, o sol e os raios atingem o chão por todas as partes. Açúcar, café, algodão, seriam rapidamente sufocados pelo campim (ervas daninhas), se não se apressa a arrancá-lo. (Tradução nossa).

Pág. 105 (nota 185).

J'ai revu depuis bien des fois les nègres aux champs, et je me suis assuré que le programme d'un jour est pour eux le programme de toute l'année, de toute leur vie. Quand ils ne cueillent pas, ils sèment, et, les semailles faites, ils sarclent sans discontinuer jusqu'à la récolte, car les herbes poussent vite dans ces pays chauds et humides.

Eu já vi muitas vezes os negros nos campos e tenho certeza de que o programa de um dia é para eles o programa de todo o ano, de todas as suas vidas. Quando eles não colhem, eles semeiam, e, o plantio feito, eles campinam continuamente até a colheita, porque as ervas daninhas crescem rápido nesses países quentes e úmidos. (Tradução nossa).

Pág. 105.

S'il coupait les arbres de la forêt pour défricher un champ comme nos agriculteurs d'Europe, quel serait le résultat de son industrie ? Après une lutte pénible contre une végétation fougueuse de plantes ennemies qui germeraient dans chaque sillon, il serait peut-être obligé de s'avouer vaincu, et le produit agricole dû à ses efforts ne remplacerait certainement pas ce que la forêt lui eût donné presque gratuitement. On ne saurait donc reprocher aux Tapuis leur oisiveté, tant qu'ils n'auront pas

Se ele cortasse as árvores da floresta para abrir um campo como os nossos agricultores da Europa, qual seria o resultado de sua indústria? Após uma dolorosa luta contra o crescimento impetuoso de plantas inimigas que germinam em cada cova, ele talvez seria obrigado a se dar por vencido, e o produto agrícola fruto de seus esforços certamente não substituiria o que a floresta dá a ele quase que gratuitamente. Não se pode culpar os Tapuias por sua ociosidade, uma vez que eles não foram

été entraînés dans ce tourbillon de la civilisation qui met en œuvre toutes les forces de l'homme, tant que le travail qui pousse comme un ressort les populations civilisées de l'Europe et de l'Amérique ne sera pas devenu pour eux comme pour nous une impérieuse nécessité.

atraídos por esse turbilhão da civilização que implementa todas as forças do homem, de forma que o trabalho que empurra como uma mola as populações civilizadas da Europa e da América não se tornará para eles como para nós uma necessidade imperativa. (Tradução nossa).

Pág. 106.

Le mode de préparation des terres est le même pour toute sorte de culture. On met le feu au bois ou au taillis qui recouvre le champ qu'on veut ensemençer. Si l'on s'attaque à une forêt vierge, l'opération, dure quelquefois des semaines entières. Souvent survient un orage qui arrête tout. On recommence alors le lendemain et les jours suivants, jusqu'à ce que les arbres soient tombés, et que la plupart aient été réduits en cendres. Lorsqu'on opère sur un terrain en pente, on réserve de distance en distance des troncs qu'on place en travers pour empêcher les pluies de raviner le sol. Cette méthode de défrichement, qui s'éloigne si fort de nos habitudes, et que les Européens ont tant blâmée, est la seule praticable au Brésil. La hache n'a aucune prise sur cette vigoureuse végétation. Le bois, d'une dureté excessive par suite de l'énorme quantité de ligneux que dans ce climat la sève condense sans cesse dans les cellules de la plante, résiste aux outils les mieux trempés, et épuiserait inutilement les forces du nègre.

A forma de preparação da terra é a mesma para todo tipo de cultura. Põe-se fogo à madeira ou ao mato que cobre o campo que se deseja semear. Se é o caso de uma floresta virgem, a operação por vezes dura semanas inteiras. É comum que caia um temporal que para tudo. Recomeça-se então no outro dia e pelos dias que se seguem, até que as árvores estejam caídas e que a maior parte tenha sido reduzida a cinzas. Quando se opera em um terreno em descida, colocam-se troncos paralelos a distância regular para impedir que as chuvas causem erosões ao solo. Esse método de preparação da terra, que é muito distante dos nossos habituais e que os europeus tanto criticaram, é o único praticável no Brasil. O machado não pode com essa vegetação vigorosa. A madeira, de uma dureza excessiva pela quantidade de fibras lenhosas que nesse clima a seiva condensa continuamente nas células da planta, resiste às mais duras ferramentas e esgota inutilmente as forças do negro. (Tradução nossa).

Págs. 109-110.

Cette répugnance au travail, cette insouciance philosophique que les conquistadores ont toujours professée à l'endroit du confort, ne peuvent être attribuées à un manque d'énergie, car aucun peuple que je sache n'a déployé dans l'histoire du monde une plus grande somme d'audace et de mâle activité que cette tribu celtibérienne resserrée entre les montagnes et l'Océan. Après avoir refoulé l'islamisme, se sentant à l'étroit dans sa langue de terre, elle affronta la première les redoutables mystères d'une mer inconnue et sans

Essa repugnância ao trabalho, essa despreocupação filosófica que os conquistadores sempre professaram em lugar do conforto, não podem ser atribuídas a uma falta de energia, pois nenhum povo que eu saiba manifestou maior quantidade de audácia e de atividades enérgicas que esta tribo celtibérica confinada entre as montanhas e o oceano. Depois de haver repellido o islamismo, sentindo-se constrangida em sua língua materna, ela afrontou pela primeira vez os assustadores mistérios de um mar desconhecido e sem limites,

limites, explora les côtes d'Afrique, franchit le Cap des Tempêtes, fraya la grande route des Indes et peupla l'Asie de ses comptoirs, tandis que, d'un autre côté, Cabrai, poussant vers l'ouest, rencontrait ce continent que Colomb avait cherché en vain. Ce fut encore un Portugais, Magellan, qui, bravant les rigueurs du pôle sud, entra dans le Pacifique par une route nouvelle, et procura à ses compagnons la gloire de sillonner dans toute leur circonférence ce globe et cet océan, jusqu'alors fermés à la science et à l'investigation humaines. De tels hommes ne pouvaient comprendre l'esprit nouveau. Écoutez leur idiome si riche, si sonore, si passionné pour chanter les exploits des héros ou les cantiques des saints : il devient muet quand vous lui demandez un traité scientifique ou un livre de pratique industrielle. C'est une langue de paladins et non d'artisans. Telle langue, telle nation. Héritiers du monde romain et dernière personnification du moyen âge, ces hommes d'épée ne voyaient dans le travail que l'apanage des serfs. Toute innovation qui touchait à une telle base devait être un crime. À la réforme ils répondirent par l'inquisition. Pendant que les races anglo-saxonnes ouvraient l'oreille à la grande voix de Luther, ils se mettaient sous le patronage de Dominique et de Loyola. Les deux symboles ont porté leurs fruits.

explorou a costa da África, cruzou o Cabo das Tormentas, abriu a grande rota das Índias e povoou a Ásia com seus balcões, enquanto, por outro lado, Cabral, indo em direção ao oeste, reencontrou esse continente que Colombo procurou em vão. Foi também um português, Magalhães, que, desbravando os rigores do polo sul, entrou no Pacífico por uma nova rota e deu a seus companheiros a glória de percorrer em toda sua circunferência esse globo e este oceano, até então distantes da ciência e da investigação humana. De tais homens não se pode compreender o espírito inovador. Ouvi seu idioma tão rico, tão sonoro, tão apaixonado por cantar as façanhas dos heróis ou as cantigas dos santos: fica mudo quando vós pedis um tratado científico ou um livro de prática industrial. É uma língua de paladinos, não de artesãos. Tal língua, tal nação. Herdeiros do mundo romano e última personificação da Idade Média, esses homens munidos de espadas não viram no trabalho nada além da prerrogativa dos servos. Qualquer inovação que tocasse tal base deveria ser um crime. À reforma, eles responderam pela inquisição. Enquanto as etnias anglo-saxãs abriram os ouvidos para a grande voz de Lutero, eles se colocaram sob a proteção de Dominique e Loyola. Os dois símbolos portaram seus frutos. (Tradução nossa).

Pág. 110 (nota 190).

Entrez dans une ville de l'intérieur: vous y compterez les églises et les couvens par douzaines, et vous n'y trouverez pas une seule maison d'école. Les habitans sont obligés de recourir à Londres ou à New-York pour la plus petite machine, pour le plus mince tronçon de chemin de fer, et le fer se trouve en plusieurs endroits à fleur de terre et presque à l'état natif ! Enfin, chose impossible à croire, c'est quelquefois la Norvège qui alimente de bois de construction ce pays, le plus riche du monde en bois de toute sorte!

Entrei em uma vila do interior: vós contareis as igrejas e os conventos por dúzias, e vós não encontrareis uma única escola. Os habitantes são obrigados a recorrer a Londres ou Nova Iorque pela menor máquina, para o mais fino troço de estrada de ferro, e o ferro se encontra em vários lugares à flor da terra e quase em seu estado natural! Enfim, coisa impossível de acreditar às vezes é a Noruega que fornece madeira de construção a esse país, o mais rico do mundo em madeira de todo tipo! (Tradução nossa).

Pág. 115.

Les paysans de race blanche établis à Cuba et à Porto-Rico, les islingues ou isleños, qui travaillent la terre dans les Antilles et en diverses parties du continent américain, prouvent d'une manière incontestable, par leur exemple et une prospérité relative, que certains blancs peuvent aussi bien que les noirs cultiver le sol des contrées tropicales ; mais ces blancs acclimatés sont originaires de l'Espagne, du Portugal, de Madère, des Açores, des Canaries, et le soleil brûlant de leur pays natal les avait déjà préparés à la température de la zone torride. Probablement aussi des colons venus d'Allemagne, d'Irlande et d'autres contrées du nord de l'Europe pourraient-ils, sans danger pour leur santé, s'adonner à l'agriculture dans le Brésil équatorial et dans les Guyanes, à la condition d'observer une sobriété rigoureuse, de changer complètement leur genre de vie et de prendre des précautions auxquelles ils n'ont jamais été habitués ; mais on ne saurait demander une si profonde science de l'hygiène à des hommes que la misère, l'exil de leur patrie, et qui, peu de temps avant leur départ, ignoraient peut-être encore s'ils devaient choisir pour leur nouvelle demeure les bords glacés du Saint-Laurent ou les moites forêts de l'Amazone.

Os camponeses caucasianos estabelecidos em Cuba e em Porto Rico, os ilhéus, que trabalham na terra nas Antilhas e em diversas partes do continente americano, provam, de uma maneira incontestável, por seu exemplo de uma prosperidade relativa, que certos brancos podem também, assim como os negros, cultivar o solo de terras tropicais; mas esses brancos aclimatados são originários da Espanha, de Portugal, da Madeira, dos Açores, das Canárias, e o sol forte de seu país natal já os tinha preparado para a temperatura da zona tórrida. Provavelmente os colonos vindos da Alemanha, da Irlanda e de outras terras do norte da Europa poderiam também, sem perigo para sua saúde, aplicar-se à agricultura no Brasil equatorial e nas Guianas, sob a condição de manter rigorosa sobriedade, de mudar completamente seu modo de vida e de tomar precauções às quais jamais foram acostumados; mas não se poderia pedir um profundo conhecimento de higiene aos homens em miséria, exilados de sua terra natal, e que, pouco tempo antes de sua partida, ainda não saberiam se deveriam escolher como sua nova casa as margens geladas do Saint Laurent ou as florestas úmidas da Amazônia. (Tradução nossa).

Pág. 115.

Les Portugais et les Brésiliens sont des peuples spirituels, mais peu instruits et inoccupés; par l'intrigue, ils exercent leur esprit et font prendre le change à leur oisiveté.

Os portugueses e os brasileiros são pessoas espirituais mas pouco instruídas e desocupadas, pela intriga, eles exercem seu espírito e ficam sujeitos à mudança de sua ociosidade. (Tradução nossa).

Pág. 116.

Les causes remontent plus haut: elles ont leur source dans ce dur génie portugais, mélange de fatalisme arabe et d'âpreté ibérique propre à l'épopée, mais rebelle à la science et au travail. Dès que la première fièvre de l'occupation fut

As causas remontam mais acima: elas têm sua origem nesse duro gênio português, misturado de fatalismo árabe e aspereza ibérica própria da epopeia mas rebelde à ciência e ao trabalho. Desde que a primeira febre de ocupação se acalmou, os

apaisée, les conquistadores ne songèrent plus qu'à jouir en paix de la terre promise. Leurs descendants allèrent plus loin: quittant le casque de leurs rudes ancêtres pour le sombrero du planteur et leur vaillante épée pour le fouet du feitor, ils s'enveloppèrent dans leur manteau d'hidalgos, et laissèrent aux tribus vaincues le soin de les enrichir. Dédaignant les lentes productions de la terre, si féconde pourtant sous les tropiques, ils ne voulurent que de l'or. Pour en retirer quelques lingots, ils ont brûlé les forêts, bouleversé le sol, exterminé les peuplades indiennes et condamné à l'esclavage plusieurs millions de noirs.

colonizadores não sonharam mais senão em gozar em paz da terra prometida. Seus descendentes iriam mais longe: deixando o elmo de seus rudes ancestrais pelo sombrero do plantador e sua leal espada pelo chicote do feitor, eles se enrolaram em seu manto de fidalgos e deixaram às tribos vencidas o cuidado de lhes enriquecer. Menosprezando as lentas produções da terra, no entanto, tão fecundas sob os trópicos, eles não queriam nada além de ouro. Para dali extrair algumas barras, eles incendiaram florestas, perturbaram o solo, exterminaram os povos indígenas e condenaram à escravidão muitos milhões de negros. (Tradução nossa).

Pág. 117.

Ils ne furent pas toujours les agresseurs (como no caso dos espanhóis) dans leurs guerres avec les indigènes, et ils n'eussent pas demandé mieux que de les civiliser. Les Martim Affonso de Souza, les Mendez de Sà, les Albuquerque, les Coutinho, sont des hommes dont le nom est passé avec honneur jusqu'à nous.

Eles não foram sempre agressores (como no caso dos espanhóis) nas guerras com os indígenas, e eles não teriam feito mais que civilizá-los. Martim Afonso de Souza, Mem de Sá, Albuquerque, Coutinho, são homens cujos nomes chegaram com honra até nós. (Tradução nossa).

Págs. 117-118.

Cependant, sous ces misérables cabanes, le luxe de la civilisation s'était glissé en même temps que la religion.

No entanto, nessas miseráveis cabanas, o luxo da civilização se retirou ao mesmo tempo em que a religião. (Tradução nossa).

Pág. 118.

Le Brésil a célébré, le 7 septembre 1872, le cinquantième anniversaire de son indépendance. La dynastie, tige de l'antique maison de Bragance, a jeté dans le sol brésilien des racines profondes.

O Brasil celebrou em 7 de setembro de 1872, o 50º aniversário de sua independência. A dinastia, haste da antiga casa de Bragança, lançou no solo brasileiro raízes profundas. A constituição,

La constitution, fondée sur la souveraineté et la représentation nationale, fonctionne d'une manière régulière; les chambres discutent librement; les partis, qui d'ailleurs sont fidèles aux institutions et à la dynastie, s'agitent avec animation, avec acharnement parfois, mais sans jamais sortir des bornes de la légalité. Cette stabilité politique est la principale cause des progrès du Brésil. Cet immense pays, qui représente à lui seul plus des deux cinquièmes du continent de l'Amérique du Sud, renferme des richesses naturelles dont l'exploitation est à peine commencée.

fundada sobre a soberania e a representação nacional, funciona de uma maneira regular. As câmaras discutem livremente, os partidos, que além de tudo são fiéis às instituições e à dinastia, agitam-se com animação, às vezes com persistência, mas sem jamais sair dos limites da legalidade. Essa estabilidade política é a principal causa do progresso do Brasil. Esse imenso país, que representa sozinho mais de 2/5 do continente da América do Sul, reserva riquezas naturais cuja exploração está apenas numa fase inicial. (Tradução nossa).

Pág. 118.

L'intelligente activité des mulâtres devrait provoquer l'émulation de la société d'origine portugaise et européenne. Il n'en est rien. Cette société voit la supériorité morale lui échapper sans tenter aucun effort pour la ressaisir.

A inteligente atividade dos mulatos deveria provocar a imitação da sociedade de origem portuguesa e europeia. Não é o caso. Essa sociedade vê a superioridade moral escapar-lhe sem tentar qualquer esforço para recuperá-la. (Tradução nossa).

Págs. 126-127 (nota 218).

On a souvent décrit la capitale du Brésil. Ce qu'on n'a pas assez remarqué, c'est le curieux aspect de sa population maritime. Les eaux de la baie, si pures et si tranquilles, sont sillonnées chaque jour par des centaines de navires destinés pour toutes les régions de la terre. Depuis l'élégante frégate jusqu'au dégoûtant baleinier, toutes les formes de constructions navales inventées par le génie de l'homme se trouvent réunies dans ce port. On peut dire que nul point du globe n'offre un champ plus vaste à l'étude de la race humaine. Ici, dans la même chaloupe, le Russe et le Suédois rament à côté du Grec et du Portugais. Là, des matelots

Descreveram-se várias vezes a capital do Brasil. O que não teve ênfase suficiente foi o curioso aspecto de sua população marítima. As águas da baía, tão puras e tranquilas, são cruzadas todo dia por centenas de navios destinados a todas as regiões da terra. Da elegante fragata ao repugnante baleeiro, todas as formas de construção naval inventadas pela inteligência humana se encontram reunidas nesse porto. Pode-se dizer que nenhum ponto do globo oferece um campo tão vasto de estudo da raça humana. Aqui, na mesma embarcação, o russo e o sueco se enfileiram lado a lado com o grego e o português. Lá, marinheiros

chinois et malais descendent des flancs d'un bâtiment de la compagnie des Indes. Des habitans de la Nouvelle-Zélande et de la Polynésie, apportés par des baleiniers américains, attirent l'attention par leur apparence sauvage et par leurs gestes désordonnés. Dans les rues tortueuses de la ville fourmillent des représentans de toutes les tribus de l'Afrique, les uns défigurés par de profonds tatouages, les autres par leurs dents limées en forme de clou. A tous ces élémens si divers se mêlent encore les Caboclos, représentans de la race indienne, qui, en qualité de muletiers, viennent de Saint-Paul ou de la province des Mines.

Págs. 127-128.

La population du Brésil est évaluée approximativement à cinq millions. On y distingue plusieurs races : 1° les Portugais d'Europe naturalisés Brésiliens ; 2° les Portugais créoles nés dans le pays, ou Brésiliens proprement dits ; 3° les métis de blancs et de nègres, ou mulâtres ; 4° les métis de blancs et d'Indiens, ou cabres ; 5° les nègres d'Afrique ; 6° les Indiens, partagés en diverses peuplades. L'état moral de cette société abandonnée à ses mauvaises passions, à ses instincts sauvages, est vraiment affligeant.

Pág. 128.

João Manoel me disait en marchant Ce n'est pas tout senhor que de savoir distinguer un nègre d'un cheval ou de toute autre espèce de quadrupède. Avec cela vous n'iriez pas loin il faut encore savoir les choisir. Mais ôtons nos chapeaux j'aperçois une procession là bas Il est plus facile senhor d'acheter une troupe de chevaux de Minas que deux de ces animaux que vous voyez là étendus sur le pavé il y a plus de mauvaise volonté et de sentimens anti chrétiens dans leur tête que chez tous les macaques du Brésil ensemble. (...) Tout est il parfait ici bas. Le ciel même des

chineses e malaios descem de um edifício da Companhia das Índias. Habitantes da Nova Zelândia e da Polinésia, trazidos por baleeiros americanos, chamam a atenção por sua aparência selvagem e por seus gestos desordenados. As ruas tortuosas da cidade formigam de pessoas de todas as tribos da África, uns desfigurados por profundas tatuagens, outros por seus dentes lixados em forma de prego. A todos esses elementos tão diversos se misturam ainda os caboclos, representantes dos indígenas, que, na qualidade de muleiros, vêm de São Paulo ou da província de Minas. (Tradução nossa).

A população do Brasil é avaliada em aproximadamente cinco milhões. Distinguem-se várias raças: 1° os portugueses da Europa naturalizados brasileiros; 2° os portugueses crioulos nascidos no país, ou os brasileiros propriamente ditos; 3° os mistos de brancos e negros, ou mulatos; 4° os mistos de brancos e índios, ou caboclos; 5° os negros da África; 6° os índios, divididos em diversas tribos. O estado moral desta sociedade abandonada às suas paixões errôneas, a seus instintos selvagens, é realmente sofrível. (Tradução nossa).

João Manoel me dizia andando "Não é todo senhor que sabe distinguir um negro de um cavalo ou de toda espécie de quadrúpede. Com isso vós não iríeis longe, é necessário saber escolhê-los. Mas tiremos nossos chapéus, eu vi uma procissão lá. É mais fácil, senhor, comprar uma tropa de cavalos de Minas que dois desses animais que vós vedes aí deitados no pavimento, há mais má vontade e sentimentos anticristãos na cabeça deles que em todos os macacos do Brasil juntos. (...) Tudo é perfeito aqui embaixo. O céu dos trópicos está limpo. Passai então sem chamar a atenção. Não me

tropiques est il sans nuages. Passez donc sans y faire attention. Ne me parlez plus au contraire d'une cargaison qui tire à sa fin je n'ai jamais aimé à voir cela. C'est trop triste que ces misérables qui sont là étendus à la porte du magasin rêvassant flétris œdémateux sans que personne se soucie de les acheter.

Pág. 129 (nota 221).

C'est un plaisir de penser que ces pauvres êtres vont enfin connaître la civilisation qui n'eût garde d'aller les chercher em Afrique.

falai mais ao contrário de uma carga que chega a seu fim, eu nunca gostei de ver isso. É muito triste que esses miseráveis que estão lá deitados à porta da loja delirem com marcas inchadas sem que ninguém se importe em comprá-los". (Tradução nossa).

É um prazer pensar que esses pobres seres vão enfim conhecer a civilização que não os encontrou na África. (Tradução nossa).

Pág. 129 (nota 222).

Excepté quelques songe-creux dont la cervelle avait reçu une triple dose d'esprit africain, nègres enracinés, inaptes à la civilisation, tous comprenaient clairement que ce qui se passait là était pour leur plus grand bien.

Exceto alguns sonhadores cujo cérebro tinha recebido uma dose tripla de espírito africano, negros de raiz, inaptos à civilização, todos compreendiam claramente que o que se passava lá era para seu próprio bem. (Tradução nossa).

Pág. 129 (nota 223).

Le dimanche, le travail est suspendu. Le Portugais est trop bon catholique pour faire travailler ses nègres le jour du repos ; mais il leur permet ce jour-là de travailler pour leur compte, il leur donne même à chacun un coin de terre où ils cultivent du maïs qu'ils vendent aux marchands de mules. Le prix de la récolte est destiné à renouveler leur vestiaire ; mais le nègre des champs, peu fashionable de sa nature, préfère volontiers une bouteille de cachaça ou une pipe de tabac à une chemise neuve. Il s'en va donc le plus souvent déguenillé, au grand désespoir du senhor.

No domingo, o trabalho é suspenso. O português é muito bom católico para obrigar seus negros a trabalhar no dia do repouso; mas ele os permite trabalhar nesse dia por conta própria, ele até dá a cada um deles um pedaço de terra onde eles cultivam o milho que eles vendem nos mercados de mulas. O pagamento da colheita é destinado a renovar suas roupas; mas o negro do campo, pouco cuidadoso com as vestimentas por natureza, prefere uma garrafa de cachaça ou um cachimbo de tabaco a uma camisa nova. Ele usa então seus farrapos, para desespero do senhor. (Tradução nossa).

Pág. 129-130 (nota 224).

Le lendemain eut lieu la fête du senhor. Il serait

No dia seguinte aconteceu a festa do senhor.

peut-être plus exact de dire la fête des nègres. Dès le matin, les punitions furent levées et les cachots ouverts. Un padre des environs vint célébrer la messe dans un vaste magasin transformé en chapelle. Une table recouverte d'une nappe servait d'autel. Au dehors se tenaient accroupis plusieurs centaines d'esclaves de tout sexe, de tout âge et de toute nuance. Je contemplais les négrillons deminus miaulant comme de jeunes chats sauvages sur les genoux de leurs mères, les singes de la maison fourrageant gravement sur les têtes des jeunes négresses, les perroquets criant à tue-tête : Quer café (voulez-vous du café) ? les chiens courant çà et là au milieu des groupes, lorsqu'à un signal donné par le mulétier-sacristain le chœur des négresses entonna un hymne religieux. C'était un mélange d'exclamations sauvages, de gloussements intraduisibles, d'articulations étranges qui n'avaient rien de l'homme, et qui auraient échappé à l'analyse de l'oreille la mieux exercée.

Talvez seja mais exato dizer a festa dos negros. Desde a manhã, as punições foram suspensas e as celas, abertas. Um padre das redondezas veio celebrar a missa em um grande armazém transformado em capela. Uma mesa coberta com uma toalha servia como altar. Do lado de fora se agachavam várias centenas de escravos de ambos os sexos, de todas as idades e de todos os matizes. Eu contemplava os negrinhos seminus miando como gatinhos selvagens no colo de suas mães, os macacos da casa escarafunchando sobre as cabeças de jovens negras, os papagaios gritando: “Quer café?”. Os cachorros correndo para lá e para cá por entre os grupos, quando, ao sinal dado pelo sacristão, o coro de negros entoou um hino religioso. Era um misto de exclamações selvagens, de gemidos intraduzíveis, de articulações estranhas que não tinha nada de humano e que escapavam à análise da orelha mais bem preparada. (Tradução nossa).

Pág. 130 (nota 225).

On tendit à cette époque un piège bien dangereux à l'inexpérience du peuple brésilien. On lui peignit sous les plus séduisantes couleurs la prospérité toujours croissante de l'Amérique du nord, et des idées de fédéralisme se répandirent dans toutes les provinces du Brésil. Mais l'union américaine a été formée par des sectaires vertueux, pleins de constance et d'énergie, qui, préparés à la liberté par les leçons même et par les exemples de leurs ancêtres européens, étaient capables de la concevoir et dignes d'en jouir. Il s'en faut bien malheureusement que le peuple brésilien soit formé des mêmes éléments et qu'il se trouve dans les mêmes circonstances. Des esclaves appartenant à une race inférieure composent les deux tiers de ce peuple, et il gémissait il n'y a que dix années, sous un régime despotique, dont le résultat était non-seulement de l'appauvrir mais encore de le démoraliser. Les Brésiliens ont noblement secoué le joug du système colonial; mais, sans y songer peut-être, ils sont toujours, il faut le dire, sous sa triste influence, comme l'esclave qui a brisé ses

A essa época se armava uma armadilha muito perigosa à inexperiência do povo brasileiro. Pintava-se sob as mais sedutoras cores a prosperidade sempre crescente da América do Norte, e as ideias de federalismo se propagavam em todas as províncias do Brasil. Mas a união americana foi formada por sectários virtuosos, cheios de constância e de energia, que, preparados pela liberdade por lições próprias e pelos exemplos de seus ancestrais europeus, eram capazes de concebê-la e dignos de gozá-la. Seria necessário muito mais, infelizmente, para que o povo brasileiro fosse formado pelos mesmos elementos e se encontrasse nas mesmas circunstâncias. Os escravos, pertencentes a uma raça inferior, compõem dois terços dessa população, e haviam sido oprimidos há menos de dez anos por um regime despota, cujo resultado foi não apenas de empobrecê-los mas também de desmoralizá-los. Os brasileiros afastaram nobremente o jugo do sistema colonial; mas, sem saber, talvez, eles estão, é necessário dizer, sob

chaînes en laisse voir les traces bien long-temps encore sur ses membres meurtris.

essa triste influência, como o escravo que quebrou suas correntes mas mantém as cicatrizes em seus membros feridos. (Tradução nossa).

Pág. 130 (nota 226).

Les bras nécessaires à l'agriculture ne viendront plus au Brésil des arides déserts de l'Afrique et des misérables tribus de Mozambique, de Loanda, de la côte de la Mine et du Zaïre. Il faut les remplacer par des hommes d'une race égale à notre race, comme nous libres, et qui, mieux que les nègres ignorans, puissent donner du développement aux richesses et profiter de la fertilité d'un sol que la nature a magnifiquement doué. La grandeur et l'avenir du pays dépendent de l'agriculture et de l'industrie. Il n'y a pas un territoire, pas un climat, pas une position au monde qui soient comparables au territoire, au climat et à la position du Brésil.

Os braços necessários à agricultura não virão mais ao Brasil dos áridos desertos da África e das miseráveis tribos de Moçambique, de Luanda, da costa da Mina e do Zaire. É preciso substituí-los por homens de uma raça igual à nossa, livres como nós, que, melhor que os negros ignorantes, podem desenvolver os recursos e lucrar com a fertilidade de uma terra que a natureza magnificamente doou. A grandeza e o futuro do país dependente da agricultura e da indústria. Não há um território, um clima, uma posição no mundo que sejam comparáveis ao território, ao clima e à posição do Brasil. (Tradução nossa).

Pág. 131.

La race noire se partage au Brésil, comme ailleurs, en diverses souches. Les nègres de la côte de Minas reproduisent, sauf la couleur, le type caucasique : front élevé, nez droit, bouche régulière, figure ovale, formes athlétiques, tout révèle en eux une nature forte et intelligente ; l'œil et la lèvre trahissent seuls la sensualité que la constitution anatomique semble imposer atout le groupe éthiopien. Les individus de cette race qui jouissent de la liberté donnent chaque jour des preuves non équivoques de leur aptitude supérieure. J'ai vu des ouvriers, des négocians, des prêtres, des médecins, des avocats nègres qui, de l'aveu même des gens du pays, pouvaient hardiment rivaliser dans leur œuvre avec les blancs.

A raça negra se divide, no Brasil, como em outros lugares, em diversos tipos. Os negros da costa de Minas reproduzem, exceto pela cor, o tipo caucasiano: testa alta, nariz reto, boca regular, rosto oval, corpo atlético, tudo neles revela uma natureza forte e inteligente; os olhos e os lábios entregam a sensualidade que a constituição anatômica parece impor ao grupo etíope. Os indivíduos dessa raça que gozam de liberdade dão todos os dias provas inequívocas de sua aptidão superior. Eu vi trabalhadores, comerciantes, padres, médicos, advogados negros que, com a permissão do povo do país, poderiam facilmente competir em suas áreas com os brancos. (Tradução nossa).

Pág. 133.

Une population d'humeur si indolente est peu

Uma população tão indolente é pouco apropriada ao trabalho na agricultura, ainda mais difícil que o

propre aux travaux de l'agriculture, plus pénibles partout que le service de l'intérieur d'une Maison.

serviço no interior de uma casa. (Tradução nossa).

Págs. 133-134.

Ce caractère indomptable a fait donner aux Indiens des forêts le nom d'Indios braves (Indiens médians), par opposition aux Indiens des frontières qu'on appelle Indios mansos (Indiens doux, apprivoisés). Comme leurs ancêtres, les braves vivent de fruits, de chasse et de pêche ; chaque tribu obéit à un chef dont il est difficile d'analyser l'autorité. Supérieurs en force physique aux autres indigènes américains, ils paraissent inférieurs en intelligence, car on n'a trouvé chez eux aucune tradition historique, aucun monument qui rappelât quelques traces de civilisation. Quant à leur religion, elle est sans doute la même que celle de leurs aïeux.

Esse caráter indomável fez dar aos índios das florestas o nome de índios braves (índios médios), em oposição aos índios da fronteira, que se chamam índios mandos (índios doces, domáveis). Como seus ancestrais, os braves vivem de frutas, caça e pesca; cada tribo obedece a um chefe cuja autoridade é difícil de analisar. Superiores em força física aos outros indígenas americanos, eles parecem ser inferiores em inteligência, porque não se encontrou entre eles nenhuma tradição histórica nem qualquer monumento que remetesse a traços de civilização. Quanto a sua religião, ela é sem dúvida a mesma de seus antepassados. (Tradução nossa).

Pág. 134.

Les plantes sorties de cette végétation, sont aussi variées que les fleurs et les feuilles qui les recouvrent. Tous les besoins immédiats de l'homme, divers produits même de l'industrie, semblent sortir spontanément du sol : pain, lait, beurre, fruits, parfums, poisons, cordages, vaisselle même, tout se trouve pêle-mêle dans la forêt vierge. Peut-être est-ce dans cette richesse qu'il faut chercher le secret de l'infériorité des tribus du désert. Est-il nécessaire de se livrer au labeur incessant de la civilisation, lorsque la nature se montre si complaisante et si prodigue ? Demandez plutôt à l'Indien. Désire-t-il une demeure : quelques instans lui suffisent pour se construire une hutte au pied d'un ipiriba, les feuilles lui servent de lit, les branches de parasol ; il trouve dans les fruits une excellente nourriture, et dans l'écorce un remède contre la fièvre. Le bois, aussi dur que le fer, lui fournit une massue pour les combats ou des instrumens d'agriculture. Si, fatigué de la vie sédentaire, il veut courir les fleuves et se livrer à la pêche, il n'a qu'à renverser

As plantas dessa vegetação são tão variadas quanto as flores e folhas que as recobrem. Todas as necessidades imediatas do homem, diversos produtos industriais, parecem sair espontaneamente da terra: pão, leite, manteiga, frutos, fragrâncias, venenos, cordais, até mesmo pratos, tudo se encontra ali mesmo na floresta virgem. Talvez seja nessa riqueza que seja preciso procurar o segredo da inferioridade das tribos isoladas. Será necessário se livrar do trabalho incessante da civilização para que a natureza se mostre tão generosa e indulgente? Pergunte ao índio. Se ele quer uma casa, alguns instantes são suficientes para que construa uma cabana ao sopé de um ipiriba, folhas servem como cama, os galhos de guarda-sol, ele encontra nos frutos excelente alimento e nas cascas um remédio contra febre. A madeira, tão dura quanto o ferro, pode ser transformada em arma para o combate ou em instrumentos para a agricultura. Se, cansado da vida sedentária, ele quer navegar nos rios e se lançar à pesca, ele só precisa tirar a madeira da

l'édifice et à le creuser avec le feu : sa hutte devient alors pirogue. Avec la base d'un bambou, il construit une batterie de cuisine et un mobilier complet ; l'extrémité de la tige est un excellent régal ; les feuilles tissées donnent des vêtements à sa femme, le bois sert à ses flèches ; les tiges creuses, liées ensemble, servent à improviser un radeau. Le même arbre devient, suivant le besoin, arsenal, vestiaire, restaurant et pharmacie.

construção e cavá-la com fogo: sua cabana se torna uma canoa. Com a base de um bambu, ele constrói utensílios de cozinha e um mobiliário completo; a extremidade da haste é um ótimo presente; as folhas tecidas se tornam roupas para sua mulher, da madeira se faz flechas, os caules cortados, amarrados juntos, improvisam uma jangada. A mesma árvore se torna, de acordo com a necessidade, arsenal, vestiário, restaurante e farmácia. (Tradução nossa).

Pág. 136.

Chez ces peuples encore maintenus dans la barbarie, dépourvus des premiers élémens de l'instruction, on ose à peine dire qu'il existe une langue dans la haute acception que nous attachons à ce mot. Leurs besoins sont si limités, le cercle de leurs idées si étroit, ils ont si peu de chose à se dire, qu'un jargon composé de quelques centaines de mots leur suffit amplement. Entre eux, ils se servent de la lingua geral, espèce de langue franque d'une extrême pauvreté, formée de mots d'origine guaranique et enseignée à leurs pères par les jésuites. Dans les villes, ils commencent à comprendre le portugais ; mais ceux qui sont restés pendant toute leur vie éloignés d'un centre civilisé ne peuvent s'exprimer d'une manière compréhensible que pour dire leurs noms de baptême et demander un verre d'eau-de-vie. Telle est l'ignorance profonde où croupissent des hommes libres auxquels on accorde, comme par ironie, le titre de citoyens. Cependant les résultats étonnans obtenus par ceux qui se sont donné la peine d'élever des Tapuis prouvent qu'on ne doit pas attribuer la naïveté enfantine de ces Indiens au manque d'intelligence.

Entre os povos ainda mantidos na barbárie, desprovidos dos primeiros elementos da instrução, mal se pode dizer que exista uma língua, na mais básica concepção da palavra. Suas necessidades tão limitadas, o círculo de suas ideias tão limitado, eles têm tão pouca coisa a dizer que um jargão composto de algumas centenas de palavras é suficiente. Entre si eles falam a língua geral, espécie de língua franca extremamente pobre, formada de palavras de origem guarani e ensinada a seus pais pelos jesuítas. Nas cidades, eles começam a entender o português; mas os que permaneceram a vida toda afastados de um centro civilizado não podem expressar-se de uma maneira compreensível a não ser para dizerem seus nomes de batismo e pedir um copo de água ardente. Tal é a ignorância profunda em que se afundam esses homens livres ao quais se concede, como que por ironia, o título de cidadãos. Entretanto, os resultados surpreendentes obtidos por aqueles que se deram ao trabalho de criar os Tapuias provam que não se deve atribuir a inocência infantil desses índios à falta de inteligência. (Tradução nossa).

Pág. 137.

Presque toutes celles que j'ai vues étaient des roseaux, et semblaient plutôt des jouets inoffensifs que des instrumens de mort. Ces armes ultra-primitives, dans un pays où le fer se trouve

Quase todas as que eu vi eram frágeis e mais pareciam brinquedos inofensivos que instrumentos fatais. Essas armas tão primitivas, num país em que se encontra ferro quase em estado natural e à

presque à l'état natif et à la surface du sol, donnent une triste opinion de ces peuplades, entièrement rebelles à toute civilisation.

superfície da terra, dão uma triste impressão dessas tribos, completamente alheias a toda civilização. (Tradução nossa).

Pág. 138.

Les efforts tentés jusqu'ici pour employer l'Indien du Brésil comme domestique ont été presque sans résultat. Plusieurs fazendeiros qui en avaient pris à l'essai, et que j'ai interrogés sur leur compte, m'ont unanimement répondu qu'ils avaient été obligés d'y renoncer à cause de l'incroyable sans-façon que ces sauvages apportaient dans leur service. Venaient-il à regretter leurs forêts, ils quittaient la maison sans mot dire à personne, retournaient dans les bois, se construisaient une hutte avec quelques pieux fichés en terre et quelques feuilles de palmier, et là se reposaient de leurs prétendues fatigues, n'interrompant leur *far niente* que pour cueillir quelques fruits ou pêcher quelques poissons. Puis un jour, après deux, trois, six mois d'absence, saturés de vie sauvage, ils venaient reprendre leur travail comme s'ils l'avaient quitté la veille, et ne comprenaient pas que le maître parût étonné de les apercevoir et leur demandât des explications. Ils continuaient ainsi leur besogne pendant quelque temps ; mais, bientôt fatigués une seconde fois de la vie civilisée, ils s'échappaient sans bruit de la plantation pour aller se refaire dans les forêts et reparaître l'année suivante. Ces escapades avaient surtout lieu le jour où ils recevaient leur solde. Il va sans dire que tout cet argent passait à acheter de la cachaça, et que ce n'était qu'après en avoir cuvé les dernières fumées que l'ancien maître leur revenait en mémoire.

Os esforços feitos até aqui para empregar o índio do Brasil como doméstico não deram praticamente nenhum resultado. Muitos fazendeiros que tentaram, e que eu entrevistei, responderam-me unanimemente que foram obrigados a renunciar à causa pela incrível falta de maneira que esses selvagens apresentavam no serviço. Caso sentissem falta da floresta, eles saíam da casa sem falar nada a ninguém, retornavam aos bosques, construíam uma cabana com alguns paus fixos na terra e algumas folhas de palmeira, e lá repousavam seus falsos cansaços, só interrompendo seu *far niente* para colher algumas frutas ou pescar alguns peixes. Depois de um dia, dois, três, seis meses de ausência, cansados da vida selvagem, eles voltavam ao trabalho como se tivessem partido na véspera, e não compreendiam que o mestre parecesse admirado de vê-los e pedia explicações. Assim continuavam suas tarefas por algum tempo; mas, logo que se cansavam da vida civilizada, eles escapavam sorrateiramente da plantação para se refazer nas florestas e reapareciam no ano seguinte. Essas escapadas aconteciam principalmente no dia do pagamento. Ele sai sem dizer que todo esse dinheiro compraria cachaça e que só depois de terminar de fumar o velho mestre voltaria a sua memória. (Tradução nossa).

Pág. 138 (nota 241).

Ceux-ci se laissaient volontiers approcher quand il ne s'agissait que d'être catéchisés, car ils savaient que l'Évangile était toujours accompagné d'une foule de petits avantages fort de leur goût, tels que vêtements, couteaux, et surtout une nourriture

Esses aqui se deixaram aproximar voluntariamente quando era apenas para serem catequizados, porque sabiam que o evangelho era acompanhado de uma série de pequenas vantagens de que gostavam, como roupas, utensílios e especialmente alimentação menos precária do que a vida na

moins précaire que ne l'offre la vie des bois.

floresta oferece. (Tradução nossa).

Pág. 138 (nota 241).

Cependant, sous ces misérables cabanes, le luxe de la civilisation s'était glissé en même temps que la religion.

No entanto, nessas miseráveis cabanas, o luxo da civilização se retirou ao mesmo tempo em que a religião. (Tradução nossa).

Pág. 139 (nota 242).

Tel est l'attrait irrésistible du désert que ceux qui en sont sortis ne peuvent vivre dans un autre milieu. Les annales portugaises font mention d'un Botocudo qui, trouvé dans les bois encore enfant, fut amené à Bahia et élevé dans un couvent. Ses progrès, son intelligence, ses aptitudes, ayant été remarqués, on redoubla de soins. C'était une précieuse acquisition : on voyait en lui le missionnaire futur de sa peuplade. Comme il témoignait du goût pour les ordres, il fut sacré prêtre. Devenu enfin libre, il sortit du couvent sous prétexte de promenade, entra dans les bois qui entouraient la ville, et ne reparut plus. On sut plus tard qu'au lieu de catéchiser ses compatriotes, il avait repris leur costume primitif et leurs sauvages coutumes.

Tal é a atração irresistível do isolamento que aqueles que de lá saem não conseguem viver em outro meio. Os anais portugueses fazem menção a um Botocudo que, encontrado na floresta ainda criança, foi levado à Bahia e criado em um convento. Seu progresso, sua inteligência, suas aptitudes, foram notáveis, redobrou-se a atenção. Era uma preciosa aquisição: via-se nele o futuro missionário de sua tribo. Como ele tinha gosto pelo ordenamento, foi sacrado padre. Enfim livre, ele saiu do convento sob o pretexto de passear, entrou na floresta que circundava a cidade e não voltou mais. Soube-se mais tarde que, em lugar de catequizar seus compatriotas, ele readquiriu seus costumes primitivos e selvagens. (Tradução nossa).

Pág. 139 (nota 244).

Ils ne furent pas toujours les agresseurs (comme no caso dos espanhóis) dans leurs guerres avec les indigènes, et ils n'eussent pas demandé mieux que de les civiliser. Les Martim Affonso de Souza, les Mendez de Sà, les Albuquerque, les Coutinho, sont des hommes dont le nom est passé avec honneur jusqu'à nous.

Eles não foram sempre agressores (como no caso dos espanhóis) nas guerras com os indígenas, e eles não teriam feito mais que civilizá-los. Martim Afonso de Souza, Mem de Sá, Albuquerque, Coutinho, são homens cujos nomes chegaram com honra até nós. (Tradução nossa).

Pág. 140 (nota 245).

Les traitans portugais ou péruviens, les autres aventuriers que l'esprit de spéculation amène sur le

Os empreiteiros portugueses ou peruanos, os outros aventureiros que o espírito de especulação

fleuve des Amazones, ne songent guère non plus à l'amélioration des tribus indiennes avec lesquelles ils se trouvent en contact. Gens grossiers et avides, ils ne pensent qu'à s'enrichir aux dépens des naturels, quand ils croient pouvoir le faire sans danger ; ils les maltraitent, et, chose plus déplorable peut-être, ils spéculent sur l'ivrognerie de ces pauvres gens pour payer en eau-de-vie les denrées qu'ils leur achètent ou le transport de leurs marchandises : on évalue à une moyenne de 10 francs environ la somme que le traitant débourse pour rémunérer le travail d'un Indien pendant deux longues années. Enfin ceux qui ont pour mission spéciale de moraliser les indigènes ne les traitent pas toujours avec plus d'équité.

Pág. 140.

Trois jours après avoir quitté Goyaz, nous pouvions déjà commencer nos études sur la vie sauvage : nous avions atteint le village de Caretao, habité par les Indiens de deux tribus, les Chavantes et les Cherentes, qui appartiennent à la même nation. Ils étaient peu nombreux et dans un état assez misérable. (...) Bien que parfaitement paisibles, ils entretiennent des communications fréquentes avec la portion des deux tribus qui, sauvage et hostile aux blancs, vit encore dans le désert; celle-ci est anthropophage, et plusieurs même des hommes du village de Caretao avaient aussi mangé de la chair humaine.

Pág. 140 (nota 247).

Aussi les Tapuis de Cametá sont-ils d'une exquise propreté et pourraient-ils, sous ce rapport, servir de modèles à tous les peuples du monde. Blanches ou brunes, mamalucas ou mestiças, les femmes surtout doivent à leurs bains continuels une grande pureté de contours et une transparence merveilleuse de la peau ; mais peut-être aussi doivent-elles à ces mêmes bains une véritable paresse, qui s'ajoute à la voluptueuse langueur

levou até o rio Amazonas, não pensam em melhorar as tribos indígenas com as quais tiveram contato. Gente rude e gananciosa, eles só pensam em enriquecer a custa dos recursos naturais, quando acreditam poder fazê-lo sem perigo; eles os maltratam, e talvez mais deplorável ainda, eles se aproveitam da embriaguez desses pobres pagando em aguardente os bens que deles compram ou o transporte de suas mercadorias: estima-se que se paguem apenas 10 francos pelo trabalho de um índio durante dois longos anos. Enfim, aqueles que têm por missão especial moralizar os indígenas não os tratam sempre com equidade. (Tradução nossa).

Três dias depois de deixar Goiás, nós já poderíamos começar nossos estudos sobre a vida selvagem: nós tínhamos visitado a aldeia de Caretao, habitada por índios de duas tribos, os Xavantes e os Xerentes, que pertenciam à mesma nação. Eles eram poucos e viviam em estado miserável. (...) Bastante pacíficos, eles se comunicavam frequentemente com a porção das duas tribos que, selvagem e hostil aos brancos, vivia ainda isolada; esta é antropofágica, e vários dos homens da aldeia de Caretao também tinham comido carne humana. (Tradução nossa).

Também os Tapuias de Cametá têm uma excelente higiene e poderiam, nesse aspecto, servir de exemplo a todos os povos do mundo. Brancos ou morenos, mamelucos ou mestiços, sobretudo as mulheres devem a seus banhos contínuos uma alta pureza de contornos e uma transparência maravilhosa da pele; mas talvez elas devam a esses mesmos banhos uma preguiça profunda, que se une a estagnação voluptuosa comum a todas as

commune à toutes les femmes créoles.

mulheres crioulas. (Tradução nossa).

Pág. 141 (nota 248).

La transition entre les tribus sauvages et les populations civilisées des côtes brésiliennes est marquée par les Indiens mansos. Ce sont eux qui cueillent le caoutchouc, l'ipécacuana, la vanille, la salsepareille, en un mot tous les produits qu'on ne trouve que dans les forêts lointaines. La récolte faite, ils s'avancent dans les cantonnements des blancs pour la livrer et recevoir en échange des produits de l'industrie européenne, couteaux, indiennes, eau-de-vie, etc. Le reste de l'année est occupé à la chasse et surtout à la pêche, leur passion favorite.

A transição entre as tribos selvagens e as populações civilizadas das costas brasileiras é marcada pelos índios mansos. São eles que colhem a borracha, a ipecacuanha, a baunilha, a salsaparrilha, em resumo todos os produtos que não se encontram a não ser em florestas remotas. Colheita feita, eles entram nas instalações dos brancos para entregá-la e recebe em troca produtos da indústria europeia, utensílios, coisas da índia, aguardente etc. O resto do ano é ocupado pela caça e, sobretudo, pela pesca, sua paixão favorita. (Tradução nossa).

Pág. 142.

Lorsque le cri de l'eldorado eut retenti dans les plaines de Piratininga, et que l'écho, traversant l'Océan, fut arrivé jusqu'aux Algarves, on vit tout à coup s'animer ces plages désertes. Des villes s'élevèrent, des picadas (sentiers) sillonnèrent les montagnes, l'activité européenne vint prendre possession de cette terre, et refoula au loin les tribus indigènes cuivrées, incapables de féconder le sol et destinées à disparaître tôt ou tard devant les exigences de la civilisation.

Quando o grito do Eldorado ressoou nas planícies de Piratininga e o eco atravessou o oceano, chegando até a Algarve, viu-se rapidamente encher de vida essas praias desertas. Cidades se ergueram, picadas (trilhas) atravessaram montanhas, o negócio europeu veio tomar essa terra e afastar as tribos indígenas nativas, incapazes de fertilizar o solo e destinadas a desaparecer mais cedo ou mais tarde diante das exigências da civilização. (Tradução nossa).

Pág. 143.

Ces peuples, qui comptaient plus de cent tribus lorsqu'ils virent arriver les premières voiles latines, sont réduits de nos jours à quelques milliers d'hommes essayant encore de conserver leur sauvage indépendance dans les contrées les plus inaccessibles de l'intérieur. Décimés par la servitude, les armes à feu, la petite vérole et d'autres fléaux importés d'Europe, ils se sont retirés pas à pas devant l'étranger, lui cédant cette terre qu'ils n'avaient su ni défendre ni féconder.

Esses povos, que eram mais de cem tribos até que chegaram os primeiros navios latinos, foram reduzidos a alguns milhares de homens tentando ainda conservar sua independência selvagem nas terras mais inacessíveis do interior. Dizimados pela servidão, armas de fogo, varíola e outras doenças importadas da Europa, eles se retiraram passo a passo diante do estrangeiro, cedendo a ele esta terra que não souberam nem defender nem fertilizar. O índio hoje representa pouco nas dificuldades enfrentadas pelo colono. (Tradução

L'Indien est donc aujourd'hui pour peu de chose
dans les difficultés qui arrêtent le colon (...).

nossa).

Pág. 143 (nota 254).

L'Indien de la côte orientale est entièrement réfractaire à la civilisation. Comme le jaguar, il recule dans le désert à mesure que la hache européenne pénètre dans ses forêts.

O índio da costa oriental é inteiramente insubmisso à civilização. Como a onça, ele recua ao isolamento à medida que o machado europeu penetra em suas florestas. (Tradução nossa).

Págs. 143-144.

¿No es un hecho que en todas las épocas y en cada rincón del globo, los habitantes de las regiones templadas han sido superiores a los de las regiones tropicales? Todas las grandes invasiones y todos los grandes desplazamientos han sido de norte a sur, pero no al revés; y no tenemos registro de que alguna vez haya existido, como tampoco hoy existe, un solo caso de civilización intertropical.

Não é um feito que, em todas as épocas e em cada canto do globo, os habitantes das regiões temperadas tenham sido superiores aos das regiões tropicais? Todas as grandes invasões e todos os grandes deslocamentos ocorreram do norte para o sul, e não ao contrário; e não temos registro de que alguma vez tenham existido, como tampouco existe hoje um só caso de uma civilização intertropical. (Tradução nossa).

Pág. 148.

Aucun n'était blanc ; mais, ainsi que presque tous les Brésiliens de l'intérieur, ils offraient un mélange confus des races de l'Europe et de l'Afrique entées sur celles des habitants primitifs du continent. Plusieurs étaient de pur sang indien et appartenaient à la nation des Chavantes.

Nenhum era branco; mas, assim como quase todos os brasileiros do interior, eles eram uma mistura confusa de raças da Europa e da África com as dos habitantes primitivos do continente. Muitos eram de puro sangue indígena e pertenciam à nação dos Xavantes. (Tradução nossa).

Págs. 148-149.

Il est bien clair que la nouvelle forme de gouvernement aurait dû être adaptée à ce triste état de choses, qu'elle devait tendre à unir les Brésiliens, et à faire en quelque sorte leur éducation morale et politique. Mais, pour pouvoir donner aux habitants du Brésil une charte conçue dans cet esprit, il aurait fallu les connaître profondément, et don Pedro, que son père avait

É muito claro que a nova forma de governo deveria ser adaptada a esse triste estado das coisas, que deveria tender a unir os brasileiros e fazer de alguma forma sua educação moral e política. Mas, para poder dar aos habitantes do Brasil uma carta concebida com esse espírito, seria necessário conhecê-los profundamente, e Dom Pedro, cujo pai sempre se manteve distante dessas questões,

toujours tenu éloigné des affaires, pouvait à peine connaître Rio de Janeiro, ville dont la population, difficile à étudier, présente un amalgame bizarre d'Américains et de Portugais, de blancs et de gens de couleur, d'hommes libres d'affranchis et d'esclaves; ville qui, tout à la fois colonie, port de mer, capitale, résidence d'une cour corrompue, s'est toujours trouvée sous les plus fâcheuses influences.

Pág. 149 (nota 269).

De l'embonpoint, une petite taille, de beaux yeux noirs, une peau plutôt cuivrée que brune, d'épais cheveux d'ébène, tels sont à peu près les traits distinctifs des Brésiliennes.

mal conhecia o Rio de Janeiro, cidade cuja população, difícil de estudar, apresenta-se como um misto bizarro de americanos e portugueses, de brancos e de gente de cor, de homens livres, de libertos e de escravos; cidade que é colônia, porto de mar, capital, residência de uma corte corrupta, encontra-se sempre sob as mais adversas influências. (Tradução nossa).

Com sobrepeso, de pequeno tamanho, de belos olhos negros, uma pele mais acobreada que morena, de grossos cabelos cor de ébano, tais são geralmente os traços distintos dos brasileiros. (Tradução nossa).

Pág. 149 (nota 270).

Le phénomène le plus remarquable que présente la population brésilienne ; ce sont les empiétements de la race mulâtre, la seule qui, au Brésil, augmente chaque année. La corruption des Européens est la cause la plus active de cet accroissement. L'immoralité de toutes les classes a favorisé le croisement des races et détruit tous les préjugés de caste qui existent dans les colonies européennes, et surtout aux États-Unis. La seule race pure est celle des Indiens sauvages, en guerre avec le Brésil.

O fenômeno mais marcante que apresenta a população brasileira é o crescimento da raça mulata, a única que, no Brasil, aumenta a cada ano. A corrupção dos europeus é a maior responsável por esse aumento. A imoralidade de todas as classes favoreceu o cruzamento de raças e destruiu todos os preconceitos de classe que existiam nas colônias europeias e, sobretudo, nos Estados Unidos. A única raça pura é a dos índios selvagens, em guerra com o Brasil. (Tradução nossa).

Págs. 151-152.

Le mulâtre passe ordinairement son enfance dans l'esclavage, il ne doit la liberté qu'à son travail, et n'entre dans la société qu'avec un sentiment de haine et de vengeance contre les blancs. Plus actif, plus intelligent que le Brésilien, il aspire à s'emparer du pouvoir. Parmi les mulâtres affranchis dès l'enfance, on cite des hommes distingués. Tous ont une merveilleuse aptitude aux travaux les plus divers. La position d'infériorité où

O mulato passa normalmente sua infância na escravidão, compra a liberdade com seu trabalho e entra na sociedade com um sentimento de ódio e vingança contra os brancos. Mais ativo, mais inteligente que o brasileiro, ele aspira a tomar o poder. Entre os mulatos libertos desde a infância, há homens distintos. Todos têm uma aptidão maravilhosa para os trabalhos mais diversos. A posição de inferioridade em que os coloca sua

les place leur origine stimule leur zèle, et ils n'ont ni l'apathie, ni l'insouciance des Brésiliens. S'ils ne peuvent supplanter la société brésilienne et portugaise dans tout l'empire, ils l'excluront certainement de quelques provinces, et surtout de celle de Bahia, où la suprématie leur semble promise. Le jour où ce triomphe s'accomplira sera un jour de réactions terribles contre les propriétaires blancs. Le mulâtres seront sans pitié pour eux. Leur cri d'union est : Mort aux Portugais ! Les nègres libres soutiendront les mulâtres. Il faudrait d'autres hommes à la tête des affaires pour arrêter l'élan donné à cette population nombreuse, qui a tout à gagner au désordre (...) L'intelligente activité des mulâtres devrait provoquer l'émulation de la société d'origine portugaise et européenne. Il n'en est rien. Cette société voit la supériorité morale lui échapper sans tenter aucun effort pour la ressaisir.

origem estimula o zelo, e eles não são nem apáticos nem indiferentes como os brasileiros. Se eles não podem subjugar a sociedade brasileira em todo o império, eles a excluirão certamente de algumas províncias, sobretudo na Bahia, onde a supremacia parece mais promissora. O dia em que esse triunfo se cumpra será um dia de reações terríveis contra os proprietários brancos. Os mulatos serão impiedosos com eles. Seu grito de união é: "Morte aos portugueses!". Os negros livres os apoiarão. Serão necessários outros homens encabeçando o movimento para parar o ímpeto dessa numerosa população, que tem tudo a ganhar com a desordem. A inteligência dos mulatos deverá provocar a emulação da sociedade portuguesa e europeia. Não é nada. Essa sociedade vê a superioridade moral escapar sem fazer nenhum esforço para recuperá-la. (Tradução nossa).

Pág. 152.

Les mulâtres sont particulièrement propres, par leur activité, leur intelligence, à remplir ces diverses conditions. Moins apathiques, moins indolents que les nègres, ils comprennent et exécutent vos ordres sans que vous ayez besoin de les répéter. Les nègres marchent à pied à côté de vos mulets, tandis qu'un bon camarada mulâtre est presque toujours monte.

Os mulatos são particularmente únicos, por suas ações, sua inteligência, preenchendo diversas condições. Menos apáticos, menos indolentes que os negros, eles compreendem e executam vossas ordens sem que preciseis repeti-las. Os negros andam a pé ao lado de vossas mulas, enquanto um bom camarada mulato quase sempre anda montado. (Tradução nossa).

Págs. 152-153.

Ordinairement libre [o mulato], on l'applique à toutes les fonctions qu'on suppose trop pénibles pour l'indolence de l'Indien, trop élevées pour l'intelligence atrophiée du nègre esclave, et trop serviles pour la dignité du blanc, Il devient donc, suivant ses aptitudes et suivant le besoin, charpentier, forgeron, tailleur, maçon, bouvier, soldat, etc.

Normalmente livre [o mulato], se aplica a todas as funções que se supõem muito difíceis à indolência do índio, muito elevadas à inteligência atrofiada do negro escravo e muito servis para a dignidade do branco. Ele se torna então, de acordo com suas aptidões e com a necessidade, carpinteiro, ferreiro, alfaiate, pedreiro, vaqueiro, soldado etc. (Tradução nossa).

Pág. 154.

On devine sans peine ce qu'on pouvait attendre du mélange de ces deux races. Héritant à la fois de l'énergie portugaise et de la sauvagerie du désert, élevés au grand air dans les vastes plaines du Piratininga, au bruit du mousquet et des cris de mort qui retentissaient chaque jour dans les forêts voisines, les fils n'eurent plus de l'Européen que la fiévreuse activité du conquistador. (...) Une troupe de mamelucos s'organisait en bandes pour chercher aventure sous la conduite du plus brave ou du plus expérimenté, et s'enfonçait sans carte, sans boussole, dans les immenses déserts de l'intérieur. Ces courses duraient quelquefois plusieurs années. Ni les horreurs de la faim, ni les morsures des serpents, ni la dent du tigre, ni les flèches indiennes ne pouvaient arrêter ces hardis coureurs ; les fleuves mêmes n'étaient pas une barrière...

Pág. 154 (nota 279).

Quoi qu'il en soit, en moins d'un demi-siècle, il se forma dans la province de Saint-Paul une population mélangée de Portugais qui avaient conservé la pureté de leur sang, d'Indiens et de métis issus des alliances des deux races. Ces derniers, presque aussi nombreux à eux seuls que les autres, reçurent le nom de Mamalucos ou Mamelucos que les historiens de l'Amérique appliquent quelquefois sans distinction à tous les Paulistas de cette époque. Les mœurs de cette race de fer, son courage indomptable, sa haine pour toute espèce de joug, ses courses gigantesques dans l'intérieur du pays, ont fait de son histoire un épisode à part dans celle du Brésil. (...) Plus tard ces derniers s'avancèrent jusqu'aux frontières du Haut-Pérou, et traitèrent de la même façon les missions naissantes du Gran-Chaco et de Santa-Cruz de la Sierra. Enfin au nord, quelques-uns d'entre eux atteignirent, dans leurs aventureuses excursions, les bords du fleuve des Amazones. C'est à peu près comme si, l'Europe étant couverte de forêts sans chemins tracés, un habitant de la

Pode-se facilmente imaginar o que se pode esperar da mistura dessas duas raças. Herdando tanto a energia portuguesa quanto a selvageria do ermo, criados ao ar livre nas vastas planícies do Piratininga, ao som do mosquete e aos gritos de morte que ressoam todo dia nas florestas vizinhas, os filhos só tinham de europeu a fervorosa ação do conquistador. (...) Um grupo de mamelucos se organizou em bandos para procurar aventura sob a condução do mais bravo ou do mais experiente, e mergulhou sem mapa, sem bússola, nas imensas áreas isoladas do interior. Essas incursões duraram por vezes vários anos. Nem os horrores da fome, nem as mordidas de serpente, nem o dente do tigre, nem as flechas indígenas poderiam parar esses desbravadores; nem mesmo os rios eram uma barreira... (Tradução nossa).

De qualquer forma, em menos de meio século, se formou na província de São Paulo uma população mista de portugueses, que tinham conservado sua pureza de sangue, de índios e de mistos das duas raças. Estes últimos, quase tão numerosos quanto os outros, receberam o nome de mamelucos, nome que os historiadores da América aplicam às vezes a todos os paulistas desta época. Os costumes dessa raça de ferro, sua coragem indomável, seu ódio por toda espécie de jugo, suas incursões gigantescas ao interior do país fizeram de sua história um episódio à parte na história do Brasil. (...) Mais tarde esses últimos avançaram até as fronteiras do Alto Peru e trataram da mesma maneira as missões emergentes do Gran Chaco e de Santa Cruz de la Sierra. Por fim, ao norte, alguns deles atingiram, em suas excursões aventureiras, as margens do rio Amazonas. É quase como se, fosse a Europa coberta de florestas sem trilhas, um habitante da França traçasse uma rota até o centro da Sibéria. (Tradução nossa).

France se frayait une route jusqu'au centre de la Sibérie.

Pág. 154 (nota 280).

On augurerait mal de l'avenir du Brésil, si l'on ne voyait à l'œuvre que l'Indien et le nègre. Celui qui veut connaître tous les éléments de vitalité que renferme la population brésilienne doit observer les hommes de couleur, qui semblent avoir puisé dans le mélange des races la vigueur que réclame, pour être fécondée, cette âpre et torride nature des tropiques. (...) Ce n'est donc que par une infusion incessante de sang européen, par la réhabilitation du travail s'accomplissant dans les idées et les mœurs, enfin par l'action vivifiante que les chemins de fer exercent partout sur leur passage, que la civilisation poursuivra ses conquêtes et prendra possession de ces espaces immenses encore livrés aux seules forces de la nature. Dans ces conditions nouvelles seulement, l'homme de couleur pourra jouer un rôle utile et faciliter les progrès de la colonisation.

Prediria-se um mau futuro ao Brasil se houvesse apenas índios e negros à obra. Quem queira conhecer todos os elementos de vitalidade que possui a população brasileira deve observar os homens de cor, que parecem ter tirado da mistura de raças um vigor que reclama, por ser fecundado, essa áspera e tórrida natureza dos trópicos. (...) É apenas então por uma infusão incessante de sangue europeu, pela reabilitação do trabalho se cumprindo nas ideias e nos costumes, que a civilização continuará suas conquistas e tomará posse desses espaços imensos ainda livres às forças da natureza. Apenas nessas novas condições o homem de cor poderia desempenhar um papel útil e facilitar os progressos da colonização. (Tradução nossa).

Págw. 154-155 (nota 280).

Les véritables colons qu'il faut à ce vaste bassin de l'Amazone, ce ne sont point des Européens que le climat énerve et que la nostalgie tue, ce sont les fils de Tapuis, ces mamalucos qui ne sont pas obligés de subir les dures et si souvent fatales épreuves de l'acclimatation physique et morale. Sans eux, toute civilisation importée sur les bords du fleuve brésilien ne sera qu'une civilisation de passage, maintenue à grands frais et destinée à périr. Les métis de l'Amazone forment déjà les éléments d'un peuple: l'initiative européenne prouvera sa vertu, non pas en supprimant ces éléments épars, mais en les réunissant pour leur donner une vie nationale.

Os verdadeiros colonos de que precisa essa vasta bacia amazônica não são os europeus, que o clima irrita e a nostalgia mata, são os filhos de Tapuias, esses mamelucos que não são obrigados a se submeter às duras e frequentemente fatais provações da aclimação física e moral. Sem eles, toda a civilização trazida às margens do rio brasileiro será apenas uma civilização temporária, mantida a grandes custos e destinada a perecer. Os mestiços da Amazônia já formam os elementos de um povo: a iniciativa europeia provará sua virtude não em suprimir esses elementos esparsos, mas sim em reuni-los para dar a eles uma vida nacional. (Tradução nossa).

Págs. 155-156.

On ne séjourne pas longtemps à Rio sans être conduit à s'interroger sur l'avenir politique et social de l'empire, dont cette grande cité est appelée à diriger la civilisation. Dom Pedro Ier a donné au Brésil une constitution fortement marquée de l'esprit moderne, et qui assurerait la prospérité de l'empire si l'on pouvait compter sur l'énergie des hommes chargés d'appliquer la loi. Malheureusement, dans un empire aussi vaste, sans routes, et couvert de forêts impénétrables, la répression devient le plus souvent impossible. D'un autre côté, au milieu d'un amalgame de races si diverses, on ne peut guère espérer des habitudes sociales bien régulières. Les villes de la côte, journellement vivifiées par le contact européen, offrent encore les apparences de notre civilisation. Un œil attentif peut néanmoins saisir à travers ces dehors les indices d'une dépravation profonde. Le relâchement des mœurs paraît d'ailleurs chose si naturelle dans le pays que les créoles eux-mêmes le confessent en le rejetant sur les exigences du climat. Les voyageurs répètent cette excuse, et aujourd'hui, aux yeux des honnêtes gens, c'est le soleil de l'équateur qu'il faut accuser de tous les dérèglements qui se produisent entre les deux tropiques. On doit s'inscrire en faux contre ces trop faciles conclusions. Loin de provoquer le développement des passions, l'extrême chaleur serait plutôt propre à les endormir. C'est dans l'esclavage que j'ai toujours cru voir la principale cause de la vie licencieuse de l'Américain.

Não se passa muito tempo no Rio sem ser conduzido a se perguntar sobre o futuro político e social do império, do qual essa grande cidade é impelida a dirigir essa civilização. Dom Pedro I deu ao Brasil uma constituição fortemente marcada pelo espírito moderno, que asseguraria a prosperidade do império se se pudesse contar com a energia dos homens encarregados de aplicar a lei. Infelizmente, em um império tão vasto, sem estradas e coberto de florestas impenetráveis, a repressão se torna muitas vezes impossível. Por outro lado, e meio a uma mistura de raças tão diversas, não se pode esperar hábitos sociais muito regulares. As cidades litorâneas, diariamente revigoradas pelo contato europeu, ainda apresentam as aparências da nossa civilização. Um olhar atento poderia, entretanto, notar através das aparências os indícios de uma profunda depravação. O relaxamento moral parece coisa muito natural no país em que os próprios crioulos o confessam, o relegando às exigências climáticas. Os viajantes repetem essa desculpa, e hoje, aos olhos dos honestos, é o sol do equador que se culpa por todas as degenerações que acontecem entre os dois trópicos. Mas se deve desconfiar dessas conclusões muito fáceis. Antes de provocar essas paixões, o extremo calor seria sobretudo apropriado para causar sonolência. É na escravidão que eu sempre acreditei que morasse a principal causa da vida libertina do americano. (Tradução nossa).

Pág. 164.

Il n'est pas facile d'acquérir une connaissance exacte et complète de l'état du Brésil. Pour étudier le pays et les habitants, ce n'est point assez d'un séjour, même prolongé, dans les principales villes : il faut s'enfoncer dans l'intérieur des terres, là où n'a pénétré qu'à demi l'influence européenne ; c'est là qu'on apprend à connaître la population, c'est là aussi qu'on se rend compte des obstacles nombreux et divers qui arrêtent dans cet empire le

Não é fácil de adquirir um conhecimento exato e completo do estado do Brasil. Para estudar o país e os habitantes, não basta passar uma estadia, mesmo que prolongada, nas cidades principais: é preciso entrar no interior do país, onde apenas parte da influência europeia chegou; é lá que se aprende a conhecer a população, é lá também que se dá conta dos numerosos e diversos obstáculos que impedem neste império o desenvolvimento da

développement de la prospérité matérielle et de la civilisation.

prosperidade material e da civilização. (Tradução nossa).

Pág. 165 (nota 293).

Le Brésil cependant faisait quelques progrès; mais il en était redevable bien moins peut-être à son gouvernement qu'à la liberté de ses relations commerciales; il en était redevable surtout à la facilité avec laquelle se développent, sur son immense surface, les germes de prospérité que la nature bien faisante y a répandus d'une main si prodigue. Louis XIV et le czar Pierre avaient fait venir de l'étranger des savans capables d'éclairer leurs peuples, et l'on sait combien furent heureux les résultats qu'ils obtinrent. Le gouvernement brésilien eut aussi un instant l'idée de mettre à profit les lumières des nations les plus civilisées; mais au lieu d'appeler à Rio de Janeiro des professeurs instruits, qui, donnant leurs leçons à de nombreux auditeurs, eussent rendu vulgaires des connaissances utiles, on envoya en France de jeunes Brésiliens; on fit pour eux des dépenses énormes, et on leur donna l'ordre d'étudier et de devenir savans.

O Brasil, entretanto, tinha algum progresso; mas não era muito menos devido ao governo do que à liberdade de suas relações comerciais; ele era devido, sobretudo, à facilidade com que se desenvolvem, em sua imensa superfície, as sementes da prosperidade que a natureza benéfica aqui verte de mão tão pródiga. Luís XIV e o czar Pierre fizeram vir do estrangeiro sábios capazes de esclarecer seu povo, e se diz o quanto foram felizes os resultados que eles obtiveram. O governo brasileiro teve também, por um instante, a ideia de tirar proveito das luzes das nações mais civilizadas; mas em lugar de chamar professores instruídos ao Rio de Janeiro, que, lecionando a muitos ouvintes, poderiam tornar conhecimentos úteis populares, enviou à França jovens brasileiros; gastou-se com eles enormes quantias e deu-se a eles a ordem de estudarem e se tornarem sábios. (Tradução nossa).

Pág. 166 (nota 294).

Cependant, sous ces misérables cabanes, le luxe de la civilisation s'était glissé en même temps que la religion.

No entanto, nessas miseráveis cabanas, o luxo da civilização se retirou ao mesmo tempo em que a religião. (Tradução nossa).

Pág. 166 (nota 295).

Nous arrivâmes enfin à Goyaz. Cette ville est plus connue sous son ancien nom de Villa-Boa. La population, qui s'élève à sept ou huit mille habitans, n'est presque entièrement composée que de nègres et de gens de couleur. Nous fûmes admirablement reçus par le président de la province, don José d'Assiz de Mascarnhas, qui avait fait préparer d'aisance son palais pour notre

Nós chegamos enfim a Goiás. Esta cidade é mais conhecida sob seu nome antigo de Villa Boa. A população, que chega a sete ou oito mil habitantes, é quase inteiramente composta de negros e gente de cor. Nós fomos admiravelmente recebidos pelo presidente da província, dom José de Assis Mascarenhas, que tinha feito preparar rapidamente seu castelo para nossa recepção. Se na província de Minas nós tínhamos encontrado os espíritos

réception. Si dans la province des Mines nous avons trouvé les esprits agités par les idées de la civilisation moderne et le désir du progrès politique, dans celle de Goyaz, au contraire, nous trouvâmes toutes choses telles qu'elles étaient sous le gouvernement colonial : fort peu, parmi les habitants, savaient qu'une révolution fondamentale avait changé la face du Brésil, et peu nombreux aussi étaient ceux qui s'occupaient d'une constitution dont la plupart ignoraient même l'existence (...) Malheureusement, pendant que la civilisation se répand sur les côtes du Brésil, la barbarie s'empare de tout l'intérieur : les sauvages reprennent partout leur souveraineté primitive ; les plantations, les villages même sont attaqués et brûlés, et ceux des habitants qui échappent à ces massacres s'empressent de quitter des lieux où leur vie est continuellement en danger.

agitados pelas ideias da civilização moderna e o desejo de progresso político, na de Goiás, ao contrário, encontramos todas as coisas tais como estiveram sob o governo colonial: muito poucos, entre os habitantes, sabiam que uma revolução fundamental tinha mudado a cara do Brasil, e muito poucos também eram os que sabiam que havia uma constituição, a maior parte ignorava sua existência. (...) Infelizmente, enquanto a civilização se expande na costa do Brasil, a barbárie toma conta de todo o interior: os selvagens expõem em toda parte sua soberania primitiva; as plantações, as próprias cidades são atacadas e queimadas, e os habitantes que escapam desses massacres se apressam em deixar os lugares em que suas vidas estão continuamente em perigo. (Tradução nossa).

Pág. 166 (nota 296).

Ceux qui n'ont parcouru que des régions civilisées, où il existe des moyens réguliers de transport, ne peuvent se faire une idée des difficultés qui entourent une expédition tentée dans l'intérieur du Brésil.

Os que percorreram regiões civilizadas, onde existem meios regulares de transporte, não fazem ideia das dificuldades que permeiam uma expedição ao interior do Brasil. (Tradução nossa).

Pág. 167 (nota 297).

L'empire du Brésil se compose de deux, moitiés complètement distinctes, auxquelles le cap Saint-Roch sert de limite commune. Ce promontoire, qui brise les eaux du grand courant équatorial et le partage en deux fleuves maritimes s'écoulant en sens inverse, divise aussi le flot de la civilisation en deux courans inégaux. La partie méridionale du Brésil est la plus éloignée de l'Europe, et cependant c'est elle qui reçoit les voyageurs, les négocians, les émigrans, les marchandises, et subit l'influence de nos mœurs; c'est elle qui a vu s'élever les grandes villes, Pernambuco, Bahia, Rio-Janeiro, et se grouper presque toutes les populations brésiliennes plus ou moins civilisées. Bien que relativement plus près de l'Europe, la

O império do Brasil se compõe de duas metades completamente distintas, às quais o Cabo de São Roque serve de limite comum. Esse promontório, que divide as águas da grande corrente equatorial e o parte em duas rotas marítimas fluindo em direções opostas, divide também o fluxo da civilização em duas inegáveis correntes. A parte meridional do Brasil é a mais distante da Europa, entretanto é ela que recebe os viajantes, os negociantes, os imigrantes, os mercadores e está submetida à influência de nossos costumes; é ela que viu se erguerem as grandes cidades, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e se agrupar toda a população brasileira mais ou menos civilizada. Ainda que relativamente mais próxima

partie septentrionale de l'empire est au contraire presque déserte, et ses capitales, Ceara, Parahyba, Maranhão, ne sont que des villes de second ordre. La civilisation européenne s'y propage avec une extrême lenteur, et semble s'arrêter à l'entrée du magnifique estuaire où se déversent les eaux du Tocantins et de l'Amazonie ; elle n'ose pénétrer dans cet immense bassin fluvial, le plus admirable et le plus important qui existe sur tout le pourtour du globe.

da Europa, a parte setentrional do império é, ao contrário, quase deserta, e suas capitais, Ceará, Paraíba, Maranhão, não são mais que cidades de segundo escalão. A civilização europeia se propaga lá muito lentamente e parece parar na entrada do magnífico estuário onde se dividem as águas do Tocantins e do Amazonas; não ousa penetrar nessa imensa bacia fluvial, a mais admirável e mais importante que existe sobre todo o globo. (Tradução nossa).

Pág. 168 (nota 298).

Et quelles villes ! Les voyageurs qui croiraient y retrouver le confort auquel ils étaient accoutumés en Europe seraient bientôt déçus. La plupart des cités amazoniennes ne sont que des agglomérations de cabanes malsaines. (...) Quant aux livres, ils sont à peu près inconnus ; les grandes villes sont les seules à posséder quelques écoles peu fréquentées, et de l'embouchure du fleuve à la frontière péruvienne il n'existe d'autres médecins que des flibustiers d'Europe et les sorciers indigènes. Cependant là où la civilisation n'existe pas encore, les raffinements de la mode ont déjà pénétré, et tel négociant qui n'a peut-être pour toute nourriture que du manioc et du poisson endosse religieusement l'habit noir, échange des cartes de visite avec ses amis et envoie des invitations de bal imprimées en lettres d'or.

E que cidades! Os viajantes que acreditavam encontrar aqui o conforto a que estavam acostumados na Europa rapidamente serão desenganados. A maior parte das cidades amazonenses é apenas aglomerações de cabanas insalubres. (...) Quanto aos livros, eles são praticamente desconhecidos; as grandes cidades são as únicas a possuírem algumas escolas pouco frequentadas, e da foz do rio à fronteira peruana não há outros médicos que não sejam flibusteiros da Europa ou feiticeiros indígenas. No entanto lá, onde a civilização ainda não existe, os requintes da moda já chegaram, e o negociante que talvez não tenha outro alimento para comer além de mandioca e peixe veste religiosamente o hábito preto, troca cartões de visita com seus amigos e envia convites de baile impressos em letras de ouro. (Tradução nossa).

Pág. 168 (nota 299).

Ce fut dans une belle soirée qu'après une absence de sept ans, je mis de nouveau le pied sur le sol anglais, à Douvres. Lorsque, penché sur la fenêtre de l'hôtel, je contemplai autour de moi tous les traits caractéristiques d'un gouvernement régulier et d'une civilisation avancée, lorsque je regardai les officiers de la garnison et les formes gracieuses des femmes de mon pays, qui, appuyées sur leurs bras, respiraient l'air du soir sur l'esplanade, je m'écriai involontairement avec le poète : A tous

Foi num belo dia que, depois de sete anos de ausência, eu pus os pés de novo sobre o solo inglês, em Douvres. Até que, inclinado sobre a janela do hotel, eu contemplei a minha volta todos os traços característicos de um governo regular e de uma civilização avançada, até que eu vi os oficiais da guarda e as formas graciosas das mulheres do meu país, que, apoiados sobre seus braços, respiravam o ar da noite na esplanada, eu exclamei involuntariamente com o poeta: "A todos

les cœurs bien nés que la patrie est chère!

os corações bem nascidos que a pátria é cara!”.
(Tradução nossa).

Pág. 169.

C'est au roi de Portugal dom João VI qu'est due la création du jardin botanique. Ce pauvre prince cherchait à tromper les heures de son long exil en surveillant et en hâtant les progrès de cette magnifique plantation, située à quelques kilomètres de la ville. Un omnibus en fait régulièrement le service. L'entrée est imposante et répond pleinement à la majestueuse grandeur des forêts qui l'entourent. C'est une allée immense, bordée de palmiers gigantesques dont les stipes semblent porter dans les nues leurs éventails de feuillage et leurs grappes de fruits. Dans les allées latérales se trouvent toutes les plantes des tropiques, remarquables par leur beauté ou par les produits qu'on en retire, camélias, arbres à thé, arbres à cacao, poivriers, muscadiers, vanille, quinquinas, bananiers, cocotiers, lianes, orchidées, etc. Certains arbres portent des fruits d'une grosseur extraordinaire. Il est heureux que notre La Fontaine n'ait pas connu ce jardin. À la vue des noix de cocos énormes, des calebasses encore plus gigantesques se balançant fièrement dans les airs au souffle de la brise de l'Océan et menaçant la tête des promeneurs, Garo n'aurait pu faire ses réflexions philosophiques sur le gland du chêne, et nous serions privés d'une des plus charmantes fables de l'immortel conteur.

Pág. 170.

Quant au Brésil, ses destinées reposent aujourd'hui sur la tête d'un enfant. C'est un enfant qui unit encore les provinces de ce vaste empire; et son existence seule oppose une barrière aux ambitieux qui surgissent de toutes parts avec une égale médiocrité et des prétentions également gigantesques. Un Européen ne peut régner sur l'Amérique; mais celui-là est Brésilien: le brillant azur du ciel des tropiques a frappé ses premiers

É ao rei de Portugal, Dom João VI, que se deve a criação do jardim botânico. Esse pobre príncipe procurava ocupar as horas de seu longo exílio monitorando e acelerando o progresso dessa magnífica fazenda, situada a alguns quilômetros da cidade. Um ônibus fazia regularmente o serviço. A entrada é grandiosa e corresponde plenamente à majestosa grandeza das florestas que a circundam. É uma aleia imensa, margeada por palmeiras gigantescas cujos troncos parecem portar nus seus leques de folhagem e seus cachos de frutas. Nas aleias laterais se encontram todas as plantas tropicais, marcantes por sua beleza ou pelo que produzem, camélias, plantas de chá, pés de cacau, pimenta, noz-moscada, baunilha, quinquinas, bananeiras, coqueiros, cipós, orquídeas etc. Certas árvores possuem frutos de tamanho extraordinário. É uma sorte que nosso La Fontaine não tenha conhecido esse jardim. À vista dessas nozes de coco enormes, dessas cabaças ainda mais gigantes que se balançam orgulhosamente no ar ao sopro da brisa do oceano e ameaçam a cabeça dos caminhantes, Garo não teria feito suas reflexões filosóficas sobre a bolota e nós seríamos privados de uma das mais encantadoras fábulas do contador de histórias imortal. (Tradução nossa).

regards, c'est sous l'ombre des bois vierges qu'ont été guidés ses premiers pas; il n'aura à regretter ni les palais de Lisbonne, ni les fruits savoureux du Douro. Né en Amérique, il ne partagera aucun des préjugés des Européens contre sa belle patrie, il aura tous ceux des Brésiliens contre l'Europe: telle est la loi commune.

olhares, é sob a sombra das matas virgens que foram guiados seus primeiros passos; ele não sentirá falta nem dos palácios de Lisboa nem dos frutos saborosos de Douro. Nascido na América, ele não compartilhará nenhum dos preconceitos europeus contra sua bela pátria, apenas os de brasileiros contra a Europa: tal é a lei comum. (Tradução nossa).

Págs. 171-172.

L'empereur ne visite la cidade que dans les occasions solennelles. C'est un homme de haute taille et de fort belle apparence. Allemand par sa mère, une archiduchesse d'Autriche, il n'a rien dans la physionomie qui rappelle son origine portugaise : traits, carrure, démarche, tout annonce une nature germanique. Son front large et élevé accuse une intelligence vive ; son regard limpide, une âme sincère et honnête. Ses goûts sont d'un savant : une bibliothèque latine, qu'il enrichit tous les jours des meilleurs ouvrages français, anglais et allemands, est sa principale et sa meilleure distraction. Les sciences lui sont aussi familières que les lettres. Tous les étrangers qui l'approchent sont unanimes à reconnaître ses hautes aptitudes et sa réelle supériorité intellectuelle. Il est à remarquer qu'en Europe ce ne sont pas généralement les princes qui se mettent à la tête du progrès. Dans le Nouveau-Monde, si une révolution éclate, c'est parce que celui qui gouverne veut marcher trop vite, et que le pays se refuse à le suivre.

O imperador só visita a cidade em ocasiões solenes. É um homem alto e de muito bela aparência. Alemão por parte de mãe, uma arquiduchessa da Áustria, ele não tem nada na fisionomia que lembre sua origem portuguesa: traços, porte, marcha, tudo denuncia uma natureza germânica. Sua fronte larga e elevada acusa uma viva inteligência; seu olhar límpido, uma alma sincera e honesta. Seus gostos são de um sábio: uma biblioteca latina, que ele enriquece todos os dias com as melhores obras francesas, inglesas e alemãs, é sua principal e melhor distração. As ciências são para ele tão familiares quanto as letras. Todos os estrangeiros que se aproximam dele são unânimes ao reconhecerem suas altas aptidões e sua real superioridade intelectual. Deve-se notar que na Europa geralmente não são os príncipes que se colocam à vanguarda do progresso. No Novo Mundo, se uma revolução eclode, é porque o governante quer andar muito rápido e porque o país se recusa a seguir. (Tradução nossa).

Pág. 170 (nota 302).

En même temps, au nom du jeune Pedro, se rattachent les plus beaux souvenirs. Dans ses veines coule le sang de ces rois dont la gloire aventureuse a eu plus d'influence sur les destins du monde, que celle des plus illustres souverains de l'Angleterre et de la France, de ces rois sous les auspices desquels furent découvertes la route de l'Inde et la terre du Brésil. Seul parmi les

Ao mesmo tempo, ao nome do jovem Pedro, remetem-se as mais belas lembranças. Em suas veias corre o sangue dos reis cuja glória aventureira teve mais influência sobre os destinos do mundo que aquela dos mais ilustres soberanos da Inglaterra e da França, desses reis sob cujos auspícios foram descobertas as rotas da Índia e da terra do Brasil. Sozinho entre os brasileiros, essa

Brésiliens, cet enfant rattache le présent au passé; et, tout entier à sa patrie, il pourra cependant former un heureux lien entre elle et le Nouveau Monde.

criança liga o presente ao passado; e, inteirado com sua pátria, ele poderá, contudo, formar uma feliz ligação entre ela e o Novo Mundo. (Tradução nossa).

Pág. 171.

Nous n'entrerons pas dans de longs détails sur l'état des cultures. La province de Rio-Janeiro est la plus importante par ses produits ; l'agriculture, dirigée en partie d'après les conseils des Européens, y a fait des progrès qu'il est facile de constater par l'exportation.

Nós não nos inteiramos dos detalhes sobre o estado das culturas. A província do Rio de Janeiro é a mais importante pelos seus produtos; a agricultura, conduzida em parte por conselhos europeus, fez progressos fáceis de constatar pela exportação. (Tradução nossa).

Pág. 171 (nota 303).

Cependant, au milieu de tant de sujets d'inquiétude, je me console en voyant l'empereur toujours actif, et s'occupant lui-même avec un zèle infatigable des affaires publiques.

Entretanto, em meio a tantos motivos de inquietação, eu me consolo em ver o imperador sempre ativo e se ocupando ele mesmo com um zelo incansável dos assuntos públicos. (Tradução nossa).

Pág. 172 (nota 305).

Les plantations [de cana de açúcar] dirigées par des Européens auraient pu servir de modèle aux Brésiliens, et leur enseigner un mode d'exploitation plus avantageux. Malheureusement le propriétaire ne sait pas chercher, par son industrie, par des connaissances faciles, à améliorer ses produits ; il persiste dans sa voie routinière, au lieu de suppléer, par l'emploi de machines, aux bras, qui commencent à manquer ; quelquefois seulement il s'abandonne à de longues récriminations contre le gouvernement, qu'il rend responsable de ce que ses produits de mauvaise qualité sont repoussés par les acheteurs. Sans doute le gouvernement est coupable de ne pas mieux comprendre les intérêts matériels du pays, de ne pas protéger plus activement l'exploitation des richesses nationales ; mais les fautes du gouvernement ne peuvent servir à justifier

As plantações [de cana-de-açúcar] cultivadas pelos europeus poderiam servir de modelo aos brasileiros e ensinar a eles um modo de exploração mais vantajoso. Infelizmente, o proprietário não sabe procurar, por sua indústria, por conhecimentos fáceis, melhorar seus produtos; ele persiste em seu caminho rotineiro, em lugar de substituir, pelo emprego de máquinas, os braços que começam a faltar; às vezes ele se entrega a longas recriminações ao governo, que ele responsabiliza por seus produtos de má qualidade serem recusados pelos compradores. Sem dúvida, o governo é culpável de não compreender melhor os interesses materiais do país, de não proteger mais ativamente a exploração dos recursos nacionais; mas as falhas do governo não podem servir como justificativa para a ignorância e a cegueira dos produtores. (Tradução nossa).

l'ignorance et l'aveuglement des producteurs.

Pág. 172 (nota 306).

Durant les années qui viennent de s'écouler, ces deux produits [café e açúcar] n'ont pas vu leur quantité s'accroître considérablement, mais en revanche, on a pu remarquer de notables améliorations sous le rapport de leur qualité. L'unique cause de ce changement, c'est que tous les jeunes propriétaires qui ont pris la direction des plantations de leurs pères ont fait, durant leur séjour en Europe, de sérieuses études en chimie et en mécanique.

Durante os anos que se passaram esses dois produtos [café e açúcar] não viram sua quantidade aumentar consideravelmente, mas, por outro lado, observam-se as notáveis melhorias em sua qualidade. A única causa dessa mudança é que todos os jovens proprietários que herdaram a direção das plantações de seus pais fizeram, durante sua estadia na Europa, sérios estudos em química e mecânica. (Tradução nossa).

Pág. 173.

Ce ne sont pas seulement des agriculteurs et des ouvriers que le Brésil devrait demander à l'Europe ; il y aurait aussi à provoquer l'émigration des pêcheurs européens, auxquels on confierait l'exploitation de l'immense littoral qui s'étend du cap Frio jusqu'à Espírito-Santo.

Não são apenas os agricultores e operários que o Brasil deve pedir à Europa; deveria também incentivar imigração dos pescadores europeus, para encarregar a exploração do extenso litoral que se estende de Cabo Frio ao Espírito Santo. (Tradução nossa).

Pág. 172-173 (nota 307).

Les bras nécessaires à l'agriculture ne viendront plus au Brésil des arides déserts de l'Afrique et des misérables tribus de Mozambique, de Loanda, de la côte de la Mine et du Zaïre. Il faut les remplacer par des hommes d'une race égale à notre race, comme nous libres, et qui, mieux que les nègres ignorants, puissent donner du développement aux richesses et profiter de la fertilité d'un sol que la nature a magnifiquement doué. La grandeur et l'avenir du pays dépendent de l'agriculture et de l'industrie. Il n'y a pas un territoire, pas un climat, pas une position au monde qui soient comparables au territoire, au climat et à la position du Brésil. Il est placé presque vis-à-vis de l'Europe ; la mer qui le baigne ne connaît pas ces horribles tempêtes qui, au sud, au nord et à l'orient, en Asie et en

Os braços necessários à agricultura não virão mais ao Brasil dos áridos desertos da África e das miseráveis tribos de Moçambique, de Luanda, da costa da Mina e do Zaire. É preciso substituí-los por homens de uma raça igual à nossa, livres como nós, que, melhor que os negros ignorantes, podem desenvolver os recursos e lucrar com a fertilidade de uma terra que a natureza magnificamente doou. A grandeza e o futuro do país dependente da agricultura e da indústria. Não há um território, um clima, uma posição no mundo que sejam comparáveis ao território, ao clima e à posição do Brasil. Ele se localiza quase que cara a cara com a Europa; o mar que o banha não conhece as terríveis tempestades que, ao sul, ao norte e a leste, na Ásia e na Europa, engolem anualmente tanto

Europe, engloutissent annuellement tant de navires et de navigateurs. Enfin nous vivons dans un temps où l'Océan obéit à la vapeur en dépit des vents et des courans, où les chemins de fer traversent les plaines et les montagnes avec une rapidité incroyable, où certaines contrées de la vieille Europe ont des populations surabondantes, qui abandonneraient volontiers leur patrie pour aller chercher ailleurs le travail et la richesse.

navios quanto navegadores. Enfim, nós vivemos um tempo em que o oceano obedece ao vapor ao invés de ventos e correntes, em que as estradas de ferro atravessam as planícies e as montanhas com uma rapidez incrível, em que algumas terras da velha Europa têm populações superabundantes que abandonaram voluntariamente suas pátrias para procurar trabalho e riqueza em outro lugar. (Tradução nossa).

Pág. 173.

Tant qu'ils n'admettront pas comme principe que le commerce est pour eux la base de toute richesse, les Brésiliens ne feront que s'engager davantage dans une voie d'appauvrissement et de faiblesse. Le commerce ne leur procurerait pas seulement le bien-être matériel, il les mettrait en contact avec la société européenne, avec la civilisation. Le Brésil manque d'une société active, intelligente. Si les étrangers, au lieu de se voir repoussés comme des spoliateurs entourés de haines et de défiances, étaient accueillis avec sympathie, l'émigration européenne, qui trouve aujourd'hui si peu d'encouragement, viendrait à la suite du commerce apporter le travail et l'industrie.

Enquanto eles não admitem como princípio que o comércio é para eles a base de toda riqueza, os brasileiros só seguirão uma estrada de empobrecimento e fraqueza. O comércio não trará a eles apenas o bem-estar material, ele os colocará em contato com a sociedade europeia, com a civilização. Falta ao Brasil uma sociedade ativa, inteligente. Se os estrangeiros, em lugar de serem vistos como espoliadores, cercados de ódio e desconfiança, fossem acolhidos com simpatia, a imigração europeia, que encontra hoje pouco encorajamento, viria seguindo o comércio trazendo trabalho e indústria. (Tradução nossa).

Pág. 174.

L'industrie brésilienne ne suffit guère encore qu'à la fabrication des objets de première nécessité. Le Brésil compte cependant des fonderies de cuivre et de fer, des verreries, des filatures, etc. ; mais la plupart de ces établissemens attendent, pour prospérer, qu'on y applique la vapeur. C'est à la fabrication du sucre qu'est limité au Brésil l'emploi de ce précieux agent. L'état de l'industrie brésilienne ne réclame pas seulement, on le voit, la protection du gouvernement, mais l'appui des capitaux, des lumières de l'Europe. Ici nous touchons à une question vitale pour tous les pays de l'Amérique, à la question de l'émigration, que nous traiterons en terminant, car elle touche à

A indústria brasileira só é suficiente para fabricar objetos de primeira necessidade. O Brasil conta, no entanto, com fundições de cobre e de ferro, vidrarias, moinhos etc.; mas a maior parte desses estabelecimentos espera, para prosperar, que se aplique o vapor. É à fabricação de açúcar que se restringe no Brasil o uso desse precioso agente. O estado da indústria brasileira não reclama somente, vê-se, a proteção do governo, mas o suporte financeiro, as luzes da Europa. Aqui nós tocamos uma questão vital para todos os países da América, a questão da imigração, que tratamos como essencial, porque ela é tocante ao futuro do Brasil. (Tradução nossa).

l'avenir même du Brésil.

Pág. 176.

Le phénomène le plus remarquable que présente la population brésilienne ; ce sont les empiétements de la race mulâtre, la seule qui, au Brésil, augmente chaque année. La corruption des Européens est la cause la plus active de cet accroissement. L'immoralité de toutes les classes a favorisé le croisement des races et détruit tous les préjugés de caste qui existent dans les colonies européennes, et surtout aux États-Unis. La seule race pure est celle des Indiens sauvages, en guerre avec le Brésil.

O fenômeno mais marcante que apresenta a população brasileira é o crescimento da raça mulata, a única que, no Brasil, aumenta a cada ano. A corrupção dos europeus é a maior responsável por esse aumento. A imoralidade de todas as classes favoreceu o cruzamento de raças e destruiu todos os preconceitos de classe que existiam nas colônias europeias e, sobretudo, nos Estados Unidos. A única raça pura é a dos índios selvagens, em guerra com o Brasil. (Tradução nossa).

Pág. 177.

Si l'on considère la question de la traite en faisant abstraction des motifs d'humanité qui exigent impérieusement la suppression de ce cruel trafic, il est évident que le Brésil ne saurait se l'interdire sans porter le plus grave détriment à sa prospérité et à sa situation économique. Au Brésil, le climat ne permet pas à la race blanche de se livrer impunément à la culture ; et le permettrait-il, cette race abâtardie, énervée par l'influence de la température, serait incapable de prendre la place des noirs et de se livrer au défrichement d'un sol vierge on à l'exploitation non moins pénible des mines.

Se se considera a questão do tratado fazendo abstração dos motivos humanitários que exigem imperiosamente a supressão desse cruel tráfico, é evidente que o Brasil não saberá proibi-lo sem causar o mais grave dano a sua prosperidade e a sua situação econômica. No Brasil, o clima não permite à raça branca se lançar livremente ao cultivo; e, se permitir, essa raça degradada, irritada pela influência da temperatura, será incapaz de ocupar o lugar dos negros e se lançar ao desmate de matas virgens ou à exploração não menos sofrível das minas. (Tradução nossa).

Pág. 178.

Nombreuses sont les raisons matérielles qui ont dépouillé jusqu'à nos jours les contrées amazoniennes du rôle historique qui leur revient de droit. D'abord, et quoi qu'en dise la voix d'ordinaire si compétente du capitaine Maury, il est certain que le climat de ces régions équatoriales, à la fois chaudes et humides, est le

Muitas são as razões materiais que tiraram até nossos dias das terras amazônicas seu papel histórico que é delas por direito. Primeiramente, e o que diz a voz extraordinária e competente do capitão Maury, é certo que o clima dessas regiões equatoriais, por vezes quentes e úmidas, é o que é mais frequentemente mortal ao estrangeiro que não

plus souvent mortel à tout étranger qui n'est pas trempé comme l'acier ou ne règle pas son genre de vie conformément aux lois d'une hygiène sévère : la fièvre jaune et d'autres fièvres paludéennes s'élèvent comme des brumes de la surface des marais et rampent sur le sol en empoisonnant les hommes qui les respirent au passage. Protégés par leur atmosphère viciée contre l'invasion rapide des colons, le fleuve et la plupart des affluents sont encore défendus par de nombreuses légions de carapanas, mosquitos, maruim, pium, borachudos et fincados, — enfin par toutes ces bêtes et bestioles qui rendent intolérable le séjour des contrées tropicales non encore assainies. Ce sont en réalité pour le colon des ennemis bien plus terribles que les serpents, les pumas, les jaguars, et les Anaras anthropophages. Toutes les régions de la zone tropicale offrent des obstacles de même genre au peuplement et à la culture ; mais l'Amazonie se défend en outre contre le travail colonisateur des hommes par sa puissance » par la grandeur de ce qu'on peut appeler son œuvre géologique.

é duro como aço ou que não leva sua vida com hábitos de higiene severos: a febre amarela e outras febres malárias sobem como névoa da superfície dos pântanos e rastejam sobre o solo envenenando os homens que a respiram ao passarem. Protegidos por sua atmosfera viciada contra a abrupta invasão dos colonos, o rio e a maior parte dos afluentes ainda são defendidos por numerosas legiões de carapanãs, mosquitos, maruins, piuns, borrachudos e fincados – enfim, por todas essas bestas e criaturas que tornam intolerável a estadia nas terras tropicais ainda não asseadas. Para os colonos, esses são inimigos bem mais terríveis que serpentes, pumas, onças e os Anaras canibais. Todas as regiões da zona tropical oferecem obstáculos do mesmo gênero ao povoamento e ao cultivo: mas a Amazônia se defende contra o trabalho colonizador dos homens com seu poder, pela grandeza do que se pode chamar de sua obra geológica. (Tradução nossa).

Pág. 178 (nota 318).

Il faut être d'un tempérament robuste pour résister à toutes ces influences accumulées d'eau, d'électricité, de vapeur et de soleil. Les complexions délicates éprouvent d'abord un malaise vague et indéfinissable ; bientôt l'appétit disparaît, les forces diminuent, le moral s'affaisse. Un teint jaune et une maigreur inquiétante vous avertissent qu'il est temps de changer de climat et de gagner des régions moins enervantes.

É preciso ter um temperamento robusto para resistir a todas essas influências acumuladas de água, de eletricidade, de vapor e de sol. As complexões delicadas experimentam de início um mal-estar vago e indefinível; logo o apetite desaparece, as forças diminuem, o moral se afunda. Um tom amarelo e uma magreza preocupante vos avisam que é tempo de mudar de clima e de chegar a regiões menos incômodas. (Tradução nossa).

Págs. 178-179 (nota 319).

Les paysans de race blanche établis à Cuba et à Porto-Rico, les islingues ou isleños, qui travaillent la terre dans les Antilles et en diverses parties du

Os camponeses caucasianos estabelecidos em Cuba e em Porto Rico, os ilhéus, que trabalham na terra nas Antilhas e em diversas partes do

continent américain, prouvent d'une manière incontestable, par leur exemple et une prospérité relative, que certains blancs peuvent aussi bien que les noirs cultiver le sol des contrées tropicales ; mais ces blancs acclimatés sont originaires de l'Espagne, du Portugal, de Madère, des Açores, des Canaries, et le soleil brûlant de leur pays natal les avait déjà préparés à la température de la zone torride. Probablement aussi des colons venus d'Allemagne, d'Irlande et d'autres contrées du nord de l'Europe pourraient-ils, sans danger pour leur santé, s'adonner à l'agriculture dans le Brésil équatorial et dans les Guyanes, à la condition d'observer une sobriété rigoureuse, de changer complètement leur genre de vie et de prendre des précautions auxquelles ils n'ont jamais été habitués ; mais on ne saurait demander une si profonde science de l'hygiène à des hommes que la misère, exilé de leur patrie, et qui, peu de temps avant leur départ, ignoraient peut-être encore s'ils devaient choisir pour leur nouvelle demeure les bords glacés du Saint-Laurent ou les moites forêts de l'Amazone.

continente americano, provam, de uma maneira incontestável, por seu exemplo de uma prosperidade relativa, que certos brancos podem também, assim como os negros, cultivar o solo de terras tropicais; mas esses brancos aclimatados são originários da Espanha, de Portugal, da Madeira, dos Açores, das Canárias, e o sol forte de seu país natal já os tinha preparado para a temperatura da zona tórrida. Provavelmente os colonos vindos da Alemanha, da Irlanda e de outras terras do norte da Europa poderiam também, sem perigo para sua saúde, aplicar-se à agricultura no Brasil equatorial e nas Guianas, sob a condição de manter rigorosa sobriedade, de mudar completamente seu modo de vida e de tomar precauções às quais jamais foram acostumados; mas não se poderia pedir um profundo conhecimento de higiene aos homens em miséria, exilados de sua terra natal, e que, pouco tempo antes de sua partida, ainda não saberiam se deveriam escolher como sua nova casa as margens geladas do Saint Laurent ou as florestas úmidas da Amazônia. (Tradução nossa).

Pág. 179.

En 1854, une nouvelle tentative d'émigration amena 470 Portugais dans la province de Pará : trois ans après 60 seulement étaient encore en vie, quoique les Portugais soient beaucoup moins exposés que les Allemands à la terrible influence du climat tropical. L'expérience douloureusement acquise est déjà suffisante pour qu'on s'abstienne désormais de détourner le courant de l'émigration, de l'ancien monde vers les plaines basses de l'Amérique tropicale. L'action de l'Europe doit se borner provisoirement à fournir à ces régions des livres et des instituteurs, des machines et des mécaniciens, et non pas des hommes servant de matériaux à la civilisation.

Em 1854, uma nova tentativa de imigração trouxe 470 portugueses à província do Pará: três anos depois, apenas 60 ainda estavam vivos, porque os portugueses foram muito menos expostos à terrível influência do clima tropical que os Alemães. A experiência adquirida dolorosamente foi suficiente para que desistissem mais uma vez de retomar a corrente migratória do Velho Mundo em direção às planícies baixas da América tropical. A ação da Europa deveria apenas fornecer a essas regiões livros e instrutores, máquinas e mecânicos, e não homens que serviriam de material à civilização. (Tradução nossa).

Págs. 179-180.

Les véritables colons qu'il faut à ce vaste bassin de

Os verdadeiros colonos de que precisa essa vasta

l'Amazone, ce ne sont point des Européens que le climat énerve et que la nostalgie tue, ce sont les fils de Tapuis, ces mamelucos qui ne sont pas obligés de subir les dures et si souvent fatales épreuves de l'acclimatation physique et morale. Sans eux, toute civilisation importée sur les bords du fleuve brésilien ne sera qu'une civilisation de passage, maintenue à grands frais et destinée à périr. Les métis de l'Amazone forment déjà les éléments d'un peuple : l'initiative européenne prouvera sa vertu, non pas en supprimant ces éléments épars, mais en les réunissant pour leur donner une, vie nationale.

bacia amazônica não são os europeus, que o clima irrita e a nostalgia mata, são os filhos de Tapuias, esses mamelucos que não são obrigados a se submeter às duras e frequentemente fatais provações da aclimação física e moral. Sem eles, toda a civilização trazida às margens do rio brasileiro será apenas uma civilização temporária, mantida a grandes custos e destinada a perecer. Os mestiços da Amazônia já formam os elementos de um povo: a iniciativa europeia provará sua virtude não em suprimir esses elementos esparsos, mas sim em reuni-los para dar a eles uma vida nacional. (Tradução nossa).

Pág. 180.

On augurerait mal de l'avenir du Brésil, si l'on ne voyait à l'œuvre que l'Indien et le nègre. Celui qui veut connaître tous les éléments de vitalité que renferme la population brésilienne doit observer les hommes de couleur, qui semblent avoir puisé dans le mélange des races la vigueur que réclame, pour être fécondée, cette âpre et torride nature des tropiques.

Prediria-se um mau futuro ao Brasil se houvesse apenas índios e negros à obra. Quem queira conhecer todos os elementos de vitalidade que possui a população brasileira deve observar os homens de cor, que parecem ter tirado da mistura de raças um vigor que reclama, por ser fecundado, essa áspera e tórrida natureza dos trópicos. (Tradução nossa).

Pág. 180 (nota 324).

A les en croire, le Brésil serait le point central de la civilisation dans l'Amérique du Sud ; un jour viendrait où il pourrait rivaliser avec les États-Unis et servir de modèle à toutes les populations de l'Amérique méridionale. Sans doute le Brésil a de grandes ressources, le sol ne demande qu'à produire ; mais le rôle que voudrait jouer cette race portugaise dégénérée est-il bien à la mesure de ses forces ?

De acordo com eles, o Brasil será o ponto central da civilização na América do Sul; um dia virá em que ele poderá rivalizar com os Estados Unidos e servir de modelo a todas as populações da América meridional. Sem dúvida o Brasil tem grandes recursos, o solo só produz; mas o papel que essa raça portuguesa degenerada quer desempenhar está à altura da medida de suas forças? (Tradução nossa).

Pág. 181 (nota 325).

Tant qu'ils n'admettront pas comme principe que le commerce est pour eux la base de toute richesse, les Brésiliens ne feront que s'engager davantage

Enquanto eles não admitem como princípio que o comércio é para eles a base de toda riqueza, os brasileiros só seguirão uma estrada de empobrecimento e fraqueza. O comércio não trará

dans une voie d'appauvrissement et de faiblesse. Le commerce ne leur procurerait pas seulement le bien-être matériel, il les mettrait en contact avec la société européenne, avec la civilisation. Le Brésil manque d'une société active, intelligente. Si les étrangers, au lieu de se voir repoussés comme des spoliateurs entourés de haines et de défiances, étaient accueillis avec sympathie, l'émigration européenne, qui trouve aujourd'hui si peu d'encouragement, viendrait à la suite du commerce apporter le travail et l'industrie.

Pág. 181 (nota 326).

L'industrie brésilienne ne suffit guère encore qu'à la fabrication des objets de première nécessité. Le Brésil compte cependant des fonderies de cuivre et de fer, des verreries, des filatures, etc. ; mais la plupart de ces établissements attendent, pour prospérer, qu'on y applique la vapeur. C'est à la fabrication du sucre qu'est limité au Brésil l'emploi de ce précieux agent. L'état de l'industrie brésilienne ne réclame pas seulement, on le voit, la protection du gouvernement, mais l'appui des capitaux, des lumières de l'Europe. Ici nous touchons à une question vitale pour tous les pays de l'Amérique, à la question de l'émigration, que nous traiterons en terminant, car elle touche à l'avenir même du Brésil.

Pág. 182 (nota 327).

La génération nouvelle des propriétaires brésiliens est instruite ; la plupart des planteurs ont fait leurs études en France, en Allemagne, en Angleterre ou en Portugal. C'est dans leur influence surtout que l'émigration doit chercher un appui, c'est à elle qu'on doit déjà l'amélioration du sort des nègres au Brésil. Les premiers propriétaires d'esclaves, étaient généralement des hommes ignorants ; ceux d'aujourd'hui ; qui ont puisé l'instruction aux sources européennes, ont dans le cœur des principes d'humanité ; ils comprennent l'esclavage brésilien comme une provisoire et malheureuse

a eles apenas o bem-estar material, ele os colocará em contato com a sociedade europeia, com a civilização. Falta ao Brasil uma sociedade ativa, inteligente. Se os estrangeiros, em lugar de serem vistos como espoliadores, cercados de ódio e desconfiança, fossem acolhidos com simpatia, a imigração europeia, que encontra hoje pouco encorajamento, viria seguindo o comércio trazendo trabalho e indústria. (Tradução nossa).

A indústria brasileira só é suficiente para fabricar objetos de primeira necessidade. O Brasil conta, no entanto, com fundições de cobre e de ferro, vidrarias, moinhos etc.; mas a maior parte desses estabelecimentos espera, para prosperar, que se aplique o vapor. É à fabricação de açúcar que se restringe no Brasil o uso desse precioso agente. O estado da indústria brasileira não reclama somente, vê-se, a proteção do governo, mas o suporte financeiro, as luzes da Europa. Aqui nós tocamos uma questão vital para todos os países da América, a questão da imigração, que tratamos como essencial, porque ela é tocante ao futuro do Brasil. (Tradução nossa).

A nova geração de proprietários brasileiros está instituída; a maior parte dos proprietários de plantação estudou na França, na Alemanha, na Inglaterra ou em Portugal. É, sobretudo, sob a influência deles que a imigração deve procurar apoio, é a ela que já se deve a melhoria da sorte dos negros no Brasil. Os primeiros proprietários de escravos eram geralmente homens ignorantes; os de hoje, que adquiriram instrução de fontes europeias, têm no coração princípios de humanidade; eles compreendem a escravidão brasileira como uma provisória e infeliz

nécessité, qu'il faudra chercher tôt ou tard à remplacer par des institutions libérales et philanthropiques. L'émigration européenne rencontrerait dans cette classe éclairée de la population brésilienne un utile et sincère concours ; elle serait en outre favorisée par le gouvernement, et plus encore par les ressources variées d'une magnifique nature. Le jour où le flot de cette émigration se dirigera vers le Brésil, où une population étrangère, laborieuse et intelligente, viendra seconder le mouvement de renaissance politique et morale qui s'accomplit, dans la population indigène, ce jour-là aussi une ère nouvelle commencera pour le Brésil, et la société de ce jeune empire pourra exercer dans l'Amérique du Sud une influence aussi profitable aux intérêts de l'Europe qu'à ceux du Nouveau-Monde.

necessidade, que será necessário procurar, cedo ou tarde, substituí-la por instituições liberais e filantrópicas. A imigração europeia encontrará nessa classe esclarecida da população brasileira uma útil e sincera competição; ela será por outro lado favorecida pelo governo, e mais ainda pelos recursos variados de uma natureza magnífica. O dia em que o fluxo dessa imigração se dirigir para o Brasil, aonde uma população estrangeira, trabalhadora e inteligente, virá apoiar o movimento de renascimento político e moral que se cumpra, na população indígena, nesse mesmo dia começará uma nova era para o Brasil, e a sociedade desse jovem império poderá exercer na América do Sul uma influência tão lucrativa aos interesses da Europa quanto aos do Novo Mundo. (Tradução nossa).

Pág. 182 (nota 328).

Aujourd'hui une partie des émigrans allemands préfère se diriger du côté du tropique austral. Malheureusement de graves difficultés s'élèvent dès le début. Le manque de routes, le défaut d'avances, les rigueurs du climat, les tâtonnements incertains de toute colonisation nouvelle ont arrêté bien des élans, refroidi de vaillantes ardeurs ; mais les prémisses sont posées, la conclusion est fatale et ne saurait plus être qu'une question de temps. La fazenda doit disparaître ou tout au moins prendre une autre physionomie.

Atualmente uma parte dos imigrantes alemães prefere se dirigir para próximo do trópico austral. Infelizmente, graves dificuldades surgem desde a chegada. A falta de estradas, a falta de avanços, os rigores do clima, o tatear incerto de toda colonização nova acabou impedindo os ímpetos, resfriou os valentes ardores; mas as promessas estão feitas, a conclusão é fatal e não seria mais que questão de tempo. A fazenda deve desaparecer ou ao menos tomar uma nova forma. (Tradução nossa).

Págs. 182-183.

Malgré la fièvre jaune, qui depuis quelques années y a élu domicile, Rio-Janeiro est aujourd'hui la première ville de l'Amérique du sud par son commerce et sa population. C'est vers ce point que converge presque tout le courant de l'émigration européenne. Aussi le voyageur s'y trouve-t-il coudoyé à chaque instant par des Français, des Allemands ou des Italiens. On m'a assuré que le nombre des premiers s'élevait à dix mille : je crois ce chiffre exagéré, mais je puis affirmer que l'on y

Apesar da febre amarela, que nos últimos anos fez daqui seu domicílio, o Rio de Janeiro é hoje a cidade mais importante da América do Sul por seu comércio e sua população. Foi em torno desse ponto que convergiu quase toda a imigração europeia. O viajante também é acotovelado a cada instante por franceses, alemães ou italianos. Asseguraram-me que o número se elevou em dez mil: eu creio que a cifra esteja exagerada, mas eu posso afirmar que se encontram ruas inteiras em

rencontre des rues entières où l'on ne parle que français ; c'est là que l'on trouve tous ces magasins de luxe que font naître les besoins de la civilisation la plus raffinée, et surtout ce commerce de détail et de nouveautés où excelle le Parisien. Toute industrie qui exige du goût et du savoir-faire semble lui être exclusivement dévolue. La chaussure est la spécialité des Allemands. Les grandes maisons de commerce sont tenues par les Portugais. Les Italiens se sont réservé les petits saints de plâtre, les orgues de Barbarie, les pâtes alimentaires, etc.

que se fala apenas francês; é lá que se encontram essas lojas de luxo que fizeram nascer as necessidades da sociedade mais refinada e, sobretudo, esse comércio detalhista e de novidades em que se destaca o parisiense. Toda indústria que exige bom gosto e *savoir-faire* parece a ele exclusivamente devotada. Os calçados são especialidade dos alemães. As grandes casas de comércio são mantidas pelos portugueses. Para os italianos se reservam os santinhos de gesso, os realejos, as massas etc. (Tradução nossa).

Pág. 183 (nota 330).

On se demande pourquoi le Brésil , avec ses immenses territoires, ses zones si variées, son sol si riche, n'attirerait pas des émigrans européens qui formeraient une population de paysans et de travailleurs. Le gouvernement, au lieu de faire venir comme autrefois des colons à ses frais, se décharge maintenant de ce soin sur des compagnies qui sont seules responsables vis-à-vis des émigrans.

Pergunta-se por que o Brasil, com seus imensos territórios, suas zonas tão variadas, seu solo tão rico, não atrai imigrantes europeus que formem uma população de camponeses e de trabalhadores. O governo, em vez de trazer como antes os colonos a seus custos, passa agora essa obrigação às companhias que são as únicas responsáveis pelos imigrantes. (Tradução nossa).

Pág. 183 (nota 331).

Dans la partie sud du Brésil, on peut dire en moyenne que l'époque la plus favorable s'étend de mai à octobre. Cette période n'est qu'un printemps perpétuel tel qu'il se montre aux plus beaux jours de la Provence et de l'Italie. Le froid de la nuit et les fraîcheurs matinales tempèrent les molles tiédeurs de la journée. Cette douce température provoque l'appétit, entretient la souplesse des organes et la vigueur du corps; mais dès que le soleil reprend sa course australe, l'air devient irrespirable, le ciel embrasé.

Na parte sul do Brasil, pode-se dizer que em média a época mais favorável do ano se estende de maio a outubro. Esse período é uma longa primavera comparável aos mais belos dias da Provença e da Itália. O frio da noite e o frescor matinal tamperam a tepidez do dia. Essa doce temperatura aumenta o apetite, mantém a flexibilidade e o vigor do corpo, mas, quando o sol retoma seu curso austral, o ar se torna irrespirável e o céu pega fogo. (Tradução nossa).

Pág. 183 (nota 331).

On le voit, le Brésil serait un excellent terrain pour

Vê-se, o Brasil será um excelente lugar para imigração europeia. Sem dúvida, os negros,

l'émigration européenne. Sans doute, les nègres, accoutumés au climat de l'Afrique, supportent plus facilement que les Européens la chaleur tropicale, c'est incontestable : les Européens ont cependant sur eux d'immenses avantages ; s'ils ne travaillent pas aussi long-temps au soleil, s'ils s'épuisent plus vite, ils ont, en compensation, plus d'ardeur et d'intelligence. Tout cet empire, du reste, n'est point resserré entre les tropiques. La province de Sainte-Catherine jouit d'un climat analogue à celui de l'Italie, et plus loin, vers le sud, on retrouve le ciel des contrées tempérées du nord de l'Europe. Il y aurait certes là de grandes fortunes à faire pour des capitalistes européens auxquels on concéderait des lots de terrain suffisants, et qui amèneraient sur les lieux des hommes intelligents, en état de profiter des progrès modernes de la mécanique et de la vapeur.

Pág. 184.

La colonisation pour le Brésil, qu'on ne l'oublie pas, c'est l'immigration de familles qui viennent s'y naturaliser sans idée de départ. La vraie colonisation est spontanée et libre, et pour qu'elle puisse prendre du développement, il faut qu'elle trouve des avantages dans la nouvelle patrie qu'elle cherche et qu'elle accepte. Elle veut des terres et des propriétés, parce qu'elle veut se fixer ; les colons passagers ne veulent que du travail. Ceux-ci ne feraient que remplacer les esclaves, qui commencent à manquer, et gagner leur argent en donnant du développement aux propriétés et aux richesses d'autrui. Le Brésil a besoin de colonisation et de colons : ce sont deux nécessités profondément senties par le pays, qui manque de bras pour la culture des terres et pour l'industrie, auxquelles les esclaves commencent à ne plus suffire. Il a besoin d'un surcroît d'habitants, qui créent de nouveaux centres, élèvent des villes, achètent des terres, peuplent les déserts, et partagent avec les indigènes les avantages et les devoirs du citoyen.

acostumados ao clima da África, suportam mais facilmente o calor tropical que os europeus, é incontestável: os europeus têm, contudo, imensas vantagens; se eles não podem trabalhar o mesmo tempo ao sol, se eles se esgotam mais rápido, em compensação, eles têm mais ânimo e inteligência. Mas não é todo o império que está confinado entre os trópicos. A província de Santa Catarina apresenta clima análogo ao da Itália, e ainda mais longe, na direção sul, encontra-se o céu das terras temperadas do norte da Europa. É certo que há grandes fortunas a fazer para os capitalistas europeus, aos quais se concederá lotes de terreno suficientes, que chegariam na posição de homens inteligentes, capazes de tirar proveito dos avanços da mecânica e do vapor. (Tradução nossa).

A colonização para o Brasil, não se pode esquecer, é a imigração de famílias que vieram se naturalizar sem ideia de partida. A verdadeira colonização é espontânea e livre, e, para que ela possa se desenvolver, é necessário que ela encontre vantagens na nova pátria que busca e aceita. Ela quer terras e propriedades, porque quer se fixar; os colonos temporários só querem trabalhar. Aqui os colonos apenas substituíram os escravos, que começaram a faltar e ganhar dinheiro desenvolvendo as propriedades e riquezas de outrem. O Brasil precisa de colonização e de colonos: essas são duas necessidades profundamente sentidas no país, que precisa de braços para lidar com a terra e para a indústria, para a qual os escravos não são mais suficientes. Ele precisa de mais habitantes, que criem novos centros, ergam cidades, comprem terras, povoem regiões isoladas e dividam com os indígenas os direitos e deveres de cidadão. (Tradução nossa).

Págs. 193-194 (nota 342).

Dussé-je vivre pendant des siècles l'impression que produisit sur mon esprit le mélange de grandiose et de gracieux dont mes yeux furent tout à coup frappés, serait toujours fraîche dans ma mémoire. J'ai vu depuis les rivages classiques de l'Italie ; j'ai long-temps séjourné au milieu des beautés romantiques de la Suisse ; j'ai parcouru les rives pittoresques du Rhin : mais les brillantes créations du monde européen, avec leurs inépuisables trésors d'associations historiques et poétiques, ne m'ont jamais fait éprouver ces sentimens mêlés d'admiration et de plaisir, dont je n'ai pu me défendre à la vue de la majesté sublime de ce chef-d'œuvre de la nature, la baie de Rio-Janeiro.

Ainda que eu viva séculos, a impressão que produziu sobre meu espírito a mistura de grandiosidade e graciosidade que rapidamente tomaram meus olhos estará sempre fresca em minha memória. Eu vi o clássico litoral da Itália; eu passei muito tempo em meio às românticas belezas da Suíça; eu percorri as margens pitorescas do Reno: mas as brilhantes criações do mundo europeu, com sua riqueza inesgotável de associações históricas e poéticas, jamais me fizeram experimentar esses sentimentos mistos de admiração e prazer, dos quais não pude me defender à vista da majestade sublime dessa obra-prima da natureza que é a baía do Rio de Janeiro. (Tradução nossa).

Pág. 208 (nota 370).

C'est une nation... en laquelle il n'y a nulle espèce de trafique; nulle cognoissance de lettres; nulle science des nombres; nul nom de magistrat, ny de supériorité politique; nul x usage de service, de richesse ou de pauvreté; nuls contracts; nulles successions; nuls partages; nulles occupations qu'oysives; nul respect de parenté que communnuls vestemens: nulle agriculture: nul métal; nul usage de vin ou de bled. Les paroles mesmes qui signifient le mensonge, la trahison, la dissimulation, l'avarice, l'envie, la détraction, le pardon, inouies.

É uma nação... em que não há nenhum tipo de tráfico; nenhum conhecimento de letras; nenhum conhecimento de números; nenhum nome de magistrado, nem de superioridade política; nenhuma utilização de serviços, de riqueza ou de pobreza; nenhum contrato; nenhuma sucessão; nenhuma partilha; apenas ocupações ociosas; nenhum respeito por parentesco comum; nenhum paramento; nenhuma agricultura; nenhum metal; nenhum uso de vinho ou berço. Palavras que significam mentira, traição, dissimulação, avareza, inveja, detração, perdão, desconhecidas. (Tradução nossa).

Pág. 219.

L'empire du Brésil se compose de deux, moitiés complètement distinctes, auxquelles le cap Saint-Roch sert de limite commune. Ce promontoire, qui brise les eaux du grand courant équatorial et le partage en deux fleuves maritimes s'écoulant en sens inverse, divise aussi le flot de la civilisation en deux courans inégaux. La partie méridionale du Brésil est la plus éloignée de l'Europe, et

O império do Brasil se compõe de duas metades completamente distintas, às quais o Cabo de São Roque serve de limite comum. Esse promontório, que divide as águas da grande corrente equatorial e o parte em duas rotas marítimas fluindo em direções opostas, divide também o fluxo da civilização em duas inegáveis correntes. A parte meridional do Brasil é a mais distante da Europa,

cependant c'est elle qui reçoit les voyageurs, les négociants, les émigrants, les marchandises, et subit l'influence de nos mœurs; c'est elle qui a vu s'élever les grandes villes, Pernambuco, Bahia, Rio-Janeiro, et se grouper presque toutes les populations brésiliennes plus ou moins civilisées. Bien que relativement plus près de l'Europe, la partie septentrionale de l'empire est au contraire presque déserte, et ses capitales, Ceara, Parahyba, Maranhão, ne sont que des villes de second ordre. La civilisation européenne s'y propage avec une extrême lenteur, et semble s'arrêter à l'entrée du magnifique estuaire où se déversent les eaux du Tocantins et de l'Amazone; elle n'ose pénétrer dans cet immense bassin fluvial, le plus admirable et le plus important qui existe sur tout le pourtour du globe.

Págs. 220-221.

La population du Brésil, — si même l'on y comprend les étrangers, les esclaves et les Indiens, — ne s'élève qu'à six millions d'âmes disséminées sur une superficie de cent vingt-neuf mille deux cent quatre-vingt-quinze mètres géographiques carrés. Le portugais est la seule langue parlée d'une frontière à l'autre de l'empire. Cependant cette communauté de langage n'efface pas les différences notables que l'on remarque entre les divers éléments de la société, brésilienne. Au sud de Rio de Janeiro, on rencontre dans les provinces de Rio-Grande et de Saint-Paul des populations qui ont quelque peu hérité de l'esprit belliqueux des premiers colons européens. Ces populations passent pour les plus remuantes du Brésil. Au nord de la capitale, les habitants de la province de Minas rappellent les races courageuses de Rio-Grande; énergiques et robustes, ils se consacrent à l'élevage du bétail. Les Pernambucains sont d'humeur très mobile, doux, obligeants et serviables, mais susceptibles à l'excès sur point d'honneur, l'esprit révolutionnaire les domine et les égare trop souvent. Chez les peuples de Bahia et de Maranhão, plus voisins de la ligne équinoxiale, l'indolence du créole est compensée par d'heureuses facultés d'application qu'attestent des progrès lents, mais sûrs, dans l'ordre des travaux

entretanto é ela que recebe os viajantes, os negociantes, os imigrantes, os mercadores, e está submetida à influência de nossos costumes; é ela que viu se erguerem as grandes cidades, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e se agrupar toda a população brasileira mais ou menos civilizada. Ainda que relativamente mais próxima da Europa, a parte setentrional do império é, ao contrário, quase deserta, e suas capitais, Ceara, Paraíba, Maranhão, não são mais que cidades de segundo escalão. A civilização europeia se propaga lá muito lentamente e parece parar na entrada do magnífico estuário onde se dividem as águas do Tocantins e do Amazonas; não ousa penetrar nessa imensa bacia fluvial, a mais admirável e mais importante que existe sobre todo o globo. (Tradução nossa).

A população do Brasil — compreendendo-se mesmo os estrangeiros, os escravos e os indígenas — não se eleva além de 6 milhões de almas disseminadas sobre uma superfície de 129.295 metros geográficos quadrados. O português é a única língua falada de uma fronteira à outra do império. No entanto, essa comunidade de língua não apaga as diferenças notáveis que se notam entre os diversos elementos da sociedade brasileira. Ao sul do Rio de Janeiro, encontram-se nas províncias de Rio Grande e de São Paulo populações que herdaram um pouco o espírito belicoso dos primeiros colonos europeus. Essas populações passam pelas mais entusiasmadas do Brasil. Ao norte da capital, os habitantes da província de Minas lembram as raças corajosas de Rio Grande. Enérgicas e robustas, elas se consagram em cuidar do gado. Os pernambucanos são de humor muito móvel, doces, esforçados e servis, mas, suscetíveis ao excesso sobre a questão de honra, o espírito revolucionário os domina e os perde muito frequentemente. Entre os povos da Bahia e do Maranhão, mais próximos da linha equinocial, a indolência do crioulo é compensada por felizes faculdades de aplicação que atestam lentos progressos mas seguros da ordem dos trabalhos intelectuais. No Rio todas as nuances se

intellectuels. À Rio, toutes les nuances se mêlent, se confondent un peu, et le caractère national y prévaut sur les différences provinciales.

misturam, confundem-se um pouco, e o caráter nacional ali prevalece sobre as diferenças provinciais. (Tradução nossa).

Pág. 221 (nota 394).

On le voit, le Brésil serait un excellent terrain pour l'émigration européenne. Sans doute, les nègres, accoutumés au climat de l'Afrique, supportent plus facilement que les Européens la chaleur tropicale, c'est incontestable : les Européens ont cependant sur eux d'immenses avantages ; s'ils ne travaillent pas aussi long-temps au soleil, s'ils s'épuisent plus vite, ils ont, en compensation, plus d'ardeur et d'intelligence. Tout cet empire, du reste, n'est point resserré entre les tropiques. La province de Sainte-Catherine jouit d'un climat analogue à celui de l'Italie, et plus loin, vers le sud, on retrouve le ciel des contrées tempérées du nord de l'Europe. Il y aurait certes là de grandes fortunes à faire pour des capitalistes européens auxquels on concéderait des lots de terrain suffisants, et qui amèneraient sur les lieux des hommes intelligents, en état de profiter des progrès modernes de la mécanique et de la vapeur.

Vê-se, o Brasil será um excelente lugar para imigração europeia. Sem dúvida, os negros, acostumados ao clima da África, suportam mais facilmente o calor tropical que os europeus, é incontestável: os europeus têm, contudo, imensas vantagens; se eles não podem trabalhar o mesmo tempo ao sol, se eles se esgotam mais rápido, em compensação, eles têm mais ânimo e inteligência. Mas não é todo o império que está confinado entre os trópicos. A província de Santa Catarina apresenta clima análogo ao da Itália, e ainda mais longe, na direção sul, encontra-se o céu das terras temperadas do norte da Europa. É certo que há grandes fortunas a fazer para os capitalistas europeus, aos quais se concederá lotes de terreno suficientes, que chegariam na posição de homens inteligentes, capazes de tirar proveito dos avanços da mecânica e do vapor. (Tradução nossa).

Págs. 221-222 (nota 395).

Les provinces d'où les esclaves ont été emmenés vers le sud ont vu leurs produits augmenter; on peut citer Para, dont les exportations ne cessent pas de s'accroître, et surtout Ceará. Le président de cette province affirme, dans un rapport de 1866, que plus de 4,000 esclaves ont été vendus pour d'autres contrées de l'empire depuis 1851, et que les recettes de sa province ont quadruplé pendant la même période, bien que la capitale de Ceará soit située à 3 degrés au sud, et que la contrée soit ordinairement désolée par la chaleur et la

As províncias de onde os escravos foram levados para o sul viram seus produtos aumentar; pode-se citar o Pará, cujas exportações não param de aumentar, e, sobretudo, o Ceará. O presidente dessa província afirma, em um relatório de 1866, que mais de 4.000 escravos foram vendidos para outros territórios do império durante 1851 e que as receitas de sua província quadruplicaram durante o mesmo período, embora a capital do Ceará esteja situada a 3 graus ao sul e o território seja ordinariamente desolado pelo calor e pela seca. (Tradução nossa).

sécheresse.

Pág. 222.

Les régions de l'extrême sud, qui seules possèdent un climat tempéré, se trouvent un peu éloignées des côtes d'Europe, et à partir du capricorne, en remontant vers le nord, la nature semble accumuler à plaisir toutes les difficultés qui éloignent l'homme, forêts inaccessibles, rivières profondes, marécages empestés, fièvres mortelles, bêtes féroces.

As regiões do extremo sul, que apenas possuem um clima temperado, encontram-se um pouco distantes das costas da Europa, e, a partir do Capricórnio, aproximando-se do norte, a natureza parece acumular com prazer todas as dificuldades que distanciam o homem, florestas inacessíveis, rios profundos, pântanos fétidos, febres mortais, bestas ferozes. (Tradução nossa).

Pág. 225.

Il n'est pas facile d'acquérir une connaissance exacte et complète de l'état du Brésil. Pour étudier le pays et les habitants, ce n'est point assez d'un séjour, même prolongé, dans les principales villes : il faut s'enfoncer dans l'intérieur des terres, là où n'a pénétré qu'à demi l'influence européenne ; c'est là qu'on apprend à connaître la population, c'est là aussi qu'on se rend compte des obstacles nombreux et divers qui arrêtent dans cet empire le développement de la prospérité matérielle et de la civilisation.

Não é fácil de adquirir um conhecimento exato e completo do estado do Brasil. Para estudar o país e os habitantes, não basta passar uma estadia, mesmo que prolongada, nas cidades principais: é preciso entrar no interior do país, onde apenas parte da influência europeia chegou; é lá que se aprende a conhecer a população, é lá também que se dá conta dos numerosos e diversos obstáculos que impedem neste império o desenvolvimento da prosperidade material e da civilização. (Tradução nossa).

Pág. 226.

Malheureusement, pendant que la civilisation se répand sur les côtes du Brésil, la barbarie s'empare de tout l'intérieur : les sauvages reprennent partout leur souveraineté primitive ; les plantations, les villages même sont attaqués et brûlés, et ceux des habitants qui échappent à ces massacres s'empressent de quitter des lieux où leur vie est continuellement en danger.

Infelizmente, enquanto a civilização se expande na costa do Brasil, a barbárie toma conta de todo o interior: os selvagens expõem em toda parte sua soberania primitiva; as plantações, as próprias cidades são atacadas e queimadas, e os habitantes que escapam desses massacres se apressam em deixar os lugares em que suas vidas estão continuamente em perigo. (Tradução nossa).

Pág. 226 (nota 402).

Ceux qui n'ont parcouru que des régions civilisées,

Os que percorreram regiões civilizadas, onde

où il existe des moyens réguliers de transport, ne peuvent se faire une idée des difficultés qui entourent une expédition tentée dans l'intérieur du Brésil.

existem meios regulares de transporte, não fazem ideia das dificuldades que permeiam uma expedição ao interior do Brasil. (Tradução nossa).

Pág. 227 (nota 404).

Du reste nous ne voyageons pas autrement. C'est grâce à cette bienveillance brésilienne, si attentive, et si courtoise, qu'une exploration d'artiste devient possible dans ces contrées reculées. Le voyageur va de fazenda en fazenda, chevauchant à petites journées, trouvant chaque jour de nouveaux sujets d'étude, les soins les plus sympathiques et les plus désintéressés, souvent même le confort et les habitudes d'Europe ; mais si, poussé par le démon de la science, il s'enfonce dans les forêts de l'intérieur.

Do resto, não viajaremos de forma diferente. É graças a essa vontade brasileira, tão atenta e tão cortês, que uma exploração de artista se torna possível em seus territórios recuados. O viajante vai de fazenda em fazenda, cavalgando em pequenas jornadas, encontrando a cada dia novos objetos de estudo, os tratamentos mais simpáticos e os mais desinteressados, e muitas vezes os confortos e os hábitos da Europa. Mas, se provocado pelo demônio da ciência, ele se afunda nas florestas do interior. (Tradução nossa).

Pág. 227 (nota 405).

Le vrai remède aune telle situation serait dans un meilleur régime d'enseignement, qui fait malheureusement défaut. Si Rio-Janeiro, Bahia, Pernambuco, São-Paulo ont depuis quelques années des cours de droit et de médecine, il faut bien ajouter que la population de l'intérieur est en proie à l'ignorance la plus déplorable.

O verdadeiro remédio para tal situação estará em um melhor regime de ensino que infelizmente falta. Se Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, São Paulo têm durante alguns anos os cursos de direito e de medicina, é preciso acrescentar que a população do interior padece na ignorância mais deplorável. (Tradução nossa).

Pág. 227 (nota 406).

L'Indien de la côte orientale est entièrement réfractaire à la civilisation. Comme le jaguar, il recule dans le désert à mesure que la hache européenne pénètre dans ses forêts.

O índio da costa oriental é inteiramente insubmisso à civilização. Como a onça, ele recua ao isolamento à medida que o machado europeu penetra em suas florestas. (Tradução nossa).

Pág. 22 (nota 407).

Mais ces diverses relations [de Thevet, Hans Staden, Abeville, entre outros que descreveram o Brasil e suas gentes] ne décrivait que le littoral; les magnificences de l'intérieur restaient complètement inconnues, et cependant des hommes hardis commençaient à remonter les fleuves, à visiter les solitudes imposantes du désert.

Mas essas diversas relações [de Thevet, Hans Staden, Abeville, entre outros que descreveram o Brasil e suas gentes] não descreviam nada além do litoral, as magnificências do interior ficavam completamente desconhecidas. No entanto, homens empreendedores começavam a remontar os rios, as solidões imponentes do deserto. (Tradução nossa).

Pág. 227 (nota 407).

Cependant l'intérieur du Brésil avait vu se développer une laborieuse population; des cités florissantes s'y étaient élevées, et, chose incroyable! l'intérieur était moins connu à l'Europe que les villes de l'Inde ou de la Chine, sur lesquelles les missionnaires donnaient du moins, de temps à autre, quelques renseignements. L'ignorance était si complète dans tout ce qui avait rapport à cette immense partie du Nouveau-Monde, que les géographes oubliaient quelquefois de parler de la province du Mato-Grosso, et le Mato-Grosso est plus vaste que la Germanie tout entière!

No entanto, o interior do Brasil, tinha visto se desenvolver uma população laboriosa; cidades florescentes foram ali erguidas, e, “coisa inacreditável!”, o interior era menos conhecido da Europa que as cidades da Índia ou da China, sobre as quais os missionários davam, periodicamente, alguns ensinamentos. A ignorância estava tão completa em tudo aquilo que tinha relação com essa imensa parte do Novo Mundo que os geógrafos esqueciam, algumas vezes, de falar da província de Mato Grosso, e o Mato Grosso é maior do que a Alemanha inteira! (Tradução nossa).

Pág. 228.

Cette excursion sur l'Araguaïl nous avait offert comme un résumé des fatigues et des dangers de toute espèce qui attendent le voyageur sur les fleuves inexplorés et dans les forêts vierges du Brésil. Nous avons pu nous convaincre que l'absence presque totale de voies de communication est le plus grand obstacle qui s'oppose aux progrès de la civilisation dans ces contrées lointaines. Malheureusement trop peu d'efforts ont été tentés jusqu'à ce jour pour surmonter cet obstacle, et quelques incidents de notre excursion sur l'Araguaïl ont assez prouvé

Essa excursão sobre o Araguaia ofertava-nos como um resumo das fadigas e dos perigos de toda espécie que aguardavam o viajante sobre os rios inexplorados e nas florestas virgens do Brasil. Podíamos nos convencer de que a ausência quase total das vias de comunicação é o maior obstáculo que se opõe ao progresso da civilização nos territórios longínquos. Infelizmente, muitos poucos esforços foram tentados até esse dia para superar esse obstáculo, e alguns incidentes da nossa excursão sobre o Araguaia provaram o suficiente qual é a apatia dos brasileiros para aquilo que toca

quelle est l'insouciance des Brésiliens pour ce qui touche aux éléments les plus essentiels de la prospérité d'un grand pays. Il serait à désirer que, prenant exemple sur les voyageurs européens, les Brésiliens se décidassent enfin à étudier sérieusement le vaste domaine qu'ils partagent encore avec la barbarie. Ce n'est pas assez d'exploiter, comme ils le font, quelques parties d'un immense territoire : il faut établir des relations suivies et fécondes entre ces diverses régions, séparées jusqu'à ce jour par des forêts et des plaines incultes. Aujourd'hui, nous l'avons dit, c'est pour le naturaliste et le poète que le Brésil a surtout des charmes ; c'est la nature inculte qu'on y vient étudier. Il serait temps qu'on y pût admirer aussi l'action bienfaisante de l'industrie, du travail, et le triomphe complet de la civilisation.

aos elementos mais essenciais da prosperidade de um grande país. Seria para se desejar que, tomando exemplo dos viajantes europeus, os brasileiros se decidiam enfim a estudar seriamente o vasto domínio que eles dividem ainda com a barbárie. Não é o suficiente para explorar, como eles o fazem, algumas partes de um imenso território: é preciso estabelecer relações acompanhadas e fecundas entre essas diversas regiões separadas até esse dia, por florestas e planícies incultas. Hoje, nós dizemos, é para o naturalista e o poeta que o Brasil tem, sobretudo, charme: é a natureza inculta que se vem aqui estudar. Seria tempo em que ali se pôde admirar também a ação bondosa da indústria, do trabalho e o triunfo completo da civilização. (Tradução nossa).